Sino Azul

Nº 1 — 1961

SINO AZUL

ANO XXXIV Nº 1 — 1961
CAIXA POSTAL 450
RIO DE JANEIRO

ROTEIRO ILUSTRADO DO «STAND» DA C. T. B. NA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO

1. Maqueta de uma tôrre de micro-ondas e apresentação de esclarecimentos sôbre êsse importante serviço de comunicações.

2. Exibição de material de fabricação Ericsson, em uso no sistema telefônico.

3. Mesa telefônica «PBX», também de fabricação da Ericsson.

4. Painel de demonstrações, através de cartazes e gráficos, da situação atual do sistema telefônico.

5. Fotos ampliadas de diversos setores de atividade da C. T. B. e apresentação das diversas peças que compõem um telefone.

6. Pôsto Telefônico Público. Gentis funcionárias atendem pedidos para chamadas interurbanas ou pelo serviço rádio, nacionais e internacionais.

7. Cabinas telefônicas para atender a um grande número de solicitações, simultâneamente.

8. Demonstração comparativa dos diversos materiais que são utilizados na Rêde de nossa Cia.

9. Miniatura de todo o sistema de micro-onda que liga Rio a São Paulo e Campinas. Através de reduções artísticas e luzes, pode-se acompanhar o processo.

10. Material da Cia. Siemens, utilizado em telefonia.

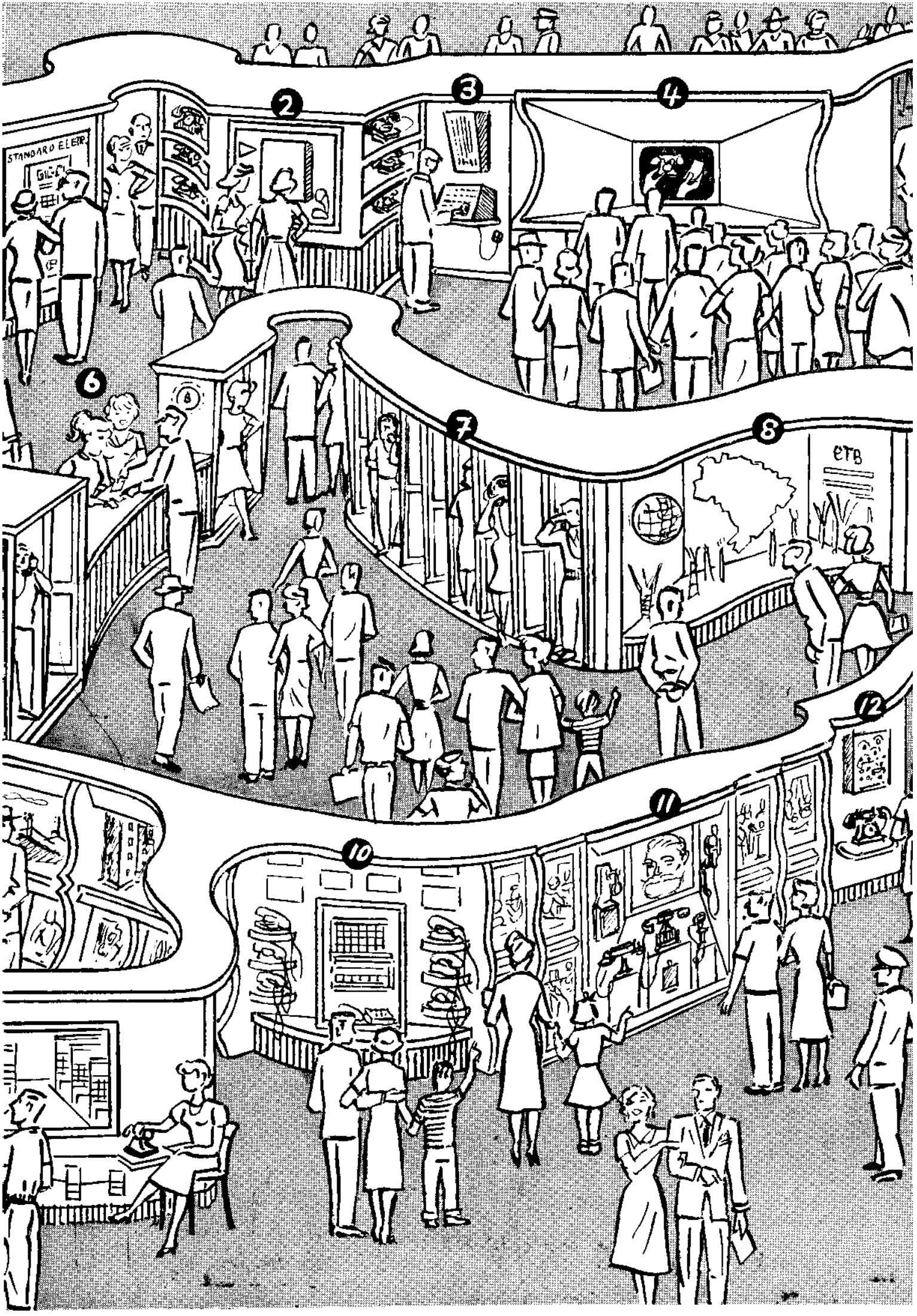
11. Sob o retrato de D. Pedro Segundo, o grande impulsionador do telefone, alguns modelos de aparelhos de antigamente.

12. A voz pode ser «vista», através da curiosa demonstração eletrônica feita no osciloscópio.

13. O processamento de uma ligação telefônica local, pode ser acompanhado através de uma demonstração com equipamento da firma A.T.E., feita por bonecos.

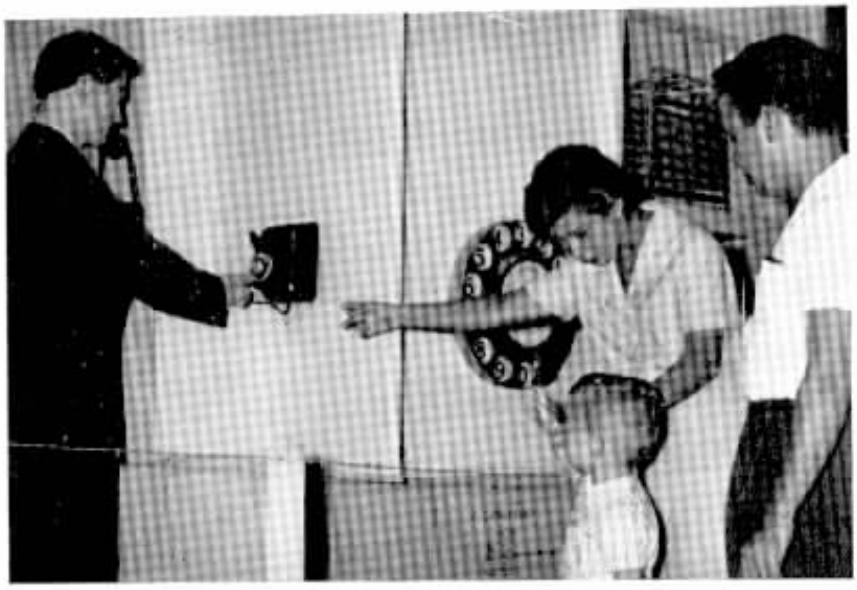
NOSSA CAPA

Nossas colegas em atividade no Pôsto Telefônico Público da C. T. B. na Exposição Internacional da Indústria e Comércio.


STANDARD ELEKTR
ETB

Ilustrações fotográficas e a maqueta do serviço de micro onda, são muito apreciadas.

Acima: vários tipos de telefone são apreciados pela visitante, que parece interessada. Embaixo: o petiz ouve explicações de como se processa uma ligação telefônica, feita pelo boneco.



TEM sido muito apreciado, pelo numeroso público, o "stand" que a C. T. B. exibe na Exposição Internacional da Indústria e Comércio, localizada no Campo de São Cristóvão, no Rio. Em painéis bem ilustrados e atraentes, é mostrada ao público a complexidade do serviço telefônico, como também a evolução dêsse sistema de comunicações. Em colaboração, diversas Companhias que fabricam materiais telefônicos mostram ali o que produzem. Um pôsto telefônico, para chamados locais e interurbanos, foi colocado pela C. T. B. à disposição dos visitantes.

As colegas Vanny e Solange, do Tráfego, apreciam as novidades da telefonia, ouvindo suas próprias vozes gravadas através de um aparelho telefônico.

Em cima: uma visitante consulta uma lista telefônica. Embaixo: uma menina atraída pelo gigantesco disco, tenta discar para sua casa...

Ao lado: mostra dos vários tipos de cabos usados pela nossa Emprêsa em sua rêde, com explicações alusivas.

COISAS que acontecem...

Uma das mais populares expressões telefônicas do mundo é "alô!". Na Índia, onde estão promovendo o uso da própria língua, mais ou menos está oficializado o uso de "hanji", que traduzimos por "saudações"

No Afganistão e no Irã, o povo prefere usar a palavra "balch" por "Sim". E no Swahili, adoram falar "yambo".

Em Madrid, o atendimento é sempre um polido "holá" ou "quien habla-", em lugar de "quem está falando?". Os mexicanos abrem a conversação com "bueno", uma fórmula abreviada de "bom dia".

Já os italianos, ao atenderem ao telefone, se expressam assim: "Pronto, che parla?"

Em outros países da América Latina, a primeira palavra que se ouve é "A ver" como se se dissesse: "Deixa-me ver agora", ou "com quien", ao invés de "com quem deseja falar?"

Na Avenida Amaro Cavalcanti, no Rio, o gerente de uma loja foi hospitalizado em estado grave, depois de ter recebido três tiros de um homem furioso que, tendo telefonado desejando falar com uma empregada da loja não pôde fazê-lo, porque ela não estava no momento.

Julgando ser má vontade do gerente, o homem foi ao local para matar o gerente e quase o fêz.

Em Palo Alto, na Califórnia, EE. UU., qualquer pessoa poderá fazer confidências através do telefone e em tôda a segurança, quanto ao sigilo, graças a um aparelho destinado a protegê-los contra os indiscretos, que a companhia telefônica local, vai pôr à venda. O aparelho foi popularizado pelo primeiro-ministro britânico sir Winston Churchill que, durante a guerra, o utilizava para falar pelo telefone com o presidente Franklin D. Roosevelt. O aparelho produz um zumbido terrível na linha, para quem não está ligado diretamente.

Em Provence, no sul da França, o Sr. Henri Lafoule não podia mais suportar os eternos telefonemas de sua filhinha, que ficava horas, na extensão do aparelho na sobreloja onde moravam, e o pai, estabelecido na loja, não podia concluir seus negócios urgentes. Um belo dia, o genitor da menina teve uma idéia genial: instalou um aparelho de sinalização semelhante aos usados no contrôle do trânsito e quando achava que a coisa já estava demais, apertava um botão "parc" e luzes vermelhas eram acesas, acompanhadas de um forte soar de sirene. E a coisa deu certo!

Os engenheiros Alex Kropotoff Júnior e Sándar Csapó, examinam o aparelho vibrador de voz.

Com tôda atenção, a funcionária solda fios elétricos numa peça feita para a C. T. B.

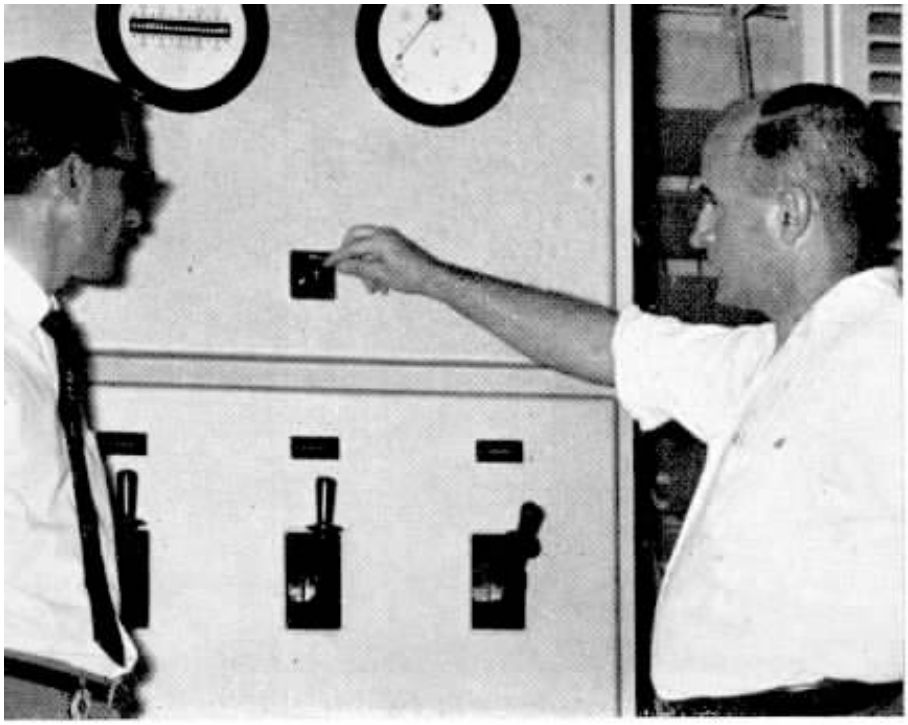
O encarregado de seção acompanha a preparação de peças que compõem o telefone.

COLABORA A STANDARD ELÉTRICA S.A. PARA A SOLUÇÃO DO PROBLEMA DOS TELEFONES NO PAÍS

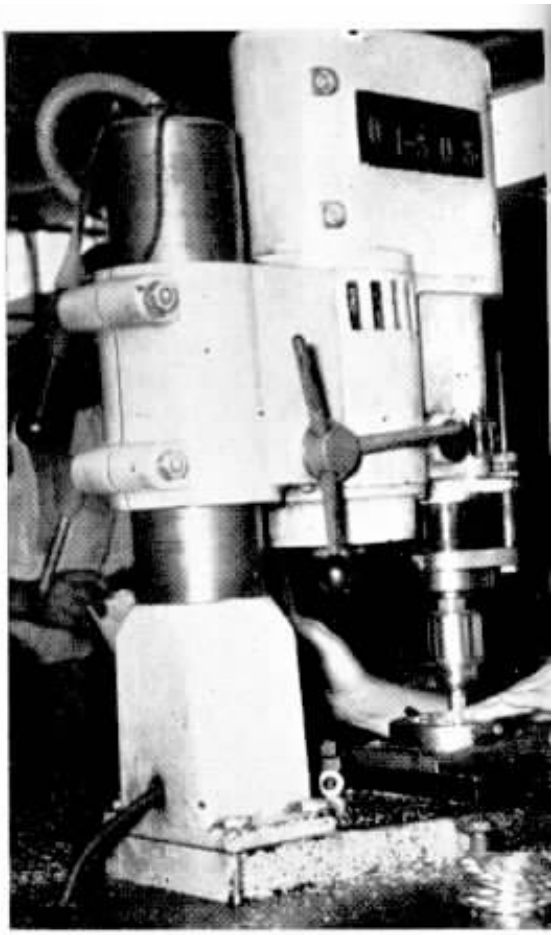
UMA das grandes exigências do desenvolvimento extraordinário porque passa o Brasil, é a ampliação do seu parque industrial de material telefônico. Para isso vem contribuindo com destaque, a Standard Elétrica S. A. que funcionando em nosso país desde 1942, é a pioneira da indústria de telefones e acessórios nacionais. Sua sede está localizada no bairro de Vicente de Carvalho, no Estado da Guanabara, onde dispõe de moderna fábrica de quatro grandes edifícios, acabados de construir em 1959.

Grande parte do equipamento com que opera a C. T. B. foi adquirido à Standard Elétrica, inclusive a primeira estação automática do Rio, instalada e fornecida por essa firma em 1930, como também, recentemente, parte do aparelhamento de micro-ondas.

Cêrca de 1.600 operários integram nessa colmeia que tem capacidade para abrigar 5 mil, caso o exija a demanda de material.



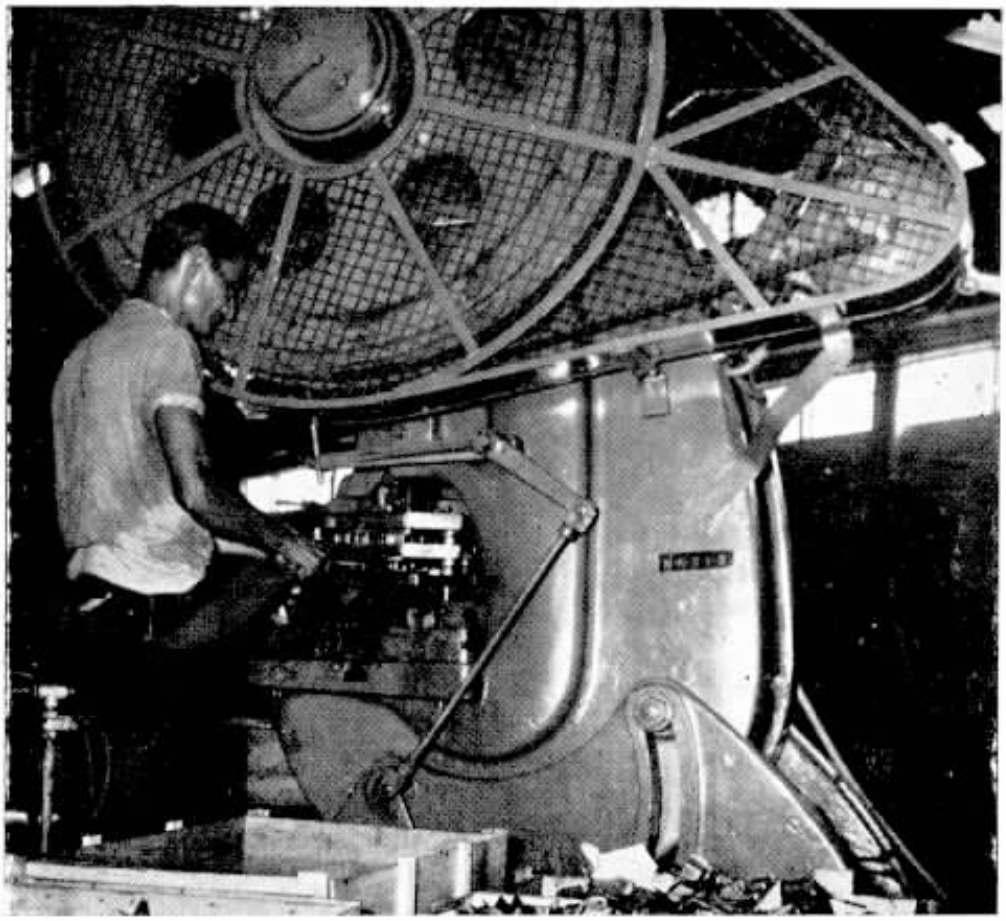
Antes da entrega de qualquer encomenda, técnicos especializados, realizam rigorosa inspeção nos aparelhos. Eis uma das fases de cuidada vistoria, num equipamento para a Telefônica.

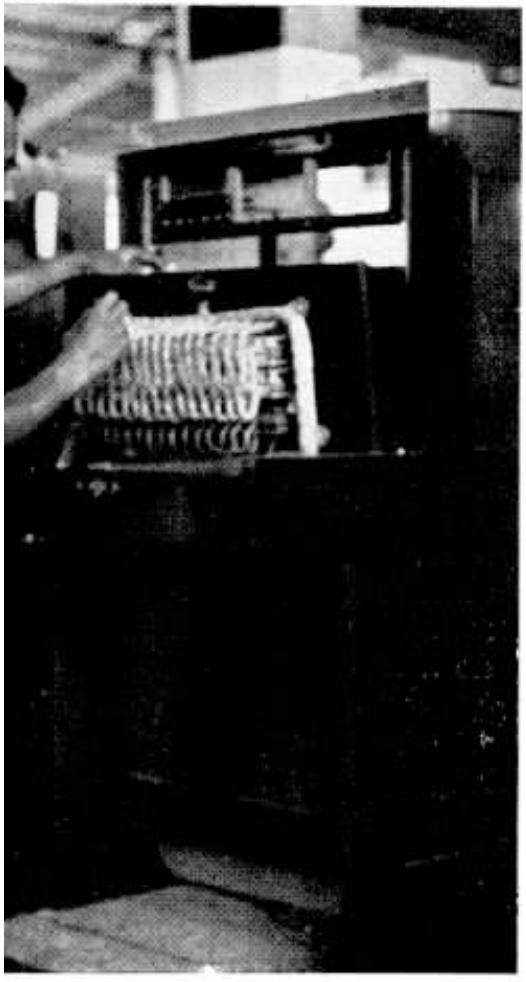


A confecção de discos dos aparelhos telefônicos é feita com rapidez e segurança. A foto da extrema, à direita, mostra-nos a gigantesca máquina de modelagem das peças telefônicas.

Esta ativa operária é responsável pela preparação de cápsulas de transmissão. Dezenas destas cápsulas são postas em sua mesa para os retoques finais, serviço feito à perfeição.

A seleção de fios para uso nos aparelhos telefônicos, é outro trabalho que requer atenção. Aqui, a jovem encarregada dêsse serviço especial, sabe da responsabilidade que lhe foi confiada. Utilizando bem o que aprendeu, cumpre tarefa de especialista.





A esquerda, a seção de montagem de mesas telefônicas manuais. As primeiras dessas mesas foram lançadas, no Brasil, em 1943, pela Standard Elétrica. Em cima, flagrante tomado na sala de montagem das cápsulas de transmissão. Um dos encarregados dêsse departamento, acompanha a confecção de uma das inúmeras peças, que ali, são terminadas, para o respectivo teste.

EXTINGUEM-SE AS LUZES DO NORTE

(Transcrito do Time, revista editada nos Estados Unidos, de 2-1-1961)

"A batalha contra a Light é a chave da contenda. Se destruirmos a Light, destruiremos a fonte de fôrça para a indústria e, o mais importante, a espinha dorsal do capital privado no Brasil", disse o líder Vermelho nº 1, Luís Carlos Prestes, em 1959, numa reunião do Comité Central do Partido Comunista Brasileiro, no Rio de Janeiro.

A companhia a que êle se estava referindo não pertence ao colosso americano. É canadense — de Toronto, a Brazilian Traction Light and Power Co. Ltd., existente há sessenta anos no Brasil. Durante êsse período, a "Light" cresceu dentro do Brasil, tornou-se a maior emprêsa do país e o maior investimento do Canadá no exterior, com um bilhão de dólalares em bens, produzindo eletricidade e gás e operando bondes e telefones numa terra quase tão grande como o próprio Canadá e tão grande mesmo como os Estados Unidos Continental. Agora, entretanto, o enorme livre-empreendimento canadense está cercado por todos os lados pelos azares políticos e econômicos.

Negócio Grande, Pequeno Ganho.

Pelo seu tamanho, a Light tem um problema que qualquer proprietário de loja de uma pequena cidade do interior pode entender. A companhia não está ganhando bom dinheiro — apenas dez milhões de dólares no último ano, ou 1% do seu investimento. Na última semana, para angariar a confiança em declínio do seus acionistas (40 mil brasileiros e 40 mil estrangeiros), o Presidente Henry Borden declarou um dividendo de 25 centavos, o primeiro em três anos. Contribuiu muito pouco para melhorar as perdas dos acionistas sofridas durante a queda do valor das ações da Brazilian Traction de US $36,85 para US $3,85 nos últimos trinta anos.

O que leva a Light a mostrar déficits em seus livros, é a política. Durante anos, comunistas e ultra-nacionalistas fizeram campanhas para expulsar a companhia do Brasil. Os seus inimigos têm-na forçado a operar com tarifas deficitárias em muitas áreas, acusando qualquer govêrno que dê à Brazilian Traction um tratamento razoável, de entreguista ao imperialismo estrangeiro. Sem recursos, a companhia não pode expandir-se tão ràpidamente que possa acompanhar a demanda sempre crescente. Por não se expandir, é culpada de falhas, tais como o período longo de espera habitual no Rio, para que um cidadão comum possa obter telefone (um dos pedidos data de 20 anos).

"O nosso serviço é estrangulado por tarifas inadequadas e irrealísticas", diz o Presidente Borden (59 anos) que vem chefiando a companhia nos últimos quatorze anos. "As nossas tarifas telefônicas dão, em média, US $0,75 mensais, sem limite do número de chamadas. Fornecemos energia elétrica pelas tarifas mais baratas

do mundo". Além das preocupações de trabalho de Borden, há o fato de que tem que operar constantemente, sob a ameaça de expropriação.

Surto Industrial

A má situação da companhia é ainda mais estranhável, visto ter sido ela quem supriu o maior país da América Latina de grande parte de sua energia, transporte e comunicações, tornando-se a Brazilian Traction, por assim dizer, sinônimo do surto industrial do Brasil. Enquanto a população triplicou em cinqüenta anos até os seus atuais 70 milhões, a capacidade geradora de eletricidade da Light ampliou-se 57 vêzes, os os seus engenheiros e homens de negócios mudaram os cursos de rios, construíram barragens, escavaram túneis e estenderam linhas de fôrça para fornecer a energia necessária. Lançada por um grupo de canadenses empreendedores em 1900, com uma linha de bondes de uma milha de extensão em São Paulo, dotada de uma usina termelétrica de 550 kw, a Light, agora, tem 17 companhias subsidiárias operando, principalmente, no Rio e em São Paulo; fornece 60% da energia elétrica do Brasil e 80% do seu serviço telefônico. Um ponto que os comunistas e nacionalistas raramente focalizam é a fôlha de pagamento da Light de 45.500 pessoas (contra 150 dos seus escritórios centrais do Canadá), o que a situa como o maior empregador particular do Brasil.

Os tempos duros para a Light começaram logo após a Segunda Guerra Mundial, quando uma onda de ultranacionalismo atingiu o Brasil. Com o aumento de custos, a companhia tentou obter aumentos de tarifas para os seus serviços de utilidade pública. Em 1956, a subsidiária dos bondes do Rio, que cobrava 1,25 de centavos por passagem, recebeu um aumento para 2,5 centavos. Resultado: comunistas incitaram tumultos e estudantes bloquearam os bondes, jogando xadrez nos trilhos. Vítimas: cem feridos. A fim de amenizar os ataques, Borden transferiu t ô d a s as companhias s u b s i - diárias, do Canadá para o Brasil e abriu as portas das mesmas a acionistas brasileiros. Criou mesmo um têrmo para a sua política — "naturalização" — invés de nacionalização.

Fica para Jânio

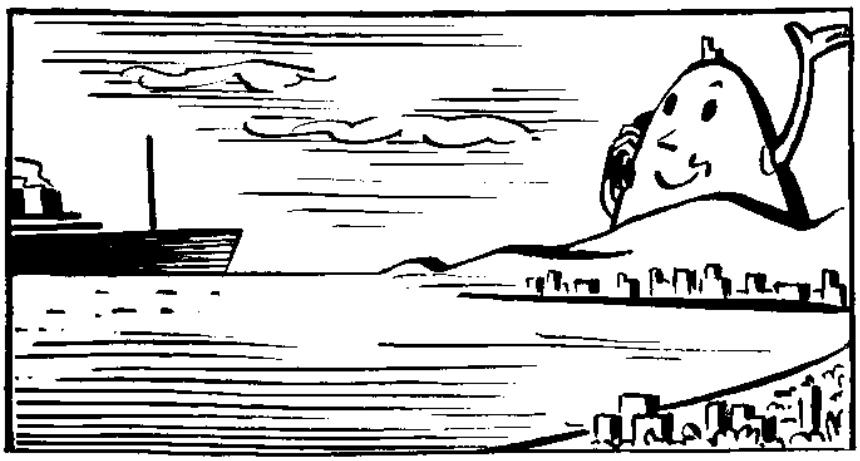
Na semana passada, a Light ainda estava perdendo. No Rio, o governador do estado, Carlos Lacerda, assumiu o contrôle de uma das maiores subsidiárias da Light, a Companhia Telefônica Brasileira, que serve ao Rio, e começou investigando as suas operações. Lacerda planejou intervenção em parte de outra subsidiária, os bondes do Rio (que perdeu dois milhões de dólares em 1959) quando a concessão expira na Véspera do Dia de Ano Novo. Um acontecimento mais ameaçador ocorreu na nova capital, Brasília, onde o Congresso aprovou um projeto criando a Eletrobrás — monopólio governamental com intuito, eventualmente, de assumir o contrôle de tôda a energia do Brasil.

Como poderá a Brazilian Traction recuperar a sua posição? Diz Borden: "É uma situação impossível que sòmente será resolvida com um pouco de raciocínio prático da parte de todos". O problema ocupará uma posição alta na lista de assuntos, quando o Presidente eleito, Jânio Quadros, tomar posse êste mês. O quanto Jânio ajudará é, como o homem em si mesmo, um ponto de interrogação.

O que dizem de NÓS

AS inúmeras manifestações de simpatia e de reconhecimento por bons serviços prestados que fazem parte da rotina de nossa emprêsa, constituem grande volume de correspondência que nos estimula, cada vez mais, a cumprir a nossa determinação de bem servir.

Selecionamos algumas dessas cartas e ofícios que bem atestam o que é a vida de uma grande organização de serviços públicos.



SAUDADES

Inês Gomes Bacelo, foi telefonista internacional na nossa organização. Deixou-nos há algum tempo por ter de regressar a Portugal de onde é filha. Agora, em palavras repletas de carinho e saudades, escreveu do país irmão, uma carta ao Sr. Edgar Zambrano, Superintendente do Departamento de Admissões e Treinamento do Tráfego, que vale a pena transcrever, e bem diz do ambiente interno de nossa companhia, onde cada funcionário é um amigo.

Diz Inês Bacêlo: "No momento em que escrevo estas linhas, o "Vera Cruz", a bordo do qual me encontro, singra a formosa Baía de Guanabara, rumo a Portugal.

O navio vai-se distanciando mais e mais e os arranha-céus já parecem diminuir. Quase pêrco de vista os lenços brancos que acenam, aproveitando os últimos momentos de despedida. Também eu aceno a todos que daí ficam, ao Cristo Redentor, à querida Cidade Maravilhosa!

Uma saudade imensa me invade a alma... Levo em meu coração todos que aí deixei e em minha memória, belas recordações. E' por isso que me lembrei de vós.

No Brasil encontrei outra Pátria, outro lar, a Cia. Telefônica Brasileira — o vosso convívio. Sentia-me entre vós, como se entre os meus. Convosco passei quase todo o tempo de minha permanência aí.

Por tudo isso, daqui mesmo, quero enviar-vos duas palavras, como símbolo de minha perene gratidão — "muito obrigada!" Simultâneamente, rogo ao Cristo do Corcovado que a todos cubra com bênçãos e felicidades.

Desde já quero ter a satisfação de dizer-lhes que minha casa está às ordens, para quando quiserem visitar meu Portugal, que é vosso também!"

NO CÉU

O vespertino carioca "Última Hora", mantém interessante seção de reclamações onde também se presta homenagem a figuras destacadas no bom atendimento do público. Os que merecem êsse realce elogioso, são postos "no céu" e essa honra mereceu nossa colega Neide Alentejano, que trabalha num guichê do Departamento Comercial da C. T. B., citada pelo jornal como "funcionária modelar, atendendo aos que ali vão com presteza e gentileza cativantes."

AINDA AS ELEIÇÕES

Muitas foram as cartas e ofícios recebidos pela Companhia, salientando a sua boa colaboração na marcha correta do pleito presidencial e suas apurações. Do Exmo. Sr. Juiz Eleitoral de Itaperuna, Dr. Niltho Leite, veio agradecimento por telegrama. Do Sr. Paulo Madeira, veio

atenciosa carta, agradecendo a atenção das telefonistas de Bebedouro, Barretos, Guaira e Monte Azul Paulista, na ocasião da apuração do pleito.

ACIDENTE GRAVE

A "eficiência, presteza e alto espírito de cooperação" do pessoal da C. T. B. foi salientada em carta gentil do Sr. Ralph A. Davis, em nome da Indústria Champion Celulose S. A., em Mogi Guaçu, São Paulo. Essa indústria verificou um vasamento de cloro, acidente de graves proporções e que pôde ser reduzido, graças, inclusive, à ação das telefonistas da cidade que cooperaram diligentemente e foram alvo do agradecimento em questão.

AJUDA NAS ELEIÇÕES

A Rádio Difusora São Paulo, através da sua Direção Artística, enviou carta à nossa Companhia, agradecendo a colaboração dada pela C. T. B. ao seu trabalho completo de cobertura da recente apuração naquele Estado e diz: "mais uma vez os técnicos e a direção da C. T. B. demonstraram sua enorme capacidade profissional e a sua vontade não apenas de servir, mas também de cooperar, de participar o melhor possível, com desprendimento e dedicação."

VOTO DE LOUVOR

A requerimento do Vereador Manoel Antônio Brand, a Câmara Municipal de Petrópolis inseriu em ata, um voto de louvor aos funcionários da Companhia Telefônica Brasileira, "pela maneira delicada e atenciosa com que atendem ao público no exercício de suas funções, fato não muito comum com relação a outras organizações."

TRÁGICA OCORRÊNCIA

O doloroso desastre com um ônibus que se precipitou no rio Turvo, levando várias crianças à morte, quando iam tomar parte numa festa em Barretos, São Paulo, vindos de S. José do Rio Prêto, motivou, às telefonistas desta última cidade, sentida carta de agradecimento de um dos pais enlutados. A missiva do Sr. José Ferreira Sobrinho, repassada de justa dôr pela perda de seu filho Jorge, agradece o empenho das telefonistas que buscaram ajudar nessa hora terrível para as famílias atingidas pelo acontecimento.

Três elegantes modelos de chapéus apresentados.

20 ANOS COMEMOROU O TELEFÔNICA ATLÉTICO CLUBE

O Telefônica Atlético Clube, entidade que congrega os colegas da C. T. B. no Rio, festejou com expressivas solenidades, o seu vigésimo aniversário de fundação.

Concorridíssimo baile teve lugar no Ginásio das Companhias Associadas, no Grajaú, ocasião em que também se verificou apreciado desfile de modas, no qual foram exibidos os últimos modelos para a estação.

Personalidades de prestígio, superintendentes gerais e muitos convidados, tornaram a festa das mais agradáveis, culminando o entusiasmo com a clássica hora do bôlo comemorativo, cujo "corte" foi acompanhado com o máximo interêsse, não só por motivos sentimentais, como por outros mais óbvios. E' que estava mesmo delicioso.

Aspecto da festa. Ao lado, belos modelos em desfile.

Sob as luzes do NATAL confraternizou a família cetebense

Em tôrno ao Sr. T. D. Christian, confratenizam chefes e funcionários.

Hora bastante aguardada, para satisfação geral: o instante da distribuição dos presentes.

João Lício Jr., da Rêde, na bem recebida tarefa.

ENTRE RISOS E BOA CAMARADAGEM, A GRANDE FESTA DO ANO

Entre as muitas reuniões agradáveis que marcaram a passagem do ano e as comemorações de Natal, amável pretexto de sempre, para o congraçamento de chefes e funcionários, avultaram, no Estado da Guanabara, a tradicional troca de presentes feita na festa do Departamento do Pessoal e o sorteio de brindes realizado pelo Departamento da Rêde.

Contando com a presença, entre outras pessoas gradas, do Sr. T. D. Christian e dos Superintendentes Gerais dos Departamentos, os festejos contaram com todo o entusiasmo dos demais superintendentes, chefes de seção e funcionários em geral, irmanados no mesmo espírito de cordialidade e boa compreensão.

Vista parcial da assistência presente à festa do Departamento da Rêde, realizada no restaurante do prédio dos escritórios centrais.

ALEGRIA E UNIÃO: SÍMBOLOS DO NATAL

OS colegas que servem às extensas regiões da chamada Zona Rural do Estado da Guanabara, todos os anos, promovem simpáticas e alegres comemorações da Grande Data da Cristandade, reunindo, em tôrno ao pinheirinho festivo, chefes, companheiros e familiares. Assim foi mais uma vez em Santa Cruz, Governador, Campo Grande, Bangu, Marechal Hermes e Jacarepaguá, como atestam as fotos destas páginas.

◆

A direita: ao alto, flagrante tomado na festa realizada em Santa Cruz, no sertão carioca. Ao centro: aspecto da festa das telefonistas da Ilha do Governador. Chefes e colegas. Embaixo: ao lado, nossas dedicadas colegas que atendem ao serviço em Campo Grande.

NA C.T.B.

Também em Bangu, houve a tradicional mesa natalina, farta de guloseimas próprias da época, com a troca de brindes e votos de felicidades, tradição que se repete todos os anos.

Acima, aspecto da reunião comemorativa em Marechal Hermes. Abaixo, grupo de servidores de Jacarepaguá. Por todos os lados, a mesma alegria e satisfação por bem servir.

B. J. P. Tancred, Superintendente Geral da Rêde, quando dirigia suas congratulações ao pessoal da Rêde.

BOM NATAL... FELIZ NATAL...

Abaixo, dois flagrantes colhidos na festa de Natal do Departamento do Pessoal, em São Paulo.

Na Contabilidade, Divisão de S. Paulo, também houve animado festejo, a que não faltou a presença da infância.

ATRAVÉS de todos os Departamentos, na Guanabara, no Estadodo Rio, em Minas Gerais, no Espírito Santos, a alegria foi sempre a mesma, o espírito de união demonstrado o mesmo, a boa vontade e alta compreensão da camaradagem e do bom entendimento, os mesmos.

Confraternização entre chefes e chefiados, demonstrações alegres de carinho e afetividade, entre funcionários com a presença de familiares, foram e serão sempre, as notas marcantes das festas que se realizam no âmbito do pessoal que serve com desvêlo e dedicação exemplares, neste ramo importantíssimo de serviço público que é o dos telefones.

Nestas páginas vão mais alguns flagrantes dessas festas que falam por si, da boa harmonia existente entre a nossa família, a família telefônica.

Nas fotos vemos bem o contentamento dos nossos colegas e a expressão feliz de seus familiares, trazidos ao ambiente de trabalho de seus queridos parentes, onde podem constatar ser a Telefônica, a continuação de seus próprios lares, comungando, chefes e subordinados, dos mesmos ideais e desejos de progresso e harmonia.

O pessoal do Distrito C-1, Rêde, da Divisão de São Paulo, assim se reuniu e deu largas à sua alegria.

Na festa dos menores, no Rio, houve parte artística. Eis duas das intérpretes.

A direita: Vista parcial da grande assistência à festa dos menores que, na Guanabara, comemoraram o Natal com a presença de parentes e convidados.

NATAL DAS TELEFONISTAS

ESTADO DA GUANABARA

Com a presença de Marialva F. de Melo a festa do Interurbano, com a delicada homenagem a uma das mais antigas servidoras. Abaixo, as nossas colegas da estação «31».

Acima, outro aspecto das comemorações na estação manual «31», com chefes de serviço e familiares dos colegas. Ao lado, as dedicadas servidoras durante as comemorações.

O Natal desperta alegria no Tráfego de São Paulo

IRMANANDO-SE nos mesmos sentimentos de paz e felicidade que envolvem a humanidade cristã, na suave quadra do Natal, nossos colegas do Tráfego, em São Paulo, tiveram a oportunidade de realizar mais uma bonita festa onde a harmonia, a boa vontade e a simpatia, foram imperantes.

Com a presença na capital paulista do Superintendente Geral do Tráfego, Marialva F. de Melo, a festa teve maior brilho, prestigiada completamente por êsse chefe e seus dedicados auxiliares. As operosas colegas que funcionam no Departamento em São Paulo, aproveitaram o ensejo, para homenagear, calorosamente, veteranas companheiras, como aconteceu especialmente com o serviço Interurbano, reunindo no mesmo carinho, antigos e novos servidores da Companhia.

Grande número de crianças e familiares dos colegas presentes, tomaram parte nas alegres comemorações, dando uma nota a mais de alegria e um toque especial a realçar a união da grande família telefônica e seus laços, tão íntimos, que fazem do local de trabalho, a adequada extensão do próprio ambiente familiar.

Crianças são sempre o centro das atenções, a nota mais delicada de ternura. Assim foi na festa do Tráfego em São Paulo, quando ajudaram — e como! — com o bôlo comemorativo, que foi o deleite da reunião.

Festa Plena de Bom Humor o Natal das Colegas do Interior

CAMPINAS

ARARAQUARA

OLÍMPIA

BOTUCATU

S. JOÃO DA BOA VISTA

PIRAJU

TIETÊ

SOROCABA

PENÁPOLIS

LINS

DOIS CÓRREGOS

GARÇA

ASSIS

AVARÉ

SÃO MANUEL

RIO PARDO

JAÚ

AGUDOS

BROTAS

BARRETOS

PRESIDENTE PRUDENTE

DUQUE DE CAXIAS

S.JOSÉ DO RIO PRÊTO

MARÍLIA

RIBEIRÃO PRÊTO

Mais Cidades Resolvem O Seu Problema Telefônico

REPRESENTANTES de emprêsas concessionárias de serviços telefônicos de todo o país, estiveram no Rio, a convocação da Telebrasil, entidade que reune essas organizações em federação. Homens do Rio, de São Paulo, do Sul, do Centro e do Norte do país, foram chamados a discutir e votar relatórios, analisar contas, modificar dispositivos estatutários e eleger uma nova diretoria para o triênio 1960-1963. Paralelamente a êsses encargos, os representantes das emprêsas dêsse serviço público tiveram intensíssimo programa, destacando-se a série de visitas que realizaram, sendo dignas de citação, aquela que fizeram às instalações da fábrica de equipamento da Standard Elétrica, à Estação Norte da Companhia Telefônica Brasileira, onde tiveram oportunidade de verificar com especial interêsse as instalações de micro-onda utilizado no "link" Rio-São Paulo e de "D. D. D." entre Niterói e Rio, além das do cabo coaxial com Petrópolis; ao Centro Telegráfico da Companhia Rádio Internacional do Brasil e à estação transmissora de Marapicu e à receptora de Jacarepaguá, a convite da Rádio Internacional.

Na ocasião, êsses homens que lutam nos mais variados recantos do Brasil, pelo progresso da nação, procurando desenvolver o importantíssimo campo das telecomunicações, debateram aspectos do autofinanciamento, fórmula já adotada por mais de duzentas cidades do teritório nacional e oito capitais estaduais, além da própria sede do Govêrno Federal, Brasília.

A diretoria, demonstrando uma atividade incansável, apresentou magnífico relatório, muito bem aceito pelos presentes que reconduziram tôda a diretoria da Telebrasil (Associação das Emprêsas de Telecomunicações do Brasil), assim constituída: Pedro Renault Castanheira, da Companhia Telefônica de Minas Gerais, Diretor Presidente; Jorge A. Lemgruber Emerick, da Companhia Rádio Internacional do Brasil, Rio, Diretor Executivo; Carlos Reis Filho, da Companhia Telefônica Brasileira, São Paulo, Diretor Secretário; Victório Emanuel Pareto, da Companhia Telefônica Nacional, Rio Grande do Sul, Diretor Primeiro Tesoureiro e Ralph Leça, da Companhia Telefônica de Pernambuco, como Diretor Segundo Tesoureiro.

Essa diretoria terá pesado encargo, pois se considera êste triênio como decisivo para o problema telefônico no Brasil, onde só o autofinanciamento tem permitido obter-se uma amenização da situação, resolvendo o problema de cidades como o Recife, por exemplo, permitindo o aumento de uma obsoleta rêde de 6.500 telefones, para 20.000, com possibilidades de expansão.

De um modo geral, os representantes das emprêsas telefônicas autofinanciadas, comunicaram a seus colegas, as experiências que estão sendo proveitosamente colhidas com a adoção dêsse sistema. Vale a pena, a propósito, focalizarmos, aqui, algumas dessas declarações de vital interêsse e importância para as grandes aglomerações como o Rio, e para S. Paulo (onde agora também o sistema será implantado), cidades onde mais se faz sentir a falta de expansão das rêdes, saturadas e asfixiadas por obstáculos restritivos a êsses ansiados aumentos da capacidade telefônica.

RECIFE

O Sr. José Guimarães de Araújo, da Companhia Telefônica de Pernambuco, teve a oportunidade de referir-se ao aparecimento da idéia do autofinanciamento na populosa cidade Maurícia, como uma decorrência do agravamento do problema telefônico e da impossibilidade confessada da antiga concessionária — The Telephone of Pernambuco Limited — de solucioná-lo, desde que o poder concedente não se dispunha à colaboração no encontro de novas fórmulas passíveis de satisfazer as partes interessadas. Sabedores dos bons resultados obtidos em outras cidades, homens de negócio recifenses levantaram a bandeira do autofinanciamento. Na opinião de José Guimarães Araújo, opinião que é a dominante, aliás, em todo o Norte, o autofinanciamento traz duas grandes vantagens:

1) *de ordem econômica,* pois, só através dêle, como o está evidenciando a experiência, é possível fazer, realizar, a inadiável ampliação do serviço; 2) *o sistema interessa o usuário* na vida da sociedade concessionária do serviço telefônico dado que sendo acionista, òbviamente o usuário tem, pela sociedade, o interêsse de sócio com dividendos. Além disso, o sistema reduz de muito, a zona de atrito entre o poder concedente e o concessionário. Acha, ainda, o representante da Telefônica de Pernambuco que o grande mal a prejudicar a expansão dos serviços telefônicos, tanto no caso particular de Recife, como, de resto, de todo o pais, ainda é a política cambial que prejudica, pela flutuação do preço do dólar, qualquer cálculo ou plano em relação a telefones.

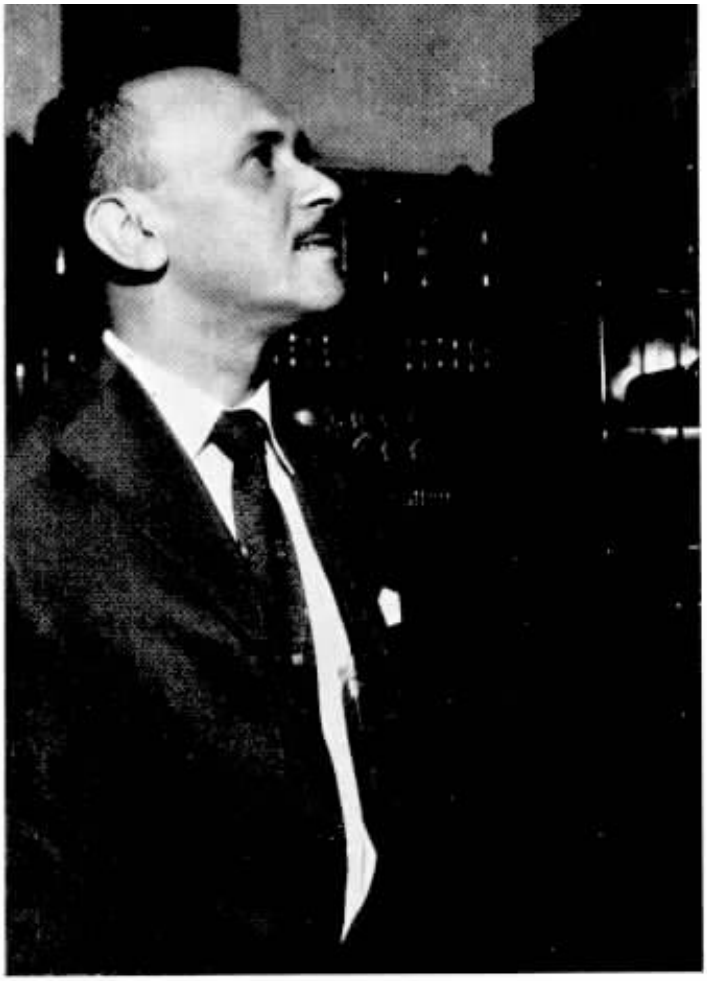
A marcha do serviço de telecomunicações pelo país

O Sr. Pedro Renault Castanheira, o grande entusiasta do autofinanciamento no país, foi reconduzido à presidência das Associações de Emprêsas de Telecomunicações do Brasil. Lutador incansável pelo progresso da telefonia.

A Companhia Telefônica do Maranhão, tem em José Rego, de São Luís, o seu representante e outro adepto entusiasta do serviço autofinanciado. Essa companhia há setenta anos é concessionária do serviço, lutando com dificuldades crescentes em relação à demanda, difícil de satisfazer diante da conjuntura financeira e à necessidade de um investimento elevado. O autofinanciamento foi também a solução encontrada com pleno assentimento dos novos assinantes, todos atendidos pelo sistema, já existindo novos pretendentes que apenas aguardam a chegada de equipamento para também serem atendidos. As linhas serão duplicadas em seu número.

De um modo geral, a reunião na Guanabara, dos representantes estaduais das diversas concessionárias dêsse serviço público no Brasil — duzentas e trinta e sete companhias operando telefones — trouxe novos argumentos aos que defendem a tese do autofinanciamento como a única solução viável no momento, para a crise em que nos debatemos. São experiências vitoriosas e lutas vencidas que devem servir como severa advertência e lição proveitosa a seguir no assunto, assunto que é de todos os dias, pois o telefone é parte das mais ativas na vida moderna e a solução, há tanto esperada, não permite mais delongas, conclusão, aliás, a que chegou a Câmara da cidade de São Paulo.

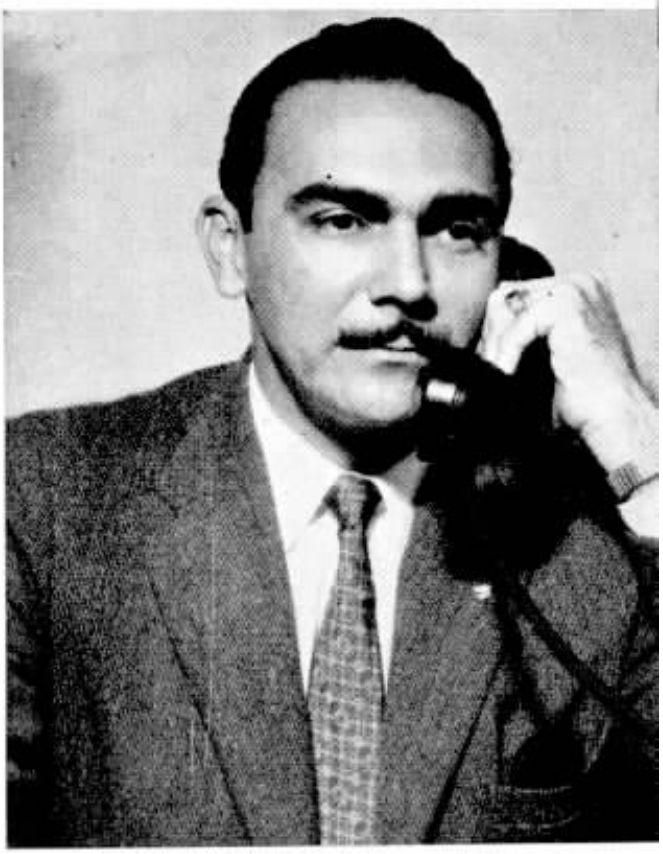
O Dr. Antonio Janini, é dirigente da Companhia Telefônica de Pinhal, no Estado de São Paulo. Ali vigora o autofinanciamento. O Dr. Janini afirmou que «o autofinanciamento veio resolver velha aspiração de nossa cidade onde, agora, o progresso não se deterá».



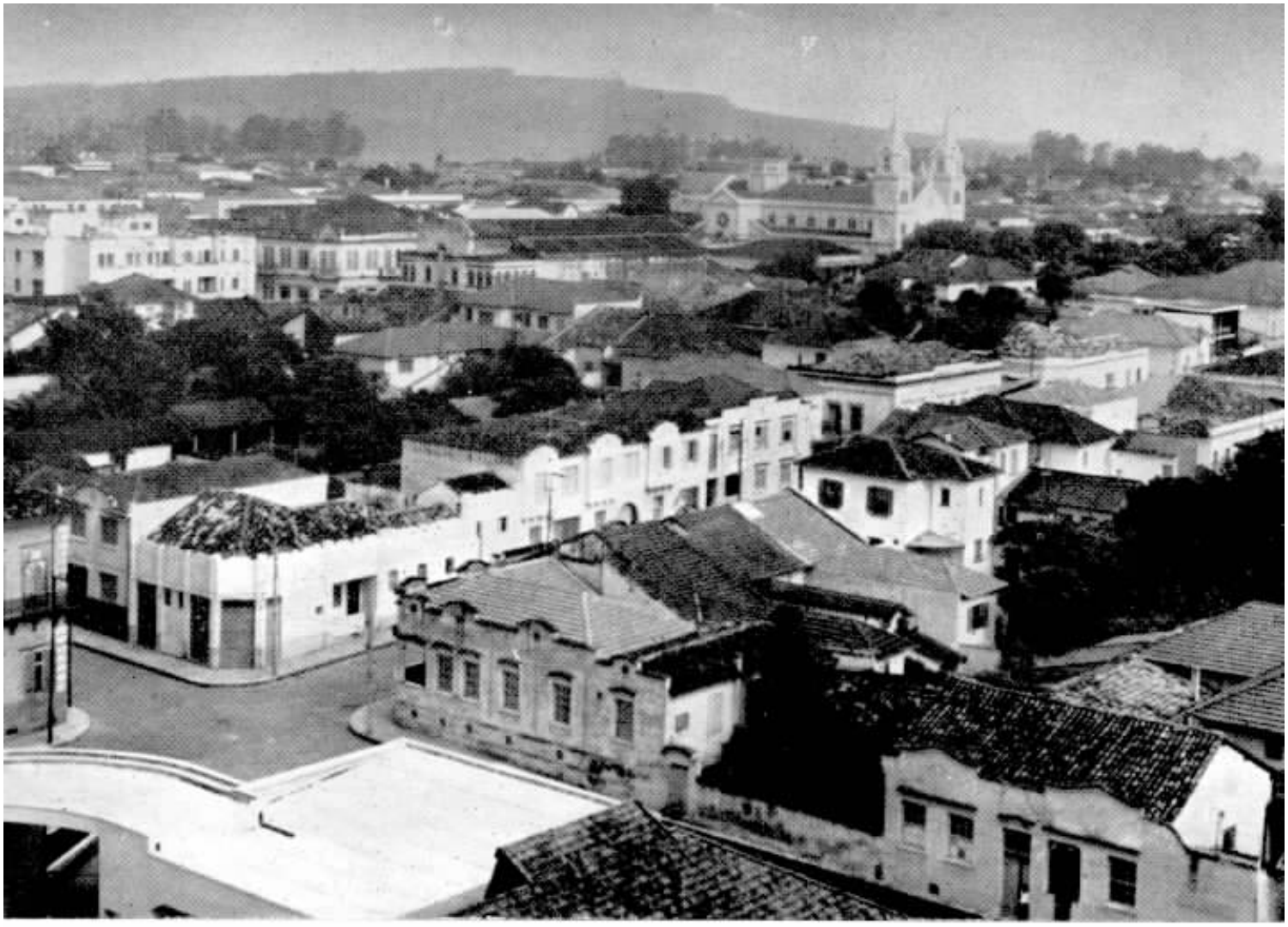
O Dr. José Luís G. Guimarães, diretor da Companhia Telefônica de Itaúna, em Minas Gerais, apresentou fatos concretos de uma bem sucedida experiência de autofinanciamento: a sua cidade.

O Dr. José Guimarães de Araújo, diretor da Companhia Telefônica de Pernambuco, foi categórico na exposição do caso de Recife: «de 6.500 passaremos a possuir 20.000 linhas».

O Dr. José Rego, responde pela Companhia Telefônica do Maranhão. «São Luís só assim terá telefones», asseverou.



O Dr. Aluísio de Oliveira Monteiro, de João Pessoa, Paraíba. As dificuldades vigentes em meu Estado são as mesmas.»



Acima, vista parcial da cidade paulista de Rio Claro. Abaixo, ato inaugural quando o Prefeito Francisco Scarpa realizava a primeira ligação. Ao centro, J. B. Carvalho Melo, e J. P. Gouvêa, da C.T.B.

TELEFONES AUTOMÁTICOS PARA A CIDADE DE RIO CLARO

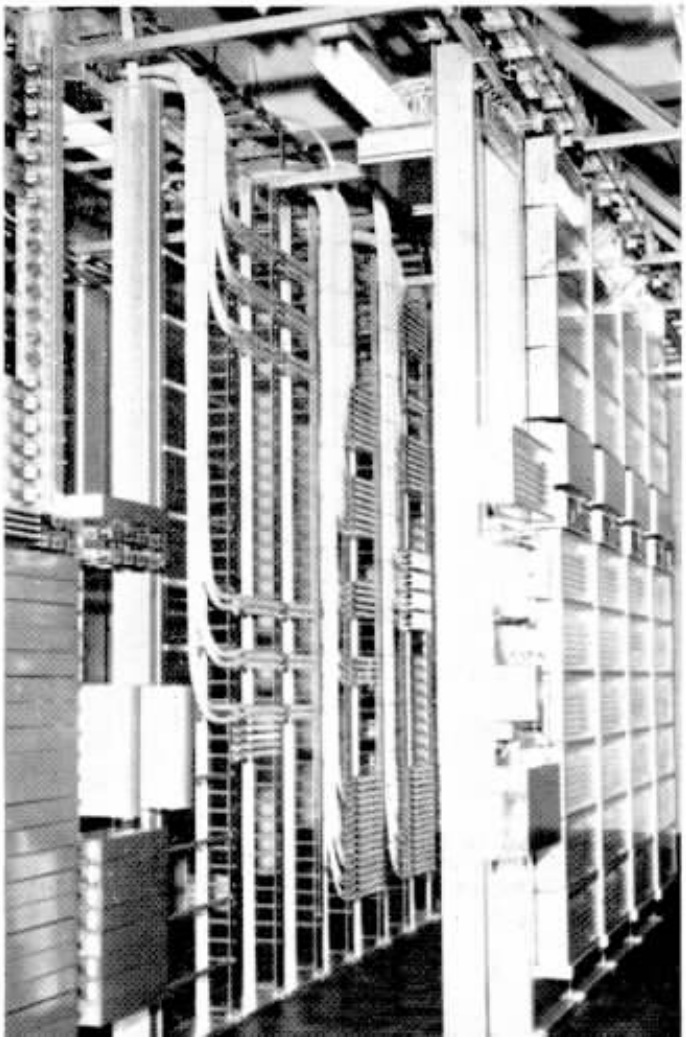
COM o comparecimento de autoridades municipais e religiosas, representantes do comércio, da lavoura e da sociedade local, inaugurou-se na próspera cidade paulista de Rio Claro, a nova rêde de telefones automáticos que será administarda e conservada pela Companhia Telefônica Brasileira. A nova estação automática, surgida através do autofinanciamento, e que substitui o antigo sistema magneto, tem uma capacidade inicial de 2.000 linhas, e foi montada com a orientação de nossa Companhia, em novo e moderno prédio ao lado da antiga estação, com grande previsão para o futuro, pela Ericsson do Brasil, sendo o seu equipamento de barras cruzadas, um dos mais modernos.

No mesmo prédio foi ainda instalada, moderna mesa de ligações para o serviço interurbano, com dez posições regulares e duas auxiliares. A rêde de cabos aéreos e subterrâneos foi instalada pela firma Lacaze & Pizão Ltda., também com previsão suficiente para atender à futura expansão.

Como em Lins e Araraquara, a modalidade adotada previu a contribuição dos usuários para cobrir as despesas de instalação.

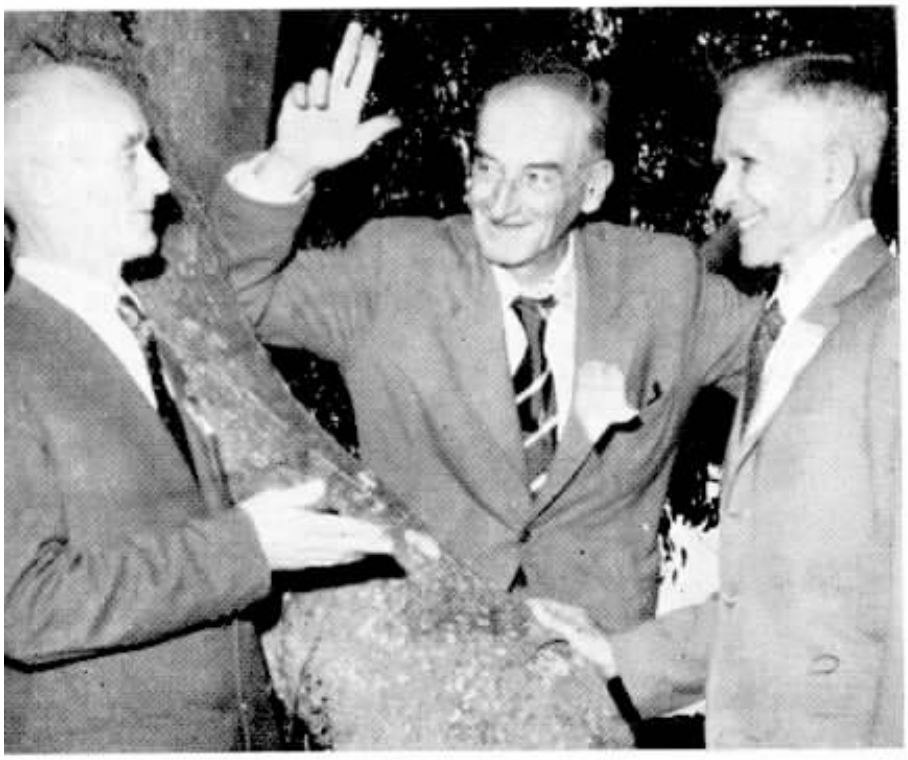
A cerimônia da inauguração foi iniciada com a bênção dada por Monsenhor Antônio Martins da Silva, falando a seguir José Portugal Gouvêa, pela C. T. B. Usaram também da palavra, o representante da Ericsson, Waldmrt Henricksson; o Presidente da Câmara Municipal, Antônio Maria Marrotte; Emilio Beltrati, da CIESP-FIESP; o professor Januário Pezzotti e o Prefeito Francisco Scarpa que ligou a chave geral e fêz a primeira ligação.

Uma visita à nova estação e um almôço no salão do "nosso Clube", servindo-se champanha às autoridades, imprensa e rádio, oferecido pela C.T.B., encerraram-se as festividades.



Dois magníficos aspectos do moderno equipamento automático Ericsson agora em uso em Rio Claro.

BARRA DO PIRAÍ: FESTA DE VETERANOS



Cento e dez anos de bons serviços, representa a foto. Ao centro, Roberto J. Huss (40 anos), à direita Reginaldo M. Castro e, à esquerda, Carlos Gomes, ambos com trinta e cinco anos.

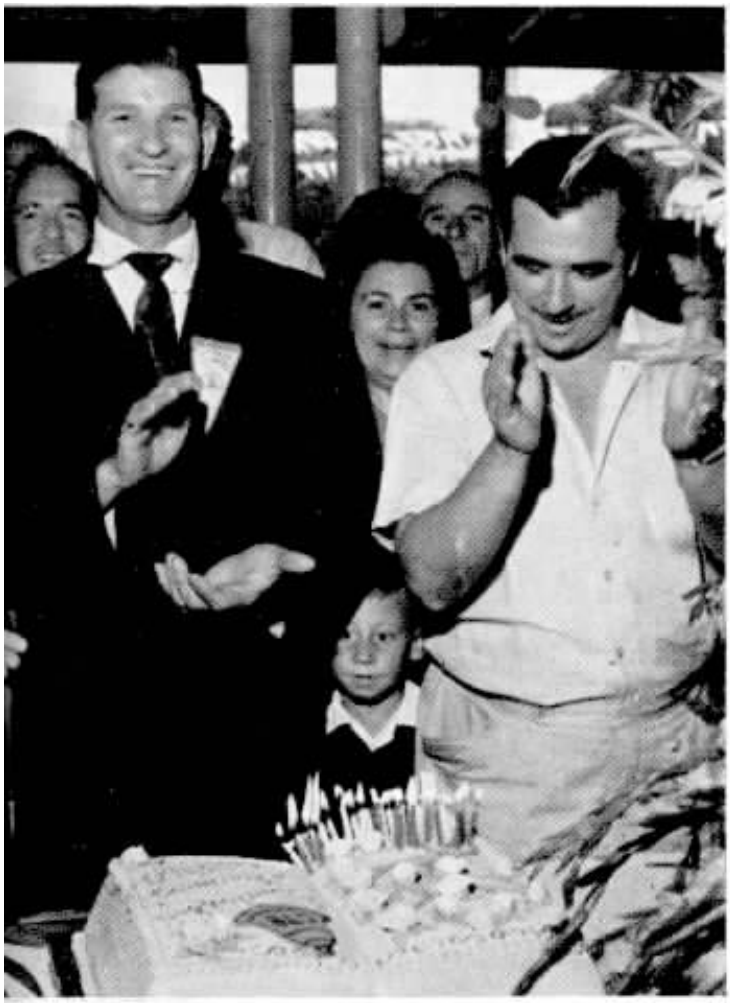
Ladeando o superintendente de Tráfego no Estado do Rio, Silvio Pereira, Genny Rossetti, Telefonista Chefe no Rio de Janeiro e Jandyra Rosas, funcionária do Interurbano carioca.

EM agradável festa, realizada no Clube Itapoã, Ilha dos Amores, perto da estação telefônica, em Barra do Piraí, Estado do Rio, lugar aprazível e convidativo, foi feita a entrega dos emblemas aos veteranos do Distrito B-2.

Em meio à maior alegria, fator constante nas solenidades dessa natureza em que confraternizam velhos servidores da nossa Companhia, com os recentemente entrados para a mesma batalha em prol do bem servir, a festa teve a presença de colegas dos diversos escalões de nossa emprêsa e inúmeros convidados que não regatearam aplausos àqueles que contavam tempo de bons serviços, empregado num dia-a-dia de dedicação às suas tarefas.

Cinquenta colegas com atuação na companhia de dez a quarenta anos de serviço, foram homenageados na ocasião, reunindo numa só festa, integrantes dos serviços em quatorze cidades diferentes, ou sejam: Petrópolis, Teresópolis, Nova Iguaçu, Barra do Piraí, Paraíba do Sul, Barra Mansa, Volta Redonda, Duque de Caxias, Três Rios, Vassoura, Resende, Miguel Pereira e Corrêas, cidades que fazem parte do Distrito B-2, cujo gerente comercial é Moacyr Capucci, presente à festa.

Superintendentes e Chefes da Divisão do Estado do Rio, tiveram a oportunidade de prestigiar vários de seus subordinados, entregando-lhes os respectivos emblemas. O Sr. Guilherme Nilward, Prefeito de Barra do Piraí, honrou a festa com a sua presença e dirigiu saudação aos veteranos.



Hora boa : apagar as velas do bôlo comemorativo de tantos anos de serviço. Cantando a alegre e caracteristica canção «Parabéns para você», vemos, também, Baltazar Carvalho, da Rêde e Moacyr Capucci, Gerente Comercial.

O Prefeito de Barra do Piraí, Sr. Guilherme Nilward, proferiu expressiva oração no ato.

Rieth Celestino Cavalcante figura entre as nossas colegas mais novas. Animou a festa.

Norma Haubrich, do Comercial de Petrópolis, foi muito festejada pelos seus dez anos.

A colega telefonista Maria G. Januzi, e Maria M. Oliveira, TC de Três Rios, divertem-se.

VETERANOS DE SANTOS

TENDO por local os amplos salões da Associação Atlética Portuguêsa, realizou-se em Santos, São Paulo a cerimônia de entrega de emblemas aos empregados veteranos dêsse Distrito, cerimônia prestigiada com a presença de J. P. Tancred, Superintendente Geral da Rêde e de superintendentes da Divisão de São Paulo, além de grande número de convidados.

Com o Hino dos Veteranos, entoado pelo Côro da Igreja Presbiteriana de Santos, teve início o ato solene, falando então, J. Portugal Gouveia que fêz a saudação aos veteranos. A entrega dos emblemas efetuou-se sob intenso entusiasmo dos circunstantes ao final da qual falou Arnaldo de Jesus, veterano com vinte anos de serviços, em nome de seus colegas.

Após o oferecimento de farto lanche, doces e salgados, realizou-se animado e concorrido baile de que participaram mais de mil pessoas, num ambiente dos mais alegres.

Joaquim G. M. Portella, à esquerda, recebendo seu emblema em Santos, é cumprimentado por A. S. Roni. Ao centro, J. P. Gouvêa, que felicitou o colega.

Arnaldo de Jesus, com 20 anos de serviço, falou na ocasião, atendendo à gentil delegação de seus colegas veteranos.

Aplausos a Josepha Mantyck, telefonista encarregada de Santos, pelos seus 35 anos de atuação em nossa emprêsa.

Aí está um grupo de gentis colegas, telefonistas que muito se empenharam para o maior brilho da festa.

Outro risonho grupo de colegas ainda não veteranas que colaboraram para o êxito da agradável festa. Foi um toque de graça e simpatia.

José Gonçalves, com 30 anos e Itagy Giglio, com 20, brindam à longa atividade.

João Américo Campos, 30 anos de C. T. B., conversa com Hathilde V. Weisser, colega Telefonista Encarregada em São Vicente.

Vista parcial da assistência à bonita solenidade de Santos, vendo-se, na primeira fila, veteranas que receberam seus emblemas, com os ramalhetes ofertados pelos colegas.

EM CABO FRIO
Outra festa de Veteranos

NO Cabo Frio Country Club, situa-na estrada do Aeroporto, em Cabo Frio, Estado do Rio, foi realizada a festa dos veteranos do Distrito B-1 que, ali, receberam seus emblemas representativos de novas etapas de suas atividades em nossa Companhia.

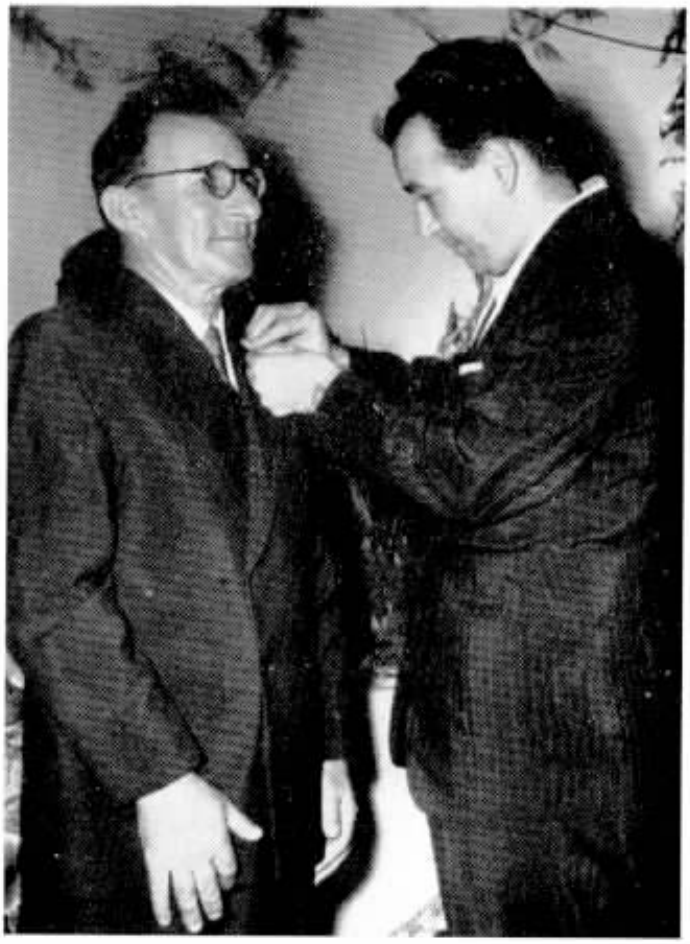
Os veteranos, tiveram em sua festa colegas do Rio, de Campos e de Niterói e grande número de convidados.

Silvio Pereira, superintendente do Tráfego de Divisão conduziu os trabalhos e fêz a chamada dos 36 companheiros homenageados na ocasião, que pertencem a Niterói, Macaé, Campos, Cabo Frio, S. Fidelis, Miracema e Cordeiro.

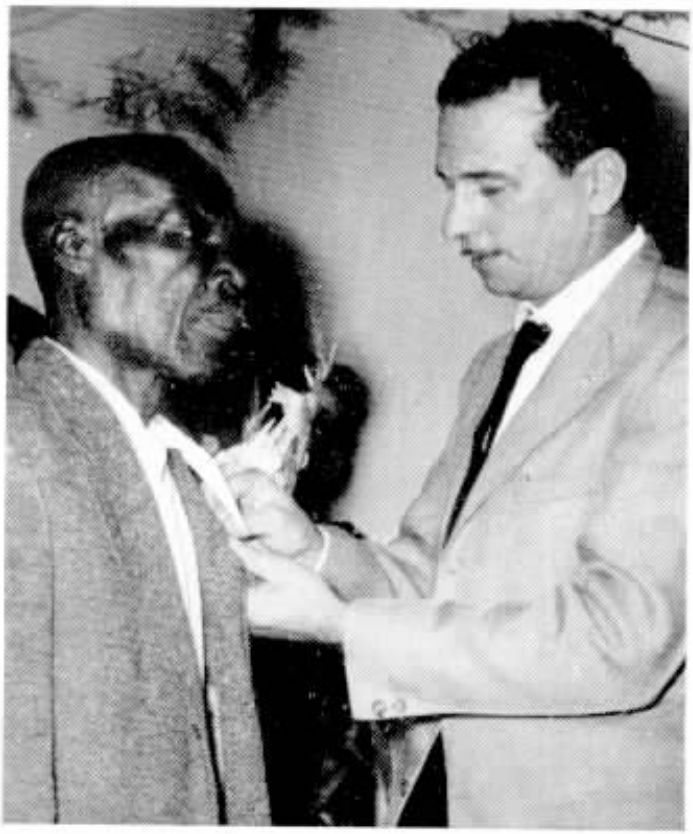
A esquerda, nossa colega Maria Martha da Silva, exibe orgulhosa ao bondoso capelão de Cabo Frio, a sua insígnia: 35 anos de serviço.

A direita, Cenil Gimenes, telefonista de Campos, que contribuiu com simpatia e bastante atividade, para o êxito completo da festa dos veteranos do Estado do Rio.

Trinta anos de bons serviços prestados à Telefônica, têm todos êstes nossos colegas, homenageados em Cabo Frio, onde receberam seus emblemas: Raul J. Mota, Vicente L. Ferreira e Benedito Lopes.



Abaixo, Itávio Gama que acaba de completar trinta e cinco anos de atividade na companhia, recebe seu emblema comemorativo dêsse tempo.



Acima, Isidro Amaral que, como o veterano focalizado logo abaixo, Felix Barbosa, soma trinta e cinco anos de bela atividade em nossa emprêsa. Foram todos muito aplaudidos pela assistência presente.

L. A. Latimer, Superintendente Geral do Pessoal da Telefônica, recebe das mãos do professor Antonio Ferreira Cesarino Júnior, o diploma e medalha conferidos à C. T. B.

XIII Semana de Prevenção de Acidentes do Trabalho

Realizou-se em São Paulo, mais uma Semana de Prevenção de Acidentes do Trabalho, sob os auspícios da Delegacia Regional do Trabalho. O certame teve instalação solene no Conjunto Assistencial "Antônio Devisate", com a participação de numerosas emprêsas da capital bandeirante, entre as quais, a Companhia Telefônica Brasileira, representada no ato por L. A. Latimer, Superintendente Geral do Pessoal da Companhia Telefônica Brasileira.

Na oportunidade, a nossa emprêsa recebeu do Professor *Antônio Ferreira Casarino Júnior* da Universidade de S. Paulo, diploma e medalha de mérito, conferidos pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, pelo que tem realizado e desenvolvido no campo da prevenção de acidentes do trabalho.

Como parte do programa que assinalou o transcorrer da Semana, verificou-se honrosa visita de representantes de diversas emprêsas às nossas instações, fazendo parte da comitiva, D. Elsa Lima Neves, do Gabinete da Secretaria do Trabalho, e dr. Durval dos Santos Clemente, da Delegacia Regional do Trabalho, quando tiveram ensejo de visitar o equipamento interurbano da Estação Cidade, os Distritos do Tráfego Cidade e "IU", bem como o moderno refeitório, onde foi servido um almôço.

O certame que visa a divulgação de normas de prevenção de acidentes do trabalho, bem como a permuta de conhecimentos e experiências entre as emprêsas participantes, a respeito dessa importante matéria, desenvolveu-se com brilhantismo, atingindo plenamente suas finalidades.

ALMÔÇO DA CIPA

Após a Semana, foi realizado um almôço de congraçamento da CIPA-Central de São Paulo, ainda com a presença do dr. Durval dos Santos Clemente, representando a D. R. T., mais supervisores e Auxiliar de Segurança do Departamento do Tráfego São Paulo, além dos seus membros efetivos.

Na ocasião foi ressaltada a importância e o alto significado da outorga à C. T. B. da medalha e diploma. Do almôço participaram, também, representando a Delegacia Regional do Trabalho, os Srs. Dr. Antônio Ferreira Prado, Diretor do Serviço de Higiene e Segurança do Trabalho; Dr. Alfred Maluf, da Seção de Segurança do Trabalho e membros da CIPA.

Durante a Semana de Prevenção de Acidentes do Trabalho, membros de diversas CIPAS visitaram as instalações da Companhia Telefônica Brasileira em São Paulo. Acima, no serviço IU.

Acima, diretores da CIPA da C. T. B., vendo-se Elpídio Corrêa de Matos, seu presidente, com a medalha oferecida à nossa Companhia, tendo à sua esquerda, o Dr. Durval S. Clemente.

Aspecto do almôço, vendo-se entre outras pessoas gradas, o Dr. Antonio Ferreira Prado, diretor do Serviço de Higiene e Segurança do Trabalho da Delegacia Regional do Trabalho.

MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO

DEPARTAMENTO NACIONAL DO TRABALHO

Divisão de Higiene e Segurança do Trabalho

★

Certificado

Em nome do Govêrno da República dos Estados Unidos do Brasil, o Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, pelo Diretor-Geral do Departamento Nacional do Trabalho e na conformidade dos decretos n.os 34.714, de 27 de novembro de 1953 e 38.417, de 26 de dezembro de 1955, resolve conferir a **COMPANHIA TELEFONICA BRASILEIRA** a **MEDALHA DO MÉRITO NA SEGURANÇA DO TRABALHO**, pelos relevantes serviços prestados à causa da Prevenção de Acidentes do Trabalho.

Rio de Janeiro, 21 de NOVEMBRO de 1960

a comissão:

Abelardo B. Fonseca

Milton Ferreira

Murgo Pastor

o diretor da D. H. S. T.

Elvio Santos de Bustamante

o diretor do D. N. T.

Newton da Silva Lima

Sino Azul

Nº 2 — 1961

ANO XXXIV Nº 2 — 1961

CAIXA POSTAL 450
RIO DE JANEIRO

REVISTA DOS
EMPREGADOS
DAS ORGANIZAÇÕES.

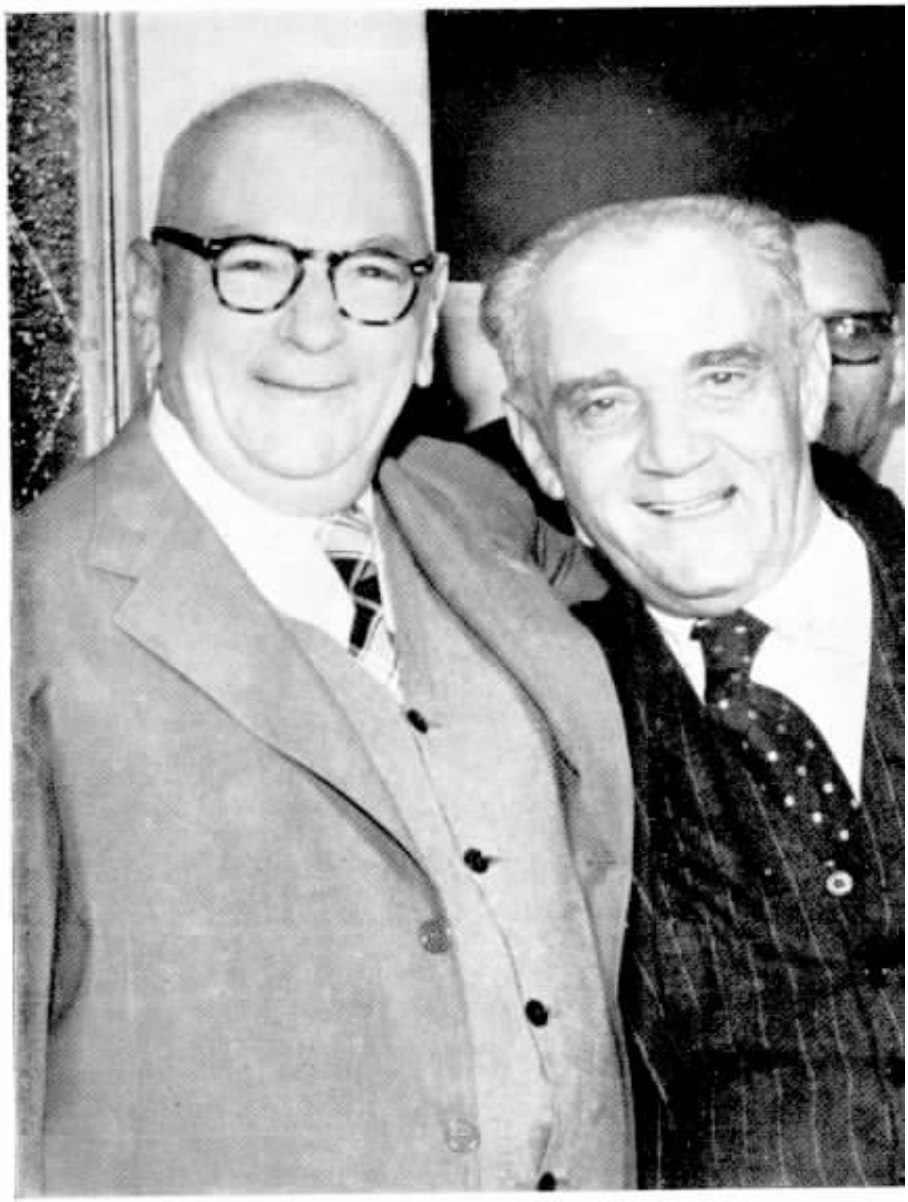
COMPANHIA TELEFÔNICA
BRASILEIRA

COMPANHIA TELEFÔNICA
DE MINAS GERAIS

COMPANHIA TELEFÔNICA
DO ESPÍRITO SANTO

NOSSA CAPA

Wanda Dorothéa Itri que, reunindo dotes de encanto e beleza, foi eleita rainha do Telefônica Clube de São Paulo. É, também, integrante do grupo teatral do clube.



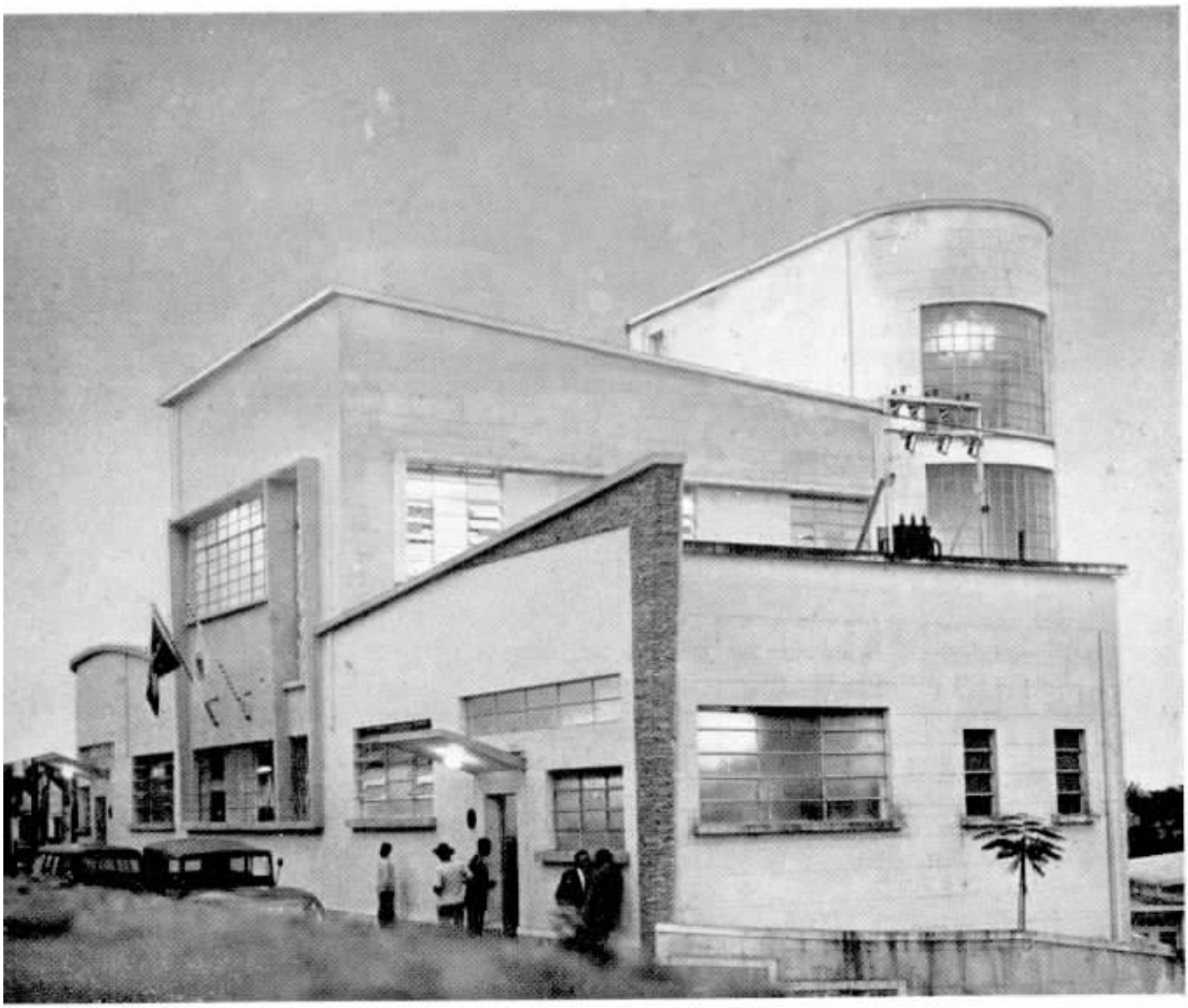
Renault Castanheira e o Gov. Bias Fortes.

BARBACENA

A COMPANHIA Telefônica de Minas Gerais inaugurou, em Barbacena, uma estação automática do tipo "Cross Bar", fabricada pela Ericsson do Brasil, tendo como capacidade instalada, mil linhas automáticas e vinte rurais semi-automáticas.

O prédio da estação inaugurada, sem qualquer acréscimo ou modificação em sua estrutura, tem capacidade para comportar até 4.000 linhas.

Ao ato inaugural da nova estação, compareceram o então Governador Bias Fortes, o Prefeito Municipal, autoridades do município, presidentes das associações de classe, dos clubes de serviço e acionistas da emprêsa.



Prédio da nova estação telefônica. Arquitetura moderna e funcional.

Possui Novo Serviço Telefônico Automático

O serviço telefônico automático de Barbacena, foi executado com a contribuição dos assinantes na base de Cr$ 42.200,00 para os de negócio e de Cr$ 37.200,00 para os de residência, contribuições essas representadas por debêntures conversíveis em ações.

As debêntures já foram em parte e o serão no todo, progressivamente, convertidas, cinquenta por cento em ações ordinárias, com direito a voto, e cinquenta por cento em ações preferenciais, de 9% ao ano, cumulativas.

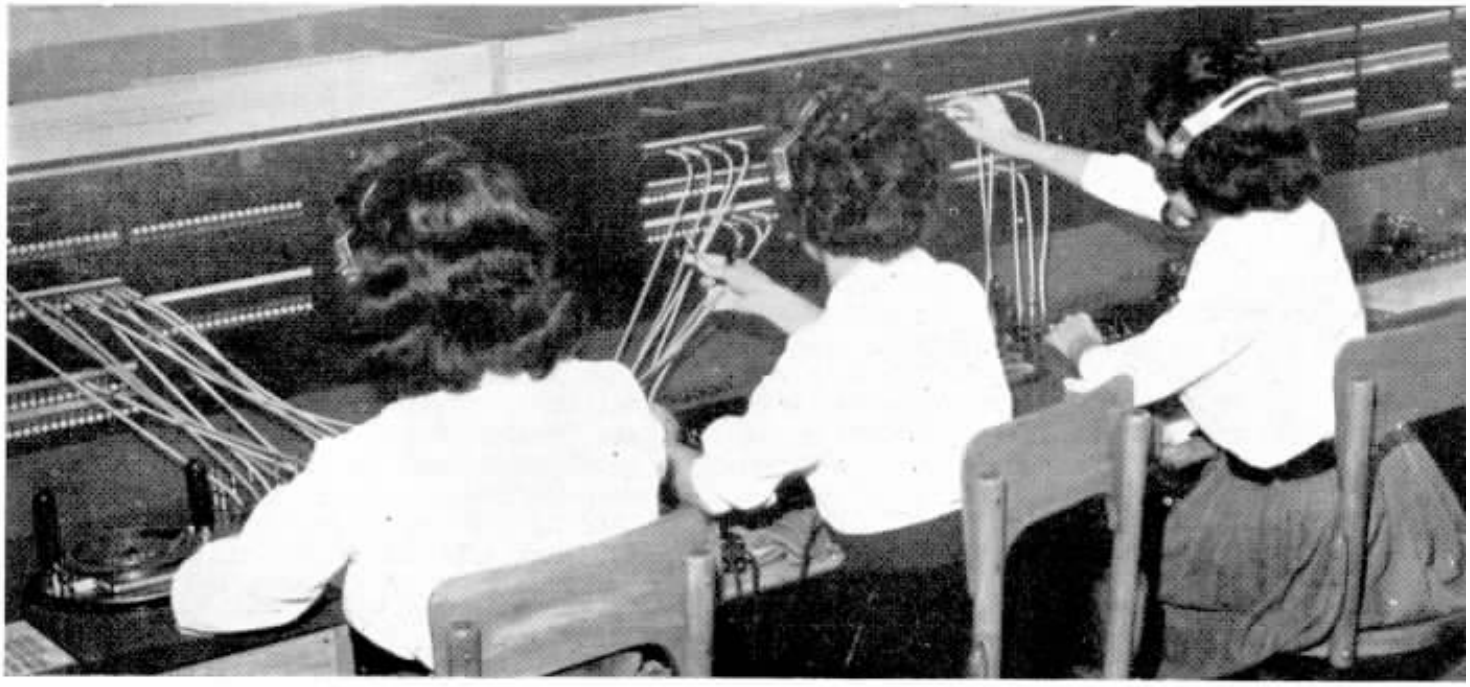
No ato da inauguração, o Sr. Renault Castanheira, Vice-Presidente da C. T. M. G., nascido na cidade de Barbacena, pronunciou importante discurso, ressaltando sua alegria ao ver inaugurado o serviço que era um velho sonho de todos os naturais daquela terra.

A obra resultou num investimento novo da ordem de sessenta milhões de cruzeiros, sem incluir nestas cifras, os investimentos feitos ao tempo em que o telefone ainda era o de magneto e que pôde ser incorporado à nova rêde, tal como aquêle representado por dutos, postes, cabos e outros materiais.

O Sr. Renault Castanheira frisou em seu discurso, muito apropriadamente, o fato de que, adotando essa modalidade de financiamento, o assinante de Barbacena tornou-se, também, um acionista da C. T. M. G.; um condômino do

O governador Bias Fortes recebe, pelo novo serviço automático, a primeira chamada do Prefeito Savassi.

O Sr. Lima Neto, Diretor Superintendente Geral da Companhia Telefônica de Minas Gerais, ergue um brinde ao Governador Bias Fortes.



Calistrato B. Muros, Engenheiro-Chefe da C. T. M. G. e o Prefeito Amilcar Henrique Savassi, quando êste procedia à primeira chamada pelo novo serviço.

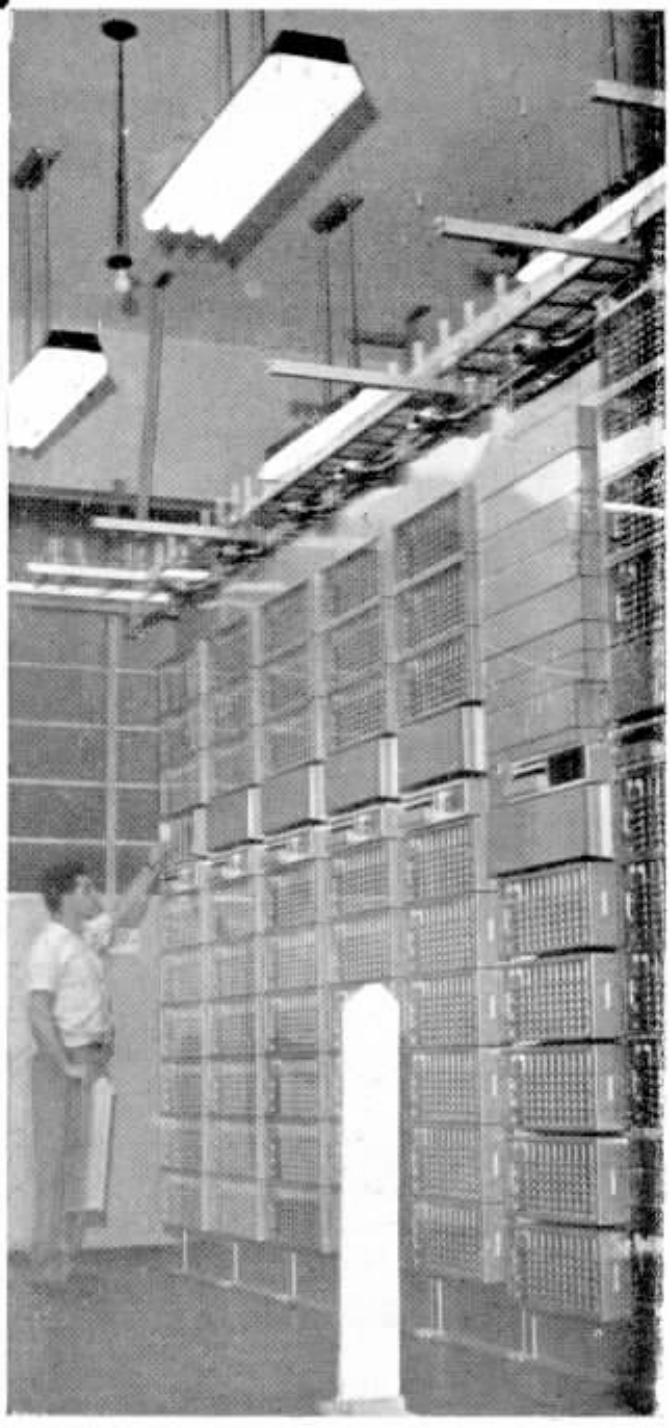
negócio; um diretor em potencial da emprêsa; um interessado direto no futuro e na grandeza dessa Companhia, dirigida por maioria de mineiros e com mais de 60% de seu capital em mãos de homens e mulheres de Minas Gerais.

— "O povo de Barbacena — disse o orador — retém, hoje, em suas mão, um valor igual a cêrca de 9% do capital social da C. T. M. G. e é um industrial, homem de bem e um velho amigo desta terra, Sr. Pedro Bianchetti, o maior acionista individual da emprêsa".

"Entregando ao povo de Barbacena êste primoroso equipamento automático — um dos de tipo mais avançado na técnica telefônica — a C. T. M. G. rende a mais merecida de tôdas as homenagens àqueles que aceitaram, com paciência e bom humor, a demora na execução da obra, atrasada que foi em função das dificuldades de importação do equipamento." Disse, ainda, o orador: "louvo o povo que tão compreensivamente se prontificou, nos têrmos do contrato de concessão, a suplementar os investimentos feitos, suplementação essa que se tornou indispensável, em virtude da tremenda majoração dos preços da obra".

Após mais algumas considerações o Sr. Renault Castanheira convidou o Prefeito de Barbacena a fazer a primeira ligação automática, ficando, assim, oficialmente inaugurado o serviço.

Embaixo, vista parcial do novo equipamento instalado pela Ericsson do Brasil, um dos mais modernos do mundo.



A esquerda, posições da nova mesa interurbana da estação de Barbacena, de grande importância no serviço IU.

Francisco de Oliveira, do Equipamento de Estações e Mesas de Ligações de S. Paulo, aposentou-se compulsòriamente, mas seus colegas prestaram-lhe bonita homenagem, oferecendo-lhe, na ocasião, um presente.

Por aposentadoria especial, com 35 anos de bons serviços à C. T. B., deixou-nos Edwin Benson, valioso elemento da Contabilidade, na Divisão de São Paulo. Na foto, um flagrante da homenagem que recebeu.

OUTROS QUE SE APOSENTAM

NOVAS aposentadorias a registrar. E' sempre uma página triste para nós mas, paradoxalmente, alegre, à tristeza do registro de que nos deixam antigos e magníficos colegas que aprendemos a estimar em anos de longa convivência, acrescentamos a satisfação de verificar que se retiram rodeados de estima e admiração pelos bons exemplos legados e, agora, vão gozar do justo descanso a longas carreiras onde, quotidianamente, deram os melhores esforços para produzir sempre e cada vez mais, numa alta compreensão de dever e da importância do seu trabalho para a coletividade.

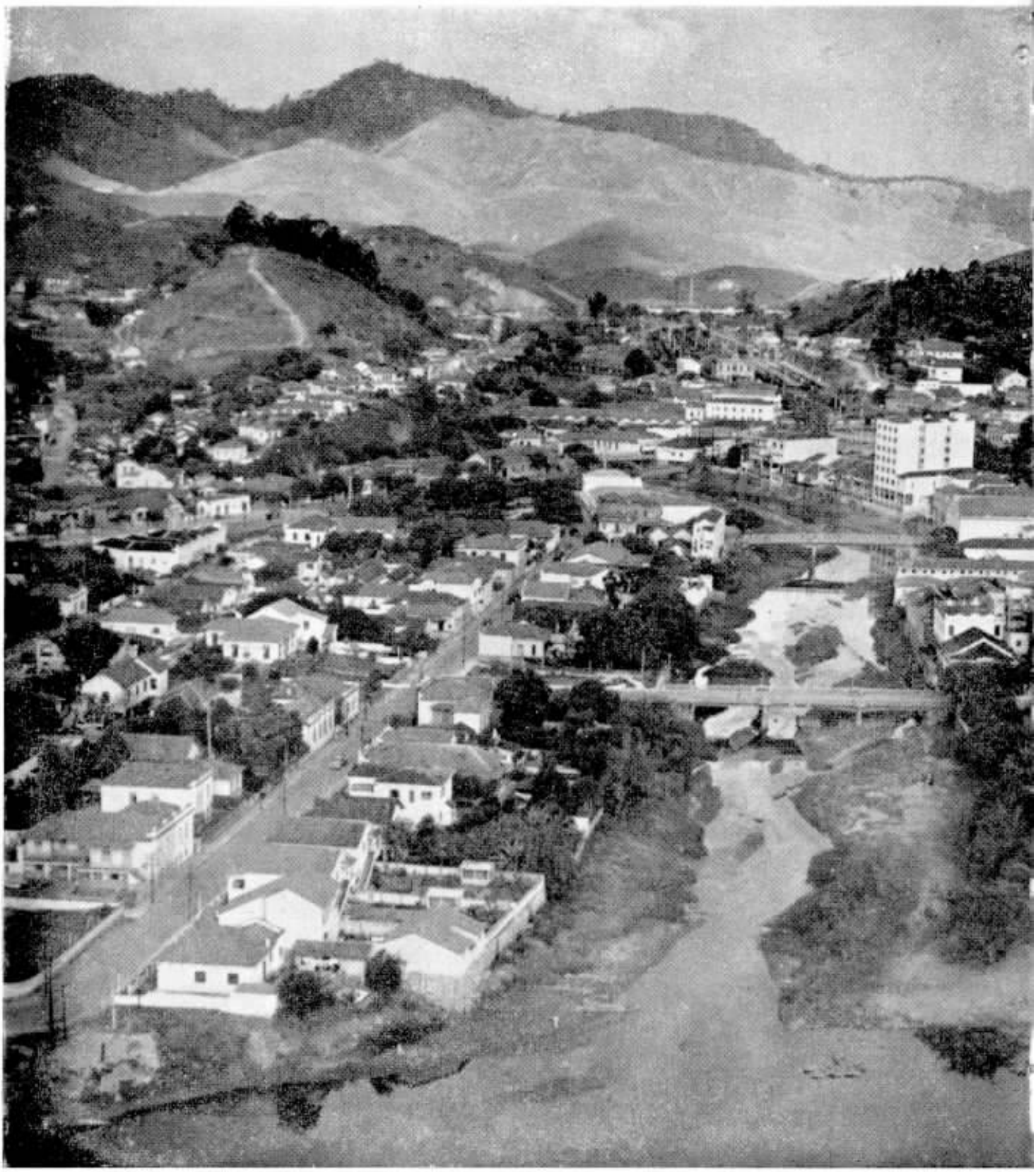
Teresa Gallão ocupou nesta ocasião, pela última vez, a cadeira de telefonista em Santa Rosa de Viterbo, S. Paulo. Durante mais de 40 anos, foi a voz amiga ali. José P. Gouveia, Diretor Supte. Comercial e Maria Gallão, a nova chefe do Centro, são vistas nessa ocasião marcante.

Izilda Figueiredo Casali também recebeu comovente homenagem ao ensejo de sua aposentadoria especial, após mais de 30 anos de excelentes serviços prestados à Companhia, a maior parte dos quais no Tráfego. Há dez anos transferiu-se para a Contabilidade, atuando na Renda Local, Divisão de São Paulo. Seus colegas, reunidos, demonstraram-lhe tão merecido aprêço.

Antonia de Souza Ribeiro, funcionária do Serviço Interurbano no Estado da Guanabara, aposentou-se, retirando-se do serviço em que tanto se destacou, após trabalhar mais de trinta e cinco anos, numa atividade onde só recebeu elogios. Seus colegas de tantas jornadas, não deixaram passar a ocasião, sem lhe prestarem uma homenagem que mostrasse quantas amizades ali deixou. E houve de tudo: flôres, abraços e palavras repassadas de ternura que a colega mereceu.

BARRA DO PIRAÍ — a preferida dos

Vista aérea da cidade de Barra do Piraí, o próspero município fluminense de grande valor econômico.



Tamoios

Tem 1.403 telefones.

Nossa colega Helenice B. Pereira, telefonista de Barra, nos seus lazeres, gosta de passear a cavalo.

Na Prefeitura de Barra, o secretário do Prefeito, Sr. Antonio de Carvalho, respondendo pela Municipalidade e Phorphirio Rocha, Chefe de Zona da C. T. B. Abaixo, nossa colega Aparecida F. Baylão, Telefonista-Chefe, e sua filhinha, Maria das Graças, na praça Nilo Peçanha, de Barra.

NOTAVEL pelo seu temperado clima, Barra do Pirai representa um importante centro econômico tanto para o Estado do Rio de Janeiro a que pertence, como para o da Guanabara, uma vez que a ela vêm ter, desde os remotos tempos da colonização, os produtos exportados pelo Norte de São Paulo e o Sul de Minas. A sua colonização, segundo Amaral Barcelos *in* "Fragmentos Históricos do Município de Barra do Pirai", teve início em terras das sesmarias doadas a 26 de janeiro de 1761, a Antônio Pinto de Miranda, com uma légua em quadra, à margem direita do rio Piraí, e a Francisco Pernes Lisboa, em 26 de fevereiro de 1765, também com uma légua em quadra, situada à margem esquerda dêsse rio Piraí e direita do Paraíba do Sul.

Quem teria porém devassado êsse território pela primeira vez? Eis um ponto em que as nebulosas da história surgem com o seu envolvimento perturbador. As tradições dão aos Tamóios, os aguerridos índios senhores do chão de que tanto fala a História de nossos primeiros dias de Terra revelada ao Mundo, a primazia nessa latitude. Os bravos gentios de que falou José de Alencar em seu "O Guarani", também haviam descoberto o encantamento da paisagem e a salubridade de um clima

Cidade Cujas Terras São Ricas em Minerais

que via de regra anda pelos 24 graus, sêco e ameno. Tem-se todavia, uma vaga notícia sôbre Pero Gois da Silveira, o qual, por volta de 1540, teria passado por essa região.

Seja qual fôr a origem primeira, o certo é que só em 1853 se teve a primeira notícia concreta da existência do povoado onde, segundo informa Ovídio Melo, "o comendador Gonçalves Morais fizera construir uma ponte de madeira sôbre o rio Piraí e, próximo dela, o primeiro prédio, onde foi instalado o Hotel Piraí, de propriedade de Francisco Ilheu que, mais tarde, o transferiu a José Pereira Nogueira.

Pouco depois, foram feitas outras construções pelo dito comendador Antonio Gonçalves e por seu filho José Gonçalves, ao mesmo tempo que, na margem oposta do Paraíba, os comendadores João Pereira da da Silva e José Pereira de Faro, mais tarde Barão do Rio Bonito, erguiam o pequeno povoado de Santana, então pertencente ao território de Valença.

A estação da Estrada de Ferro Central (então D. Pedro II), foi inaugurada em 7 de agôsto de 1864, quando ali entrou a primeira locomotiva conduzindo um trem de passageiros.

Logo após, iniciaram-se

A esquerda, ao alto, colegas do Tráfego deliciam-se à beira do reservatório da Light, na sede do Grêmio Recreativo Santana. Ao centro, as telefonistas Marlene Cardoso e Dalcy Araujo, em visita à Cia. Fiação e Tecelagem Sul Fluminense ouvem seu proprietário, Sr. Salvio Saldanha. Embaixo, na Química Industrial Barra do Piraí, as colegas Aparecida G. Carrera e Vera Lúcia B. Almeida, atentas às explicações dadas pelo químico Newton Machado.

Na bela praça Nilo Peçanha, Gloria J. Fernandes e Dalva Duarte, telefonistas, passeiam.

Mais duas colegas do Tráfego de Barra, aproveitando e bem, um dia de folga: Eny C. Lima e Ercilia C. Leite. Uma lambreta, que achado!

Nilza M. Xavier, tem um excelente «hobby»: coleciona caixas de fósforos, lápis e miniaturas.

O colega do Departamento Comercial, Roberto E. P. Barbosa, atendendo a um assinante.

Nilo M. Bittencourt, Encarregado de Suprimentos, olha a contextura do fio em mãos de Vicente B. Souza, Ajudante de Despachante.

os trabalhos da Linha do Centro, que conduz ao Norte de Minas, e, mais tarde, os do ramal de São Paulo.

Dentro em pouco, tornou-se Barra uma das praças comerciais importantes do interior.

Tôda a exportação do Norte de São Paulo e Sul de Minas tinha ali seu ponto de embarque, vindo aquela por barcos, de Resende a Barra, e esta por carroças e tropas.

Entretanto, apesar de sua importância comercial, Barra não era, a êsse tempo, sequer, um distrito de paz, civilmente falando, nem um curato, na categoria religiosa."

Só em 1868, o próspero povoado viu criar-se um distrito de subdelegacia de policia que, dois anos depois, foi aumentado no território que abrangia. Os primeiros colonizadores brasileiros brancos, que se instalaram na localidade, foram os Faro e Pereira da Silva, vindos de Valença e os Morais e Breves, de Piraí. Com muitos escravos, essas famílias favoreceram o progresso da região, à sua lavoura, sua indústria e comércio, num desenvolvimento tão importante que a 19 de fevereiro de 1890, a sede da freguesia era elevada a cidade e criado o Município de Barra do Piraí. Compreendendo vários distritos, Barra do Piraí é de grande importância no mapa econômico da região, ficando vizinha dos grandes empreendimentos da Light, no campo do fornecimento da energia.

Seu território fica localizado na bacia do rio Paraíba do Sul, o qual atravessa a cidade de Barra do Piraí, contornando grandes ilhas de seu leito. Além dêsse curso na direção leste-oeste possui outros, como sejam o rio Piraí que, desaguando no Paraíba, dentro da cidade, alcança a largura de 150 metros na barra, formando assim o acidente que veio dar nome ao Município, e mais, o Turvo, o ribeirão de Sacra Família do Tinguá ou Santana, o das Minhocas e outros.

Território rico em substancias minerais, tem uma população de 29 mil habitantes, com 1.403 telefones instalados dentro do sistema de bateria central com toque automático.

A C. T. B. mantém em Barra do Piraí, Zona B-22, quarenta e quatro funcionários na Rêde, sessenta e seis no Tráfego, dois em Suprimentos e mais dois no Comercial.

A direita, quatro irmãs, tôdas telefonistas em Barra: Auta Maria, Teresinha, Maria Isabel e Cecília. Uma família a serviço de um grande município do Est. do Rio de Janeiro.

Outro bom passatempo, a música. As colegas telefonistas Maria Alice Ortolon, ao violão e Darcy R. Pinto, ao acordeon. Ao lado, na usina e barragem da Light, Santa Cecília, Edméa P. Silva, Glória Pereira e Riete Cavalcante.

Êstes são colegas e são noivos também. Ela, Leda M. Franco, é funcionária do Tráfego e êle, Marcílio Ribeiro, pertence ao Departamento da Rêde. Ei-los à porta de uma casa comercial. Motivo: enxoval. O casamento é para muito breve.

A Praça Nilo Peçanha é o ponto central de tôdas as atividades em Barra do Piraí e, principalmente, ponto de reunião das beldades locais. Nossas colegas Carmen Oliveira e Marlene Nogueira, telefonistas, aí junto à estátua do Barão do Rio Bonito, não quiseram fugir à regra e para lá foram numa tarde de folga.

O que dizem de NÓS

CONTANDO com uma tradição de bem servir, funcionários de tôdas as categorias de nossa Companhia, são, constantemente, alvo do reconhecimento do público. Nesta seção, também tradicional, de nossa revista, vão alguns depoimentos de como repercutem, por tôda a parte, as atividades elogiáveis de nossos colegas e serviços.

TELEFONE, AMIGO FIEL

O jornal "Tribuna Rural", editado em Campo Grande, Estado da Guanabara, inseriu em um de seus últimos números, interessantíssimo artigo de enaltecimento aos serviços telefônicos.

Em determinado trecho, diz: "O (telefone) melhor auxiliar e o mais barato de todos. Sim, porque qualquer dos nossos bons funcionários só trabalha das 8 às 5, menos domingos e feriados. O telefone está dia e noite a nosso serviço e nos custa, em um mês, menos do que qualquer dêles em uma semana. Se fica doente é por minutos apenas. Não perde hora de chegar ao serviço porque não depende de condução." "E' um funcionário amigo. Por isso temos ciume de nosso telefone. Não gostamos de vê-lo usado a não ser rápido e em caso de necessidade e não consentimos que molestem nossas amigas, as telefonistas, que dão alma e vida ao nosso telefone."

A PROPÓSITO

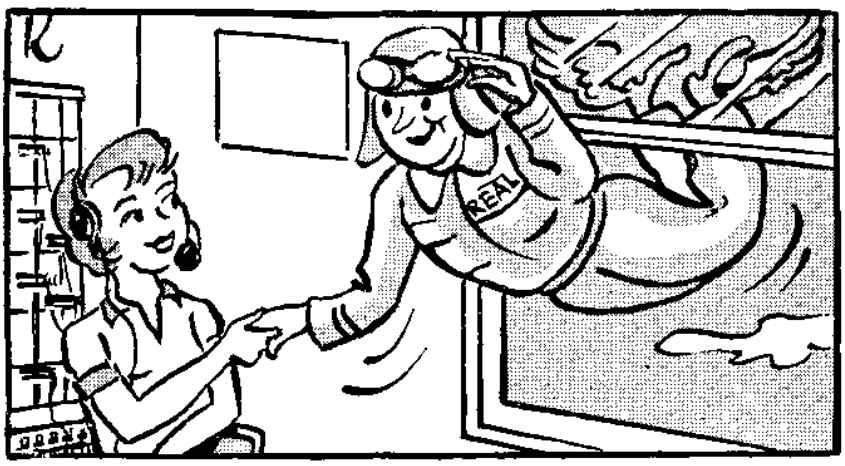
Assinado pelo Dr. Eduardo Lane, diretor clínico do Hospital Evangélico Cel. Joaquim Ribeiro, da Associação Evangélica Beneficente de Rio Claro, São Paulo, a nossa Companhia recebeu simpático ofício, ao ensejo do início da nova fase dos serviços telefônicos naquela cidade interiorana. O objetivo principal do ofício é "trazer os agradecimentos meus e do Hospital Joaquim Ribeiro, pelos serviços prestados por um grupo de dedicadas telefonistas. Em várias ocasiões tivemos prova desta dedicação quando, passando a linha do dever, andaram elas conosco a "segunda milha", a milha do desprendimento, do interêsse pessoal, do altruismo; a milha que salvou vidas e que acudiu necessidades".

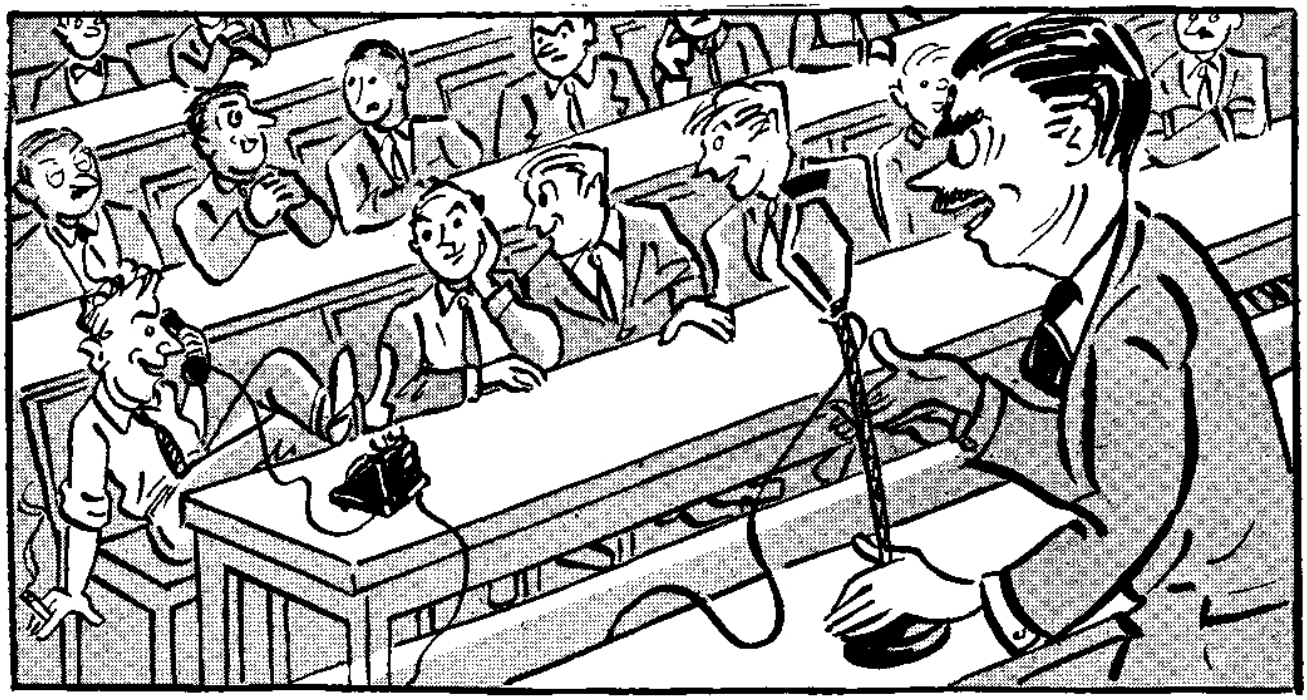
BOA VONTADE, E' TUDO

Da cidade de São Roque, o Sr. José Carvalho de Brito, enviou comovido agradecimento pelo esfôrço demonstrado pelas telefonistas locais que, durante uma noite e pela madrugada adentro, possibilitaram-lhe estabelecer comunicações com diversos pontos do Estado de São Paulo, para comunicar o desenlace de pessoa de sua família, numa tentativa de reunião dos parentes.

REAL AGRADECE

Do Chefe da Divisão de Reservas da companhia de transportes aéreos "Real", em São Paulo, foi recebido ofício, para agradecer muito especialmente às nossas colegas telefonistas Dima Augusta Biancardi e Leonides Guerrero Ruiz, a "demonstração de capacidade, dedicação e educação profissional", dada quando "conseguiram localisar pessoas que não constavam das listas, bem como outras, em interurbanos, colaborando profícuamente, para que pudessemos avisar totalmente uma série de passageiros, de que, suas viagens, para o dia imediato, estavam retardadas, o que seria impossível, não fora, frisamos, o senso compreensivo e desprendimen-





to de ambas", as telefonistas.

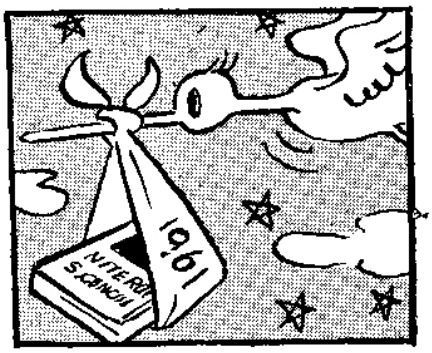
CONGRESSO

Ao ensejo do encerramento do I Congresso Nacional de Conservação do Solo, realizado em Campinas, São Paulo, o seu Diretor Executivo, Sr. João Abramides Neto, dirigiu agradecimento à C. T. B. pela "valiosa colaboração", "notadamente na parte que tange aos chamados interurbanos e que realizamos às dezenas, em cada dia que já passou, antes do término dêste conclave.

Queremos aqui destacar, o trabalho atuante das telefonistas responsáveis por tais ligações que, com cordialidade e presteza, auxiliaram os nossos trabalhos, motivo porque consignamos a tôdas o nosso agradecimento, pela colaboração pessoal prestada ao nosso Congresso, que reuniu centenas de técnicos oriundos de todo o Brasil".

FACILIDADES À IMPRENSA

A reportagem de "A Tribuna", que se edita em Taubaté, registrou a grande colaboração dada pelas telefonistas Iria Paes Lapído, chefe, a encarregada e as do serviço interurbano, facilitando o trabalho da imprensa nas comunicações com a cidade de São Bento do Sapucaí, atingida por fortes chuvas, e São Paulo, dando conta do informativo fornecido pelo órgão local aos jornais da Capital paulista.



NOVO GUIA

O assinante niteroiense, Sr. Waldevino A. Moreira, satisfeitíssimo com as inovações telefônicas para 61, enviou entusiástica missiva à Companhia ressaltando:

"Estão pois, de parabéns, os assinantes de Niterói e São Gonçalo, especialmente os de Niterói, e congratulo-me com essa Companhia pelos excelentes melhoramentos introduzidos no novo guia dos telefones."

TELEFONISTAS DE CARATINGA

Do assinante da cidade mineira de Caratinga, Sr. Rodrigo Moreira Júnior, a telefonista-chefe local da C. T. M. G., recebeu carta entusiástica e altamente gentil, a ressaltar a esplêndida colaboração recebida num momento de aflição.

HOSPITAL GRATO

A Sra. Marília de Gonzaga, secretária da Campanha Pró-Inaugração do novo hospital da Santa Casa de Poços de Caldas, Minas Gerais, em nome da diretoria dêsse movimento, en-

viou ofício à C. T. M. G. agradecendo a cooperação que esta vem dando a êsse trabalho, facilitando-lhe as comunicações telefônicas, notadamente do interurbano.

Rei Momo I e Único no Baile do TAC, no Rio

O CARNAVAL, festa mundialmente celebrada, destacadamente em nossa terra, é sempre aguardada com grande interêsse pelos nossos colegas que acorrem aos clubes de nossa Emprêsa, para as justas comemorações dos folguedos de Momo. Envergando fantasias, às vêzes originais e custosas, dão expansão à larga, de contagiante alegria de que são atingidos nessa época. Não há limite de idade nessa festa, onde todos irmanados, velhos e moços, dançam, cantam e

A alegria toma conta de todos nos bailes de carnaval. Música, confete e serpentina complementam a animação.

Foliões de tôdas as idades se divertiram a valer, em S. Paulo, ao som gostoso das músicas carnavalescas que eram executadas pela orquestra. Organizando cordões e dançando, assim êles se divertiram.

Bem Animadas as Festas Momescas em São Paulo

Insatisfeito por ter pulado pouco, o foliãozinho parece convidar a garotinha para dar outra volta pelo salão.

Nos bailes infantis, em São Paulo, as baianas estão sempre presentes. Toque de graça.

Não há quem resista aos folguedos do carnaval. Todos são atingidos e irmanados pelo reinado da folia, cantam, pulam e dão mostras das suas aptidões coreográficas, fazendo inveja aos renomados bailarinos.

Duas lindas fantasias apresentadas no baile do TAC, no Rio. Interessantes e já bons foliões.

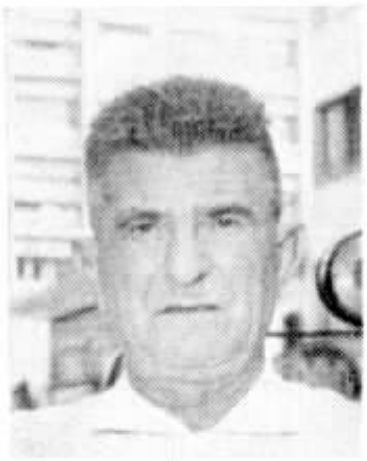
No salão bem decorado do Telefônica Clube paulista, os adeptos de Momo deram mostras da sua grande animação. Embaixo, carioquinhas que se divertiram no baile do TAC.

Sua Majestade, Momo I e Único, compareceu ao baile infantil do Telefônica Clube, do Rio, recebendo homenagens. Embaixo, no TC de São Paulo: bonitas fantasias.

E a Alegria foi Geral. Cantaram e Sambaram muito os Nossos Colegas

pulam animadamente, numa demonstração viva de que cumprem à risca os preceitos carnavalescos, dentro da disciplina e do respeito. O baile promovido pelo Telefônica Atlético Clube, no Estado da Guanabara, teve, a abrilhantá-lo, o comparecimento de Sua Majestade, Momo I e Único, que foi calorosamente ovacionado pelos seus inúmeros súditos que, frenèticamente, cantaram músicas do seu reinado. Os bailes destinados à petizada são, também, dignos de registro, pois a garotada, imitando aos "marmanjos", pula, samba e canta de fazer inveja aos mais animados foliões, exibindo suas fantasias feitas caprichosamente, as quais concorrem aos prêmios que são conferidos às mais originais.

Entusiásticas Homenagens Prestadas



1

2

3

4

5

6

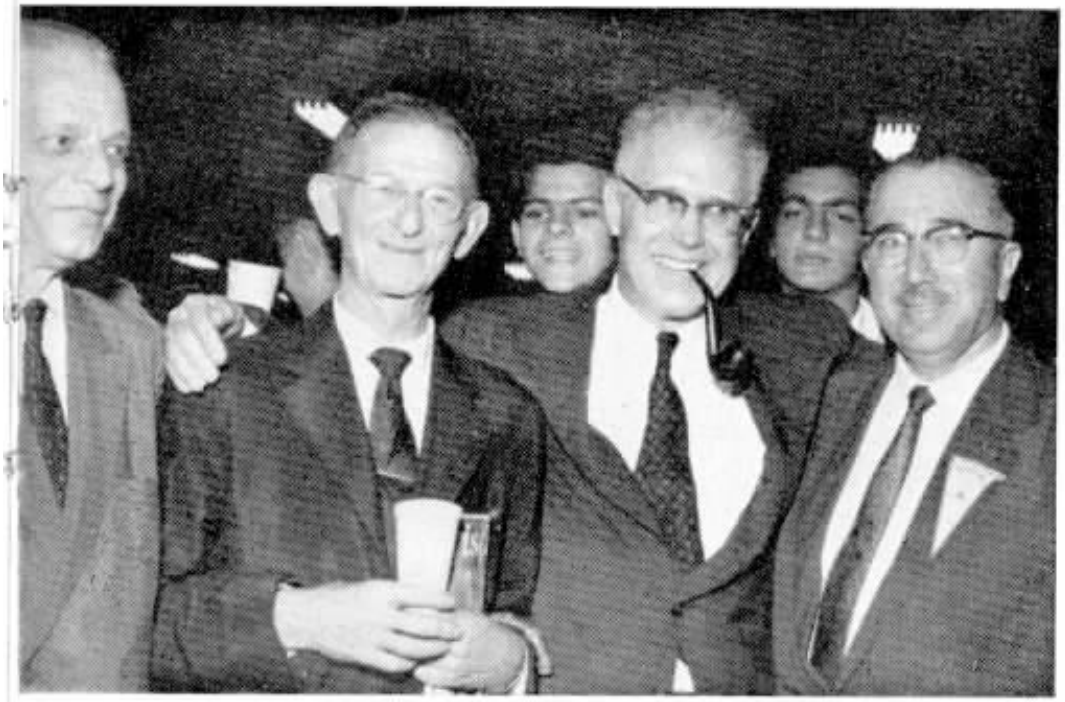
7

8

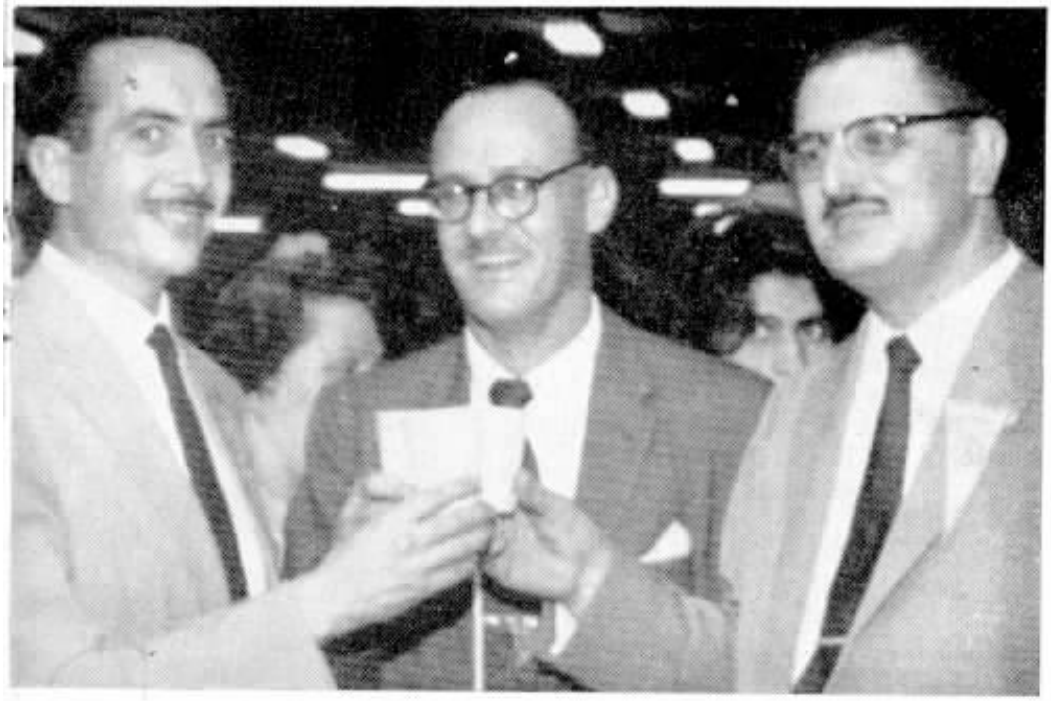
9

Eis alguns dos mais destacados veteranos de São Paulo, homenageados pelos seus longos anos de serviço: 1. Nelusco Telline, 45 anos, Encarregado geral de construções na Rêde. 2. Lino Busana, 45 anos, Comprador no Departamento de Suprimentos. 3. Francisco Antonio de Castro, 35 anos, Encarregado da Seção de Construção da Rêde. 4. Francisca Lobato, 35 anos, Tráfego. 5. Vicente Felice, 35 anos, Encarregado da Seção de Expediente e Contrôle da Contabilidade. 6. Julieta Fantini Pires Armada, 35 anos, Encarregada da Seção de Acomodação das Telefonistas. 7. Eurydice de Almeida Pedroso, 35 anos, Telefonista Instrutora. 8. Domingos Romano, 35 anos, Encarregado de Seção na Rêde Interurbana. 9. Ney Rodrigues, 35 anos, Assistente de Relações Públicas.

aos Veteranos da Capital de São Paulo



José Portugal Gouveia recebeu especial homenagem, pelos seus 40 anos de serviços à C. T. B. Na foto, aparece à direita, após receber cumprimentos dos Srs. T. D. Christian, P. Salatini e Carlos Reis Fº.



L. A. Latimer, ao centro, saúda os veteranos Armando Del Papa, Superintendente do Pessoal de Divisão, à sua esquerda, e Waldemar Stanicia, Chefe da Seção de Seleção do mesmo departamento.

REALIZARAM-SE em São Paulo, as festividades de entrega de emblemas a cêrca de cem empregados veteranos que atingiram, naquela Divisão, a diversos estágios de sua vida funcional.

À solenidade compareceram o Sr. T. D. Christian, Carlos Reis Filho, B. J. P. Tancred, A. Brooking, L. A. Latimer, M. de Oliveira e Superintendentes de Divisão de São Paulo, estando ainda presentes os Srs. Domingos Laurito, representando o Sr. Antonio Devisate, Delegado Regional do SESI; Frederico Abranches Viotti, representando a S. Paulo Light; Cely Roberti, do IAPFESP; Antonio Maria Vilela, do Departamento do Pessoal da São Paulo Light e outros convidados especiais, colegas e seus familiares.

Antes da solenidade de entrega de emblemas, os veteranos foram saudados por Carlos Reis Filho, ressaltando o orador, o festivo significado da solenidade na sua tradicional ocorrência de todos os anos.

A chamada dos veteranos foi procedida por Armando Del Papa, Superintendente do Pessoal de Divisão, sendo os emblemas entregues pelos respectivos superintendentes de departamentos, sob constantes aplausos dos presentes que envolviam no seu carinho, a quantos durante anos e anos, se dedicaram a um labor profícuo e exemplar.

PANHIA TELEP
BRASILEIRA

INAUGURADA A ESTAÇÃO "92" DE SÃO PAULO

FOI inaugurada na capital paulistana, mais uma estação telefônica automática, a de prefixo "92", e que está situada à Rua Costa Valente, onde já funcionava a de prefixo "93".

A solenidade inaugural contou com a presença do Sr. Manuel Figueiredo Ferraz, prefeito em exercício da capital do Estado, que se fêz acompanhar de sua exma. espôsa, e dos Srs. José Miraglia, Secretário de Cultura do govêrno municipal; e vereadores Lammana Júnior, Anna Lamberga Zeglio, Mantelli Neto, Gouveia Franco, Shiro Kyono e Helio Mendonça, e Plinio Colás e capitão Pimentel, do gabinete do Prefeito Municipal, além de diretores da Sociedade Amigos de Tatuapé, representantes da "ATE", e Carlos Reis Filho, Geraldo Blum e vários chefes de serviço da C. T. B.

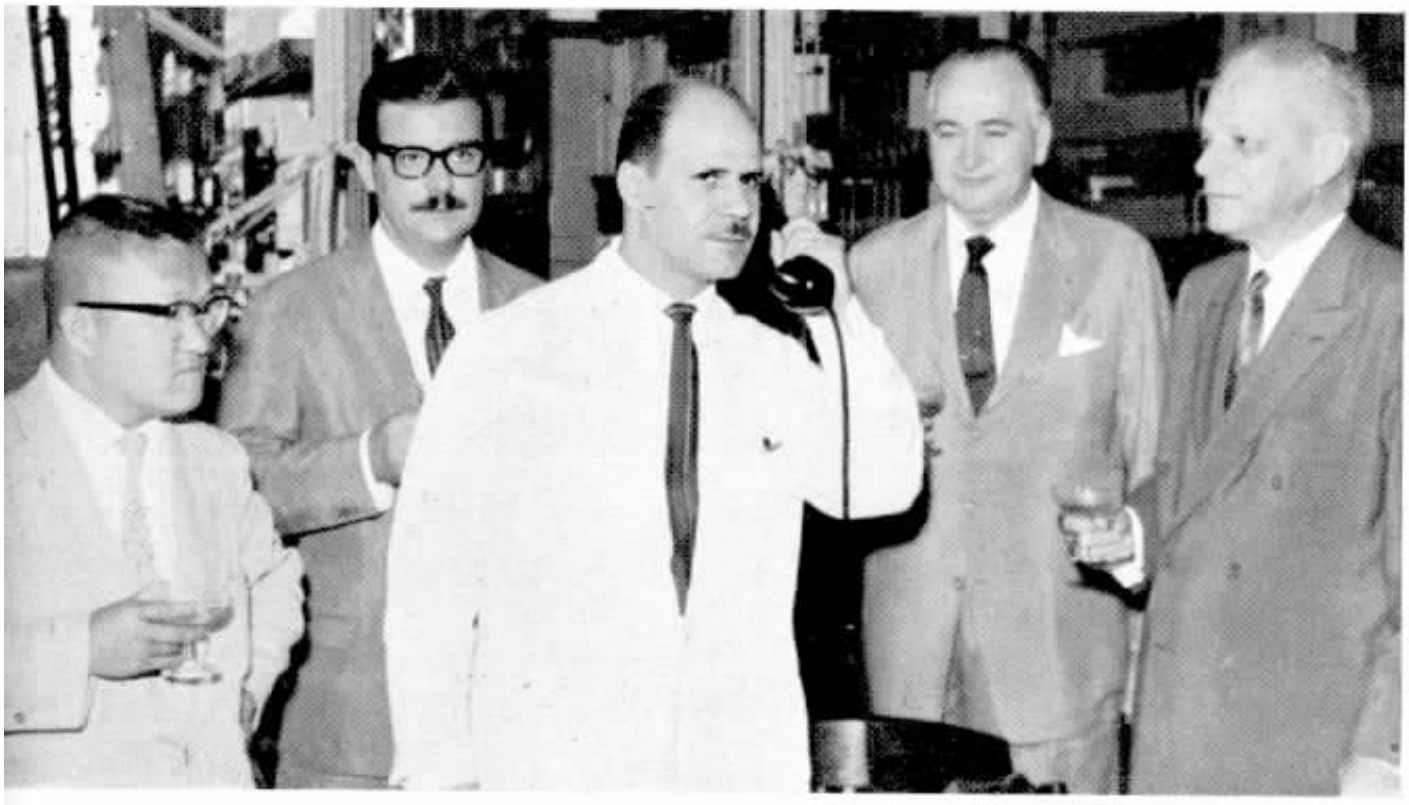
A nova estação que entrou em serviço com quatro mil linhas, tem capacidade para dez mil assinantes e servirá aos bairros do Brás, Belém e Tatuapé.

Entregando a nova estação aos paulistanos, falou Carlos Reis Filho, Superintendente Geral Adjunto que disse do esfôrço que vem sendo dispendido pela nossa Companhia para vencer as grandes dificuldades que cercam o atendimento à enorme demanda de telefones na capital paulista.

O Prefeito de São Paulo descerrou a fita simbólica a seguir, cabendo a sua espôsa, a realização da primeira chamada.

A senhora Figueiredo Ferraz, realizou a primeira ligação.

Os vereadores Shiro Kyono e Januario Mantelli, Carlos Reis Filho e Geraldo Blum, da C. T. B. ladeando o prefeito Manuel Figueiredo Ferraz, quando êste fazia uma ligação telefônica através da nova estação. Ao lado, o prédio onde funcionam as estações telefônicas automáticas «92» e «93».



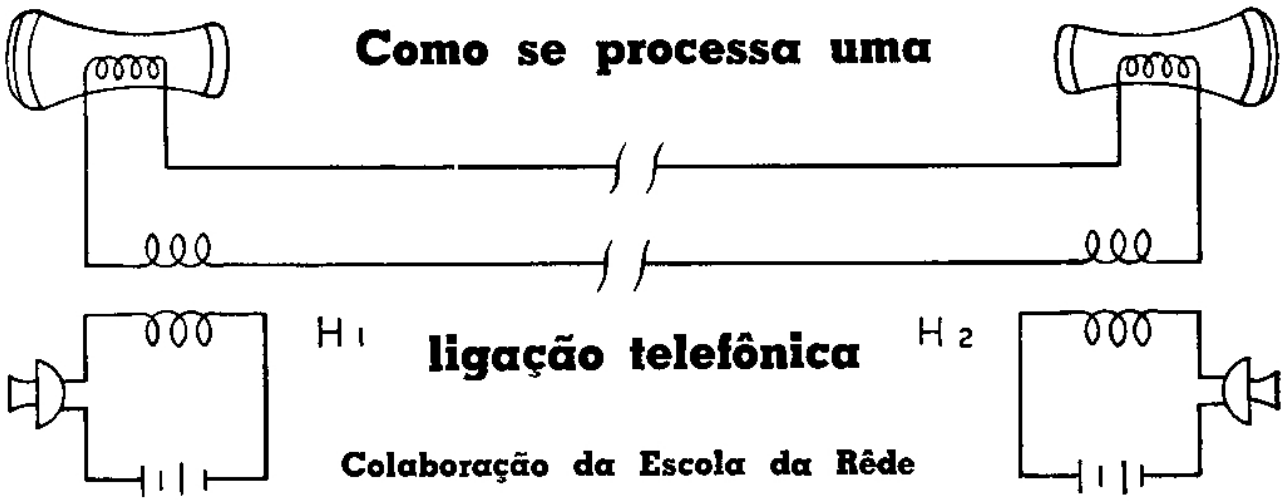
FATOS E FOTOS

O Prefeito de São Paulo, Dr. Adhemar de Barros, homenageou a nossa Companhia, através de amável convite para um almôço a que compareceram, além de Sua Excelência, os Srs. Italo Zaccaro, Chefe de seu Gabinete, Dr. Plínio Colás e Dr. A. Bossi. Da C. T. B. presentes ao ágape: os Srs. Carlos Reis Filho, Geraldo Blum, Waldemar F. Leal, D. Castro e Alfredo Coutinho.

Estudantes dos Cursos de Eletrotécnica das Escolas de Engenharia Mackenzie, Politécnica e Bandeirantes, de S. Paulo, Belo Horizonte e Itajubá, visitaram as estações interurbanas da capital paulistana. Acompanhados do professor Eng. Joaquim Fontoura, visitaram também Tucuruvi, almoçaram e ouviram palestra especial sôbre micro-ondas, pronunciada pelo Dr. Aristides Wiltgen.

Alunos do curso de Relações Públicas do IDORT, entre os quais se incluem funcionários do Lar Escola São Francisco, Banco Hipotecário Lar Brasileiro, Departamento de Cooperativismo e VASP, acompanhados do professor Amaury Moraes de Faria, estiveram em visita às instalações da C. T. B. em São Paulo e a percorreram em companhia de Ney Rodrigues e Paulo A. Motta.

Por solicitação do General Comandante da Academia Militar das Agulhas Negras, foi feita uma demonstração dos nossos serviços, na estação telefônica de Resende, Estado do Rio, como estágio de instrução de uma turma de cadetes do Exército, pertencentes ao segundo ano, no Serviço de Comunicações. A turma de cadetes composta de 17 alunos, foi comandada por três oficiais.



Como se processa uma ligação telefônica

Colaboração da Escola da Rêde

NA série de colaborações especiais da Escola da Rêde para "SINO AZUL", colaborações através das quais temos aprendido, de maneira leve e bem compreensivel, os segredos de uma ligação telefônica, apresentamos, agora, mais um dêsses trabalhos, tão úteis a todos nós.

●

Embora o principio no qual se baseou o telefone original de Bell, não tenha sofrido modificações, com relação ao receptor, notou-se nas primeiras fases do desenvolvimento do telefone que a transmissão da voz, utilizando-se o circuito mostrado nas figs. 5 e 6, publicado anteriormente, não conseguia vencer grandes distâncias.

A energia poderia, evidentemente, ser ligeiramente aumentada, usando-se ímãs mais fortes ou levantando-se mais a voz ou, finalmente, utilizando-se melhores diafragmas, porém, mesmo com êsses limitados recursos, a transmissão da voz só era possível em distâncias relativamente curtas.

Um ano após o advento do telefone, essa dificuldade foi removida, introduzindo-se uma bobina de indução no seu circuito. Por êste meio, foi possível estabelecer uma corrente elétrica de maior valor na linha telefônica, atingindo, assim, grandes distâncias.

A figura que encima esta página, mostra, esquemàticamente, dois telefones ligados às extremidades de uma linha telefônica, pondo em destaque os transmissores, os receptores, as baterias e as bobinas de indução H1 e H2.

As flutuações da corrente causadas pela vibração do diafragma, fazem com que esta, ao atravessar o enrolamento primário da bobina de indução, provoque uma corrente alternativa induzida no enrolamento secundário. Esta corrente, além de percorrer o receptor do próprio aparelho, causando o que se denomina de "side-tone" ou efeito local (espécie de ressonância pela qual o assinante, ao falar no transmissor do aparelho telefônico, sente a sua própria voz no receptor respectivo), é, também, transmitida à distância, até ao aparelho ligado na extremidade da linha, com muitíssimo maior rendimento.

Na maioria das instalações modernas de serviço telefônico, não existe bateria individual junto ao telefone. A bateria se acha instalada na estação telefônica, sendo comum a todos os aparelhos de assinantes ligados à estação, por intermédio de linhas relativamente curtas, denominadas "linhas de assinantes".

A finalidade principal de uma estação telefônica, é proporcionar meios de ligação, pelos quais qualquer aparelho de assinante a ela ligado, possa falar com outro aparelho da mesma estação, com aparelhos pertencentes a outras estações que lhes estejam ligadas, dentro da mesma cidade, ou com aparelhos de outras cidades e, até mesmo, de países distantes.

Existem nas estações telefônicas grandes instalações de baterias de acumuladores, máquinas geradoras de corrente elétrica, quadros de fôrça e equipamentos de contrôle associado.

Os equipamentos que proporcionam as ligações entre assinantes podem ser de dois tipos distintos: *manual* e *automático*. No primeiro caso, as ligações são feitas por intermédio de telefonistas e, no segundo caso, por processos eletro-mecânicos, sem interferência manual.

Embora ambos os tipos tenham a mesma função, os equipamentos e os métodos empregados em cada caso são completamente diferentes.

Vamos procurar explicar êsses dois tipos de equipamentos nas próximas notas.

LEGENDA DE TRABALHO E ESPORTIVIDADE NA C. T. B.

ALFREDO GOMES — êste nome é uma legenda, a um só tempo de trabalho e de esportividade, como bem o salientou a reportagem especial da "Gazeta Esportiva" de São Paulo, com o título que encima esta página.

Para nós da Companhia Telefônica Brasileira, é mais ainda: é um marco até hoje ainda não alcançado, pois é o primeiro dentre nós que conseguiu alcançar a meta até aqui inédita e o será por muito tempo, dos 50 anos de serviço, tendo ingressado em nossos quadros exatamente no dia em que comemorava seus doze anos, ou seja 16 de janeiro de 1911.

Em cerimônia realizada em São Paulo, no escritório do Sr. Carlos Reis Filho, com a presença dêste, de Ernesto Markgraf, Geraldo Blum e Armando Del Papa, Superintendentes de Divisão, prestou-se excepcional homenagem a êsse nosso companheiro, hoje encarregado do Distrito C-2, da Rêde de São Paulo.

A homenagem teve prosseguimento no almôço, oferecido pela C. T. B., com a participação de inúmeros colegas de Alfredo e de elementos da Administração, tendo o homenageado comparecido com sua espôsa, D. Camila Gomes, um de seus filhos, o Sr. Augusto Gomes, sua nora, D. Teresa Gomes, casada com seu filho, José Gomes, impossibilitado de comparecer, estando presentes ainda, seus netinhos Walter e Helane Maria.

Na ocasião, entre as palavras de carinho merecidas, foi ressaltado que, nos 50 anos de atividade na C. T. B., Alfredo não tem sequer uma licença ou acidente no trabalho! Alfredo, a par de exemplo de operosidade é, também, exemplo de esportista. Entre outras proesas, Alfredo, como grande atleta, sagrou-se campeão da primeira corrida de "São Silvestre", a mundialmente famosa prova de pedestrianismo todos os anos realizada pela "Gazeta Esportiva" e participou da equipe nacional que defendeu o nosso pavilhão nas Olimpíadas de 1919, realizadas em Paris, atuando nas corridas de fundo e colocando-se entre os dez melhores do mundo na especialidade.

Êsse é Alfredo Gomes que ainda hoje, na semana anterior à disputa da São Silvestre, cobre o percurso de seis quilômetros entre o Monumento do Ipiranga e a sede da "Gazeta", para trazer o fogo simbólico com que é acesa a pira ali então colocada. Um exemplo magnífico para todos nós, Alfredo Gomes!

Cursos de Corte e Costura e Educação Alimentar

Acima, a oradora da turma, Marlene Gomes Torres, proferindo sua oração. Abaixo, Ida Ragazzo, da Seção de Estudos Comerciais, visita a mostra.

Realizou-se em São Paulo, na sede do Telefônica Clube, a V Exposição de Confecções e Trabalhos Manuais e entrega de diplomas dos Cursos de Educação Alimentar e Corte e Costura, cursos ministrados em nossa Companhia, pelo SESI. À inauguração estiveram presentes os Srs. T. D. Christian e Carlos Reis Filho, além do Dr. Domingos Laurito, representando o Sr. Antônio Devisate, diretor regional do SESI, e inúmeros chefes da Telefônica, colegas e convidados. No ato da entrega dos diplomas, falaram, Marlene Gomes Torres, pelos alunos e Haroldo Prestes Miramontes, paraninfo.

A mostra teve a curiosidade maior, como é óbvio, de nossas colegas. Aí estão, com todo o interêsse, Eunice Alves da Silva, Dulce Leonardo de Oliveira, Margarida F. Garcia, Anna Amélia G. Alvares e Nilce Fonseca. Agradou.

em São Paulo

Abaixo, presentes à mostra, vemos o Sr. T. D. Christian, entre Carlos Reis Fº e L. A. Latimer que a prestigiaram na inauguração.

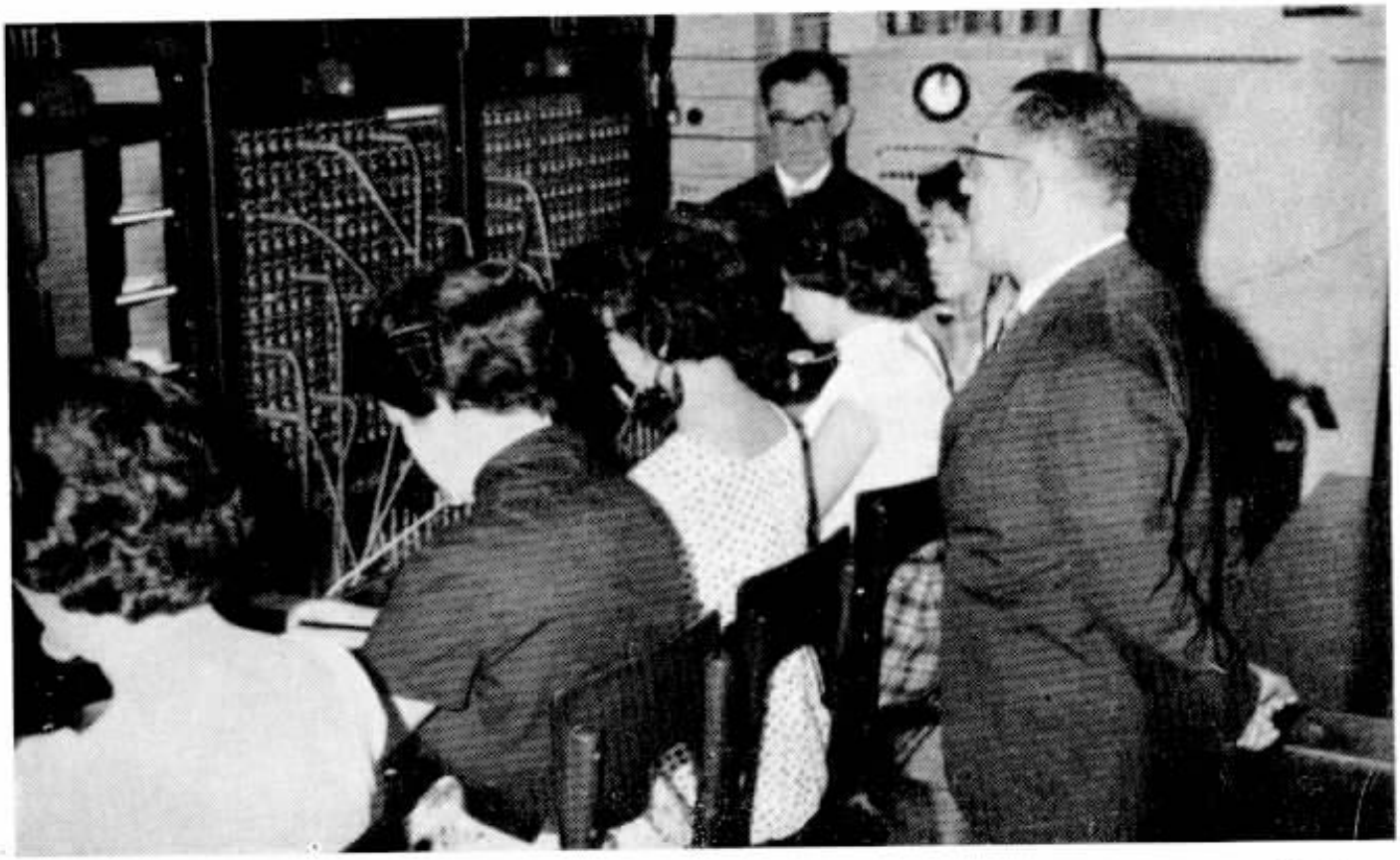
A colega Ivette Rossi, do Tráfego de São Paulo, tendo ao colo sua sobrinha que, admirada, olha para um dos trabalhos executados por nossas colegas, mostrado por sua genitora.

Acima, Eunice e Dulce, telefonistas, mostram apreciar os frutos da inventiva das colegas. Abaixo, Marlene Couto Gonçalves, do Pessoal, também expressou admiração pelo que viu.

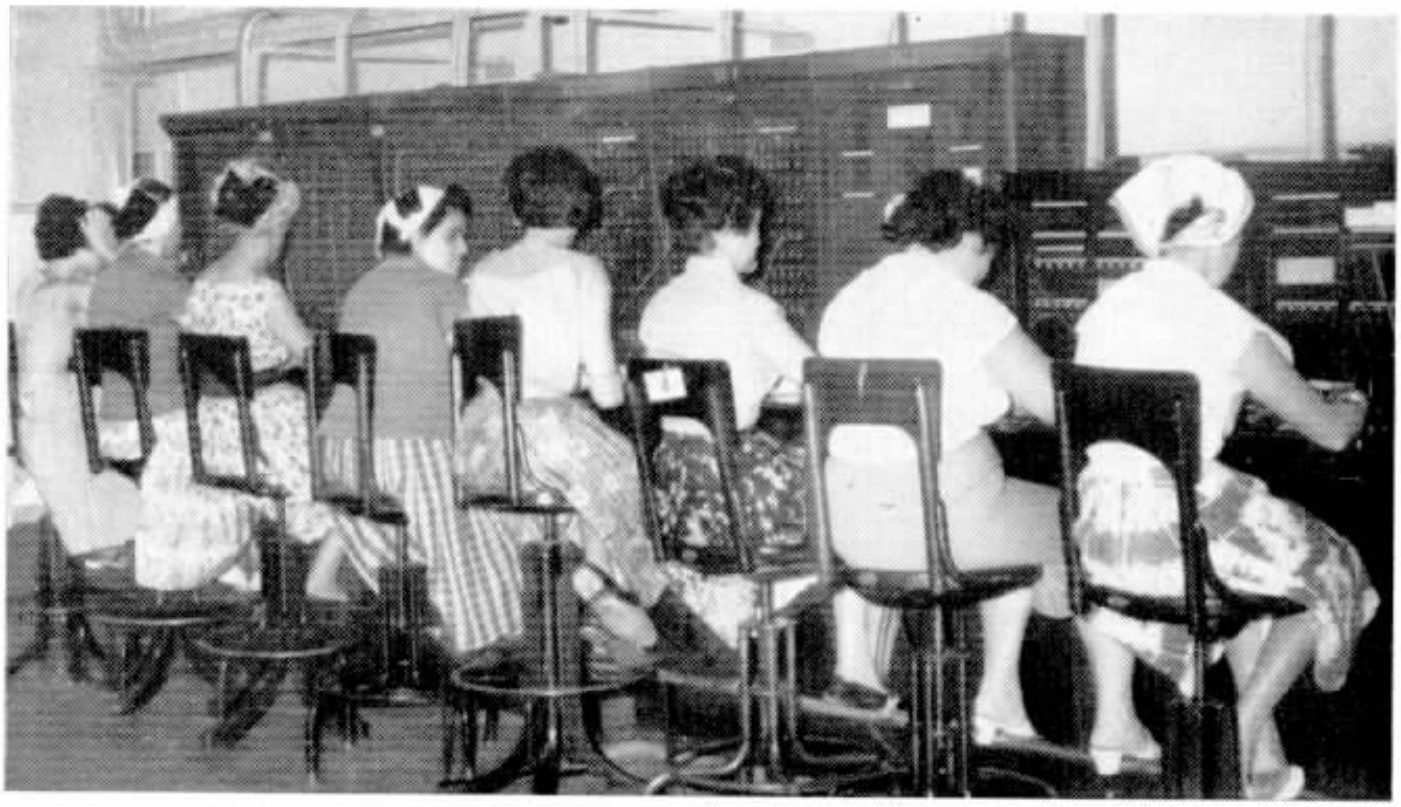
Melhorado o Serviço Telefônico de Avaré, Itapeva, Atibaia e Socorro

A necessidade de ampliação dos serviços telefônicos, tem encontrado de parte da nossa Emprêsa, maior empenho de colaboração, na busca das soluções que tornem capazes essas ampliações, em face das múltiplas dificuldades que se antepõem a essa expansão. Agora mesmo, a C. T. B. levou ao interior paulista, novos desenvolvimentos dos seus serviços que se refletiram na vida de quatro cidades progressistas do estado: Avaré, Itapeva, Atibaia e Socorro. Na primeira destas, a rêde local passou a contar com oitocentas linhas, verificando-se um acréscimo de

O Sr. Misael Euphrásio Leal, Prefeito de Avaré, em companhia do Sr. Antonio Gomes Teixeira, Presidente da Câmara Municipal da cidade, no momento solene do corte da fita simbólica, à entrada do novo prédio da Telefônica naquela cidade paulista.



Flagrante tomado em Itapeva, vendo-se as novas posições e as telefonistas que as operam. Em Itapeva a capacidade da rêde local quase foi triplicada, reinando grande satisfação no município inteiro.

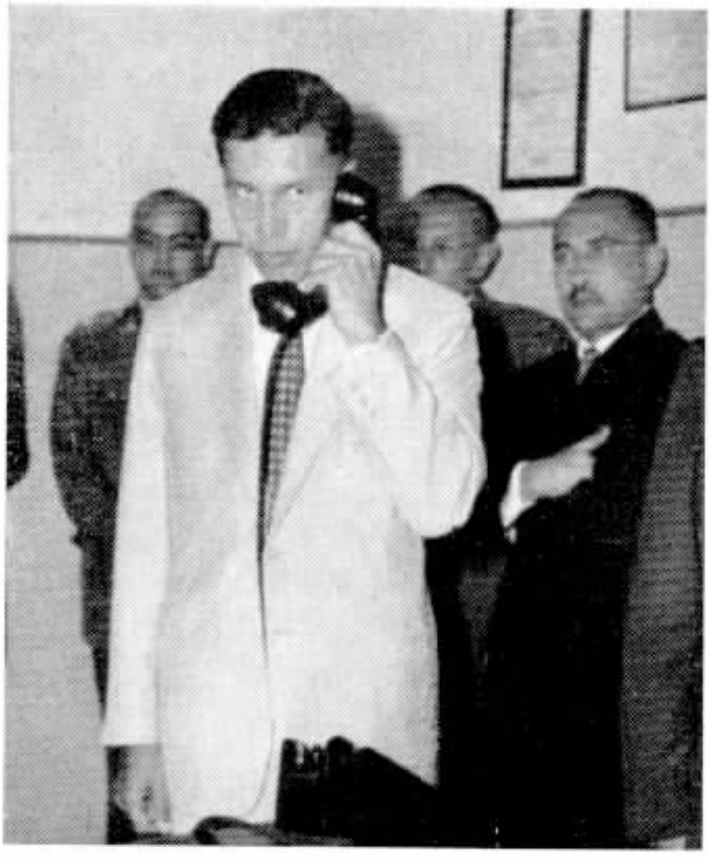


A foto dá uma idéia do serviço ampliado em Avaré. Nossas colegas telefonistas locais, aí estão operando as novas posições. A bela cidade interiorana duplicou a rêde local, velha aspiração da cidade que, agora, conta com oitocentas linhas em pleno funcionamento, ou sejam 480 a mais que antes.

nada menos do que 480, operadas pelo sistema magneto. Êste sistema também é o usado em Itapeva, onde a ampliação de linhas foi de 145 para 320, tendo sido inteiramente atualizada a rêde que, de fios nús e circuitos simples, passou a contar com uma rêde de cabos aéreos.

Em Atibaia, a ampliação foi igualmente de 320 linhas, ou seja de duas mesas de ligações do tipo CTB-1-B, coincidindo êsse melhoramento, inaugurado festivamente, com a data aniversária da cidade. A Companhia esforçou-se, aliás, para conseguir êsse objetivo, antecipando a entrega do melhoramento, para associar-se à data, fato frisado na cerimônia, pelos Srs. Marco Vinicio Chiochetti, Prefeito Municipal, e Cyro de Assis Pereira, Presidente da Câmara, na resposta ao discurso de entrega proferido por José P. Gouveia.

Em Socorro, cidade famosa pelo clima e água radioativa, vizinha de Serra Negra e Lindóia, também foi inaugurada substancial ampliação da rêde, para acompanhar o grande crescimento da cidade, numa cerimônia festiva e solene.



O Sr. João Benedito Barbosa, Prefeito Municipal de Itapeva, que inaugurou a ampliação telefônica.

AS COMUN

Mesmo entre os animais a necessidade de comunicar-se sempre existiu. E, através de gritos e gestos, o homem primitivo fazia-se entender.

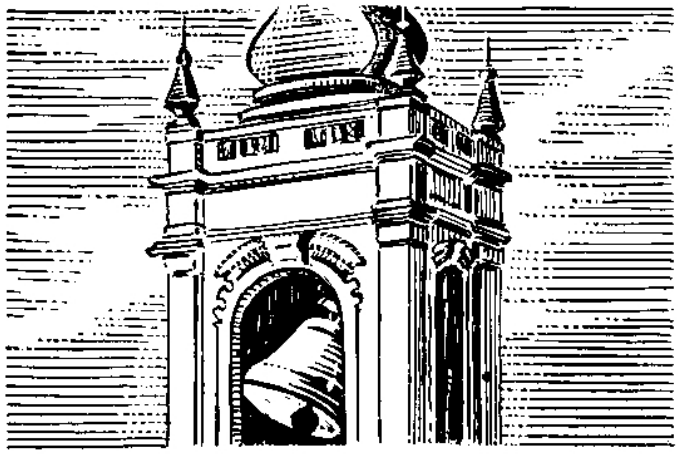
No recesso das florestas africanas, nos meios mais rudimentares da civilização, o tantã indígena foi o verdadeiro ancestral do telégrafo.

Entre os índios peles-vermelha da América do Norte, a comunicação através da fumaça, constituiu curiosa e segura forma de entendimento.

E a Igreja Católica ao lançar aos ares, a voz dos seus sinos, nada mais fêz que atirar às distâncias, u'a Mensagem de Fé.

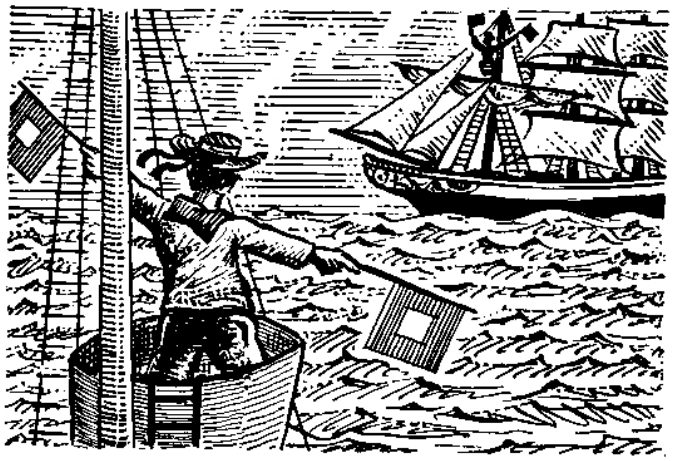
Na velha Grécia e na valente Roma das legiões invencíveis, o gênio guerreiro criou a comunicação por reflexos em superfícies polidas.

Mesmo entre os bárbaros do alvorecer da vida européia, a necessidade de comunicação à distância engendrou formas práticas e engenhosas.

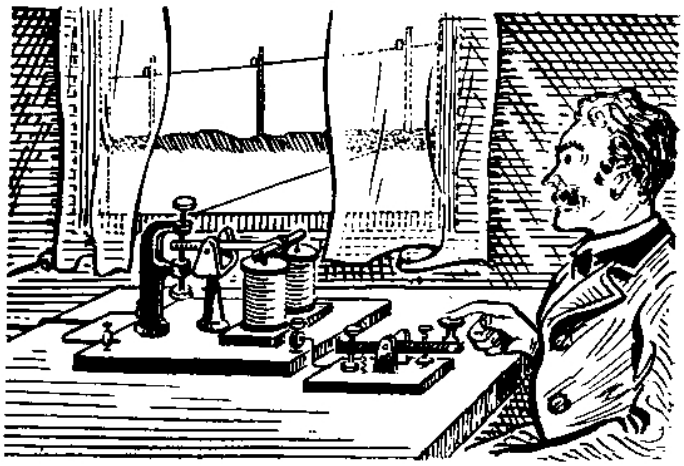


ICAÇÕES ATRAVÉS DOS TEMPOS

O veloz pombo correio é empregado no transporte de mensagens a enormes distâncias, desde o alvorecer da Idade Média.



O semáforo dos marinheiros, com as suas bandeiras, é outra expressão da ansiedade do homem em fazer-se entender.



O telégrafo através de fios, possibilitou o envio de mensagens a longa distância, tornando o homem ainda mais unido.

— «Venha aqui, Mr. Watson! Desejo falar-lhe», foi a mágica mensagem de Graham Bell. Estava descoberto o telefone.

Mola mestra do progresso no século, através do telefone, fazem-se negócios, prestam-se socorros, vive-se socialmente.

Através do tubo acústico, funcionando em curtas distâncias, foi dado o primeiro passo para o advento do telefone.

Futebol na Festa do 16º Aniversário do TAC Santista

A CONVITE do Telefônica Atlético Clube, de Santos, o conjunto futebolístico do Telefônica Clube, de São Paulo, excursionou à cidade de Santos, a fim de realizar naquela cidade dois jogos de futebol, em comemoração às festividades do 16º aniversário de fundação do clube praiano, que preparou excelente programa de festas.

Na parte desportiva, foram realizados, à noite, no campo do Clube City, dois prélios de futebol, preliminar e principal, vencidos pelo Telefônica Clube de São Paulo, respectivamente, por 1 x 0 e 2 x 0. O transcurso dêsses jogos foi excelente, onde a fibra e a técnica demonstradas, foram sempre apreciadas, merecendo dos assistentes os mais entusiásticos aplausos. Os tentos conquistados foram de boa feitura, mercê a investidas ao campo adversário com finalizações bem sucedidas, cuja trama coroara de êxito o objetivo: tentos.

O Telefônica Clube de São Paulo vem de uma campanha vitoriosa, pois as quarenta partidas consecutivas que já disputou, venceu-as tôdas, o que constitui um ótimo feito, demonstrando que a equipe está bem orientada e ostenta bom estado atlético.

Terminados os jogos, um animado baile na sede do Telefônica Atlético Clube, de Santos, rematou a visita, ao qual compareceram inúmeros convidados, festa essa que deixou gratas recordações.

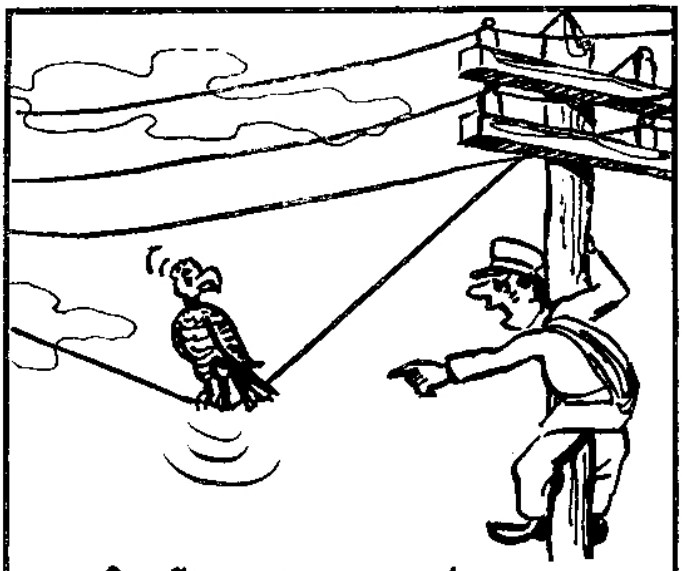
Antes da realização do jôgo de futebol, os representantes dos dois clubes trocaram gentilezas. Cristovam Fonseca, do TC, ofereceu uma taça ao clube local, recebida por Jurema Silva, recebendo desta uma lembrança, como símbolo da amizade que une as duas agremiações.

Constituída de Aldemir, Angelo, Roberto, Fonseca (Noel), Sergio, Chiquinho, Henrique, Getuliro, Sacatolin, Helio e Anagê, a equipe do Telefônica Clube que está invicta na série de 40 partidas consecutivas que já disputou, venceu também a dos santistas por dois a zero.

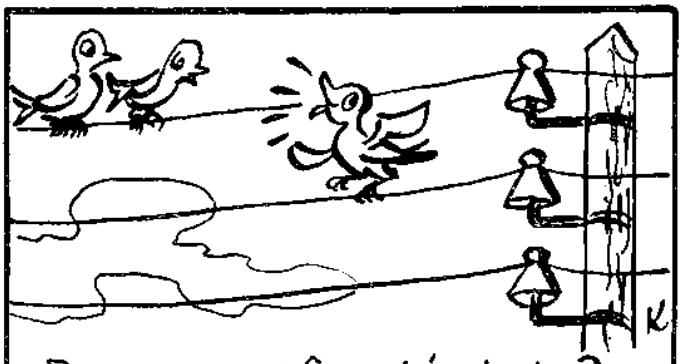
Este é o bem treinado conjunto do Telefônica Atlético Clube de Santos, que nos festejos do seu 16º aniversário de fundação, jogou contra o TC de S. Paulo, formando assim: Almeida, Peteco, Jorge, João Batista, Carvalho, Marinho, Ferraz, Vivaldo, Chico e Carlos Belo.

Sino Humor

através da imprensa mundial

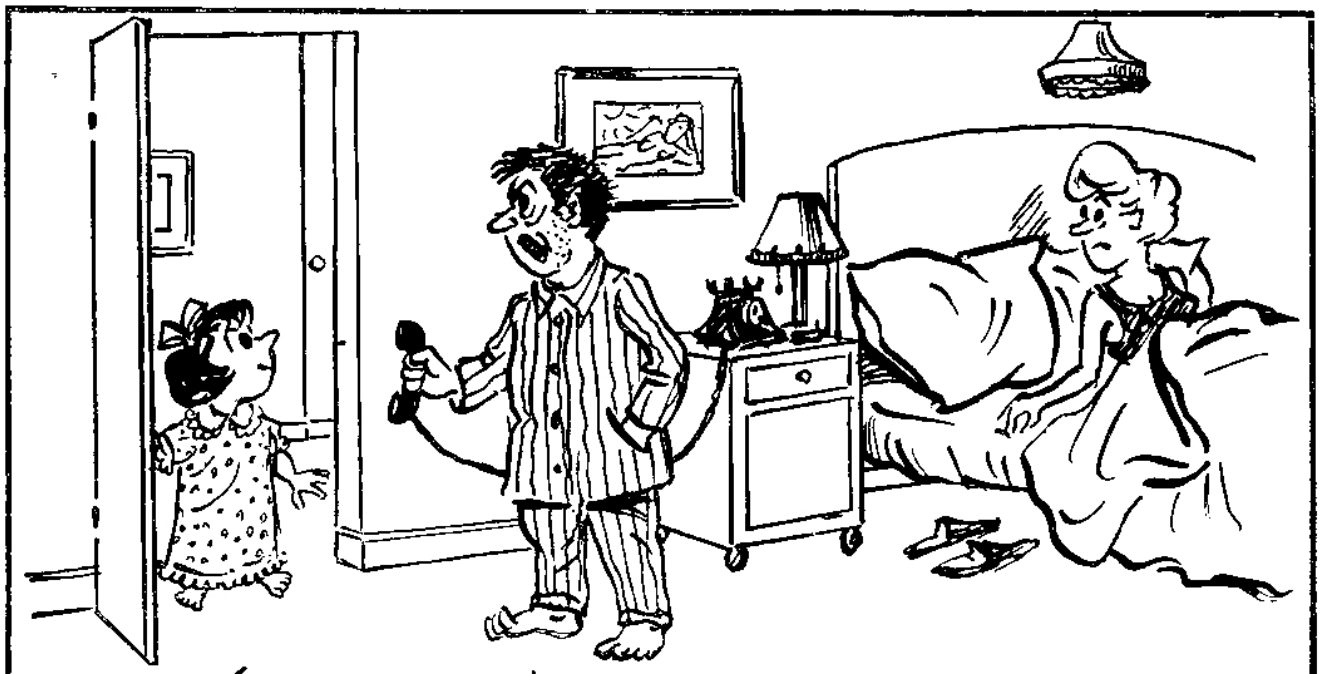


-Você não acha que é um pouco pesado para êste tipo de fio?



-Por que você está rindo?
-Escutei na minha linha Grande Otelo conversando com Oscarito.

-Onde está a poeira que cobria a mesa? Eu tinha tomado nota de um número de telefone!...



- É para Você!...

Sino Azul

Nº 3 — 1961

ANO XXXIV Nº 3 — 1961

CAIXA POSTAL 450
RIO DE JANEIRO

REVISTA DOS
EMPREGADOS
DAS ORGANIZAÇÕES:

COMPANHIA TELEFÔNICA
BRASILEIRA

COMPANHIA TELEFÔNICA
DE MINAS GERAIS

COMPANHIA TELEFÔNICA
DO ESPIRITO SANTO

NOSSA CAPA

Miyako Hatanaka, colega telefonista em Marília, Estado de São Paulo, no jardim do templo budista daquela cidade, exibindo um trajo típico oriental.

Uma estrada de rodagem foi construida para dar acesso à tôrre de micro-ondas na Serra do Curral.

RIO E BELO HORIZONTE LIGADOS PELA MICRO-ONDA

MAIOR RAPIDEZ NAS
COMUNICAÇÕES INTERURBANAS
ENTRE GUANABARA E MINAS GERAIS

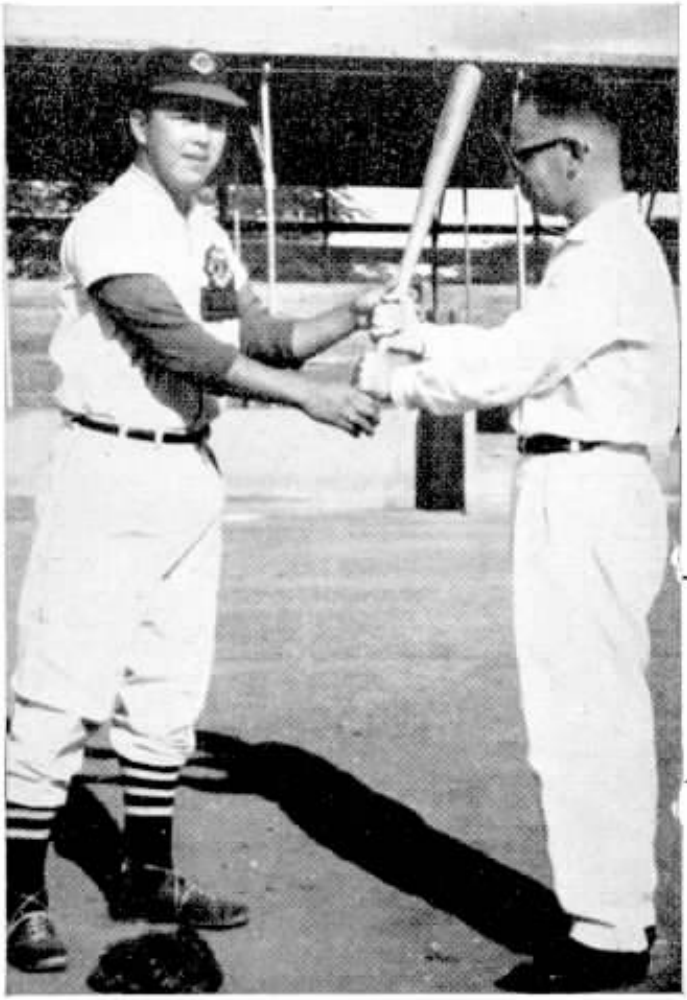
A mesma tôrre vista de outro ângulo, em fase final de construção. Todos os esforços estão sendo empregados para a pronta inauguração das micro-ondas.

SENSIVEL avanço será dado no serviço nacional de telecomunicações, com a breve inauguração do sistema telefônico, por micro-ondas, ligando o Rio a Belo Horizonte.

Grandes problemas de engenharia estão sendo paulatinamente vencidos, graças à competência técnica dos homens da C. T. B. e C. T. M. G. que, com esfôrço e determinação, têm prosseguido na obra gigantesca, enfrentando locais de difícil acesso e, lá, construindo os prédios destinados a abrigar o equipamento eletrônico das estações terminais e repetidoras. Técnicos das companhias nacionais e estrangeiras que forneceram o respectivo material, vêm prestando valiosa cooperação na execução do projeto.

Inicialmente, funcionarão cento e vinte canais, possibilitando outras tantas ligações simultâneas, mas a sua capacidade final é de três mil circuitos, o que virá aumentar em rapidez e melhorar em qualidade, as comunicações telefônicas, em região de vital importância econômica para o país.

Cinco estações ao todo, ligarão o Rio com Belo Horizonte, através das micro-ondas, com duas estações terminais, em Petrópolis (Estado do Rio de Janeiro) e Serra do Curral, (Belo Horizonte), três intermediárias — Juiz de Fora, Barbacena e Ouro Prêto, em Minas Gerais. As ligações serão completadas no seguinte percurso: Rio de Janeiro a Petrópolis, estação localizada no môrro da Bandeira, a 1.490 metros de altitude, pelo cabo coaxial; Juiz de Fora, estação repetidora recebendo de Petrópolis num lance de 104 quilômetros, no môrro do Sertão; daí para Barbacena, com a tôrre no môrro Montevidéu; depois, Serra da Bocaina Negra e, finalmente, a tôrre de Serra do Curral, em Belo Horizonte, conjunto que dotará o Brasil do que há de moderno e perfeito, em matéria de telecomunicações.



Em Marília o esporte mais popular é o beisebol. Yoshio Takitani, um dos craques locais, ensina a manejar o bastão ao nosso colega Alcides Lopes.

Odete Ramos, telefonista, e Semiramis S. Muller, do Comercial, atentas às explicações do técnico, na estação de tratamento da água, em Marília, Sr. Levy Merighe.

MARÍLIA

O grande número de japonêses e seus descendentes, em Marília, contribuiu para o florescimento do culto a Buda. No templo local,

EM 1850, Botucatu e Lençóis eram os últimos pontos conhecidos do Sudoeste paulista. O primeiro possuidor de terras, a oeste da então vila de Botucatu, foi o mineiro de Pouso Alegre, José Teodoro de Sousa que, em 31 de março de 1856, fêz, de acôrdo com lei em vigor, a declaração necessária à legitimação da posse, afirmando que a mesma se realizara em 1847, ficando assim, proprietário, só nesse trato de terras, de uma área de mais de 60 quilômetros de testada por 150 de fundos. Dono legítimo de tão grande patrimônio, José Teodoro tratou de povoar a terra. Entre os desbravadores que para ali foram então, achavam-se João Antônio de Morais e Francisco de Paulo Morais, intrépidos sertanejos que foram os segundos possuidores das terras vertentes do rio do Peixe, onde, hoje, se localizam a cidade e o município de Marília. A venda de glebas teve início e, entre os compradores, ressalte-se a situação de Emílio José da Piedade e Augusto César da Piedade que formaram a Fazenda dos Piedade do Rio Peixe, de acôrdo com as escrituras feitas em 25 de maio, 10 de julho e 4 de agôsto de 1882, em partes ulteriormente pertencentes a diversas outras

As colegas Izide Pereira da Cunha e Odete do Amaral Sanchez, «enfrentam» uma descascadeira de amendoim, na fábrica Sasazaki Ltda., para diversão do técnico K. Shibuya.

O Marilia Tênis Clube, expressão da terra, é o alvo do entusiasmo de nosso Chefe de Zona, Carlos A. Franchini, seu sócio-proprietário, na foto, à direita, com J. Emilio Costa, Encarregado Geral da Rêde.

SÍMBOLO DE AMOR E LIBERDADE

junto ao sacerdote Techu Haranaka e o oratório revestido de ouro, as colegas telefonistas Shizuko Oto e Doroti Tornioti.

Com trajes japonêses, de seus ancestrais, as colegas Fussae Shibuya e Miyako Hatanaka, dão-nos um flagrante de beleza, com as orquideas de seu cultivo.

O monumento do Fundador, Sampaio Vidal, recebe a visita de Jeanete Pardo e Marlene do Carmo Viana, nossas colegas.

Marília terá, breve, serviço telefônico automático, cujo contrato para êsse fim acaba de ser firmado, sendo adotada a fórmula do autofinanciamento. Na foto, Carlos

José Antonio Torres, emendador da Rêde, é famoso pelas suas invenções e pelas apreciáveis habilidades manuais.

pessoas, terras essas que constituiram o patrimônio da Companhia Pecuária e Agrícola de Campos Novos, organizada em maio de 1914, e avaliadas à razão de 25$000 o alqueire paulista.

Já anteriormente, em 1905, a Comissão Geográfica e Geológica do Estado fizera o levantamento do vale do rio do Peixe, da foz do ribeirão Alegre até o rio Paraná, mais ou menos. Na altura do ribeirão Bonfim, abriu a Comissão uma picada, rumo noroeste, para o espigão divisor das águas dos rios do Peixe e Feio. Foi a primeira entrada em terras do Município. A Comissão verificou a existência de aldeamentos de silvícolas, nas cabeceiras do ribeirão Pomba, no atual perímetro urbano da cidade. Eram os índios Coroados. Mais ou menos em 1913, construido já um trecho da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, o govêrno do estado encarre-

Reis Fº assina o documento, assistido pelo prefeito Otavio Barreto Prado, à direita.

Edison da Silva Lima, Encarregado no Departamento de Suprimentos, responsável pelo almoxarifado de tôda a zona de Marília.

Joaquim Simões recebeu recentemente medalha de ouro: é o primeiro operário aposentado de Marília. Na foto, posa junto a sua filha, telefonista Shirley Simões, e Benedita Santos Coube, telefonista chefe da próspera cidade paulista.

gou o coronel Antônio Carlos Ferraz de Sales, de abrir um picadão de 147 quilômetros, partindo da estação de Presidente Pena, hoje Cafelândia, na Noroeste, indo até Platina. Nesse tempo, a Sorocabana ainda estava longe, razão por que o ponto terminal do picadão ficou em Platina, ao invés de ir até uma estação de estrada de ferro. Foi êste picadão, o maior fator de desbravamen-

Entre a gurizada da Associação Filantrópica de Marília, o Dr. Raul Pimazoni, Presidente da Câmara Municipal e da instituição considerada modelar.

José Vicente, apreciado colega, tem pendores para malabarista. E faz coisas incríveis como o prova com pesadas bolas de difundido esporte em São Paulo: a bocha.

to da região. Ao abrir o coronel Ferraz Sales, êsse picadão, teve a idéia de chamar seu amigo, o doutor Cincinato César da Silva Braga e mostrar-lhe as ricas terras que margeavam o picadão. Aconselhou-o, então, a comprá-las, o que êle fêz, adquirindo 3.600 alqueires que, anos depois, vendeu a Bento de Abreu Sampaio Vidal e seus filhos.

A região tomou o topônimo de Alto Cafezal e passou a irradiar fama de Canaã. Levas de trabalhadores afluiam, concentrando-se no clarão existente em plena mata virgem, trazendo os primeiros sinais da civilização e progresso, em volta dos dez mil pés de café mandados plantar por Cincinato Braga.

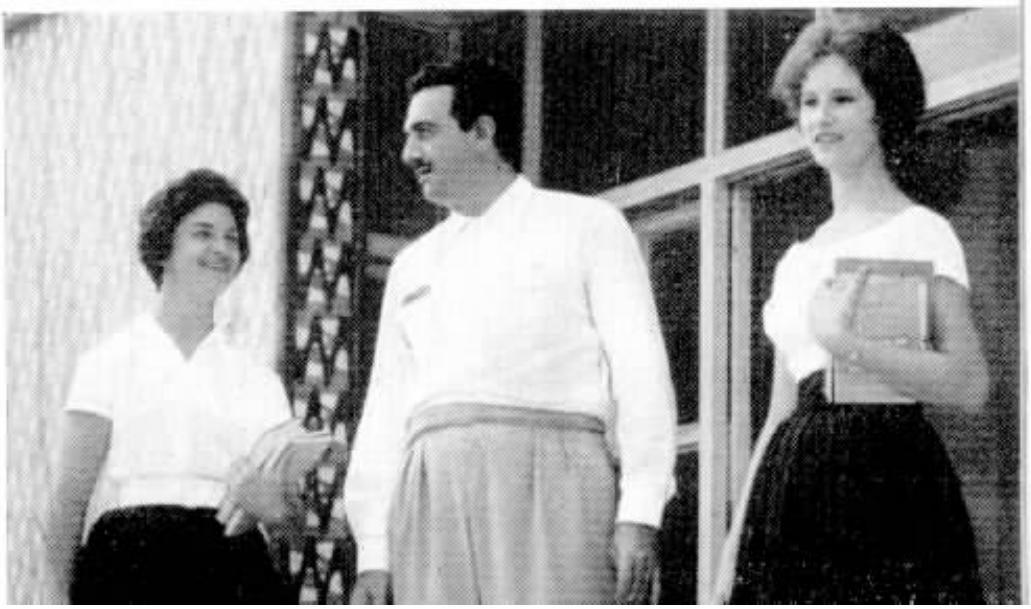
Corria o ano de 1926. Ao lado de Alto Cafezal surgia novo patrimônio: Vila Barbosa. Depois outro, o de Bento de Abreu, considerado "o pai de Marília", o qual como que antevendo a formação da cidade de hoje na área de sua propriedade,

(Conclui na capa 3)

Ao lado, ao alto, Sonia Maria Moya, telefonista, numa das grandes fazendas de café da região, a Santa Carolina. Embaixo, Maria A. Soila e Marlene A. Silva, na mesma fazenda, fazem a colheita da preciosa rubiácea

A alta mecanização da lavoura de Marília, desperta a admiração dos forasteiros. Tratores cruzam ruas e num vai Matilde Prado.

Fusako Ishio e Sebastiana Martelaro, aprendem a arte das flôres com Yoshio Kajiva. Embaixo, Isaura G. Teixeira e Alice Bianchi, alunas do SENAC, ladeam o Sr. Vicente F. Silveira, seu diretor.



QUANDO A GARÔTA TRABALHA

Gentileza da
revista GAROTAS

RETRATO DE ENI,

...telefonista

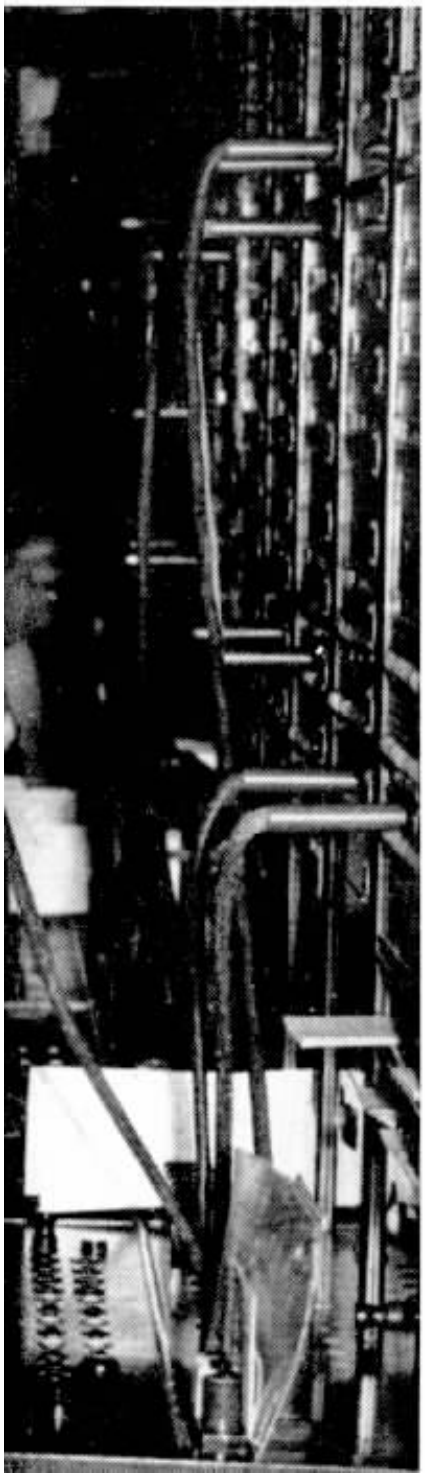
Texto de
PAULO SALGADO

NESTA série de reportagens que GARÔTAS vem apresentando, queremos retratar aquelas profissões que se apresentam às moças que, terminados os estudos, ingressam na vida com sua carga de responsabilidades e problemas. Na primeira da série traçamos (ou tentamos) o retrato de uma jovem professorinha com todos os seus planos de trabalho e projetos para o futuro. Focalizamos a seguir, a secretária.

Mas, às vêzes, a "garôta" não pode nem mesmo terminar seus estudos em paz. A vida está pela hora da morte, e mesmo o mais extremoso dos pais, sente-se na contigência de concordar em que a menina da casa (ou as meninas da casa!) enfrente um trabalho que ajude a suavizar o orçamento, sempre tão carregado. Na procura de um trabalho decente, honesto e compensador surge, via de regra, a palavra "telefonista" na cabeça daquelas que procuram uma função.

"Nûmero, faz favor?!..." Aquêles de nossos leitores que pegaram ainda o telefone manual, lembram-se certamente daquelas vozinhas (às vêzes ligeiramente antipáticas...) que nos ajudavam a alcançar números longínquos, quando o

Fotos de JORGE PETER



A telefonista Eni A. C. dá ao repôrter suas impressões sôbre a carreira. Suas palavras relativas ao tratamento que lhe dá a Companhia Telefônica Brasileira são as mais sinceras possíveis, mesmo para ouvidos descrentes como os do repôrter.

O lugar onde a telefonista senta chama-se «posição». Os fones são leves e de uso exclusivo. Não pensem que as folhagens são para efeito de montagem fotográfica... não! O ambiente em que exercem sua profissão as telefonistas é quase que luxuoso... É, pelo menos, bem feminino.

(Continuação)

...telefonista

A telefonista-chefe está sempre atenta às necessidades de suas comandadas, dentro e fora dos trabalhos.

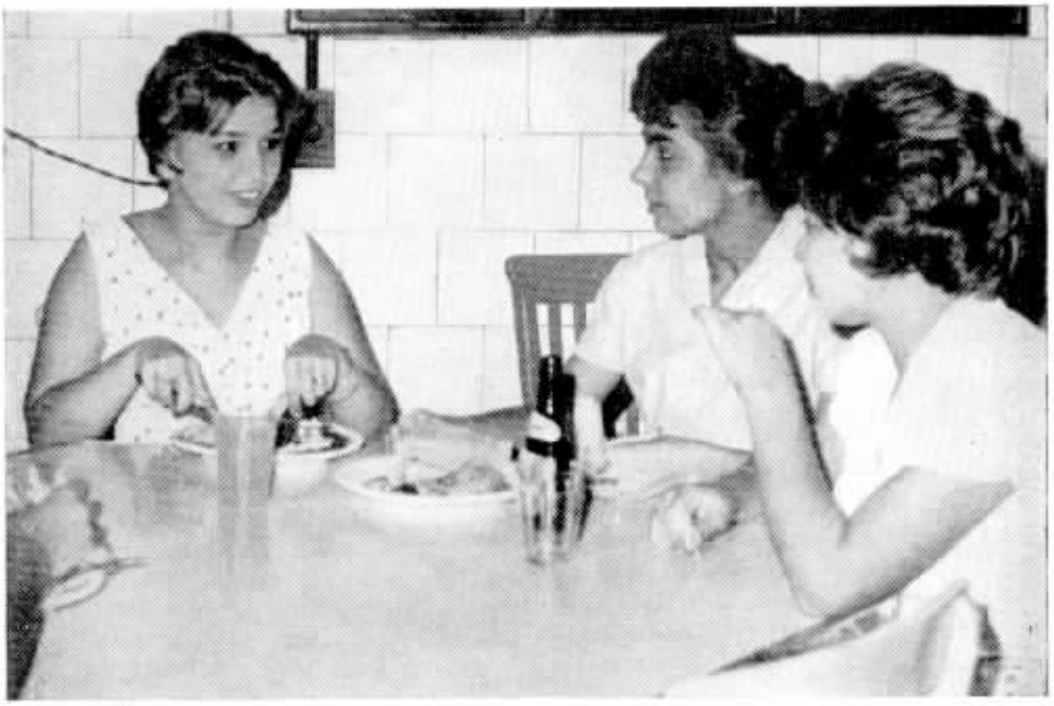
Terminado o horário noturno, a telefonista (caso queira ou não tenha companhia) pode pernoitar na CTB, que trata com carinho maternal suas funcionárias.

Talvez por influência do ambiente em que trabalha (um verdadeiro jardim), Eni habituou-se a viver cercada de p l a n t a s, tratando-as com grande carinho.

Rio não tinha estações definidas por números e sim: "Norte", "Sul", "Beira-Mar" e outras. Mas, depois, as moças telefonistas desapareceram de nossa paisagem diária... ou quase. O "quase" é por conta do interurbano. Mas isso de chamar S. Paulo, B. Horizonte e outras, não é coisa comum, dirão nossas leitoras!... mas Niterói e Marechal Hermes é!...

Quando escolhemos a telefonista como personagem de nossa terceira reportagem, tinhamos a idéia de procurar uma mocinha que exercesse a profissão em alguma companhia particular, mas, aos poucos, uma outra idéia foi-se cristalizando em nossos pensamentos: — se alguém desejasse retratar um médico, certamente deveria procurá-lo (de preferência) num hospital, cercado de seu ambiente natural, ao lado das mil e uma dificuldades que dão tanta beleza ao sacerdócio da medicina. Assim, por que não procurar nossa "Garôta Telefonista" na própria Companhia Telefônica Brasileira, que é (malgrado a intervenção) o berço natural destas cidadãs tão úteis e às vêzes tão espezinhadas por nós, assinantes ou não?...

Nasce daí uma grande surprêsa para o repórter, e uma agradável surprêsa: o encontro de um ambiente de trabalho magnífico, limpo e onde o padrão técnico anda de braço dado ao padrão moral.



Na pessoa da irmã, Eni encontra uma grande companheira e amiga.

Refeições fartas e baratsa, estão à disposição das telefonistas, vinte e quatro horas por dia, num bem aparelhado restaurante.

O papai estava viajando, mas mamãe, a mana e o garotão, resolveram servir de platéia para Eni, a acordeonista... — perdão! — a telefonista.

A hora do estudo é sagrada. A telefonista também precisa (e deve) manter a sua cultura em dia.

(Continuação)

...telefonista

A C. T. B., apesar da mecanização dos seus serviços, ainda emprega um número nunca inferior a três mil telefonistas. Estas estão tôdas localizadas (ou pelo menos em sua esmagadora maioria) no edifício-sede da Rua Alexandre Mackenzie.

Encontramos na C. T. B. môças usando o uniforme do Colégio Pedro II e fomos informados que a companhia admite-as num sistema de meio expediente (3 horas de trabalho) ajudando assim seus estudos num amparo mútuo que produz os mais amplos resultados.

A segunda etapa da carreira da telefonista é a de "Telefonista Encarregada", cuja função é a de fiscalizar o trabalho de dez telefonistas. Depois vem a função de "Telefonista-Chefe-Assistente", e finalmente a "Telefonista-Chefe". Aquelas que tenham perseverado no serviço ativo, chegam a funções mais altas ainda.

Além das condições de higiene e segurança de trabalho exigidas pela lei, a companhia oferece ainda, um amplo e confortável restaurante (no qual o repórter saboreou uma gostosa e copiosa refeição), o qual funciona vinte e quatro horas por dia(!) atendendo mesmo dentro da madrugada, aquelas que tenham necessidade de um prato de sopa, um sanduiche ou um doce que retempere suas fôrças, gastas em turnos de três horas cada um, atendendo pessoas de humores e... educação variados...

Logo na entrada do prédio em que funciona a "corporação", encontra-se um amplo vestiário. Ao inicio do dia de trabalho a môça recebe uma caixa de madeira e um cabide nos quais coloca a roupa que usa (caso queira) assim como seus valores; porém, dado o fato de tôdas as dependências serem servidas por um perfeito sistema de ar refrigerado e mantidas na mais escrupulosa limpeza, poderão trabalhar até com um vestido requintado, sem que isto prejudique sua produção.

A escolha da eleita para heroina desta reportagem, foi feita pela própria direção da C. T. B., com a supervisão de um simpático Sr. Afonso que é um verdadeiro pai e irmão mais velho, para aquêle duplo milhar de môças que trabalham sob suas ordens.

Eni A. C. tem dezoito anos. E' pequenina (pouco mais que um metro e cinquenta e cinco), graciosa e loura. E' uma menina ainda. Viva, inteligente e alegre.

Declarou-nos que entrou para a companhia atendendo sugestão de uma amiga que já é quase veterana. Encontrou em sua chefe mais do que uma superiora... uma amiga. Não pensa sair do emprêgo, ao con-

Em matéria de cozinha, Eni ainda está na fase do lavar pratos... sob os olhos vigilantes da mamãe, que não confia muito na pressa da «geração coca-cola».

trário, pretende postos mais altos, para isso dedicando-se com afinco à sua função. Talvez mais tarde, depois de completar seus estudos, queira trocar de pouso e abraçar uma carreira liberal, e acha que êste será um dia de tristeza, pois adora seu trabalho e suas colegas.

Tem noções de estenografia e datilografia e o curso ginasial completo.

Seu perfume favorito é "Ma Grife"; sua côr predileta o branco, e a música "A noite de meu bem", embora declare terminante que não possui nenhum "bem" à vista.

Seus artistas favoritos são Gregory Peck, Marlon Brando e Paul Newman entre os homens, e, entre as mulheres, Susan Hayward, Jennifer Jones e Deborah Kerr.

Sinceridade e firmeza de caráter são as qualidades que mais aprecia nas pessoas, sendo que para os homens exige ainda bondade, e discreção nas mulheres.

Não suporta falsidade, nem de brincadeira.

Adora sua casa, que, ela faz questão de frisar, é um "lar" de verdade. Na pessoa de sua mãe encontra a melhor amiga, uma verdadeira companheira. A compreensão que existe entre o pai e a mãe é uma das coisas que mais lhe agrada; não cansa de admirar a constante ternura que existe entre os dois. Sua irmã é uma grande companheira e o irmão (o caçula da família) é cem por cento "legal".

Enquanto o "êle" de sua vida não surgir, vai continuando a estudar, pois não tem a menor pressa de casar; aliás declara que, em vista do ambiente harmonioso de sua casa, será difícil para ela o dia da separação.

Eni, tal como suas demais companheiras de trabalho, não se importa de enfrentar um horário noturno na C. T. B., cuja administração (carinhosa!) providenciou para que as môças tenham um confortável dormitório, onde podem passar a noite, sem os riscos de enfrentar os perigos que são tão comuns nas ruas cariocas.

Você, leitora ou leitor de GAROTAS, tenha um pouco mais de compreensão pela môça que o ajuda a falar com os entes queridos que estão em cidades longínquas, ou então a completar ligações importantes que farão crescer suas rendas e, portanto, seu prestígio e sua tranquilidade. Elas são jovens que lutam, que sofrem, que sentem às vêzes, na voz daqueles que lhes pedem a ligação de um número, um drama, um sofrimento íntimo, às vêzes patético, e que sofrem um pouco estas vibrações.

Acontece por vêzes que uma telefonista-chefe vê uma de suas auxiliares (as mais novatas sòmente!) abandonar sua posição de trabalho em lágrimas... Foi algum perverso que, não compreendendo a impossibilidade de uma ligação ou a demora de sua realização, soltou nos ouvidos sempre decentes das môças telefonistas, um grosseiro palavrão. Tenha paciência, leitor ou leitora, quando encontrar dificuldade em ser atendido no seu primeiro pedido! Pode ser que no outro extremo da linha, sentada numa honesta banca de trabalho, prestando um serviço relevante à comunidade, esteja uma sua irmã, uma sua filha, ou mesmo sua espôsa, a mãe de seus filhos, e pode ser também que você tenha muita sorte, e aquela que o atendeu seja uma criaturinha doce e bonita... seja... Eni A. C., a TELEFONISTA! ***

Uma telefonista, por não ter contato com o público, não está na obrigação de trajar-se com grandes requintes de elegância. As roupas confortáveis, a saia e blusa, são as preferidas. Mas existem as festas, os passeios...

Aplaudida pelos colegas veteranos, Dulce C. Rodrigues, de 40 anos de serviço, recebe de B. J. P. Tancred, Superint. Geral da Rêde, seu emblema. Na foto: Manoel R. Lage, Juracy Borges, Teotonio J. Pinto, Augusto B. Pinto, João V. Borba, Mario Gomes e Otávio S. Arêas.

NO ESTADO DA GUANABARA:

SIGNIFICATIVAS homenagens foram tributadas aos veteranos do Estado da Guanabara, por ocasião da cerimônia de entrega de emblemas, representativos das várias etapas de tempo de serviço. Reunidos no salão do restaurante do edifício central, foram êles saudados pelos seus chefes e por inúmeros colegas que acorreram à festa para levar-lhes o testemunho do seu aprêço. Foram 213 companheiros os contemplados com êsses símbolos, representando 4.720 anos de trabalho na C.T.B. Após as solenidades, um "show" com números de música, canto e bailado abrilhantou a festa, rematada com um ótimo lanche.

Lourival Vasconcelos, Chefe de Normas e Métodos de Contabilidade, é outro veterano de 35 anos de trabalhos prestados à Telefônica.

Joaquim M. Saraiva, 40 anos de CTB, abraçado por A. G. Burnett, então Controlador Geral. Oswaldo Corrêa, Jayme Labuto e Leopoldo Ferreira, veteranos de 25 anos.

Maurice E. Gane, da Engenharia, 35 anos de CTB, ao lado do Dr. J. A. Wiltgen, Engenheiro Chefe.

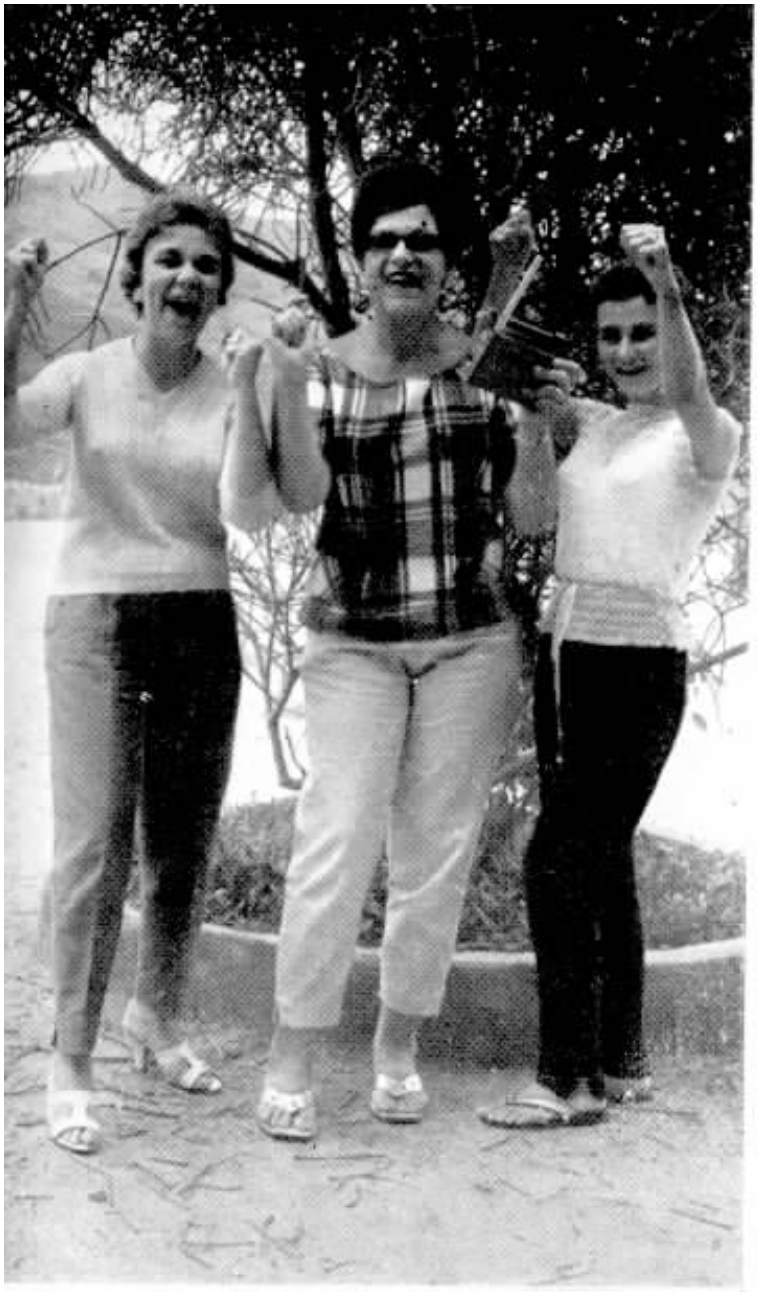
COLEGAS RECEBEM SÍMBOLOS DE TEMPO DE SERVIÇO

Zilah da Silva Valgas, Telefonista-Chefe, ao centro, e Elza Muniz, Encarregada, do Tráfego, completaram 35 anos de serviços prestados à nossa Emprêsa. Gastão Vaz, Superintendente da Divisão, saboreia um cafêzinho, em companhia das dedicadas veteranas de seu Departamento.

Ouvir boa música foi também o passatempo predileto da colega Lídia Santos Bezerra.

Não houve protocolo no almôço servido ao ar livre. Farto e apetitoso churrasco.

Ponto culminante da festa: Diva M. Silva é coroada rainha por Armando M. Santos, ladeada pelas princesas Ivone Moraes e Suely Chagas. Atrás, Francisco R. Valente e João Guimarães.



Mesmo distantes, não deixaram de torcer pelo seu clube favorito e vibraram com o gol conquistado.

Este trio foi surprecndido pela nossa objetiva.

O colega Raphael, ao violão, é o diretor do conjunto que deleitou a todos com a sua música.

COLÔNIA DE FÉRIAS GRAHAM BELL TEM SUA RAINHA

Diva Monteiro da Silva a eleita

NO concurso promovido pela comissão diretora da Colônia de Férias Graham Bell, composta de Armando M. Santos, Francisco R. Valente e João Guimarães, para eleger a primeira rainha daquele aprazível recanto de férias, foi vencedora Diva Monteiro da Silva, da Guanabara. Interessante e bem organizado programa de festejos, cheio de atrativos, foi levado a efeito em Francisco Fragoso, para a coroação da rainha, ao qual compareceram as duas princesas, Ivone de Morais e Suely T. Chagas, respectivamente, da Guanabara e de Campos, Estado do Rio, bem como tôdas as participantes do certame. Nessa oportunidade, foi inaugurada a Capela de Nossa

(Conclui na capa 3)

Capela : inaugurada com a prédica do Pe. Lídio.

O TELEFONE TOCOU!

Conto de Lêdo Ivo, escrito especialmente para «Sino Azul»

POSSO AFIRMAR, sem receio de contestação, que estava dormindo quando fui nomeado ministro. Sucedeu comigo o contrário do que acontece com os ministros que, indo para o sono na plenitude de suas funções, acordam demitidos. Não adianta pôr os óculos para ler a notícia do matutino funesto: lá está a demissão em letra de fôrma, e o telefone soa, implacável, de instante a instante.

Dormi gripado, tendo até tomado um comprimido ao recolher-me, e acordei ministro de Estado. Digo assim porque me encontrava ressonando e o decreto de minha nomeação já fôra assinado pela mão incansável do presidente da República. Sei que há várias versões sôbre o fato; andaram espalhando que fui acordado no meio da noite e, pondo às pressas uma roupa qualquer por cima do pijama, acorri ao palácio, onde o Presidente me esperava. Também disseram que eu estava numa "boite" quando fui avisado de que a posse seria às nove horas. Houve ainda quem garantisse que, ao atender o telefonema do Presidente, julgara ser trote e desligara.

Nenhuma dessas versões tem cabimento. Eu estava dormindo e Jandira, minha mulher, saíra cedo para ir à feira, quando Teresa, a empregada, bateu à porta do quarto e me chamou, despertando-me sem custo, pois tenho o sono leve. Estavam me chamando ao telefone.

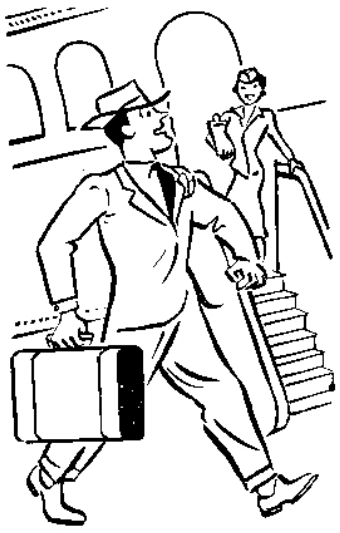
— E' do Palácio, doutor Bartolomeu.

Um telefonema do palácio é ao mesmo tempo uma coisa preciosa e vaga. Pode ser um dos numerosos sub-chefes ou assessôres da Presidência ou um continuo pedindo um favor qualquer. Muitas vêzes, o interlocutor não está absolutamente em palácio, mas em casa, de pijama, e cita o local de seu ganha-pão para ser atendido mais depressa.

Meus pés procuraram cegamente os chinelos.

— Disseram que é o Presidente que quer falar com o senhor.

Desapareceu de mim qualquer sobra de sono mais ousada, e havia razões para isso. Desde o dia da posse que o Presidente não falava comigo. E' verdade que fui a palácio várias vêzes, mas não conseguia abordá-lo. Dir-se-ia que todos, ali, se tinham unido, num pacto, para barrar-me os passos. Até o Rangel, que antes me pedia dinheiro emprestado, asseverava, com um ar compungido, ser de todo impossível conseguir um encontro para mim. Mas eu estivesse certo de que o Presidente não me esquecera e me chamaria. E verberava a conduta dos partidos que não queriam libertar o homem, e pareciam cães disputando um osso. "Cada um quer uma



fatia do bôlo", acrescentava Rangel, as pálpebras caídas, olhando penalizado um grande mapa do Brasil, pendurado na parede de sua sala de vago assessor presidencial.

Um dia, queixei-me a Renato, antigo companheiro da Constituinte, e êle me explicou como conseguira falar ao Presidente. Sabendo que êste ia inaugurar uma fábrica de vidros em São Paulo, tomara um avião e comparecera à solenidade. Só assim conseguira conversar com êle alguns minutos, o suficiente para arrancar a nomeação prometida. E adiantou que êsse expediente estava sendo adotado por vários dos nossos correligionários, que, tendo gasto até dinheiro do próprio bôlso durante a campanha, se viram postos de quarentena pelos espertos que cercaram o Presidente após a posse. A verdade é que êle ignora a conspiração instalada em palácio, e que tem como objetivo afastá-lo de seus verdadeiros e fiéis amigos. E' um santo homem.

Ao pôr o telefone ao ouvido, notei que minha gripe fôra embora. E para sempre ignorei se já amanhecera curado, ou se o telefonema presidencial era, no caso, medicina mais enérgica do que cálcio na veia.

Escutei a voz frágil, quase feminina, do Nicanor. Só depois veio o Presidente.

Não sei se algum dos leitores já foi nomeado ministro de Estado. Se o foi, para qualquer pasta, deve ter experimentado a sensação que me cumulou. Se não o foi, mal que não desejo a ninguém, será difícil narrar-lhes o que sucede. As têmporas latejam, temos a impressão de que vamos tem um enfarte no miocárdio, mas a opressão desaparece, de súbito; sentimo-nos como se acabássemos de fazer os pés, e o calista estivesse passando certa pomada em nossa pele e ativando o sangue dos artelhos por meio de massagens ao mesmo tempo doces e vigorosas. Parece que, de repente, a vida se amplia como a tela de um cinema, onde vai ser projetado um filme em cinemascópio.

Estava nomeado ministro. De tudo quanto o Presidente me dizia, só isto possuia, para mim, significado real. Dir-se-ia que eu, prêsa de vertigem, me agarrava a um corrimão para não cair de uma alta escada. Êsse corrimão era o Ministério.

— O ato já está lavrado.

Aparecia a presteza do Presidente.

— Meu caro ministro, estou à sua espera — completou, com um tom brincalhão e afetuoso na voz.

— Irei imediatamente, Presidente — retorqui, resoluto e transbordante de felicidade.

Mal desligara, e o telefone soou novamente. Era o Arquimedes, que dias atrás fingira não me ver à porta do Jóquei, que se apressava a felicitar-me. Vinguei-me: disse que, a rigor, não poderia aceitar-lhe o abraço. O Presidente

me convidara (exato), mas ainda não dera a resposta. Teria antes uma entrevista em palácio.

Deixei o telefone fora do gancho. No banheiro, enquanto fazia a barba — e minha mão tremia um pouco! — avaliei que, por maior que tivesse sido o sigilo que precedera a escolha e nomeação, o certo é que a notícia já estava em tôda parte. E observei que Jandira não estava ali para compartilhar de minha alegria. Discutindo o preço de uma cenoura ou segurando um pé de alface, ela ignorava ainda seus privilégios: o carro oficial, os chás, o patrocínio das festas de caridade, as recepções nas embaixadas. Com algum frêmito de temor, logo contido, pensei nos vestidos novos que teria de comprar-lhe.

Debaixo do chuveiro, pus em ordem o espírito e encontrei certa lógica para minha nomeação. Enquanto me enxugava, percebi que fôra uma fatalidade. Para solucionar a crise política, o Presidente só dispunha, efetivamente, de uma saída — nomear-me. Atendera à reivindicação das bancadas do Nordeste, que reclamavam um ministro nascido no Polígono das Sêcas; assegurara o apôio do meu partido, que amea-

va desligar-se da maioria e ter uma ação parlamentar independente; e apaziguara o impaciente Moreira Lemos, governador do meu Estado.

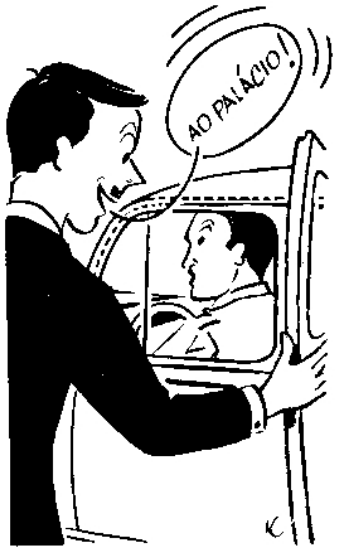
Senti-me providencial. Se eu não existisse, a crise política teria continuado. Sem falsa modéstia, eu era uma "reserva moral" do govêrno.

Recordo-me confusamente de que tomei café às pressas — em verdade não sentia a menor fome — e deixei um bilhete para Jandira. Assaltou-me estranha pressa em chegar ao Palácio. Voltei ao telefone, abri o caderno de endereços, telefonei para o ponto de táxi. Do outro lado da linha, o "chauffeur" perguntou: "Para onde vai?". Impávido, respondi-lhe: "Para o Palácio do Catete". Sentia-me imensamente ministro.

Ao sair do elevador, iam entrando um fotógrafo e um rapazinho, decerto repórter. Era para mim, sabia, mas me mantive quieto, não desejando ser reconhecido. Nada aconteceu e suspirei aliviado. Não deveria manifestar-me antes do encontro com o Presidente.

Ministro! E não dera um passo. Dormia, talvez roncasse, no momento em que o Presidente, de eliminação em eliminação, chegara ao meu nome e nêle se fixara, feliz e aliviado.

O táxi já estava me esperando. Bendito telefone! Afundei-me no assento de couro gasto.



Ao dobrar a esquina, vi, no fundo de um carro, o gordo Teixeira. Acompanhei o veículo, que parou no meio-fio do meu edifício.

Não, êle estava muito enganado! Meus planos já estavam formados. Dinamizaria o Ministério, adotaria métodos racionais, cercar-me-ia de técnicos, extinguiria a burocracia emperrada.

Nesse momento, senti um lampejo de alucinação — era como se o ministro que sempre se aninhara dentro de mim estivesse viajando no carro, e eu me limitasse a acompanhá-lo. Imaginei-me dividido.

Nas calçadas, pessoas liam jornais. Pensei em mandar parar o carro e comprar um matutino. Mas para que? Estava indo para o palácio, ninho e fonte de tôdas as notícias.

A enunciação do meu destino não causara o menor efeito no motorista. Êle acelerara o veículo com um ar enfastiado e rotineiro, como se eu lhe tivesse dito: "Vamos para Madureira". Ou então: "Me deixe na estação da Leopoldina".

O ministro olhou o mar. Um esquiador aquático abria nêle um sulco de espuma. Lembrei-me de que, quando simples inspetor de ensino, lera uma composição bastante estranha. "Entre Rio e Niterói, ergue-se a frondosa baía de Guanabara". Aumentara a nota, chocado e deliciado. Havia alguma verdade naquela sentença — a vida era uma coisa estranha e bela. E frondosa.

*
* *

Antes de ir para o Ministério, uma semana após a nomeação, passei por uma chapelaria. Pela minha cabeça, começaram a desfilar inúmeros chapéus,

mas todos me desagradavam. Além do mais, o caixeiro que me atendera me desconhecia, ou fingia desconhecer-me. Meu coração pedia um chapéu que casasse a imponência com a elegância, a graça com a austeridade. Não me decidia, contudo, a citar o modêlo, que era o "gelot" do prefeito.

Finalmente, surgiu numa caixa amarela o tipo desejado. Antes de sair e entrar no carro parado ostensivamente no meio-fio, vi-me ao espelho. Estava soberbo.

Os altos círculos não notaram a transformação. O líder da maioria, que me esperava no gabinete, foi logo ao caso das nomeações prometidas e não cumpridas pelo seu desatinado antecessor. Todavia, no olhar da competente datilógrafa, do porteiro indolente, daquele oficial de gabinete que servia sem remorsos a todos os ocupantes da pasta, julguei ver um lampejo de malícia. Seria que êles me achavam desajeitado?

Nos raros instantes em que me acontecia ficar sòzinho no gabinete, eu examinava o chapéu, admirava-lhe o fêltro cinzento, macio como o braço de certas moças pestanudas, as abas viradas, o acabamento onde havia brilhos fugazes de sêda.

Numa daquelas tardes, saindo para o despacho, tive meu rosto iluminado pelo clarão de magnésio de uma máquina fotográfica. Ergui a mão até o chapéu, meus dedos tocaram na aba inglêsa, sentiram a penugem acariciante do fêltro. Estava agradecendo a cortesia.

No dia seguinte, lá estava a reportagem malvada, cheia de perfídias, na primeira página do vespertino. E o repórter, após contar algumas anedotas e atribuir-me "gaffes" imaginárias, perguntava se, após a demissão, eu continuaria a usar aquêle chapéu.

Em breve, o "gelot" foi-se tornando assunto obrigatório de certos jornalistas desocupados. Meus desafetos, por sua vez, inventavam anedotas.

Uma noite, sonhei que estava dentro de um chapéu enorme, de copa virada para baixo. Minhas mãos agarravam-se às paredes daquela prisão circular, mas escorregavam num fêltro pegajoso como limo. Estava enjaulado para sempre. Chamava Jandira — ela estava patrocinando um chá em benefício das crianças órfãs de Jacarta e fingia não me ouvir. Teixeira, monstruosamente gordo, circulava, num automóvel, em tôrno do chapéu. E o Presidente, de vez em quando, me olhava como quem se debruça furtivamente sôbre um muro. E telefones tocavam.

Acordei alagado em suor, meio sentado sôbre a cama. Jandira, que despertara assustada com os meus gritos, deu-me a explicação para o pesadelo: eu me excedera, no jantar ao embaixador da Turquia.

A possibilidade de vir a ser candidato a governador, as nomeações e remoções que me davam a impressão de acionar um teatro de títeres, os planejamentos, as festas, as adulações, tudo isto se esvaía, mudava-se em pasmo e suor. O telefone estaria tocando?

Tornei a dormir. Sonhei que, de novo criança, armara minha gaiola num galho da goiabeira do sítio e esperava que nela caíssem os cantantes sanhaços. Era meio-dia e o sol cegava-me.

Foi Teresa que me acordou. Eu estava sòzinho no quarto, pois minha mulher se levantara cedo, para ir à feira.

— E' do Palácio, doutor Bartolomeu.

Fui atender. Era o Presidente, convidando-me para ser ministro. Em verdade, só agora é que eu estava recebendo aquêle surpreendente telefonema, que me vinha compensar da desoladora espera que me afligia desde a campanha eleitoral. Antes, tudo fôra sonho e eu jamais pusera na cabeça um chapéu de aba virada.

O que dizem de NÓS

BEM servir é o lema de nossa Companhia. E seus funcionários esmeram-se no seu cumprimento, dando o melhor de si mesmos, certos da relevância do serviço que prestam à coletividade. Esta, por sua vez, reconhece amplamente êsse esfôrço. A cada dia, chegam-nos provas eloqüentes dêsse reconhecimento, de que esta seção é prova.

CARINHO COM TELEFONISTAS

Em Dois Córregos, cidade interiorana de São Paulo, circula o jornal "O Democrático". Num de seus últimos números encontramos laudatório artigo sob o título: "De nós todos para as telefonistas de Dois Córregos", no qual são tecidos os mais eloqüentes elogios ao pessoal do Tráfego que ali opera, sendo citadas nominalmente tôdas as telefonistas e, especialmente, Eugenia Mendes, Encarregada, e Francisco Diogo, reparador, "para que sejamos atendidos de acôrdo com a enorme tradição da Telefônica Brasileira".

AMIGO DA CIDADE

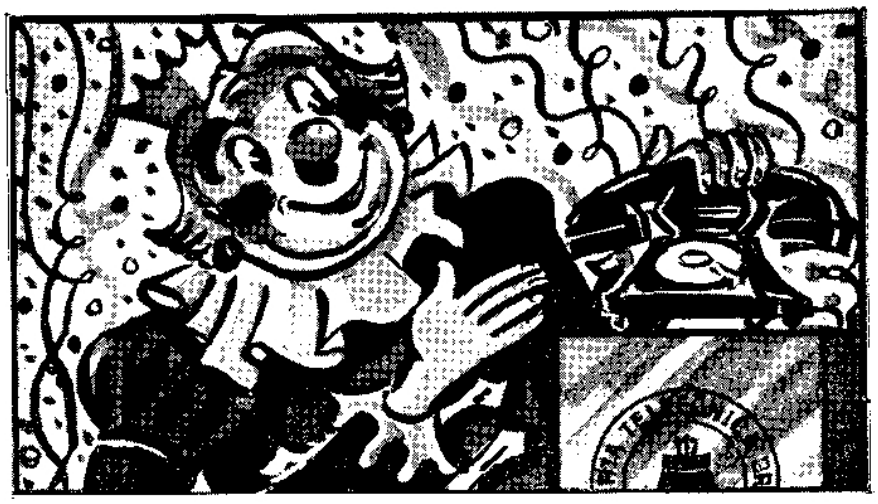
O jornal "Diário do Rio Claro", publicado na cidade paulista do mesmo nome, inseriu, há pouco, o ofício enviado pela "Sociedade Amigos da Cidade" ao Chefe da Estação telefônica local, Gastão Frota Salles.

Nesse ofício, extenso e altamente honroso para a C. T. B. aquela Sociedade congratula-se "pelo ótimo serviço telefônico de que a nossa cidade hoje se vê servida, com aparelhos modernissimos de acôrdo com os novos princípios da eletrônica.

"Não podemos deixar de destacar neste ofício, a dedicação e a delicadeza de tôdas as funcionárias incumbidas das ligações com o público (sempre exigente), e que sempre deram demonstrações de tolerância, educação e cavalheirismo no cumprimento dos seus deveres. Do mesmo modo queremos render os nossos mais sinceros elogios aos abnegados empregados dessa Emprêsa, aquêles que, madrugada adentro, ou ao sol a pino, vestidos com seus blusões de couro sob chuva inclemente, lá permaneciam "encarapitados" sôbre os postes, em busca de defeitos de funcionamento, tudo isso numa elogiável demonstração de zêlo pelo bem estar público".

POLÍCIA E CARNAVAL

O Delegado Policial da cidade de Miracema, no Estado do Rio, Sr. João de Oliveira Albuquerque, encaminhou ofício à gerente do pôsto telefônico local, Sra. Elisa C. do Amaral, agradecendo a ampla colaboração dada pela Telefônica, principalmente nos dias de Carnaval.



EFICIÊNCIA NO SOCORRO

Do Sr. Antônio Alexandre, diretor da Emissora Continental de Campos, Estado do Rio, recebemos ofício agradecendo os serviços prestados durante a calamidade das cheias do Paraíba, "quando encontramos eficiência e solidariedade em tôdas as horas, nos facilitando em tudo, sendo ainda a ajuda das mais profícuas que obtivemos no salvamento de dezenas de pessoas.

"Aceite Vossa Senhoria pessoalmente, e transmita a todos os funcionários indistintamente, nossos melhores agradecimentos."

FÔRÇA DE PROGRESSO

De Avaré, São Paulo, o Sr. Mariano Rodrigues, pela Emprêsa de Auto Ônibus Manoel Rodrigues, oficiou à Companhia, nessa mesma cidade, para agradecer a valiosa cooperação. "Cooperação de muita valia, pois esta Emprêsa que colabora para o progresso de Avaré e cidades circunvizinhas, pode considerar o serviço telefônico através de suas amáveis funcionárias, colaboradoras para o engrandecimento de nossa Avaré."

CALAMIDADE

Ainda a propósito das cheias do Paraíba, recebeu a C. T. B. da Emprêsa Fluminense de Energia Elétrica S. A., assinado pelo Sr. Antônio José de Miranda, seu Diretor Comercial, atencioso ofício datado da cidade de Campos, no qual diz: "Encontrando-me nesta cidade a fim de colaborar com a administração local da EFE na adoção de medidas visando amenizar os efeitos decorrentes do colapso de energia elétrica, que atinge sua população, venho agradecer e louvar a grande colaboração que temos encontrado por parte dessa Gerência, das senhoras encarregadas e telefonistas que tudo têm feito no sentido de facilitar as comunicações com a direção da EFE e outras autoridades na capital do Estado, graças ao que conseguimos coordenar uma série de entendimentos que possibilitarão, em horas próximas, remediar-se a situação".

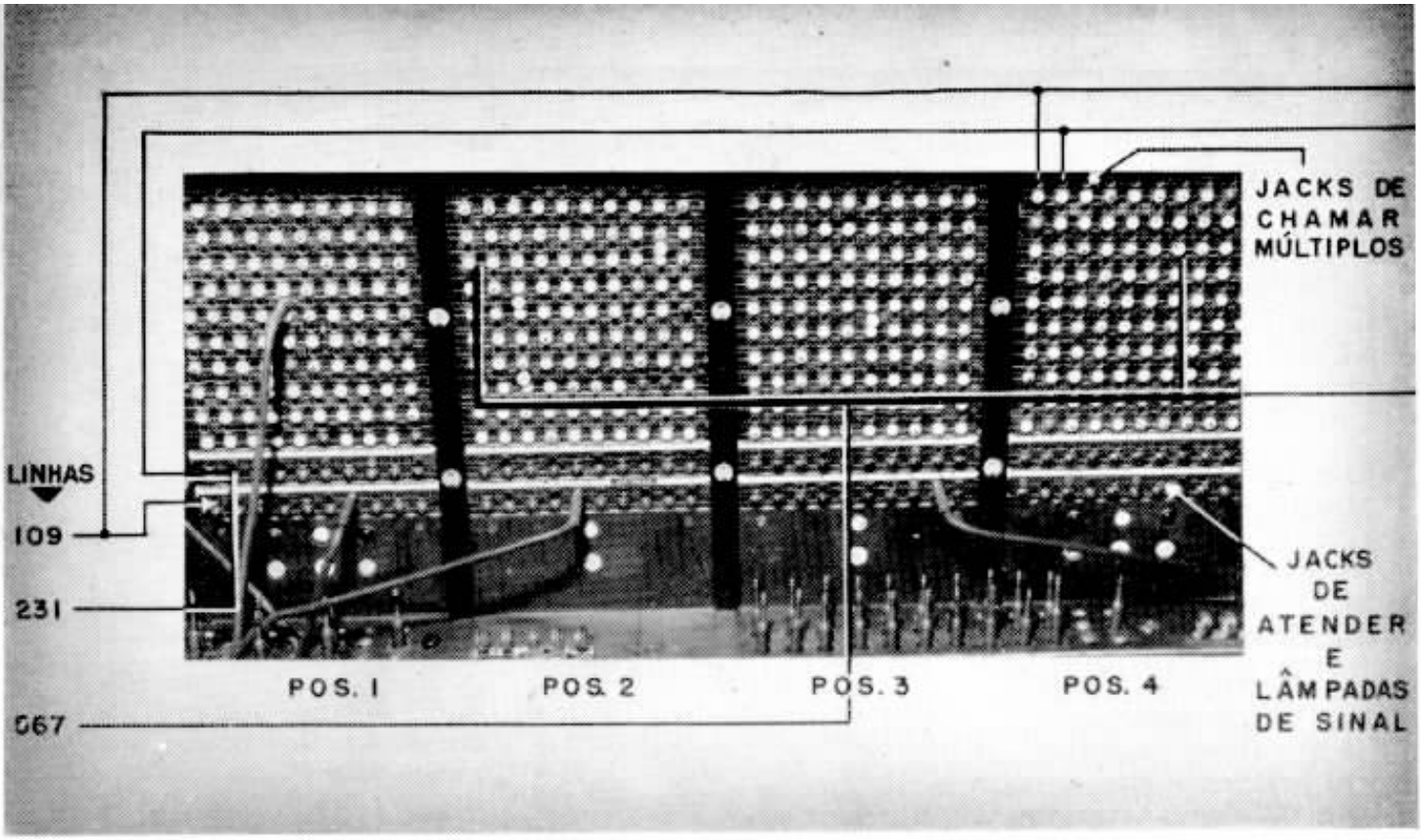
BANCO DO ESTADO AGRADECE

Do Sr. Vergílio de Carvalho, DD. Presidente do Banco do Estado do Rio de Janeiro, chegou-nos ofício que diz:

"Nos dias que precederam o falecimento do Exmo. Sr. Governador Roberto Silveira, as comunicações telefônicas dêste Banco foram grandemente aumentadas, como decorrência do acontecimento que enlutou o nosso Estado.

"E, em que pese êsse fato, teve o nosso estabelecimento de crédito seu serviço de intercomunicações perfeitamente atendido, com aprazo, presteza e solicitude, graças ao trabalho eficiente das funcionárias Yara Etchat e Laura da Cunha, respectivamente, Chefe e Encarregada do setor de Tráfego subordinado a essa Superintendência" (a do Tráfego da .C T. B.).

"E como as funcionárias em aprêço concorreram para que nossas comunicações de caráter oficial, fôssem feitas de pronto e com lhaneza de trato, desejamos consignar aqui, o procedimento exemplar de suas auxiliares."



Como se processa uma ligação telefônica

Colaboração da Escola da Rêde

COMO vimos fazendo há vários números de "SINO AZUL", damos aqui, mais alguns esclarecimentos sôbre o processamento das ligações telefônicas, numa explanação das mais úteis e acessíveis a todos os nossos leitores.

*

Nas estações manuais, assim denominadas porque são providas dêsse tipo de equipamento, as ligações são feitas nas Mesas de Ligações com o auxílio de telefonistas.

Em uma estação manual local simples, tôdas as linhas de assinantes terminam em, pelo menos, dois "jacks" destas mesas de ligações.

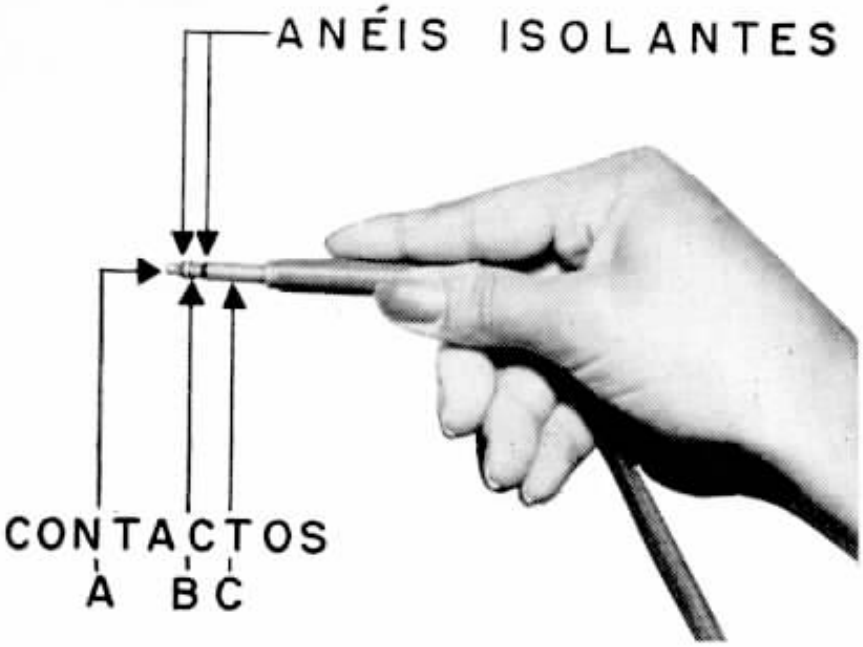
O "jack" é uma peça engenhosamente idealizada, cuja função se assemelha à de uma tomada, que permite a ligação rápida e cômoda da linha do assinante, por intermédio de um "plug" ou pega, como se vê no clichê da página à direita.

Um dêsses "jacks", denominado "jack de atender", pertencente a uma carreira ou tira de "jacks" idênticos situados na parte inferior do painel da mesa de ligações, possui uma pequenina lâmpada de sinal a êle associada, por meio da qual um assinante que deseja fazer uma chamada, consegue atrair a atenção da telefonista. O outro "jack", denominado "jack de chamar", é também montado em tira de "jacks" instalados na parte superior do painel da mesa e é utilizado, pela telefonista, para completar uma ligação para a linha dêste mesmo assinante, quando estiver sendo chamado por um outro assinante.

Cada telefonista, trabalhando numa mesa dêsse tipo, pode atender, em média, a cêrca de duzentas linhas de assinantes para completar ligações.

Além dêsses "jacks de atender", podem existir, à frente de cada telefonista, até 3.300 "jacks" de chamar". Estes "jacks" não têm nenhum sinal associado a êles e estão ligados em paralelo ou em múltiplo com outros "jacks" situados em paineis idênticos, localizados em algumas outras posições de telefonistas.

Cada telefonista terá acesso, dêsse modo, a cêrca de 10.000 "jacks de chamar", considerando os "jacks" situados na sua posição e os de posições adjacentes à direita e à esquerda da sua.



Suponhamos que o assinante cujo telefone tem o número 109, queira chamar o assinante do telefone 567. Ao retirar o fone do gancho, êste, ao se erguer, fecha um par de contatos, situado dentro do próprio aparêlho, ao qual está ligada a linha, pondo-a em curto. Isto faz com que o relé de linha correspondente, na estação telefônica, provoque a ligação da bateria da estação à lâmpada associada ao "jack de atender" do assinante 109, na posição 1 da mesa telefônica, acendendo-a.

A telefonista, então, insertará a pega de um cordão nêsse "jack de atender", associado à lâmpada acesa, fazendo com que a lâmpada se apague. Esta manobra permite, também, que ela entre em contato com o assinante 109, com o auxílio do seu aparêlho de telefonista. Indaga do assinante o número do telefone que deseja chamar e, em seguida, introduz uma segunda pega, companheira da primeira, no "jack de chamar" número 567, no múltiplo à sua direita (posição 2), completando, assim, a ligação. A campainha do aparêlho telefônico do assinante 567 passa a ser acionada, com o auxílio de uma chave denominada de "toque", em alguns tipos de mesas e, em outros tipos, automàticamente, pela simples introdução da pega no "jack de chamar".

Um "click" de advertência evitará que a telefonista entre numa linha ocupada; ela o ouvirá, em seu aparêlho de cabeça, se tentar inserir a pega em um "jack de chamar" que já esteja em uso em outro lugar no múltiplo.

Quando a conversação termina entre os dois assinantes, ao recolocarem os fones nos ganchos respectivos, duas lâmpadas denominadas "lâmpadas de fiscalização", situadas na mesa de ligações, junto aos cordões utilizados na manobra, acenderão, a fim de dar aviso à telefonista. Ela, então, deverá retirar as duas pegas dos cordões, desfazendo a ligação.

O que dissemos acima é, talvez, o mais simples exemplo de uma ligação telefônica, isto é, uma ligação entre dois assinantes localizados na área da mesma estação.

Quando uma cidade ou área fôr de tal tamanho que exija mais de uma estação telefônica, a comunicação entre assinantes de estações diversas não poderá ser feita com o auxílio, apenas, de uma telefonista.

Nêste caso, a telefonista que atende ao assinante que chama, liga a sua linha a um circuito denominado "tronco", o qual interliga as duas estações. A telonista da estação chamada entra no circuito e completa a ligação desejada.

Conclue-se, portanto, que cada estação telefônica deverá ser ligada a tôdas as demais estações, por intermédio de circuitos troncos, que são enfeixados, cada grupo, nos denominados cabos troncos.

Nas grandes cidades onde há muitas estações telefônicas, a interligação de cada estação com as demais, exige uma quantidade considerável de cabos troncos.

Assim, por exemplo, numa cidade com cinco estações, teremos necessidades de dez cabos troncos para interligá-las, isto é, o dôbro do número de estações. Se houver dez estações, isto é, duas vêzes, a quantidade anterior de estações, o total de cabos troncos será de quarenta e cinco, portanto, mais do que o quádruplo do número de estações, acarretando uma despesa considerável com a rêde externa de cabos.

Em tais casos, torna-se muito mais econômico o emprêgo de uma terceira mesa de ligações, conhecida como "mesa tandem", instalada numa estação intermediária, adequadamente localizada.

Na página ao lado, mostramos uma mesa de ligações dêsse tipo.

Trataremos dêsse assunto, com mais detalhes, no transcurso da explicação sôbre o Equipamento de Ligação Automático, que iniciaremos proximamente.

Diligente operária, especialista na montagem de centros automáticos da Siemens do Brasil.

PRODUÇÃO NACIONAL DE EQUIPAMENTO TELEFÔNICO

Objetivando revelar o estágio em que se encontra a indústria nacional de equipamento telefônico, iniciamos, com êste número, uma série de reportagens, através das quais poderá ser verificada a capacidade de produção das mesmas, patenteando que há de fato uma indústria especializada no país, apta a um desenvolvimento de grande interêsse para o Brasil.

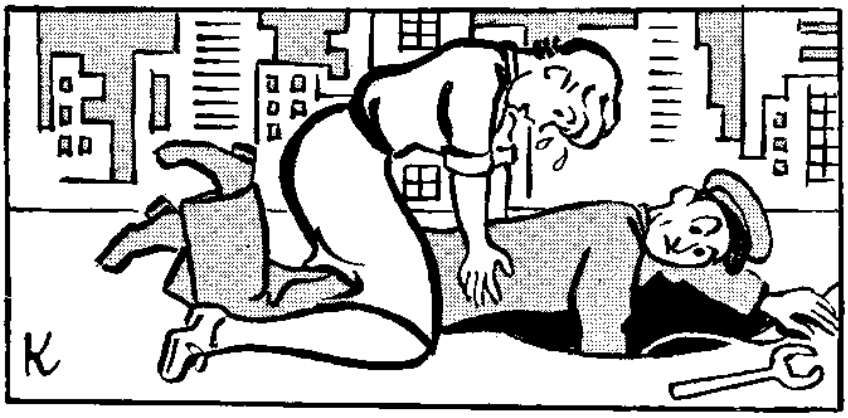
Essas fábricas, como é o caso da Siemens, alvo desta nossa reportagem, fabricam centros automáticos, PBX e PABX, telefones etc. e foram planejadas para se adaptarem à fabricação de grandes centros telefônicos de dez mil linhas, mas não se podem expandir, apesar disso, porque lhes faltam encomendas garantidas, a justificar os vultosos investimentos que seriam necessários a êsse fim. Quando as companhias telefônicas tiverem rentabilidade segura que lhes permita assumir tais compromissos, a fabricação nacional terá o justo desenvolvimento para que está preparada, com o que poderá atender à demanda e resolver o problema no país inteiro, sem evasão de divisas.

Neste caso está a fábrica Siemens do Brasil, que iniciou as suas atividades fabris de artefatos telefônicos, em nossa terra, em 1905. É, portanto, organização experiente e tem capacidade para uma expansão imediata, podendo ajudar a resolver o angustiante problema das comunicações telefônicas que tanto aflige aos dirigentes de nossa pátria.

Outro aspecto da montagem de centros automáticos PABX, na fábrica Siemens de S. Paulo.

Vista parcial das linhas de montagem e contrôle dessa fábrica de material telefônico, situada no estado de São Paulo. São instalações modernas e funcionais, para bons especialistas.

COISAS que aconteceu...



UMA COLEGA de elevada estatura, completou um curso de socorro a acidentados e estava em plena euforia, doida por poder utilizar os seus novos conhecimentos.

Funcionária de nossos escritórios, não via como pôr em prática o que aprendera até que, um dia, ao sair da Companhia, viu um homem, deitado de barriga para baixo em plena rua. Imediatamente "sentiu" que o homem precisava de socorros. Correu, sentou-se sôbre êle e passou a praticar-lhe respiração artificial: um, dois! um, dois!...

O homem, sob o impacto daquele pesado corpo, virou a cabeça e disse:

— "Olhe aqui, minha senhora, eu não sei o que a senhora está tentando fazer, mas eu sei o que eu estou fazendo... Desculpe-me, eu trabalho na Rêde e preciso tirar o fio desta galeria..."

* * *

ESTA aconteceu com um de nossos cobradores. Nosso funcionário bateu a uma porta e apresentou a conta a uma criada, evidentemente do interior, pelo aspecto e pelo falar.

— Sabe se a sua patrôa vai pagar agora?

— Uai! Intão não havera de sê?, respondeu a servente.

Enquanto a serviçal ia ao interior da casa, nosso colega preparou o trôco de Cr$ 500,00, já que a conta era de quase isso.

Quando a criada voltou trazia a importância que, de fato, era prevista. O trôco foi-lhe dado e ela, muito risonha e contente, comentou:

— Êta home inteligente! Adivinhou direitinho o dinheiro que a patrôa tinha!

UM REPARADOR dirigiu-se a uma casa onde havia um defeito no aparelho. Lá chegado bateu à porta. Uma pessoa olhou pelo postigo, ajeitando óculos nuns olhos míopes e perguntou:

— Quem é?

— Telefone — respondeu o funcionário.

— Tem fome? Deus o favoreça! — respondeu a pessoa. E fechou o postigo.

MARTINHA FIGUEIREDO DA SILVA, jovem e conceituada telefonista, estava trabalhando calmamente, em sua posição, quando, repentinamente, ouviu uma voz cantar um anúncio comercial. Após demoradas pesquisas, verificou, com bastante surprêsa, que se tratava de uma interferência num circuito de rádio.

* * *

UM CIDADÃO procurou o Departamento do Pessoal e foi encaminhado ao Serviço de Seleção. Queria ser vigia da noite. O homem era pequenino, fraquinho e com ar de teimosia. O encarregado olhou para êle duvidosamente e disse-lhe:

— Olhe aqui, meu caro. Nós estamos precisando de uma pessoa que pense o pior de todo mundo; que durma com um olho aberto; alguém que tenha sempre ouvidos atentos para o menor ruído. Uma pessoa que seja grande, agressiva, intrépida e perigosa, sempre de mau humor. O tipo que, zangado, fica uma fera.

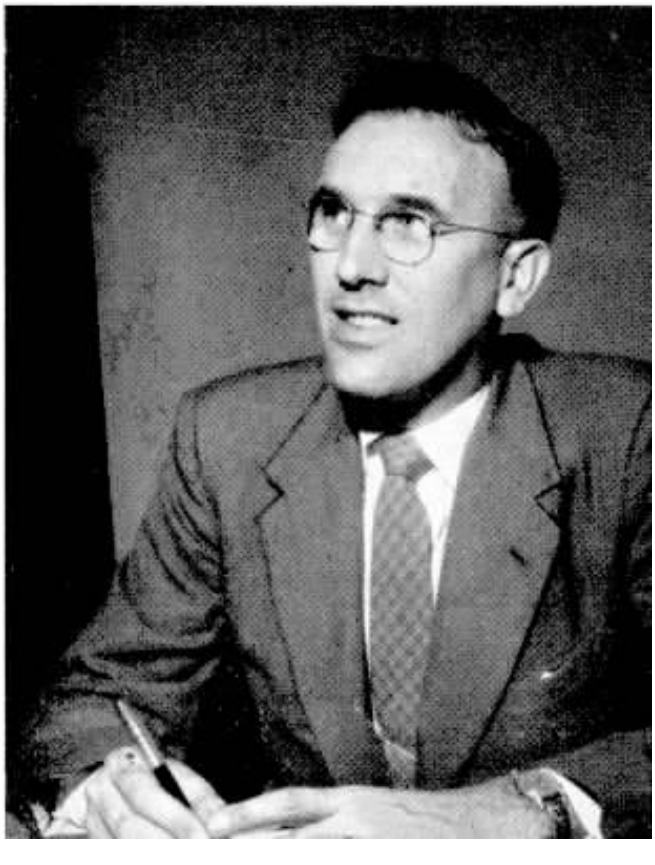
— Está bem, — disse o homenzinho resignado — vou mandar-lhes a minha mulher.

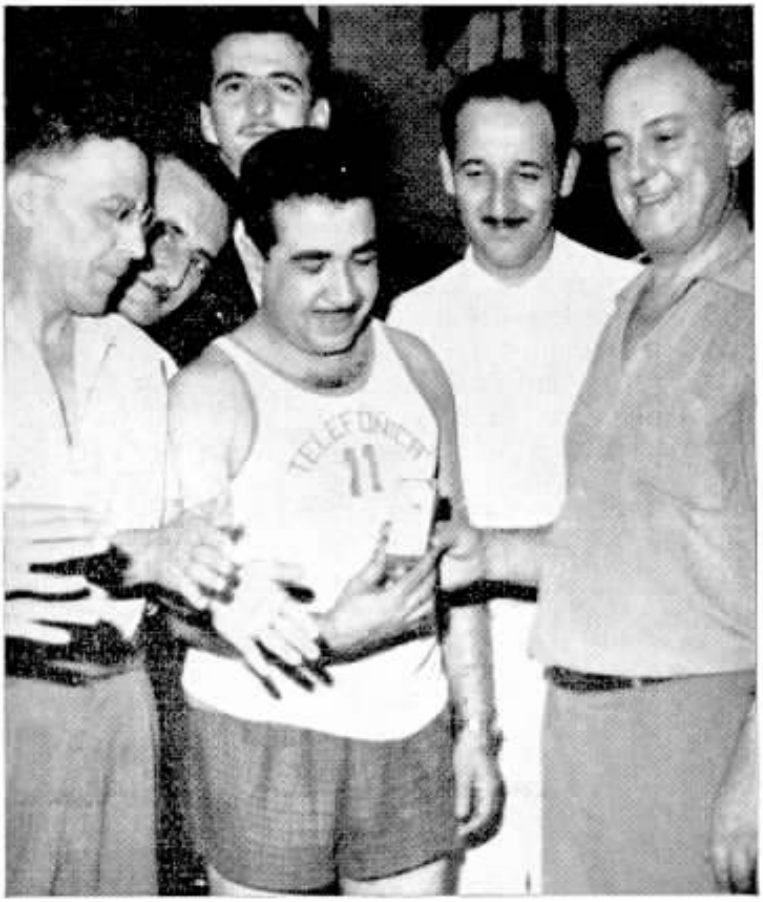
COLEGAS PROMOVIDOS

Deixou a Companhia Telefônica Brasileira, onde vinha exercendo as funções de Controlador, desde janeiro de 1955, o Sr. Arthur George Burnett que vai agora ocupar cargo semelhante, na São Paulo Light S. A. — Serviços de Eletricidade. Tendo chegado dos Estados Unidos em outubro de 1950, foi então nomeado Assistente especial do Departamento de Finanças da Cobast, cargo em que se conservou até a sua investidura como Controlador da C. T. B. Foram vários anos de excelente convívio deixando agora, o Sr. Burnett, inúmeros amigos que vêm com pesar a sua transferência pela amizade que lhe dedicam.

Anselmo Patrício é o novo Controlador da C. T. B., substituindo A. G. Burnett. Dêle se pode dizer que é o homem certo para o lugar certo. Entrando a serviço da Companhia como auxiliar de escrita, em dezembro de 1924, em São Paulo, chegou a contador chefe nessa Divisão, em setembro de 1951. Em junho de 1954 era subcontrolador e, agora, Controlador. Um bom companheiro e um chefe dos melhores, eis Anselmo Patrício.

Eric H. Binnie, por sua vez, ascendeu ao pôsto de subcontrolador, após uma série de brilhantes demonstrações de capacidade, desde a Contabilidade da Rio Light até os sucessivos postos ocupados na C. T. B. desde 1948: assistente de contador; contador-chefe da Divisão da Guanabara, superintendente dos estudos da contabilidade e, agora subcontrolador, respondendo pelo Departamento Geral de Contabilidade nos impedimentos de Anselmo Patrício.





Zelly Gonddá, da equipe carioca de boliche, recebeu delicada lembrança das mãos do diretor paulista dêsse esporte, Antônio Solitto.

Tendo ao lado, Chiavone Fonseca, diretor de futebol do clube telefônico da Paulicéia, aí aparece a valorosa

O TAC, DO RIO, EM VISITA DESPORTIVA A SÃO PAULO

UMA delegação do Telefônica Atlético Clube do Rio, estêve em visita a São Paulo, onde teve a oportunidade de cumprir um grande programa de visitas e comemorações, organizado pelos colegas do Telefônica Clube paulistano. Na sede do T. C. foi oferecido um coquetel aos quarenta representantes dos guanabarinos, fazendo as honras da casa, Armando Del Papa, uma vez que se encontrava de férias Nelson Perroud, presidente do grêmio telefônico bandeirante.

Em seguida ao coquetel, os visitantes jan-

Antes do jôgo, Carlos Edison Ribeiro, orientador da equipe de futebol do TAC, do Rio, deu instruções aos jogadores que, bem inspirados, venceram o prélio por quatro a zero.

equipe que defendeu em seu próprio campo, as côres do T. C. bandeirante num jôgo cheio de atrativos para todos.

O presidente do T. A. C., Ignácio Miranda, ofereceu o troféu disputado em futebol que acabou vindo para o Rio, com a equipe vencedora.

taram no salão de refeições da C. T. B., em meio à melhor atmosfera de cordialidade, pronunciando expressivos discursos Del Papa, pelo T. C. e Ignácio Miranda, presidente do T. A. C. do Rio. Na mesma noite efetuou-se o jôgo de xadrez, ganho por pequena diferença pelos colegas paulistanos.

No dia seguinte, sábado, à tarde, no campo do T. C., jogou-se futebol com a vitória dos cariocas por quatro a zero, ante uma grande assistência. À noite, efetuou-se também a partida de boliche, cabendo desta vez a vitória aos locais por u'a margem de quinhentos pontos. Digna de nota foi a festiva reunião realizada no recinto do boliche, com a confraternização entre visitantes e colegas de São Paulo, sendo oferecido então um coquetel e um "chopp-amigo".

O regresso da delegação carioca ocorreu no domingo.

Numa partida animada e bem assistida, Orlando A. Ribeiro (SP) enfrenta Cláudio B. Melo (Rio), à esquerda, que venceu com bom jôgo.

Cariocas e paulistas pertencentes às duas entidades associativas do pessoal telefônico, confraternizaram alegremente no T. C.

JUST HAMMERICH KOHMANN

FIGURA de prestígio entre os funcionários da nossa Companhia, Just Hammerich Kohmann, cujo falecimento repentino encheu de surprêsa e pesar a quantos com êle tiveram o prazer de um bom convívio, deixa grande saudade, tais os seus dotes de espírito, simpatia e competência profissional.

Formado em engenharia elétrica, em 1925, na Noruega, Kohmann iniciou uma carreira de sucessos na International Telegraph and Telephone Company, especializando-se em equipamento telefônico. Após haver trabalhado na Espanha, veio para o Brasil onde se encontrava desde 1929, tendo ingressado na C. T. B. em 1934. Deixa viúva a senhora Kirsten Kohmann e dois filhos, Hugo e Anne-Karine. Notável pela sua jovialidade, Kohmann grangeou um círculo enorme de amizades.

MARÍLIA . . .

(Conclusão da pág. 6)

reservava lugares para igreja, estação ferroviária, campo de futebol, jardins etc.

Bento de Abreu demonstrava acentuado amor pelo lugarejo e impulsionava seu progresso. Certa ocasião, viajando para a Itália a bordo do "Giulio Cesare", Bento de Abreu lia o livro "Marília de Dirceu".

Sabendo que a Companhia Paulista pretendia classificar as cidades de seu futuro trajeto ferroviário, após Piratininga, com denominações que representassem as letras alfabéticas iniciais, em ordem crescente, iniciando de América, Brasília, Cabrália, e assim por diante, e sabendo que a sua cidade teria que ter um nome iniciado por "M", visto que a anterior era Lácio, escreveu à direção da Companhia, sugerindo Marília, o qual foi entusiàsticamente aceito.

Marília marchou aceleradamente desde então. O município foi criado em 1928, instalando-se o poder municipal em 4 de abril de 1929.

A Marília de hoje é um monumento à operosidade de sua gente. O aspecto físico-topográfico não apresenta elevações de grande relevância, apesar de ligeiramente acidentado. Seu clima, de modo geral, é quente e salubre. Constituindo um "intermezzo" dos rios Peixe e Feio, Marília está situada na parte ocidental da Serra dos Agudos. Sua temperatura varia entre 33 e 7 graus. Mais de trezentos estabelecimentos industriais existem em Marília, sendo que mais de uma centena emprega mais de cinco operários em média. Quase um milhar e meio de casas comerciais, conta a cidade. O município tem perto de 2.500 propriedades agrícolas, com 21.250.000 cafeeiros produzindo e em formação. Arroz, milho, algodão, amendoim, mamona, mandioca e feijão, são outros produtos importantes para a economia local, com 45 mil hectares cultivados. Quatro milhões de litros de leite foram a produção do ano passado de seus rebanhos que contam com 47 mil bovinos, 3.200 caprinos e mais 70 mil galinhas, 60 mil galos e frangos, 22 mil suinos, 4.300 equinos, 2.000 asininos, 5.000 muares e 2.300 perus. A produção média anual de queijo é de 26 mil quilos e de manteiga de 30 mil quilos.

Marília possui cêrca de 20 grupos escolares com mais de 8 mil alunos, uma centena de escolas isoladas com 3.500 alunos, oito cursos de jardim de infância, 30 escolas do município, nove particulares, três de comércio , seis ginásios, três pré-normal, seis cursos científicos, três técnicos de contabilidade, uma escola artezanal, uma faculdade de Ciências Econômicas, uma de Filosofia, Ciências e Letras, uma de enfermagem, dois conservatórios de música, dezenas de escolas de corte e costura, bordados, datilografia, línguas etc.

No município predomina a religião católica, sendo Marília sede de Bispado, cujo titular é Dom Hugo Bressane de Araujo.

Existem na cidade templos de diversos cultos religiosos, como budistas, espíritas, protestantes e outros.

Com enorme vida cultural, Marília possue três estações de rádio, uma de rádiotelegrafia e cuida de sua população através de quatro hospitais, estando ali sediado o Instituto Adolpho Lutz para a erradicação da malária.

Com 32 anos apenas de autonomia municipal, Marília é um magnífico exemplo de trabalho organizado e amor à terra, sendo a melhor a harmonia entre os nacionais e as colônias japonêsa, italiana, portuguêsa e síria, as maiores da região.

Com quase cem mil habitantes, Marília tem verdadeiros marcos da economia e desenvolvimento industrial do estado, como as Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo, Anderson Clayton, Indústrias Zillus e outras.

Marília é uma das zonas do distrito de Bauru, dirigido por Mário Messemberg e tem como principais responsáveis pelas suas operações, Carlos Alberto Franchin, no Departamento Comercial; João Emílio Costa, Encarregado Geral, na Rêde; e Benedicta Santos Coube, Telefonista Chefe, no Tráfego. Oitenta funcionários da C. T. B. dedicam-se entusiásticamente em seus setores de atividade, a oferecer dedicado serviço de comunicações locais e à longa distância, cooperando no crescente e imprevisível progresso da terra que é símbolo de amor e liberdade, a terra que dispõe agora de 2.015 telefones instalados, completando u'a média mensal de pedidos interurbanos da ordem de 17.664 chamadas completadas.

COLÔNIA DE FÉRIAS...

(Conclusão da pág. 17)

Senhora das Graças, construída na área da Colônia, sendo rezada a primeira missa pelo padre Lidio que, momentos antes, em prédica, entregara a capela aos fiéis. Após os festejos um suculento churrasco foi servido, seguido de animada tarde dansante.

Sino Humor

através da imprensa mundial

– . . . é que seu carro de reparos está no consêrto !

– Sabe, Carlos, na verdade me casei porque "cansei" um pouco de ser telefonista . . .

– se nós inventamos esta droga de telefone, por que não fazemos isto trabalhar direitinho ?

– Desde que ela ganhou o telefone, está tôda orgulhosa. Mostra o seu nome na lista a todo mundo . . .

– Não aguentei mais, seu guarda! Oito anos de espera na fila do telefone e ainda insistem em saber o meu número !! –

Sino Azul

Nº 4 — 1961

NO XXXIV Nº 4 — 1961

CAIXA POSTAL 450
RIO DE JANEIRO

REVISTA DOS
EMPREGADOS
DAS ORGANIZAÇÕES:

OMPANHIA TELEFÔNICA
BRASILEIRA

OMPANHIA TELEFÔNICA
DE MINAS GERAIS

OMPANHIA TELEFÔNICA
DO ESPIRITO SANTO

NOSSA CAPA

Abel Corrêa de Mattos, veterano de 45 anos de C. T. B., recebendo calorosa manifestação de artistas que participaram da bela festa do Dia do Trabalhador em Serviços Telefônicos.

Uma das belas praças da ilha está situada na praia da Bica. Nileéa e Teresa, ali descansam após breve passeio. Ao fundo, a igreja de N. S. da Conceição, construida em 1865.

GOVERNADOR, namorada

A HISTÓRIA da Ilha do Governador pode ser dividida, arbitràriamente, em dois períodos: antes e depois da ponte inaugurada em 1949. Governador é a mais extensa das ilhas que se encontram dentro da Baía de Guanabara, com uma área equivalente a 29 quilômetros quadrados. Com a sua situação privilegiada, não muito distante do centro da cidade do Rio de Janeiro, com uma superfície capaz de suportar uma grande população, depois da ponte que a ligou através da ilha do Fundão, onde se constrói a Cidade Universitária, à vital artéria Avenida Brasil e, por ela, ao próprio coração do Rio de que passou a distar

O Jóquei Clube Guanabara é uma obra de requintada arquitetura. E mais um local na ilha de divertimento para os seus moradores. Eglantine, Marilda, Iracema e Maria, ali aparecem.

No aristocrático Iate Clube Guanabara, Maria Silva descansa e serve um refrigerante.

O Pôsto Telefônico da nossa Companhia, no Aeroporto Internacional do Galeão, é dotado de modernas e funcionais instalações, oferecendo um ambiente de confôrto para o público.

da Guanabara

breves minutos, Governador se transformou, ràpidamente, numa das áreas residenciais da Guanabara. Considerada administrativamente como área suburbana, tem, no entretanto, aspectos caracteristicos bem diferentes dos aglomerados suburbanos cariocas, com a absoluta preponderância de um comércio que tem por fim servir às necessidades mais imediatas da população local. Praias belíssimas, até à inauguração da ponte, eram guardadas com zêlo de avaro pela população local que,

A Pedra Rachada, no Bananal, é um ponto pitoresco da ilha. Maria José e Francisca Oliveira foram conhecê-la.

depois, teve de se conformar com a "descoberta" pelo resto dos cariocas, dos encantos da ilha, onde avultam, pela sua importância, o Aeroporto Internacional e a Base Aérea do Galeão, que fazem dela, um gigantesco domínio do Ministério da Aeronáutica que ali, mantém, inclusive, grande área residencial onde moram inúmeros servidores dessa secretaria de Estado.

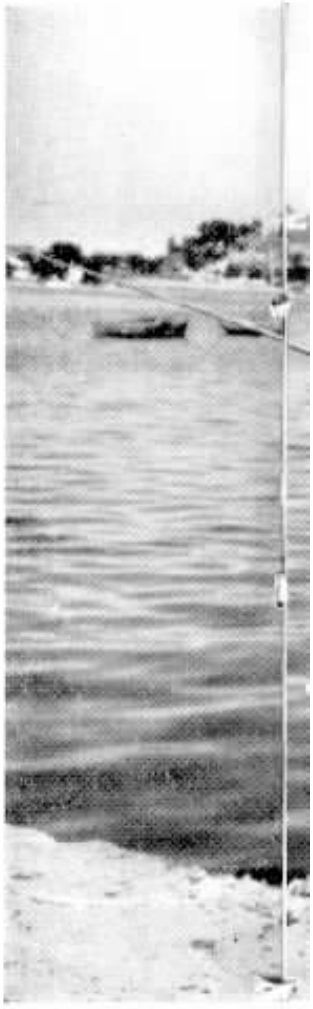
Ficaram famosas, nas páginas da imprensa, as crônicas de Raquel de Queirós, uma das maiores escritoras do país, por muitos anos residente na ilha, em defesa daquele recanto da Guanabara que ocupava em seu coração, o mesmo lugar reservado ao rincão cearense de onde veio. Raquel jamais se conformou com a "invasão" da ilha — depois da ponte — por um novo tipo de habitante, embora lhe reconhecesse as melhores condições econômicas e conseqüente possibilidade de desenvolvimento da ilha, por isso mesmo combatido, pois ia quebrar-lhe o lirismo, aquêles aspectos tão típicos locais.

Governador é hoje, um reflexo do progresso que envolve o estado. A sua edificação é vertiginosa. Elegantes prédios enchem as suas ruas e estradas, mostrando o gôsto crescente pelas suas paragens, possuindo até um soberbo hipódromo, de construção recente. Tem inúmeros estabelecimentos escolares, primários e ginasiais; vários cinemas e clubes recreativos, desportivos e náuticos. E' dotada de serviço médico de pronto socorro e de bombeiros, com equipamento moderno. Templos religiosos ali existem, alguns quase centenários. Um cemitério serve a ilha.

Em 2 de setembro de 1933, a Companhia Telefônica Brasileira inaugurava a sua primeira estação telefônica em Governador, na Praia de Cocotá. Possuia apenas uma posição e era operada por Agente Operador, com quatro telefonistas. Pouco depois, passou para quatro posições e, logo, a seis, mostrando as necessidades crescentes do Tráfego. Com a instalação da Aeronáutica no Galeão e a existência de um aeroporto internacional, essas necessidades se tornaram flagrantes e a Companhia mantém hoje extensos serviços, incluindo um modernissimo pôsto público de onde são feitas, diàriamente, dezenas e dezenas de chamadas locais,

Nos intervalos para descanso, Edna Costa, Oldinéia Ribeiro e Isaura Domingues lêem as novidades em revistas.

O bonde é um meio de transporte interno bastante usado pelos moradores locais. Maria Lucia Souza tem, também, sua preferência por êle. O Estado é quem mantém ali o serviço de bondes.



Residências suntuosas e belos jardins também existem na ilha, emprestando um colorido todo especial e agradável. Lindôia e Tereza, são dois ornamentos que completam a bela paisagem.

Os moradores da ilha se utilizam da bicicleta para locomoção interna, como o faz Ana Lourdes Cardoso. Clorinda Bruno é fã da pesca. Sempre que dispõe de tempo, mune-se do seu caniço e ruma para o mar, em busca do precioso pescado.

rurais, interurbanas e pelo serviço rádio interior e internacional.

Esta reportagem, leva aos nossos leitores, flagrantes da nossa gente na Ilha. Das moças telefonistas, de seus chefes e demais auxiliares da C. T. B. naquele recanto carioca, com os seus instantes de trabalho e de lazer dentro de uma das mais privilegiadas paisagens no privilegiado panorama da Guanabara.

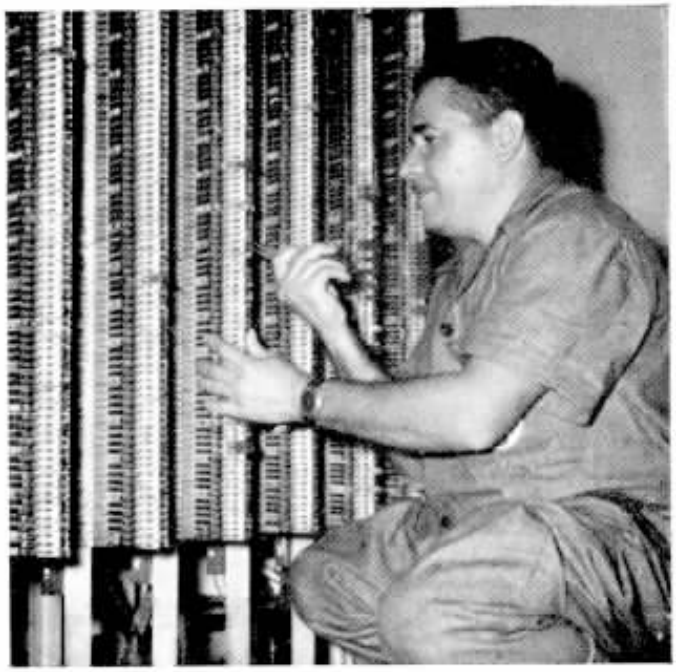
Tereza N. Azevedo, do Tráfego, atende com tôda a solicitude, as pretensões de um assinante. Servir sempre melhor, é o lema.

Passear pelas lindas alamedas que contornam a formosa praia da Bica, constitui a preferência do animado grupo de alegres telefonistas.

O Departamento do Tráfego, tem como telefonista chefe, Noedes P. Guerra, que há alguns anos ali presta a sua colaboração.

Governador possui praias lindíssimas, que são sempre procuradas pelas funcionárias do Tráfego nas manhãs quentes e convidativas, para o refrescante banho e, também, para bronzear a pele ao sol. Tereza, Nilcéa, Wilma, Marilda, Oldinea e Clorinda, na praia de São Bento.

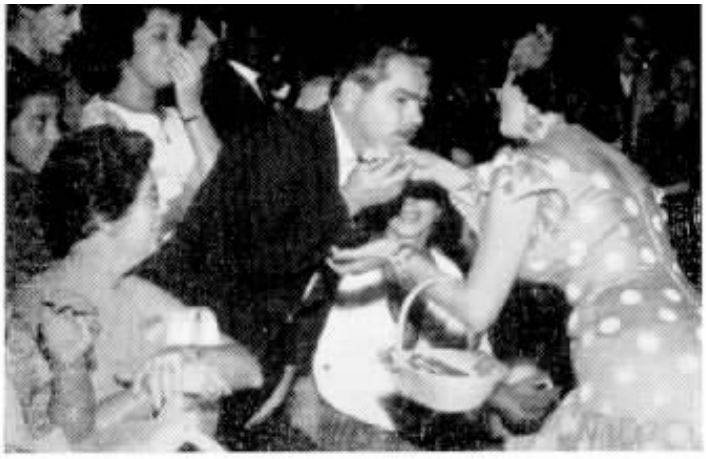
Na sala de estar da estação telefônica da ilha, Isaura Domingues, Hermelinda Neves e Oldinéia de Almeida conversam sôbre modas.



A responsabilidade da conservação do equipamento da estação telefônica de Governador, está a cargo de Milton de Souza.

A esquerda: Junto a um avião, no Aeroporto Internacional do Galeão, um grupo de telefonistas que visitou aquêle campo.

A direita, Eglantine M. Ramos, telefonista local, manipulando uma chamada telefônica, solicitada por um assinante. Tudo OK.



Durante a festa, «La violetera» distribue suas flôres. Um bonito número do «show».

VETERANOS DA GUANABARA RECEBEM SEUS EMBLEMAS

Ao lado, um alegre grupo de veteranos da Rêde que improvisou uma orquestra, regida por B. J. P. Tancred, se não afinada, musicalmente, bem entrosada por anos e anos de bons serviços prestados.

Abaixo, veteranos de 35 anos de atividade na CTB: Altamiro C. Saldanha, Rêde; Aloísio S. Marques, Rêde; Luiza Braga, Comercial; Otacílio F. Martinho, Comercial; Nair Braga Comercial; Antonio J. Carvalho, Rêde; Afonso Osolins, Rêde e Nair L. Alves, Tráfego.

NO dia comemorativo do trabalhador em serviços telefônicos, realizou-se magnífica festa de homenagem àqueles que, em 1961, completavam novas etapas de serviço, atingindo mais anos de dedicação e esfôrço.

Com uma enorme afluência, até aqui ainda não verificada em outras ocasiões, e que reuniu perto de três mil pessoas nas amplas dependências do Ginásio do CEMDECA, à rua José do Patrocínio, no Grajaú, na Guanabara, duzentos e noventa e seis veteranos, cujo tempo de serviço à CTB somava 5.655 anos de atividade incansável, receberam palmas e abraços, emblemas e múltiplas homenagens, de chefes, familiares, colegas e amigos, irmanados no mesmo objetivo..

O programa foi extenso e constou de sessão solene, churrasco, show com elementos do corpo artístico do Teatro da Guanabara, jôgo de futebol entre colegas do T. A. C. do Rio e da Companhia Telefônica Nacional de Curitiba, vencido pelos cariocas por quatro tentos a dois, terminando a festa, já noite, com animado baile.

Uma grande e bonita festa para comemorar um grande e festivo acontecimento: a contagem de mais tempo para bons e estimados colegas que fazem do seu trabalho, legítimo motivo de orgulho não só para a C. T. B., como para tôda a família telefônica.

A esquerda, dois flagrantes da bela festa. Acima, a mesa que presidiu os trabalhos, com autoridades e superintendentes da CTB. Abaixo, a assisteência e, de pé, veteranos recebendo seus emblemas.

40 anos
Angela C. Leite

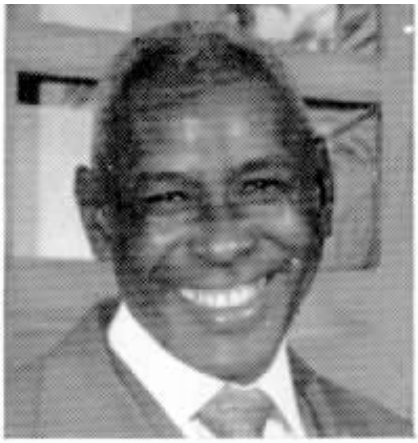
40 anos
Lourival A. Corrêa

Iracema R. Waltz, 35 anos e
Armando A. Cardoso, 40 anos.

Expectativa: garrafa de champanha está sendo sorteada para os veteranos do Tráfego. Marialva F. Melo segura a roleta, acionada por sua filha.

«La Violetera» brinda os veteranos da Contabilidade e a Anselmo Patrício, e, embaixo, oferece flôres aos do Comercial. L. J. Goulart, observa.

35 anos
Orlando L. T. Cunha



35 anos
Hildebrando E. Santos

35 anos
Nair S. Mascarenhas

35 anos
Mario D. Ribeiro

35 anos
Dulçulina M. Silva

35 anos
Dylo S. Gonzaga

35 anos
Dora G. Esteves

35 anos
Ignacio S. Miranda

35 anos
Nair Waltz

As homenagens aos veteranos, foram programadas pela Companhia Telefônica Brasileira e pelo Sindicato dos Trabalhadores em Emprêsas Telefônicas do Estado da Guanabara, unidos no mesmo e sincero desejo de evidenciar o valor de quase três centenas de homens e mulheres, cujas vidas funcionais, têm sido padrões de bons serviços. Variando de dez até quarenta e cinco anos de intenso trabalho a serviço de causa de tão grande magnitude na vida da coletividade, os veteranos receberam os seus sinos-de cobre, para os dez anos de serviço; de prata, para os de 20; de ouro, para os de 25; de ouro e esmeralda, para os de trinta; de ouro e rubi,para os de trinta e cinco; de ouro e brilhante, para os de 40 e, finalmente, o que o Sr. Marialva Mello, superintendente-geral do Tráfego colocou na lapela do mais antigo veterano presente, Abel C. de Mattos, de platina e brilhantes, simbolizando os seus 45 anos de excelentes serviços.

A mais nova colega, um dia de serviço, Deodete A. A. Souza, oferece flôres ao mais velho: Abel.

O indispensável amigo de Abel C. de Mattos: o charuto, aceso por prestimosa artista do «show».

Graziela de Salerno orientou o desfile artístico, e ensinou um passo de dança ao «jovial» Abel.

Os colegas do Departamento do Tráfego na Guanabara, fizeram questão de solenizar a ocasião: reuniram-se e deram ao Abel, magnífico relógio, amável lembrança de todos.

O abraço honroso do chefe e amigo de sempre: Marialva Mello, superintendente-geral do Tráfego.

«No meu tempo, o telefone era assim!», parece dizer à simpática senhorinha, o veterano Abel.

Dois irmãos de larga fôlha de serviços à C.T.B.: Abel e Elpídio C. Mattos, exemplos de operosidade.

ABEL CORRÊA DE MATTOS

45 anos de serviço

A FESTA dos veteranos de 1961, na Guanabara, teve um toque de rara emoção, nas homenagens prestadas ao mais antigo funcionário em atividade nessa área da C. T. B., o veteranissimo Abel Corrêa de Mattos, um homem cheio de jovialidade, de bom humor indestrutível, transbordando de seu sorriso constante e do charuto indispensável, e que, há quarenta e cinco anos, trazia para a convivência de seus colegas da Telefônica, um notável exemplo de fôrça de vontade, de tenacidade, de otimismo e de simpatia pessoal. Nestes quarenta e cinco anos de contato diário, desde as funções mais modestas às responsabilidades de chefe de seção no Departamento-Geral do Tráfego, Abel C. de Mattos foi sempre o mesmo ativo, diligente, compreensivo e infatigável colega.

A grande massa de pessoas — três mil ao todo, entre superintendentes, chefes de diversos escalões, autoridades, colegas, amigos e familiares — presente à festa do Dia do Trabalhador em Serviço Telefônico, no Estado da Guanabara, teve muitas razões para tributar a sentida homenagem que prestou a Abel C. de Mattos, quando seu nome foi pronunciado com emoção. Êle é um exemplo de trabalho, de dedicação e de caráter.

Esta risonha colega, animou com a sua alegre presença, o baile do Telefônica A. Clube do Rio.

Na Colônia de Férias Graham Bell, no Estado do Rio, os nossos colegas comemora-

FESTA À CAIPIRA DA FAMÍLIA CETEBENSE

COMO é de hábito nas associações formadas pelos funcionários, o Telefônica Atlético Clube (Rio) e Telefônica Clube (São Paulo) e também a Colônia de Férias Graham Bell (Francisco Fragoso, Estado do Rio) promoveram animadas festas à caipira, onde nada faltou, desde a mais tradicional quadrilha, às sortes, prendas encantadas.

Nestas páginas, damos alguns aspectos fotográficos bastante expressivos do que foram essas noites de plena alegria, demonstrativas do interêsse que sempre acompanha a realização de tais festas, tanto na Guanabara, como em São Paulo e na Colônia de Férias, pois o espírito é sempre o mesmo e a mesma a boa disposição de espírito de todos os colegas.

Tipos os mais curiosos, em excelentes caracterizações de nossos colegas paulistanos, desfilaram na festa caipira promovida pelo T.C.

ram, a bela quadra de junho. A foto mostra a «cadeia» repleta de «detidos».

Outra colega do T.A.C., no Rio, que contribuiu com a sua animacão e encanto para a festa.

Outro pitoresco flagrante colhido na festa junina do Telefônica A. Clube do Rio, vendo-se alguns dos mais curiosos tipos de «roceiros» presentes à ocasião e que se divertiram à grande.

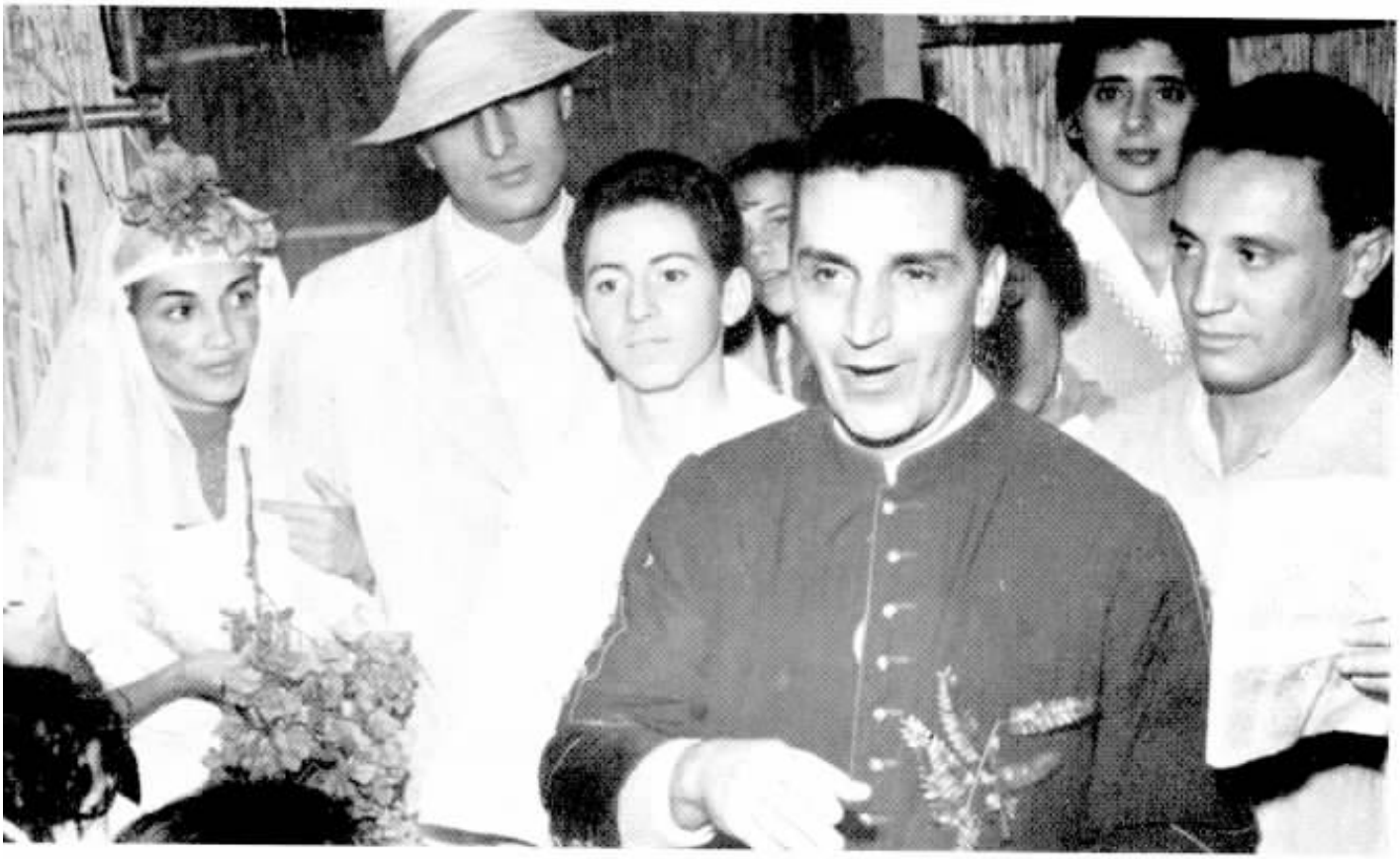
A barraquinha da sorte impunha, na ansiosa espera do número feliz, uma concentração maior, como o demonstram os colegas.

A concentração desaparecia, porém, na hora agradável da quadrilha, ponto alto da noitada de Antônio, Pedro e João no Telefônica.

É DIFÍCIL levantar no tempo, a origem das festas dedicadas aos três (que são quatro) santos famosos de junho. O que se sabe de positivo é que, no Brasil, o ardor festivo veio do interior para o litoral, com um enorme cortejo de hábitos e tradições, umas criadas aqui, outras herdadas de nossos antepassados. E eram tão pitorescas essas festas, revestidas de um tal calor de alegria e de tantos toques de ingenuidade, que logo as cidades as adotaram crescendo com o correr dos tempos, o entusiasmo pelas mesmas.

Na área dos clubes integrados pela família telefônica também, de ano para ano, é maior a freqüência aos bailes à caipira, traduzida no número cada vez maior de jovens que disputam lugar entre os pares da engraçada quadrilha dançada.

Aspecto da quadrilha dançada pelos colegas, na explêndida festa do T.A.C. no amplo ginásio do CEMDECA, no Grajaú, na Guanabara. Dentro de variada coreografia, rapazes e moças deram uma excelente demonstração de apuro, tão bem apreciado.



Embaixo: o que não pode faltar numa festa «caipira» a caráter: o «casamento da roça». Este foi o da Colônia de Férias Graham Bell, em Francisco Fragoso, com os noivos e os convidados, na igreja, na hora da solene saudação do «sacerdote».

São Paulo: Conclusão de Cursos e Premiados os Alunos

Armando Del Papa e a professôra Hercilia Godoy, à direita, que entregou prêmios a duas destacadas alunas, Maria Esther Petruceli Menezes e Geonice Vilela Petrolle.

REALIZOU-SE, em São Paulo, significativa reunião com enorme afluência, durante a qual foram entregues os certificados de conclusão dos Cursos de Arte Culinária, Corte e Costura, Básico de Escritório, por correspondência, e Atividades de Horas de Lazer, promovidos pela C. T. B.

A reunião que teve lugar na sede do Telefônica Clube bandeirante, contou com a presença de superintendentes, notadamente do Sr. Armando Del Papa, Superintendente do Pessoal de Divisão, e muitos familiares dos concluintes, cujos alunos mais destacados, receberam prêmios.

Acima, ladeadas por dirigentes da C.T.B. e professôras as alunas que completaram o Curso de Arte Culinária, Corte e Costura e Atividades de Horas de Lazer, premiados.

Mais Destacados

Abaixo, alunos do Curso Básico de Escritório, por Correspondência, e seus professôres.

A professôra D. Thereza Fernandes, do SESI, entregou o prêmio a que fês jús, pela sua dedicação ao aprendizado, a Iracy P. de Souza, agora habilitada à agulha, ao dedal e ao fogão.

A professôra Brazilina Lavolta, do SESI, acima, e Armando Del Papa, embaixo, entregam às alunas Maria Assi e Elza Mantovanelli, os prêmios pela dedicação aos cursos completados.

Como se processa uma ligação telefônica

Colaboração da Escola da Rêde

PROSSEGUIMOS neste número, com mais alguns esclarecimentos sôbre o processamento das ligações telefônicas, dando desta feita, um novo capítulo.

As operações fundamentais a serem executadas por um sistema automático de ligações são, naturalmente, as mesmas realizadas pelo sistema manual, já descrito anteriormente.

Seria, portanto, desnecessário assinalar que qualquer sistema, inteiramente mecânico, consiste numa quantidade considerável de peças eletro-mecânicas que integram o equipamento automático, de razoável complexidade e de requintado acabamento.

Numa estação automática, a operação do sistema eletro-mecânico de ligações é controlada pelo disco instalado no aparelho telefônico do assinante, o qual transmite ao equipamento, impulsos elétricos correspondentes a cada algarismo discado.

O tipo mais antigo de maquinaria de estação automática, em uso, utiliza o princípio do sistema denominado «passo a passo». Isto significa que cada algarismo discado origina impulsos elétricos que provocam o movimento de um mecanismo ou chave especial na estação, que levará a ligação um passo adiante em direção ao seu objetivo final, que é a linha do assinante chamado.

O princípio básico que isto envolve pode ser compreendido prontamente, se observarmos o exemplo simplificado, apresentado no clichê ao lado. Nele mostramos, apenas, cinco passos e há, ùnicamente, cinco contatos nas chaves de cada passo.

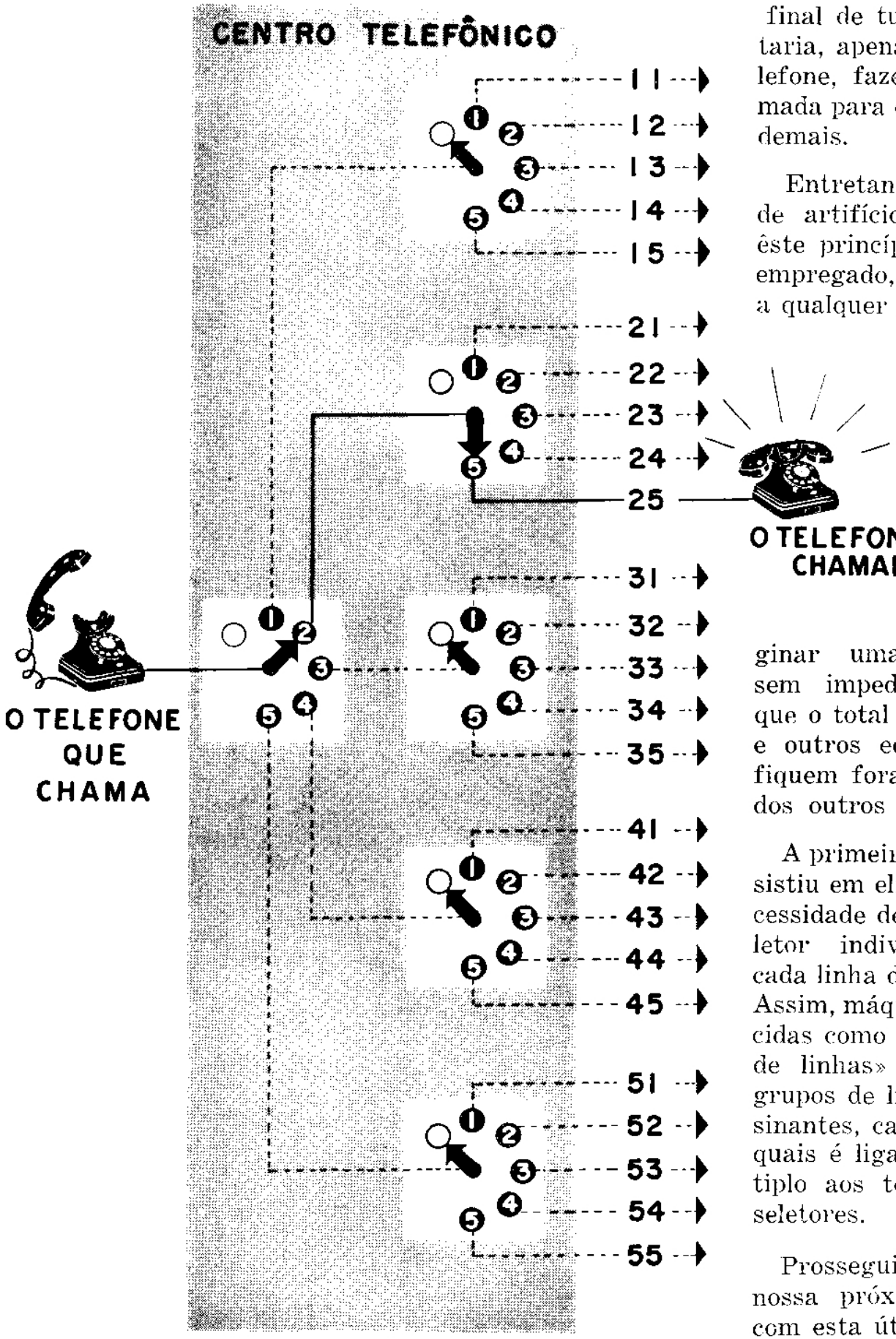
Se dispuzermos as ligações de tal modo que ao discarmos o primeiro algarismo, a primeira chave avance para o contato correspondente ao número de impulsos recebidos, o qual, por sua vez, corresponde, exatamente, ao algarismo discado, verificamos que uma outra chave do segundo grupo de chaves ficou a ela ligada.

Ao discarmos, então, o segundo algarismo, esta segunda chave avançará até ao contato correspondente ao número discado, ao qual está ligado o telefone chamado.

Procedendo dêsse modo, poderemos atingir qualquer um dos vinte e cinco telefones, discando, apenas, dois algarismos, de 1 a 5.

Se, como acontece com o disco telefônico em uso, houver dez algarismos, e o sistema fôr planejado e construído para a discagem de até sete algarismos para atingir o telefone desejado, o diagrama simples da fig. 1 poderá ser fàcilmente ampliado, sem nenhuma alteração em seu princípio básico, a fim de mostrar como seria alcançado qualquer um dos dez milhões de telefones em sete passos sucessivos de discagem.

A desvantagem de um sistema tão simples quanto êste é que, embora exigindo um número enorme de chaves ou seletores e fios, no



O desenho dá uma idéia do processamento de uma chamada pelo sistema automático. A operação é controlada pelo disco do aparelho que chama e que transmite impulsos elétricos à distância, correspondendo o número de impulsos ao algarismo discado.

final de tudo, possibilitaria, apenas, a um telefone, fazer uma chamada para qualquer dos demais.

Entretanto, por meio de artifícios especiais, êste princípio pode ser empregado, permitindo a qualquer telefone originar uma chamada, sem impedir, todavia, que o total de seletores e outros equipamentos fiquem fora do alcance dos outros telefones.

A primeira etapa consistiu em eliminar a necessidade de ter um seletor individual para cada linha de assinante Assim, máquinas conhecidas como «buscadores de linhas» atendem a grupos de linhas de assinantes, cada uma das quais é ligada em múltiplo aos terminais de seletores.

Prosseguiremos em nossa próxima edição, com esta útil e accessível explanação, cuidadosamente preparada pela Escola da Rêde.

Primeiro Painel de Administração da C. T. B.

Diretores e Superintendentes Gerais da C. T. B. e convidados. L. A. Latimer, o quinto a contar da esquerda, dirigiu os trabalhos fazendo comentários dos relatórios que foram debatidos.

REALIZOU-SE, no Estado da Guanabara, o Primeiro Painel de Administração da Companhia Telefônica Brasileira, sob o tema "A Liderança e o Dirigente".

A reunião que contou com a presença ativa dos funcionários que participaram dos diversos seminários de administração, teve, ainda, como membro do Painel, todos aquêles que, por motivos diversos, não puderam comparecer a êsses seminários e ocupam cargo de direção na emprêsa.

A finalidade era caracterizar um tema de grande preponderância, como a Liderança, tão necessária à boa produtividade, ao desenvolvimento e à orientação de qualquer organização. Paralelamente a êste objetivo de aperfeiçoamento administrativo, à base de troca de opiniões e experiências de seus participantes, o Painel proporcionou a aproximação de dirigentes de Departamentos e Seções, desenvolvendo as boas relações entre êles.

O Painel é uma técnica educacional em que um grupo de dirigentes discute, diante de um au-

O que foi a grande reunião no Estado da Guanabara sob o tema — «A liderança e o dirigente»

Embaixo: Manoel N. Silva e Luciano Roger defenderam, em plenário, a tese apresentada pelo seu grupo.

Maria P. Machado conduziu a bandeira brasileira no desfile de abertura do Painel.

«A Liderança e o Dirigente»: Promoção das Mais

ditório, um tema sob diferentes pontos de vista. Depois disto é permitido ao auditório, participar na discussão geral. Usado pela primeira vez em 1929, durante uma sessão na Universidade da Califórnia, em Berkley, por Harry A. Overstreet, do colégio da cidade de Nova York. Mais tarde, êsse método popularizou-se e foi denominado Painel numa reunião da Associação Americana para Educação de Adultos, em maio de 1932.

O funcionamento do Painel da C. T. B., o primeiro no gênero realizado no âmbito da nossa emprêsa, estêve a cargo do Departamento de Treinamento do Pessoal e Segurança no Trabalho, atuando como Coordenador Geral, Elpídio Corrêa de Mattos que teve como assistentes, Helecy Padilha da Cunha, Virgilio Diego Caballero e Oswaldo Peres.

Como relatores, funcionaram representantes das turmas preparatórias para o painel que tiveram como assessores, outros participantes, em número igual aos dos relatores.

Durante três dias, o amplo Ginásio do CEMDECA, à rua José do Patrocínio, no Grajaú, recebeu o elevado número de participantes que ali discutiram temas de grande interêsse e levantaram questões da maior importância, e que se reuniram depois, mais uma vez, para o Painel propriamente dito, uma vez que as três reuniões anteriores foram consideradas preparatórias, e, dessa feita, para, ao encerramento, participar de um almôço de confraternização que, além dos participantes, contou com alguns convidados especiais.

Dado o alcance e o elevado número de chefes presentes ao Painel, quase duas centenas, pode-se afirmar que foi uma realização magnífica e altamente proveitosa, excepcionalmente bem recebida por todos os participantes e de profundas repercussões no bom andamento administrativo da companhia.

Acima e abaixo: Depois de várias horas de prolongados debates em plenário, quando muitas energias são dispendidas, nada é melhor para compensar êsse desgaste do que gosto-

Proveitosas

sissima feijoada servida no bar do ginasio do CEMDECA, num clima de confraternização e bom humor.

Luiz Muniz Barreto e Emanuel Eboli, assessor e relator, respectivamente, atentos aos vivos comentários de um relatório. Sua turma apresentou pontos interessantes e apreciados.

Josino S. Reis (assessor) e Enio M. Saldanha (relator) e, embaixo, Erothildes C. Oliveira (relator) e Moacir Cappuci (assessor) expuseram, muito bem, as conclusões de suas turmas.

Haroldo Prestes Miramontes, autor das notas abaixo, e Sebastião Maria Guerra, ex-Gerente do Distrito de Sorocaba, aposentado, manuseiam a nossa revista que lhes traz gratas recordações.

GUARANTÃ, Cidade Cujas Raízes se Prendem à CTB

De Haroldo Prestes Miramontes

Em novembro de 1960 comemorou-se o 16° aniversário da elevação a município da cidade paulista de Guarantã, nascida em plena mata virgem, e cuja fundação está ligada à Telefônica Brasileira.

A Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, editada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, revela no seu histórico que "a origem da cidade é interessante, pois, mais ou menos em 1921, a Companhia Telefônica Brasileira, necessitando de postes para as suas linhas, adquiriu a mata onde se acha a cidade de Guarantã, conseguindo da Noroeste a construção de um desvio da estrada de ferro para o embarque dos postes. A origem do nome foi devida à grande quantidade de madeira rija existente na região. A escolha do nome de Guarantã foi feita pela própria direção da Noroeste ao construir ali, uma primeira estação." Distrito de Paz em 1924, município em 1944 pelo Decreto-Lei n° 14.334 de 30 de novembro; Guarantã é uma cidade-broto, em pleno desenvolvimento.

A C. T. B. ali chegou com suas linhas interurbanas em 1934, quando extendeu seus circuitos àquela região, tendo sido o serviço inaugurado por Sebastião Maria Guerra, um dos pioneiros telefônicos da C. T. B., então gerente do Distrito, contemporâneo da "fazenda", de onde eram retirados os postes, e que foi o berço da cidade. O Deputado Anibal Haman, apresentando na Assembléia Legislativa do Estado um voto de congratulações pelo transcurso do 16° aniversário da elevação daquele burgo a município, fêz constar nos anais da casa que Guarantã "vem se desenvolvendo em ritmo de progresso crescente, graças ao trabalho patriótico de seus dirigentes, que secundados pelos habitantes em geral, vêm realizando grandes obras e sólida administração".

Sistema Telefônico Provido de Pulsações Codificadas Vai Duplicar Número de Chamadas

K. W. CATTERMOLE

Um novo sistema britânico de transmissão, vem sendo alvo de intensas experiências, em uma conexão telefônica ora em funcionamento na cidade de Madri. O sistema foi aperfeiçoado por engenheiros da Standard Telecomunication Laboratories Ltd. (S. L. T.), de Londres, em colaboração com a Standard Telephones and Cables Ltd., também de Londres e a Le Materiel Telephonique de Paris.

Emprega a técnica de modulação de impulsos codificados, conhecida por sua sigla inglesa, P. C. M., e oferece um aumento decuplicado no numero de circuitos telefônicos em cabos de conexão em grandes e pequenas cidades. Proporcionará, também, em muitos casos, transmissões "limpas", melhoradas, com um mínimo de ruídos.

Para essas experiências, duas centrais telefônicas de Madri, a Norte e a Delicias, estão ligadas pelo P. C. M. através de um cabo de 5 mil e 800 metros de extensão. Êsse cabo contém 900 pares de fios, a maioria dos quais continua empregada em operações normais da rêde interna ou outros serviços. Um número menor de pares foi reservado às transmissões em P. C. M.

Essas facilidades de teste foram oferecidas pela Administração Nacional dos Telefones da Espanha. As experiências estão sendo realizadas em colaboração com a Standard Eletric S. A. de Madri, uma associada da S. T. L.

ORIENTAÇÃO PARA SATÉLITES

Embora o P. C. M. tenha sido inventado há mais de vinte anos por A. H. Reeves, da S. T. L., seu emprêgo não está ainda difundido, e é muito comum considerá-lo ainda, mais adequado para serviços especializados do que para a rêde telefônica comum, para meios de transmissão reconhecidamente difíceis, ou para servir como radiofaróis de satélites. Pode causar surprêsa, portanto, que seus primeiros testes práticos para uso em trabalho experimental, realizado também pela Bell Telephone Laboratories, dos Estados Unidos, e pelas experiências em Madri, sejam restringidos a uma pequena área local entre duas centrais telefônicas vizinhas.

O sistema diminuirá os problemas do congestionamento de tráfego telefônico, especialmente nos casos em que os troncos estejam sobrecarregados e seja antieconômico instalar mais cabos. Os novos cabos se beneficiarão também, porque o diâmetro do fio de cobre poderá ser reduzido, sem prejudicar a clareza da voz. Um cabo leve e barato permitirá portanto, um grande número de chamadas.

Eis, em resumo, como funciona o sistema P. C. M.

A conversa de vinte e três pessoas, é classificada em uma seqüência de oito mil palavras por segundo. Essa classificação é enviada a uma unidade comum de codificação que compara a amplitude instantânea de cada classificação, com uma escala de setenta níveis, selecionando o respectivo nível, e produzindo o sinal de código apropriado. Desta forma, em vez de serem transmitidas palavras em forma de ondas sonoras, é enviada apenas uma série de impulsos elétricos de alta velocidade.

REPETIDORES TRANSISTORIZADOS

Devido às elevadas freqüências — cêrca de 1.5 Mc/s — são elevadissímas as perdas de clareza, sendo necessária uma repetição freqüente. Para tais experiências, algumas linhas dispõem de repetidores em cada quilômetro e, outras, em cada 2 quilômetros. Esses repetidores, todavia, são muito mais simples do que os usualmente empregados em circuitos telefônicos comuns, uma vez que agem como regeneradores de impulsos. São transistorizados e consomem energia de bai-

xa potência, de modo que são prontamente abastecidos pelos próprios cabos telefônicos de pequeno diâmetro.

No auscultador, êsses impulsos, não transformados por um decifrador, em impulsos de amplitude variada e, em seguida, transformados em voz e enviados aos 23 ouvintes. Os impulsos podem ser localizados a despeito da interferência e recuperados em cada repetidor, de modo que, nos percursos longos e barulhentos, a qualidade global é melhor do que em uma ligação de freqüência direta. A voz reconstituída não é uma cópia exata do original e, sim, uma aproximação, pois as amplitudes das classificações são comparadas em uma escala de 70 níveis. O efeito, contudo, só pode ser notado, mesmo por um ouvido bem agudo, se o P. C. M. fôr comparado com uma ligação breve e direta.

Êsse novo sistema de transmissão opera em uma base de 4 linhas (canais condutores e receptores em pares separados), e é de imediata utilidade porque decuplica a capacidade de tráfego dos cabos existentes, de duas linhas (canais condutores e receptores no mesmo par) ou a dos tipos de cabos mais baratos e modernos.

Espera-se que êsse sistema seja especialmente compatível com centrais eletrônicas de divisão de tempo. Um sinal de código, uma vez produzido, pode ser enviado através de diversas vias de transmissão e centrais telefônicas diferentes a ser convertido em voz apenas quando muito perto de seu destino. A qualidade da voz será então uniformemente boa independentemente do percurso ou distância. (BNS).

O QUE DIA

A CADA novo ano é maior o número de manifestações de apreço e simpatia dispensadas por tôda a parte, às telefonistas, no seu dia próprio — o 29 de junho — sempre comemorado com alegria e entre homenagens merecidas.

Desta feita, as mensagens de carinho e reconhecimento foram tantas que a própria CTB se viu compelida a um agradecimento geral pela imprensa, orgulhosa por saber do alto conceito de que gozam suas operosas auxiliares.

Não encontraríamos espaço suficiente para traduzir o que foram essas manifestações cordiais às telefonistas e, nessa impossibilidade, englobando a todos num sincero agradecimento, registramos as mensagens simpáticas de um sem número de organizações, repartições, manifestações pessoais vindas dos mais diferentes pontos do território nacional, entusiásticas, vibrantes e espontâneas, que muito estimulam nossas dedicadas colegas, as infatigáveis telefonistas.

Na impossibilidade, como dissemos, do registro total dessas manifestações carinhosas, vamos citar algumas, das mais expressivas.

Em Santo Antônio de Pádua, no Estado do Rio, o Rotary Club dessa cidade ofereceu às telefonistas locais um jantar, comemorativo do Dia da Telefonista. Foi uma homenagem recebida com viva emoção, e no qual as figuras de maior prestígio da vida do próprio município fluminense estiveram presentes.

A fidalga Academia Militar das Agulhas Negras, instituição que constitue legítimo motivo de satisfação para o Exército, também não faltou com o seu estímulo, através das saudações que enviaram, o seu comandante, General de Brigada Adalberto Pereira dos Santos, e o comandante, oficiais e Corpo de Cadetes, na pessoa do digníssimo Coronel Corrêa.

Das mais tocantes, foi a homenagem da Emissora Continental de Campos que, por determinação expressa de seu gerente, Sr. Antônio Alexandre, não se limitou a um registro simpático da data. Foi muito mais longe, dedicando a programação inteira, desse dia, às telefonistas, com horas especiais, nas quais estas puderam enviar "presentes musicais" a seus familiares. O mesmo amigo da CTB, redigiu expressiva crônica, lida ao microfone da ZYP-29, na qual entre palavras de carinho e estímulo, afirmou: "Nós da Emissora Continental de Campos, devemos tôda eficiência do nosso trabalho, da nossa popularidade, da nossa penetração e do nosso prestígio, às telefonistas brasileiras e, principalmente, às de Campos".

Na imprensa campista, o dia também teve éco, destacando-se mais uma vez, o assunto, através de artigo de Izaurino de Lacerda Prado, o qual publicou expressiva crônica, sob o título "Telefonista, para você!" e que, gostosamente, transcrevemos:

"Bom Dia para Você:

Bom dia para você, Telefonista. Bom dia para você, como nosso modesto, mais sincero reconhecimen-

DIZEM DE NÓS

DA TELEFONISTA

to, pelo muito que sua profissão representa para o bem estar, e para a segurança de tôda a população. Bom dia para você, como nossa modesta, mas sincera homenagem, pelo muito que sua colaboração significa a todos nós.

Você, telefonista, através de sua profissão indispensável, elevada e muito nobre, presta serviços dos mais relevantes à coletividade, possibilitando mensagens de alegria e mensagens de dor, mensagens de felicitações e mensagens de condolências, servindo de traço de união entre os povos.

Você, telefonista, no anonimato, na humildade, revela-se de uma dedicação sem limite, revela-se de uma tolerância sem igual, suportando as nossas impertinências, suportando o nervosismo daqueles que, no ímpeto repentino de um choque nervoso, procuram seus ouvidos para o desabafo de que necessitam...

Mas, telefonista, nem porisso deixam todos de reconhecer a elevada significação de que se reveste o seu trabalho diurturno de atendimento da coletividade. Nem porisso deixam todos de reconhecer, a importante profissão que você exerce como ponto de apôio à segurança de todos nós. Pela manhã e à noite, pelas madrugadas afora. Você telefonista, em seu pôsto de combate, intermediária de mensagens de alegria ou de dôr, vai desempenhando sua missão e vai conquistando, porisso mesmo, o respeito, a admiração e o reconhecimento de tôda a coletividade que confia em você, que confia na eficiência de seu trabalho.

"Enquanto a cidade dorme, enquanto a população procura refazer-se através do repouso, da labuta diária, Você, telefonista, vela pelo sossêgo e pela tranqüilidade de todos. Enquanto a cidade dorme, Você, telefonista, tal qual uma sentinela, permanece de prontidão, respondendo sempre com um suave "alô" àqueles que necessitam de sua atenção.

E a cidade, Telefonista, dorme tranqüila. Dorme tranqüila porque tem confiança na sua atuação. No dia seguinte, ao despertar, ao romper da aurora, Você ainda permanece em seu pôsto de trabalho, que é bem um pôsto de sacrifício, sempre disposta a colaborar, sempre disposta a ser a intermediária de mensagens de alegria ou de mensagens de dôr.

Por tudo isto, por tudo o que você faz em benefício da coletividade, é que prestamos hoje, a você, telefonista, a nossa melhor homenagem, dedicando-lhe o nosso amigo, o nosso cordial, o nosso sincero Bom Dia. Bom Dia para Você, Telefonista."

A Rádio Cultura pela voz de Salvador Machado e em redação de Bueno Braga, veiculou magnífica página de encômios às telefonistas, para as quais foram imploradas graças e bênçãos. O sigilo a que é obrigada a telefonista, a sua honestidade profissional, o elevado alcance social das boas comunicações telefônicas, foram ressaltados nessa expressiva crônica.

Dêsse belo trabalho, homenagem das melhores que as nossas colegas receberam, extraímos o seguinte e sugestivo trecho:

"Alexandre Graham Bell, quando iluminado por Deus com a tocha da genialidade, viu surgir em sua mente privilegiada, a sublime idéia de obter à distância, o entendimento, pela voz, entre os homens, inventando o telefone, nem ao de leve chegou a supor que iria proporcionar ao mundo civilizado, uma verdadeira metamorfose em seus meios de comunicação.

O homem em sua marcha ascensional pelo saber, fêz de seu minúsculo aparêlho um gigantesco processo de comunicação no mundo moderno.

O telefone, paralelamente, com os demais meios de comunicação, tornou o mundo pequenino; de facílimo domínio pelo Homem. Tornou os continentes, de fronteiras intransponíveis, em simples visinhos de contatos imediatos pela voz."

"As telefonistas só nos têm proporcionado grande satisfação no desempenho de suas funções, em favor de nosso trabalho.

Aqui ficam os nossos sinceros agradecimentos pelo muito que nos tem proporcionado a operosidade dessas incansáveis colaboradoras.

Muito obrigado, Telefonistas!"

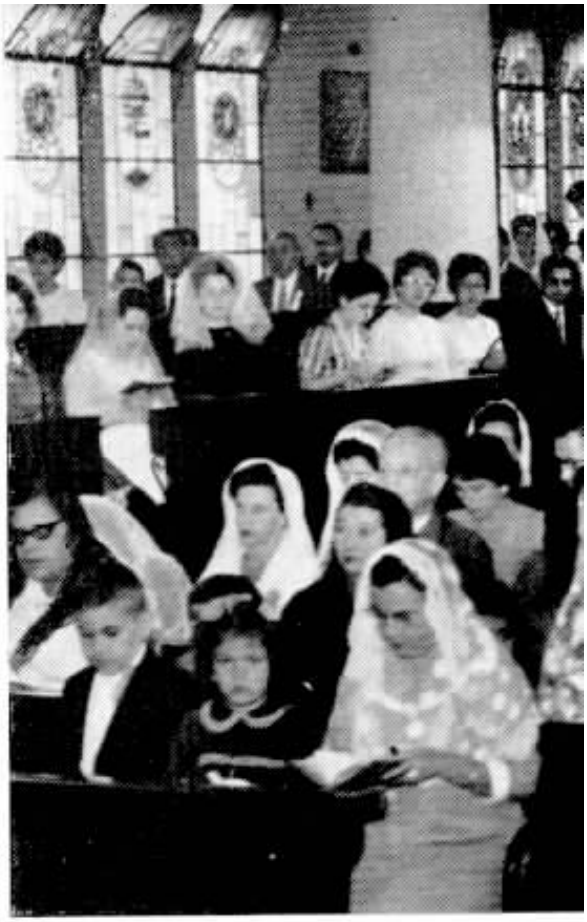
Também no Estado da Guanabara, a Siemens do Brasil enviou à C. T. B. discos musicais para serem utilizados na sala de descanso das telefonistas, acompanhados de delicada mensagem alusiva à data.

Um sucesso o Dia da Telefonista!

PÁSCOA DE NOSSO PESSOAL

COMO em todos os anos, por tôda a área atendida pelos serviços da Companhia Telefônica Brasileira, realizaram-se os atos religiosos, através dos quais, os colegas de fé católica, reuniram-se na comemoração festiva e tradicional da Páscoa.

Foram atos de fervor religioso tocante, que contaram com grande afluência.



Na Guanabara, em São Paulo, pelo Interior, em tôda a parte, colegas, chefes e familiares, confundiram-se diante dos altares, na mesma demonstração de fé e congraçamento.

Nestas páginas damos alguns aspectos do que foram essas comemorações, alguns apenas, exemplificando, com êsses poucos, o elevado comparecimento ante os sacerdotes, no mesmo pensamento e determinação, dentro dêsse espírito pascal de tão profunda significação religiosa e humana.

A esquerda, ao alto, o Sr. Carlos Reis Filho e colegas da Telefônica de São Paulo, com o Rev. Pe. Antônio Alberto [illegible], S. J., que fêz a preparação Pascal. Embaixo, grupo feito após a missa em Amparo, no interior paulista, vendo-se colegas e, também, pessoas de suas famílias.

A missa e comunhão geral, em São Paulo, teve lugar na igreja das Cônegas de Santo Agostinho, na Consolação, com um número considerável de colegas da Telefônica e familiares.

Dom Helder Câmara, Arcebispo Auxiliar do Rio de Janeiro, foi o oficiante da bela cerimônia realizada no Estado da Guanabara, pronunciando belíssima oração.

Flagrante tomado em Amparo, bela cidade interiorana de São Paulo, no solene momento da comunhão pascal, ministrada a grande número de colegas da Companhia Telefônica Brasileira. A exemplo dos anos anteriores, a Santa Missa foi bastante concorrida, numa manifestação de elevado espírito cristão de que são possuídos.

COISAS que aconteceu...

O CASO foi contado por uma telefonista do serviço interurbano, numa cidade americana. Disse ela que, certo dia, completou com presteza uma ligação, para uma senhora que a solicitava de uma cabina telefônica. Quando a senhora acabou de falar, a telefonista informou-lhe quanto deveria pagar. A senhora foi depositando o dinheiro necessário e a telefonista foi tomando nota das moedas que caiam na caixa, no outro extremo da linha. Depois, houve uma breve pausa.

— Telefonista? — chamou ela.

— Pronto!

— Você foi tão boazinha! Tome para você.

E deixou cair outra moeda.

●

UM MAJOR DO EXÉRCITO, um tanto míope, passando junto ao seu quartel viu no tôpo de um poste, reparando a rêde, um rapaz uniformizado de cáqui, cabeça descoberta e com a túnica desabotoada. Desça imediatamente! gritou o militar. Do alto, o jovem olhou indiferente e respondeu: — Estou ocupado. Já furioso, berrou o oficial: — Desça! Meio sem jeito, o rapazola desceu mas não féz a saudação militar. Irritado, o major recriminou-o por estar com a túnica aberta, pela falta do casquete e a imperdoável infração de não ter feito a continência regulamentar: — Você é uma vergonha para o nosso exercito! Dê-me seu nome e a companhia a que pertence! Pela primeira vez, o rapaz tinha a oportunidade de falar, e respondeu: — Meu nome é Thomaz e a minha companhia é a Telefonica. Com licença, preciso trabalhar.

O RECÉM-FALECIDO astro cinematográfico, ídolo das multidões, Clark Gable, foi, no principio de sua vida de homem de trabalho, "telephone lineman". Nos intervalos de sua atividade de técnico de uma companhia telefônica americana, Gable representava com um elenco de amadores. Dêsse conjunto, saiu para buscar a glória na tela e tornar-se um dos mais famosos nomes de todos os tempos na cinematografia mundial.

O MINISTÉRIO DOS CORREIOS da Grã-Bretanha anunciou que estabeleceu um serviço telefônico, incluido na sua rêde de alta freqüência, para os aviões comerciais em vôo, tal como já existia para os navios.

Desta forma, qualquer passageiro das linhas aéreas britânicas poderá telefonar do ar, para casa ou o escritório, ou ainda, receber telefonemas de terra.

●

NA ÉPOCA do tecnicismo, ainda é possível um toque de ingenuidade e romantismo. Para cultivar as histórias de fadas que estavam desaparecendo, a Companhia concessionária do serviço telefônico de Londres estabeleceu um serviço especial por meio do qual, diàriamente, oferece às crianças, durante cinco minutos, uma nova história.

●

NA BERLIM ORIENTAL, o som característico da campainha dos telefones será, dentro em breve, substituido por acordes característicos da música de Wagner.

No programa comemorativo, houve entrega de prêmios dos vários torneios. No boliche, Salvador A. Hyppolito, à esquerda, foi o vencedor do «Indígena», recebendo, por isso, belo troféu.

PELOS CLUBES

O Telefônica Clube de S. Paulo, comemorou, com brilhantismo, a passagem de mais um aniversário. O baile do ótimo festejo foi no Clube Comercial.

instante solene: o corte do bôlo comemorativo, feito pela colega Vanda Ferreira que tem a seu lado o dedicado presidente do Telefônica Clube: Dr. Nelson Perroud.

Os associados Luiz A. Ulbrecht, Neyde Amaral B. Rodrigues e Tereza Mazzeti, receberam prêmios pelo destaque alcançado na consulta à variada e valiosa biblioteca do «T.C.»

O Baile do TAC Agradou Com «Uma Noite no Japão»

Ignacio Miranda, presidente do T.A.C. recebeu abraços pelo seu aniversário natalício, incluindo o de sua espôsa.

Uma das muitas convidadas presentes à noite japonêsa que foi ponto alto no calendário social do nosso clube.

Ao lado, flagrante de um dos bonitos números artísticos apresentados na noite cheia de atrativos e de alegria.

O Telefônica Atlético Clube do Rio, procurando sempre desenvolver apreciável programa de atividades esportivas e sociais, promoveu agradabilíssima reunião com características típicas japonêsas, a que deu o nome de "Uma noite no Japão", à rua José do Patrocínio, 171, Estado da Guanabara.

Contando com grande comparecimento, o T. A. C. viu coroado de êxito mais êste esfôrço, oferecendo à seleta assistência, números variados, num "show" de alta expressão artística a que se sucederam danças, animadas por excelente orquestra.

A noite foi prestigiada pela presença de superintendentes gerais da C. T. B. e do Sr. Yoshinori Nuimura, secretário do Embaixador do Japão, representando o Sr. embaixador daquele país e que se fazia acompanhar da senhorita Zuleika Horita, funcionária da mesma representação diplomática, que tiveram palavras amáveis para a iniciativa e de encômios à realização e seus participantes artísticos.

L. A. Latimer, superintendente-geral do Pessoal, não falta a essas reuniões de confraternização entre colegas e chefes, estimulando sempre, com os seus aplausos, a crescente realização de festas como «A Noite no Japão», que foi suave pretexto para o estreitamento de amizades.

Presença das mais simpáticas e sumamente honrosa para o T. A.C. foi a do senhor Yoshinori Nuimura, secretário do Embaixador do Japão no Brasil, representando o enviado de Sua Majestade nipônica, que se fêz acompanhar da senhorita Zuleika Horita, daquela representação.

Sino Humor

através da imprensa mundial

– Êste Paulo é o tipo do rapaz convencido, fica perguntando pelo número de nosso telefone e nunca toca!

– Mamãe, hoje a noite não poderemos ir à sua casa, José chegou exausto da repartição... Você já sabe... o novo horário!

– Moça, poderia dar-me o número de seu telefone?... Estou procurando um presente de aniversário para meu irmão mais velho!

– Estou certa Snr. Pessoal que inteligência não me falta para êste emprêgo!..

Sino Azul

Nº 5 — 1961

Sino Azul

ANO XXXIV Nº 5 — 1961

CAIXA POSTAL 450
RIO DE JANEIRO

REVISTA DOS
EMPREGADOS
DAS ORGANIZAÇÕES:

COMPANHIA TELEFÔNICA
BRASILEIRA

COMPANHIA TELEFÔNICA
DE MINAS GERAIS

COMPANHIA TELEFÔNICA
DO ESPÍRITO SANTO

NOSSA CAPA

O guarda-fios José Luiz dos Santos, do Departamento da Rêde do Estado da Guanabara, no desempenho de suas atividades na praia da Bica, logradouro da ilha do Governador, na Guanabara.

GUARDA-FIOS, O SENTINELA DAS COMUNICAÇÕES TELEFÔNICAS

VINTE e quatro horas por dia, com sol ou com chuva, onde houver fios telefônicos, cobrindo milhares de quilômetros, incansáveis e dedicados homens, encarregam-se do funcionamento ininterrupto dos circuitos interurbanos que formam a vasta rêde da Companhia Telefônica Brasileira. São os guarda-fios, eternos vigilantes da Rêde, autênticos sentinelas avançadas para garantir efetivamente as ligações entre as cidades espalhadas pelo nosso "hinterland".

Um guarda-fios é sempre um entusiasta na constante vigilância dos fios, nas pontas dos quais encontra-se outra classe de empregados — as telefonistas, as quais, contando com a dedicação e a colaboração dos guarda-fios, completam milhares de ligações interurbanas, de um público que sempre confiou na eficiência dêsses serviços.

Com a mesma desenvoltura com que palmilham, diàriamente, longos trechos de chão, na sua observação de rotina, a assegurar-se de que os fios estão em ordem, os guarda-fios galgam com agilidade e presteza, os postes de madeira, "lombando" as ferramentas necessárias à remoção de defeitos. Graças à sua ação contínua, interrupções são evitadas. O guarda-fios percorre constantemente em tôda a extensão, as "suas" linhas; roça o mato que as cerca, preventivamente, a foice, evitando que galhos crescidos venham danificar as linhas; destrói os ninhos de "João-de-Barro", o estranho pássaro que tem enorme preferência pelas cruzetas e isoladores do alto dos postes telefônicos.

Mas não para aí, o número de "pragas" que afligem o heroi desta reportagem. Há outras. A dos caçadores de asfalto, que fazem dos isoladores de vidro ou de louça, alvo para tiro de armas de fogo, por exemplo. Ou os moleques que destroem isoladores a pedradas. São atos absolutamente condenáveis, sobrecarregando mais o trabalho dêsses homens dedicados, danificando a rêde e prejudicando o público.

Entre as causas maiores que dão origem a defeitos de vulto, destacam-se os temporais e vendavais que provocam quebras de fios, tombamento de postes, entrelaçamento e quebra de árvores e de grandes galhos, sôbre as linhas telefônicas. Nessas adversidades, muitas e muitas vêzes enfrentando condições difíceis até de locomoção, dirigem-se os guarda-fios para os locais das ocurrências, não importa o tempo que faça, em terrenos traiçoeiros durante o dia e a noite, de carro, a cavalo, a pé, para a pronta restauração dos circuitos interurbanos atingidos.

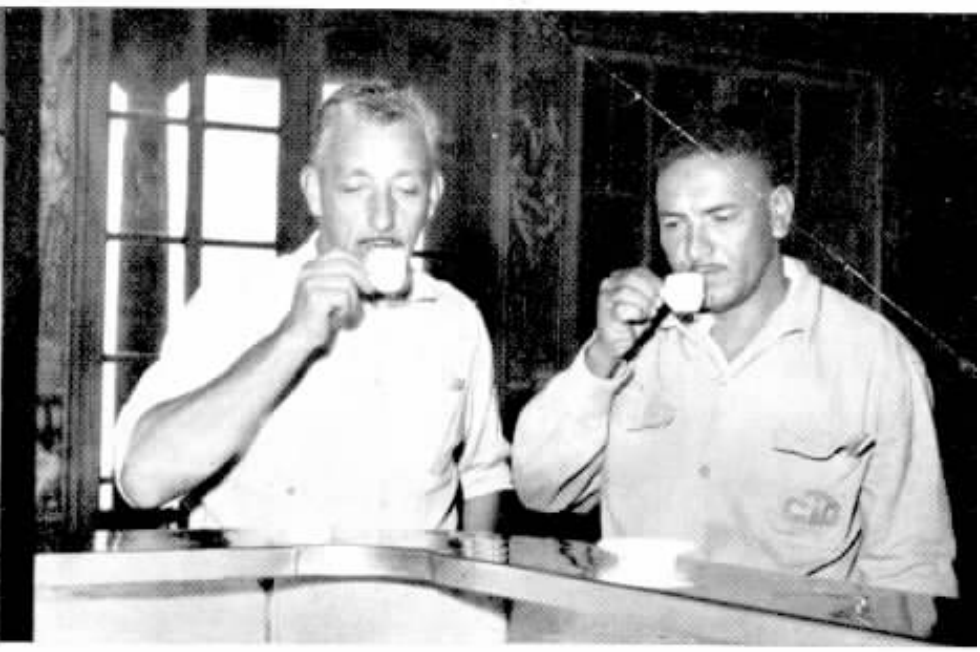
Mas ainda não é só. Não é só o "João-de-Barro"; não é só a atividade dos caçadores, nem a queda dos troncos e de galhos de árvores, ou as intempéries e ventanias que necessitam da intervenção do guarda-fios na laboriosa tarefa de manutenção eficiente dos circuitos telefônicos interurbanos.

Há, também, a enfrentar e vencer, o perigoso e audaz inimigo dos guarda-fios e da sociedade: o ladrão de fios que age na calada da noite, destruidor

O guarda-fios, mesmo em sua casa, à noite, quando recebe um chamado para reparar um defeito, parte imediatamente. Sempre alerta.

Às vêzes, são os roubos de circuitos telefônicos ou, então, danos provocados por temporal. Não importa a origem, o fato é que as linhas têm que ser postas em tráfego. E lá vai o Alípio Alves dos Santos, de maleta, para restabelecer as comunicações interrompidas.

Na estação, Raimundo Pedro Lucas, remove um defeito. Embaixo: vai para cumprir uma tarefa. Antes, verifica o motor do carro.



Alípio e Raimundo, acima, fazem uma pausa para o cafêzinho no Pouso de Paranapiacaba, no cume da Serra do Mar. Embaixo: quando é possível, os guarda-fios utilizam-se da camionete para a execução do serviço. Antes do trabalho, porém, uma revisão do material necessário.

elemento humano, que, deliberadamente, provoca criminosamente interrupções entre cidades, cortando e roubando os fios de cobre das comunicações telefônicas. Êsses criminosos e furtivos elementos, são verdadeiras "pragas" para os homens da Rêde, exigindo sôbrehumanos esforços, principalmente dos guarda-fios, pois, com freqüência, não apenas roubam os fios, mas danificam as cruzetas, os pinos e os isoladores, em seu lesivo ato.

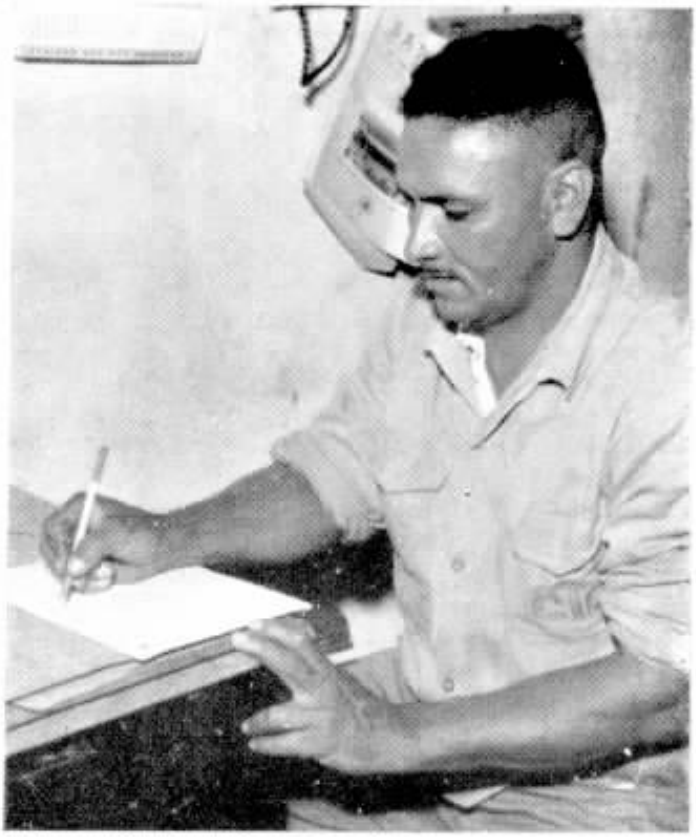
O guarda-fios é, pois, um elo de importância vital, por ser, aquêle homem que, num trabalho constante e anônimo de todos os dias e horas, mantém em contínuo funcionamento as ligações interurbanas, homem de vários instrumentos, pois repara também telefones, instala-os e cuida dos aparelhos públicos, fazendo pequenos serviços em caixas de "drops" e auxiliando na remoção de defeitos em cabos e terminais.

A esquerda, Raimundo P. Lucas, prepara-se para substituir um pino de madeira. Esses pinos suportam os isoladores que se distribuem pelas cruzetas. Sua fixação é feita em lugares especiais, com auxílio de marreta.

A direita, João Garcia, um dos diligentes guarda-fios da zona de Bauru, em pleno e árduo trabalho, sôbre um poste das linhas interurbanas, esforçando-se para que não haja a menor interrupção nas «suas» linhas.

Obrigado a andar a pé vários quilômetros, o guarda-fios (Raimundo P. Lucas), desafia a natureza imponente. Com as suas ferramentas maleta e telefone portátil, êle inspeciona as linhas e remove defeitos: pinos e isoladores quebrados, cruzamento de linhas, fios partidos, galhos de árvores sôbre os circuitos, refincamentos de postes, destruição de ninhos de João-de-Barro... Trabalho!

A escada é auxiliar indispensável ao guarda-fios. Junto a pontes de trilho, ferro tubular ou de cimento, é essencial. Nos postes de madeira, a espora de ponta aguçada, também resolve.



O ninho do João-de-Barro foi retirado e uma linha IU, isso em Vitória. Agora é guardar tudo que mais um dia de trabalho acabou. Mas antes (abaixo) é preciso fazer o Relatório de Defeitos, ponto final no dia intenso do guarda-fios. Resta a volta ao lar e a certeza de que os fios, estão «vivos», vibrando de sons humanos. Amanhã será outro dia.

TRÊS RIOS

Princesa do Vale do Paraíba

TRÊS RIOS é uma das mais antigas e prósperas cidades do Brasil. Seu nome provém do fato de situar-se nas proximidades dos rios Paraíba do Sul, Paraibuna e Piabanha. Sua história é longa e tem o seu começo em meados do Século XVI, quando seu nome de batismo era Paraíba Nova e aí habitavam várias tribus indígenas. As mais conhecidas eram as dos Coroados e dos Barrigudos que pervagavam, em constantes guerras, pelas margens dos rios Paraibuna e Paraíba.

O devassamento do território de Três Rios, verificou-se em conseqüência da abertura do roteiro Paratí-Minas Gerais, pelo qual, aventureiros e faiscadores transitavam em busca de ouro. Conta-nos a história, que Martim Corrêia de Sá, filho do governador Salvador de Sá, foi, em 1597, um dos primeiros garimpeiros que por ali passou, acompanhado de 700 portuguêses e cêrca de 2 mil indígenas. Atingiu o vale do rio Paraíba utilizando o intinerário misto marítimo-terrestre, via Paratí, para alcançar as Minas Novas, ou seja, o atual Estado de Minas Gerais.

Consta, também que nos primeiros decênios do Século XVIII, Pedro Dias Paes Leme, filho do bandeirante Garcia Paes Leme, mandou construir uma capela dedicada ao culto de Nossa Senhora do Mont Serrat, em terras onde está localizada a sede do distrito de Afonso Arinos.

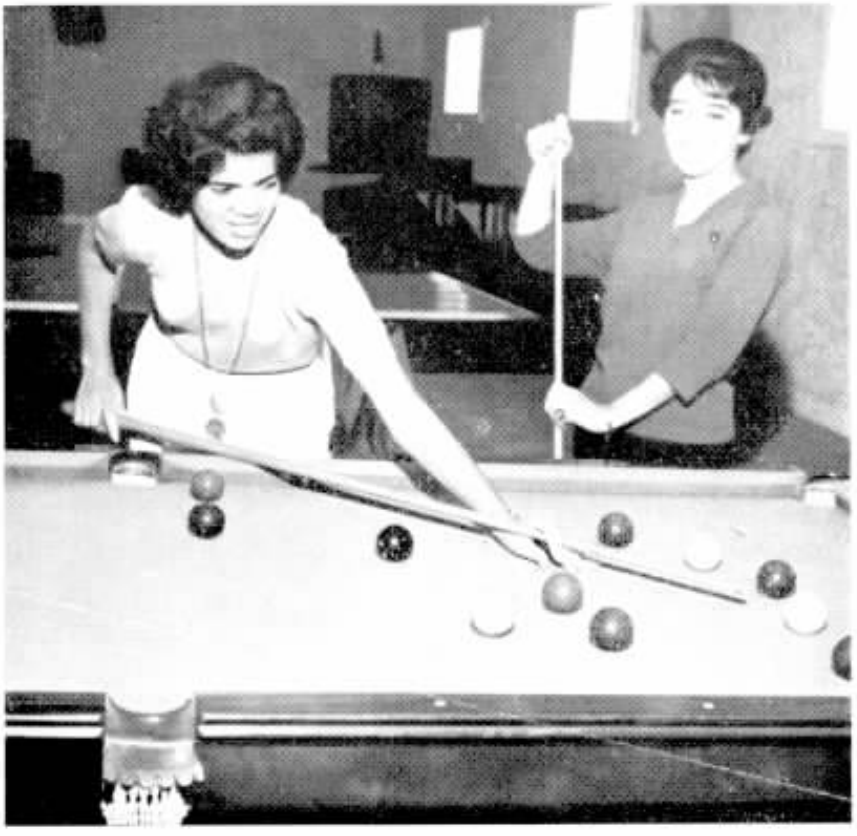
A região, nessa época, estava em adiantado progresso agrícola. Grandes fazendas de café, de algodão, de milho, de mandioca, de cana de açúcar e a exploração do trabalho do elemento negro escravizado, faziam a fortuna de seus proprietários. Floresciam no vale do Paraibuna, as lavouras de mamona, cujo aproveitamento destinava-se ao fabrico do azeite, usado para iluminação das casas.

Segundo o historiador Pedro Gomes, "Três Rios era apenas uma colônia dependente da Fazenda de

Olga Janete de Oliveira e Carmindo P. Oliveira, aproveitando uma folga, foram pescar no piscoso açude e de lá trouxeram muitos peixes.

Acima, o Sr. Cesar Pereira Lobo, prefeito municipal, junto à estátua de seu primeiro antecessor, Walter Franklin, palestra com Osmar Rocha, da C. T. B. Ao lado, na fábrica de balas «Sorriso», Olegária Silva e Maria Alice Inocêncio.

As telefonistas Adelair Lourdes Reis, a TE Lacir Kopk de Aguiar e Mariulia Pereira Salgueiro, contemplam as medalhas oferecidas pela Rádio local, à dedicação das colegas.



Uma partida de entusiasmar. Carmen Honéia Pais vai arriscar uma sete, com grandes possibilidades de marcar. Maria Regina Januzzi, porém, passando com calma o giz no taco, não acredita muito no pulso firme da companheira. Nossas colegas desejam desafiar muito «barbado», tido como absoluto nesse jôgo.

Município Próspero, de Solo Fértil em Minerais e de

A Seção da Rêde Externa tem grande atividade nas estradas que levam a Três Rios. Na foto, junto a um dos postes de linhas interurbanas, Osterval Torres, Encarregado, dá instruções aos guarda-fios Carlos Pereira e Aladim Ildefonso de Morais.

Realizando cêrca de 900 ligações interurbanas diárias, o pessoal do Tráfego tem intensa atividade. A foto é das posições, vendo-se, junto às Encarregadas, a dedicada TC, Maria Machado, sempre atenta.

Os livros são bons companheiros. A colega Jeanete Costa Barros mostra uma das últimas novidades literárias a Maria José R. Barbosa.

Cantagalo, propriedade de Antônio Barroso Pereira, barão de Entre-Rios. Precisando Mariano Procópio passar com sua rodovia por êsse local, comprou 81.400 braças quadradas de terras, a fim de ali construir a estação ferroviária de Entre-Rios". Diz, ainda, Pedro Gomes, que "a inauguração da Estrada de Ferro D. Pedro II, realizou-se em Três Rios, a 13 de outubro de 1867, com a presença da família imperial e de grande comitiva", e que, com essa parada, a cidade passou a desenvolver-se comercialmente.

Por decreto de 13 de agôsto de 1890, quando já vigorava a lei abolicionis-

Clima Temperado e Salubérrimo

Na piscina do Clube Atlético Entre Rios, freqüentadíssimo pela sociedade local, nossas colegas Maria Catarina Rodrigues e Iris Marine, são consideradas entre as mais exímias nadadoras locais, para a alegria dos fãs.

Acima, nossa colega Leir Santos que pertence ao «cast» da rádio local, ZYL-7. Abaixo, a Telefonista - Chefe de Três Rios D. Maria Machado, com seu filho único, motivo de desvêlo e de constantes cuidados.

O belo parque da cidade, propicia bom passeio e diversões. A TCA Vera dos Santos Faria, com sua filha Ana Isaura, e Eugênia Ribeiro, TE, com seu filho Roberto Luís, aproveitam uma boa folga no parque.

ta de 1888, que tanto debilitou a economia local e já sob o regime republicano, foi reconhecido e criado o distrito de Entre-Rios. A divisão territorial de Paraíba do Sul sofreu modificações pelo decreto estadual nº 1056, de 31 de dezembro de 1943, que fixou o quadro territorial do Estado, para vigorar no quinquênio 1944-1949. O topônimo Entre-Rios foi mudado, então, para Três Rios.

Êsse município, pela sua excelente posição geográfica, constitui um dos mais importantes entroncamentos rodoviários e ferroviários do país. Sua população — segundo o Recenceamento de 1960 —, é de 44.565 habitantes, e as atividades fundamentais à economia local, estão ligadas à indústria, à pecuária e à agricultura. Dois grandes estabelecimentos que bem demonstram a pujança da indústria trirriense são, por exemplo, o Frigorífico Três Rios, que abate e exporta o gado bovino para os Estados do Rio de Janeiro e da Guanabara e o Laboratório Dáveres, que está fabricando plasma, derivado exclusivamente do leite de vaca, único no gênero no Brasil, segundo se informa.

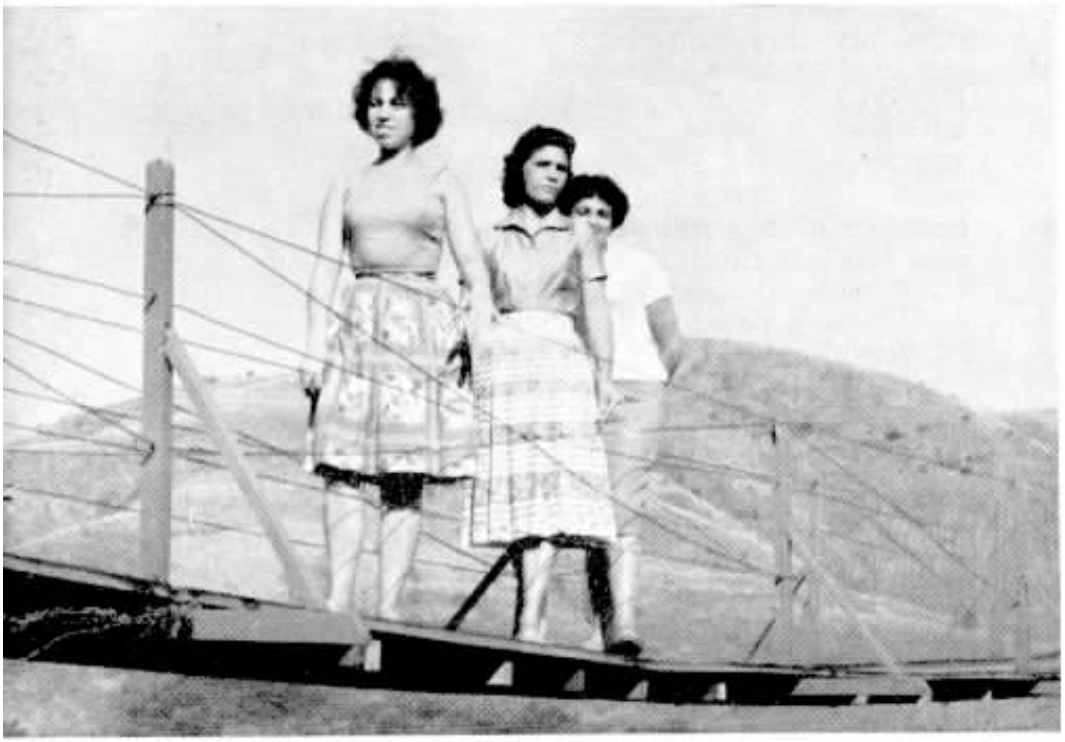
Três Rios conta, atualmente, com a sede municipal, nove estabelecimentos comerciais atacadistas e mais de duzentos e cinquenta lojas varejistas. O movimento bancário é feito por cinco agências de diversos bancos, inclusive do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal. Tem vários jornais, clubes recreativos e desportivos, bibliotecas, teatro de amadores e uma banda musical. O serviço médico e hospitalar conta com vários centros de saúde e de maternidade. Quase uma centena de estabelecimentos escolares municipais, estaduais e particulares servem à população. O município é servido por Correios e Telégrafos e a Companhia Telefônica Brasileira mantém ali cêrca de 620 telefones instalados, com u'a média diária de 900 chamados telefônicos interurbanos. Trabalham na CTB, nessa cidade, 84 funcionários. Também as cidades de Vila Areal, Alberto Tôrres, Afonso Arinos, Hermogêneo Silva e Serraria, que compõem o município de Três Rios, são servidas pela nossa Emprêsa.

Newton Figueiredo, do Comercial, executa uma soma à máquina, num dia de rotina dos seus serviços para a Telefônica. Tudo em ordem.

José de Sousa, da Rêde Interurbana, medindo corrente de placa no quadro de fusíveis. Trabalho intenso e de alta especialidade na CTB.

Bordar e costurar são prendas domésticas que Josélia Serpar, à máquina, e Violete A. Dias, as possuem.

Na Praça da Autonomia, aprazível recanto local, Edir N. Fogaça, Cleire de Almeida e Zileine T. S. Dutra, telefonistas, apreciam do coreto, o movimento do logradouro.



Não faltam lugares agradáveis para bons passeios em Três Rios. Nossas colegas Georgeta Monteiro de Barros, Cornélia M. Abraão e Nilcéia Augusta Silva, apreciam descobri-los. E o resultado: uma boa foto na ponte.

Rodolfo O. Nogueira, na mesa de exame de linhas, mede circuitos IU e os anota.

O Amigo do Ministro

José Cândido de Carvalho

Conto escrito especialmente para «Sino Azul»

ESTAVA Gaspar Badaró, corretor de imóveis, posto em sossêgo, na varanda da Pensão Familiar, quando leu que Fogaça tinha sido nomeado Ministro. Gritou, largando a fôlha:

— Não pode ser!

Mas podia. Tanto podia que lá estava, na primeira página, o retrato do ami-

go Fogaça — aquela fotografia de homem público às ordens da pátria. Gaspar achou Fogaça mais gordo, em ponto de bala para a administração. Não, não podia deixar de levar o seu abraço ao amigo. Êle haveria de gostar:

— Badaró, que prazer!!

E, dias depois, enquanto mudava a calça de listras, deu de cantar, diante do espelho, pedaços de carnaval antigo:

"O teu cabelo não nega,
[mulata,
porque és mulata na
[côr".

Sim, êle e Fogaça, lá para um carnaval de 32, pintaram o bode nos salões do Flor de Rezedá, só na base do "Teu cabelo não nega". No meio da noite, bem mamado, de costeleta de toureiro espanhol e cabelo caído na testa, Fogaça abafou o Flor de Rezedá a poder de tango argentino:

"Adios muchachos, compañeros de mi vida, barra querida, de aquellos tiempos..."

No ônibus, a caminho do Ministério, quase meteu o guarda-chuva num bexiguento que dizia coisas contra o govêrno. Gaspar, dedo na cara do sujeito, mandou que êle calasse a bôca. E batendo as costas da mão no jornal que trazia o retrato de Fogaça:

— Conhece êste? E' o meu amigo Fogaça. Quando tocar no nome dêle limpe a bôca com criolina, ouviu?

O bexigoso murchou. Também Gaspar nada mais disse porque era chegado no Ministério, onde um senhor de farda azul veio ao seu encontro. Badaró foi importante:

— Quero falar com Fogaça. Diga que é Gaspar Badaró.

O homem pediu que êle enchesse uma papeleta. Encheu. E no macio da primeira poltrona repousou suas partes. Ia ser uma beleza o encontro com o velho amigo. Coisas de in-

fância, banhos de rio, roubos de goiaba nos quintais da vizinhança. Tudo tão no antigamente! Na certa, o Ministro ia querer que êle ficasse. Recusaria:

— Não, Fogaça, hoje não.

Os primeiros quartos de hora de chá-de-cadeira foram de prosar. Veio gente e saiu gente. Chegou um senhor vermelhão, de chuveiro de doutor no dedo e nem esperou. Foi levado à presença do Ministro:

— Tenha a bondade, senador. Tenha a bondade.

E mais uma vez aquela porta que separava Badaró do velho amigo foi fechada a sete chaves. Outra hora passou e mais outra. Na boquinha da noite, um moço apressadinho veio saber quem era o Sr. Gaspar. De guarda-chuva na mão, de pé, coração aos pulos, Badaró disse:

— Sou eu!

O mocinho foi educado:

— Sua Excelência pede desculpas. Não pode receber hoje.

Badaró ainda tentou argumentar. Mas o moço foi taxativo. Sua Excelência não podia receber nem naquêle dia, nem durante o resto do mês. Todo seu tempo estava tomado. E estendendo a mão branquinha de cêra:

— Lamento, lamento!

Badaró agradeceu. E pelos corredores, alma em picadinho, arrastou as mágoas:

— Isso não fica assim, não. Vou revidar.

E repetiu:

Revidar na violência. Fogaça me paga. Ora se me paga!

E na porta da rua, enquanto abria o guarda-chuva, pois começava a peneirar, falou feroz:

— Desaforo é que não levo! Fogaça vai ver.

Dormiu mal, cheio de alfinetes na alma. No Fomento Agrícola, onde era escriturário de terceira, passou o dia todo maquinando planos, agravos e vinganças. Não, uma desconsideração de tal gran-

deza não podia ficar sem revide. E dando uma palmada na mesa:

— Revide violento!

Almeida Pereira, o Pereirinha da Seção da Saúva, também escriturário de terceira, já de ôlho na primeira, olhou espantado na direção de Badaró. E pousando a caneta sôbre a mesa:

— O amigo está diferente. Deu de falar sòzinho...

Com um ouvido dêsses às ordens, Badaró não conversou. Deitou nêle, durante horas, tôda a raiva represada. Reviveu a infância, os banhos de rio, Fogaça ("êsse que agora é Ministro") na farreação de pular muros, de pegar sangaços e bicos-de-lacre:

Esparramado na cadeira, cara de injustiçado, Badaró desceu aos pormenores do seu desentendimento com o Ministro. Soubesse o amigo Pereira que antes de ser nomeado ("duas semanas antes, Pereirinha"), os dois, na maior amizade, haviam almoçado juntos. E agora era aquela desconsideração:

Mas isso não vai ficar assim. Não sou de levar desaforo para casa.

Pereira, da Seção da Saúva, foi prudente. Sujeito de ôlho em aumento não pode se dar ao luxo de ter opinião formada. Sim, o amigo Badaró tinha lá as suas razões. Afinal de contas, era amigo do Ministro, unha e carne um com o outro. Mas que visse o que era a vida de um homem de Estado, a papelada a estudar, as audiências, o telefone, os despachos. E arrematou:

— O amigo tem que dar os devidos descontos.

Badaró, mão espalmada sôbre a mesa, disse que não dava desconto nenhum:

— Nenhum, seu Pereira! Vou escrever a Fogaça uma carta malcriada, como sei fazer.

Apavorado, sem querer tomar partido, o prudente Pereira mergulhou a cabeça na papelada da formiga saúva:

— Faça o amigo Badaró o que bem entender. Lavo as mãos.

De tarde, a caminho da Pensão Familiar, outra vez ao lado de Almeida Pereira, o amigo do Ministro relatou, em linhas gerais, o que seria a carta. Nada de cerimônias, de S. Excelência, como mandava o figurino. Entrava

logo no apelido de antigamente:

— Lulu Cara de Cachorro!

E assim por diante. Ia ser uma peça de esborrachar qualquer cristão. Ia ser uma carta para sair nos jornais, na primeira página. Depois, só tinha Fogaça uma saída. E bateu nos peitos:

— E' convidar o papai para um duelo.

Pereirinha, embrulho de pão debaixo do braço, recuou apavorado:

— Duelo de sangue, de tiro?

Badaró riu, fêz pouco da coragem de Fogaça:

— Que tiro nada! Fogaça é lá de tiro. E' capaz de pedir asilo na Embaixada do Japão.

Branco, em pânico, Almeida Pereira pediu que Badaró não escrevesse carta alguma. Medisse as conseqüências do ato. Com um simples bilhete, um pedido ao diretor do Fomento, Badaró saía de escriturário diretamente para o ôlho da rua com inquérito cabeludo em cima:

— O amigo não sabe o que é inquérito. Não sabe!

Badaró sentiu um esfarinhamento por dentro. Desempregado, outra vez na rua, na desgraça. Via o major Caldas, dono da Pensão Familiar, na porta do quarto: "Seu Badaró. Hoje é dia 10. Só espero até amanhã". Mas, diante de Pereira, sustentou a carta:

— Sou lá homem de correr de inquérito, seu Pereira! Rebento o Fogaça na rua. Na rua, seu Pereira!

E mostrou o pulso que esborracharia, como um pilão as desconsiderações do Ministro. O escriturário nem quis ouvir o resto. Trepou no primeiro ônibus, em risco de ser amassado. Badaró, já sem convicção, repetiu, na beira da calçada:

— Rebento o atrevido!

Não rebentou nada. No outro dia, já a carta estava esquecida, morta e sepultada. Quando chegou ao Fomento, a primeira coisa que fêz foi procurar o Pereirinha:

— Seu compadre, o homem pediu soda. Telefonou.

E diante da admiração sem tamanho do outro, Badaró relatou as desculpas deixadas em poder do major Caldas. Que êle aparecesse, não deixasse de pegar o ajantarado de domingo, sem falta. Iam mandar o carro apanhar Badaró na Pensão Familiar:

— Seu Pereira, estou de cima, estou mandando.

O escriturário, saído da conversa do Badaró, foi espalhar a notícia. Já de tarde, o velho Pires de Abreu, que sempre tratou Gaspar pelas pontas, pediu seu comparecimento ao gabinete. E lá, muito em intimidade, disse que necessitava de um funcionário de valor, que ficasse responsável pelos trabalhos mais importantes do Fomento. E mão no ombro de Badaró:

— E êsse funcionário é o senhor. Confio no senhor.

Semana e meia depois, pediu a Gaspar um favor todo especial. Quando estivesse com o Sr. Ministro não esquecesse de uma pretensão sua, já devidamente relatada e informada:

— Só falta um empur-

rãozinho. E êsse empurrão sei que o amigo Badaró pode dar.

Gaspar estremeceu. Fêz modéstia:

— Sou amigo de Fogaça. Mas não sei se tenho prestígio para tanto...

Pires de Abreu achou graça. Todo o Fomento sabia das intimidades que êle desfrutava junto de S. Excelência:

—Um pedido seu é uma ordem!

Badaró, murcho como

genipapo velho, ficou sem saber como sair da entaladela. Nesse meio tempo adoeceu, de ficar em casa. A Pensão Familiar, na Bôca do Mato, não teve tamanho para receber tanta gente. Era um chover de maçãs e uvas sem descanso. Veio uma tarde o diretor Pires de Abreu. Badaró, diante do velho pediu a Deus todo poderoso, morte rápida. Abreu, na beira da cama, consolou o doente. Fêz questão de servir os remédios:

— Tome, amigo Badaró. Tome!

Na despedida, na porta do quarto, pediu que não esquecesse de "dar uma palavrinha ao Sr. Ministro". Badaró, em vez de sepultado, disse que havia falado:

— Fogaça prometeu atender.

Badaró espichou o mais que pôde a doença. Mês e meio ficou no bem-bom da Bôca do Mato, jogando víspora, tirando sua ponta de conversa nas casas vizinhas. E uma segunda-feira, depois de um domingo de vasto ajantarado, apareceu no Fomento. Foi uma festa. O velho Pires de Abreu veio de braços abertos:

— Muito obrigado. Muito obrigado. Saiu hoje.

E mostrou ao espantado Badaró a página do "Diário Oficial" onde êle, Pires de Abreu, era promovido e reembolsado de uns atrazados de dois anos. Pereirinha, de ôlho esmaltado, esfregava as mãos. E acompanhou Badaró por todo o canto. Nesse mar de rosas os dias foram morrendo. Badaró dava cartas e jogava de mão no Fomento e redondezas. Pereira fêz também o seu pedido. O amigo do Ministro denegou:

— Agora não. Deixa Fogaça esquecer o caso de Pires de Abreu.

Uma tarde, o telefone tocou. Chamava Badaró. As prestações do alfaiate andavam em atrazo de dois meses e o mestre da tesoura queria receber. Acabada a ligação, que foi curta, Badaró ficou ainda no telefone. Alterou a voz:

— Ora, Fogaça, assim não é possível! Se você não pode atender diga logo. Não sou palhaço!

A Seção da Saúva, Pereira à frente, caneta no ar, parou para ouvir Gaspar Badaró. Pires de Abreu, chamado às pressas, pediu que êle agradecesse ao Sr. Ministro a gentileza do despacho. Badaró não perdeu tempo:

— Olha, Fogaça, o nosso amigo Pires de Abreu, que está ao meu lado, manda agradecimentos.

E soltando uma gargalhada no fone:

— Não, jantar não. Domingo você manda o carro logo de manhã. Às sete horas, Fogaça. Em Goiás? Era só o que faltava! Até amanhã. Telefone sim.

E deixou o aparelho. Pires de Abreu, admirado, agradeceu o recado ao Sr. Ministro. Então, na presença de tôda a Seção da Saúva, Badaró comentou a conversa:

— Fogaça está doido. Quer que eu vá caçar com êle em Goiás. Matar onça braba. O homem perdeu o tino.

Riu — todo mundo riu, inclusive Pires de Abreu que quase solta a dentadura postiça no soalho. A verdade é que Badaró sabia, por leitura de jornal, que o Ministro, acompanhado de amigos, ia ao mato, em rastro de pintada. Embarcou na canoa. Longe do Fomento e de seus papéis ficou duas semanas. Para todos os efeitos, Gaspar Badaró andava na selva. E, como comprovante, apareceu na repartição munido de flecha de índio, comprada na rua São José, numa casa de especialidades. Trouxe também umas hervas e capins de saúva, que distribuiu, em pacotinhos, aos colegas do Fomento. Pereirinha, todo cheio de reverências, perguntou se êle tinha fisgado alguma onça. Respondeu em jeito modesto:

— Onça não. Mas estoporei uma cobra de mais de vinte metros.

O fim veio depressa. Veio certa manhã, como o leiteiro. Outro govêrno assumiu o poder. Outro govêrno e outros ministros. Fogaça foi embora às pressas. E Badaró sentiu na carne, o que é ser amigo do peito de Ministro. Foi removido para o Acre.

Marcantes as Cerimônias Dedicadas aos Veteranos

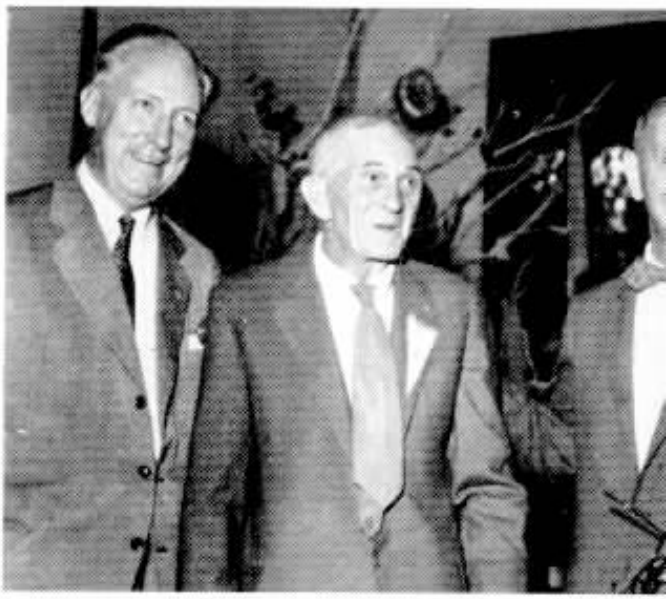
Em cima: No primeiro plano, parte dos veteranos e, ao fundo, a assistência. Ao centro e embaixo: graciosas colegas que auxiliaram na distribuição de «chopp», refrigerantes e guloseimas durante a festa, tornando-a ainda mais agradável.

DIVERSAS solenidades de entrega de emblemas a veteranos, foram realizadas em várias cidades das Divisões dos Estados de São Paulo e do Rio de Janeiro, com programas de festejos, interessantes e bem organizados, traduzindo bem o interêsse que a Companhia Telefônica Brasileira tem, em premiar àqueles que desempenharam sempre suas tarefas quotidianas, de longa data, com entusiasmo em prol do bem comum — o de fornecer um serviço telefônico perfeito. Assim, em Araraquara e Taubaté, no Estado de São Paulo, e em Nova Iguaçu, Estado do Rio de Janeiro, nas cerimônias ali realizadas, a nossa Emprêsa teve o cuidado de demonstrar, aos veteranos, o seu reconhecimento pelos bons serviços que lhe prestaram, oferecendo-lhes emblemas representativos das etapas de serviço a que faziam jus.

Na cerimônia de Araraquara, bela e progressista cidade do interior paulista, cujas fotos estampamos nestas páginas, cêrca de cinqüenta veteranos receberam seus simbolos de tempo de serviço, sendo saudados, em nome da nossa Companhia, por José Portugal Gouvêa. A fazenda de Salto Grande, lugar aprazivel, gentilmente cedido por seu proprietário, Sr. Henrique Lupo, foi o local escolhido para tão significativa homenagem, havendo farta mesa de variados petiscos e alegre chopada, seguido de animado baile. A surprêsa, foi o harmonioso côro formado por telefonistas de São Carlos que entoou lindas canções alusivas aos veteranos e aos serviços da CTB, dando, assim, um colorido todo especial.

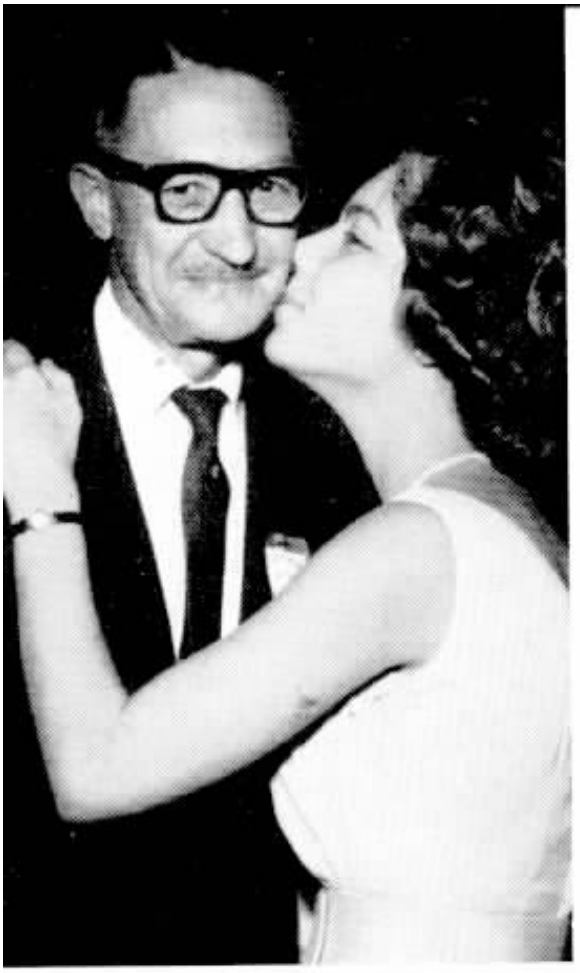
Nelly Rinaldi, do Comercial, e João Gaspar, da Rêde, veteranos de 35 anos de bons serviços.

José Portugal Gonvêa, à esquerda e José B. de Carvalho Mello, satisfeitos com a festa.



Rinaldo Marchesin, ao centro, ladeado por B. J. P. Tancred, à sua esquerda, e por J. Sarkissoff.

Elza Godoy foi homenageada pela filha da TC e por sua sobrinha. Embaixo, José Alves Cunha, recebe afetuoso abraço de sua espôsa.



Alberto Cardoso Siqueira, da Rêde, completou 30 anos de serviços. Sua filha beija-o com ternura.

Êsse gracioso trio de tão gentis colegas, com graça e beleza, encantou a todos, incansável na trabalhosa tarefa de distribuição do regalante choppe.

BAURU

COM o costumeiro brilho, realizou-se, em Bauru, Estado de São Paulo, na sede do Esporte Clube Paulista, a festa dos veteranos daquele Distrito, ocasião em que cêrca de cinqüenta de nossos colegas receberam seus emblemas, coroando o esfôrço e a dedicação de muitos anos de trabalhos. Na oportunidade, José Portugal Gouvêa, em sua saudação, teceu encômios aos veteranos. Inúmeros colegas compareceram a essa manifestação de aprêço e simpatia. Alberto Cardoso Siqueira falou, interpretando o agradecimento dos veteranos. Um farto churrasco seguido de baile, completou a solenidade.

É sempre interessante relembrar um pouco do passado. Nicolau Francisco Valerio, da Rêde de Botucatu, à esquerda, conversa com o seu velho amigo: Haroldo Prestes Miramontes. Quantos fatos curiosos.

Outra veterana, Nair Ortolon, funcionária do Departamento do Tráfego, ao centro, cercada por seus familiares. Ostenta, presa ao seu vestido, a flâmula simbólica, como galhardete de uma grande etapa feliz e já vencida.

Esse seleto grupo composto por telefonistas, longe das frases convencionais que diàriamente pronunciam, no desempenho de suas funções, tais como: «Alô? Qual o número dêsse telefone? Os troncos estão ocupados; chamarei depois», com excelente apetite, «devoram» o delicioso churrasco regado com choppe e guaranás bem geladinhos, na deliciosa e animadíssima festa de Bauru.

TAUBATÉ: Homenageados Aquêles Que Contaram

Assim transcorreu a festa tributada aos veteranos. Um lauto e convidativo churrasco, refrigerantes à vontade e muita alegria. Completa confraternização de amigos e colegas.

Benedita Vieira Marcondes, de Pindamonhangaba, recebeu emblema correspondente aos seus 35 anos de serviços dedicados à nossa Companhia. A direita, vemos José Portugal Gouvêa em palestra animada com um grupo de colegas que saboreiam o gostoso churrasco que lhes serviram.

Tempo de Serviço

NA sede da Associação dos Empregados no Comércio de Taubaté, quase três dezenas de veteranos foram contemplados, com emblemas correspondentes a tempo de serviço na C. T. E., sendo o ato presidido por José Portugal Gouvêa, ao qual compareceram Superintendentes e outros colegas, e também autoridades locais, todos para levar o seu aplauso aos homenageados. Dalva Moutela agradeceu em nome dos veteranos. Logo após, no pátio do edifício de nossa Companhia em Taubaté, foi servido um churrasco que a todos regalou.

Ao alto: Paulo F. Siqueira, com 35 anos de CTB, à esquerda, conversa com Fernando Lanzoni. Ao centro: um «flash» da festa. Embaixo: Benedito Lourenço ao lado de sua espôsa.

Silvio Alves Martins, veterano de 30 anos, da Rêde, recebe da telefonista de NI, Daiza B. Santos, um cartão de felicitações que as colegas de Nova Iguaçu ofereceram a todos os veteranos do Distrito B-2. Gesto significativo.

Veteranos de trinta anos, numa pôse que será lembrada: Guilherme José Mescke, José Maria de Souza Dimas e João Luciano de Souza.

Francisco Pereira Campos, veterano de quarenta anos de serviço, é da Rêde de Nova Iguaçu, E. do Rio de Janeiro.

HOMENAGEADOS OS VETERANOS

REALIZOU-SE em Nova Iguaçu, no conhecido e conceituado Nova Iguaçu Country Club, a bela festa promovida para homenagear os veteranos do Distrito B-2 — Petrópolis que, em número de sessenta e sete, receberam, então, os seus emblemas. Um veterano de 40 anos, Francisco Pereira Campos e sete de 30, polarizaram as atenções da festa que transcorreu em ambiente da mais contagiante alegria.

Veteranos e seus familiares, colegas e chefes, em grande número, deram animação à festa, lotando amplamente as dependências do querido grêmio fluminense. Os colegas que completavam novas etapas de suas vidas funcionais, entre 40 e 10 anos de bons serviços prestados à Companhia Telefônica Brasileira, à medida que seus nomes iam sendo citados, entre aplausos recebiam os símbolos correspondentes e que constituem verdadeiro galardão, de que se orgulham todos os veteranos.

Terminada a solenidade, foi servido um churrasco a

todos da Rêde, diante da máquina de Maria de Lourdes Miloski, de Corrêas.

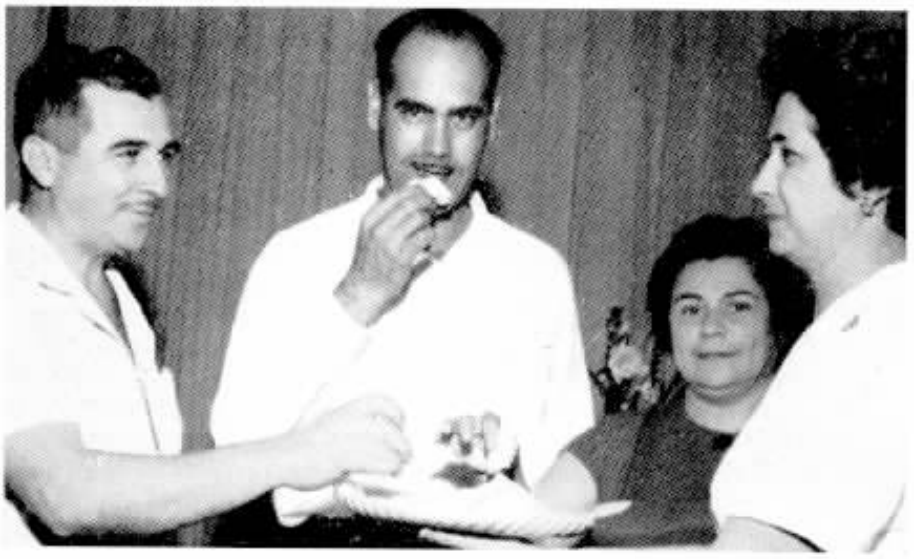
Entre grande animação, a festa teve alguns pontos altos, como êste, sempre alegre e aguardado com entusiasmo: a hora de partir o bôlo.

Daria Amanda Ferreira Mattos Morais e Maria Josefina Nicolay Baur, ambas com trinta anos de bons serviços ao Tráfego.

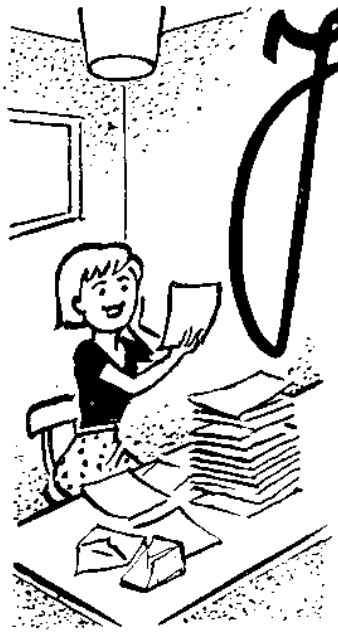
EM NOVA IGUAÇU

todos os presentes, completado com uma série de deliciosos bolos comemorativos de tantos anos de atividade, recebidos com verdadeiro entusiasmo e aplausos às qualidades de doceiras das colegas que se esmeraram para tornar suas massas, verdadeiras delícias gustativas.

Uma bonita tarde, a dos veteranos do Distrito B-2, em Nova Iguaçu.



Moacyr Cappuci, gerente do Distrito, e Waldir Simões, saboreiam o bôlo que lhes oferece gentilmente uma colega.



Já é de absoluta rotina, a recepção de cartas, telegramas e ofícios diários, atestando o desvêlo, correção e simpatia com que funcionários da grande família telefônica atendem o público.

Essas manifestações espontâneas de quem, obtendo bons serviços, faz questão de reconhecê-los, são encaminhadas pela Administração a SINO AZUL que, prazeirosamente, as divulga, fazendo éco ao reconhecimento do público satisfeito.

A DÓR NÃO FÉZ ESQUECER

Feridos pela dôr da pêrda de entes queridos, levados em meio a terríveis aflições e enormes transtôrnos, ás vêzes com a necessidade imediata de comunicações a longas distâncias para levar a infausta notícia a parentes afastados, convocados às pressas para as últimas homenagens, assinantes da Companhia, passados êsses instantes de maior aflição, em sua tristeza, não esquecem aquêles que se solidarizaram nos momentos piores e tudo fizeram para atender, na medida do possível, às necessidades imediatas.

São cartas e bilhetes, telegramas e ofícios, repassados de tristeza, mas enaltecendo êsse esfôrço.

Aqui temos, por exemplo, o cartão do assinante Arthur Eugênio Sacconi, de Piracicaba e a carta de Santo Etore Rinaldi, de Garça, ambas concordes nesse agradecimento e elogio, após um transe difícil e irreparável.

POR ANÚNCIO

Na imprensa santista, apareceu grande agradecimento a quantos confortaram a família do Dr. Antônio Gilberto Pinto Azevedo, pelo passamento de pessoa muito querida. Nesse agradecimento, eram especialmente citados os médicos e a telefonista local nº 63, Erotyldes Fidelix, pela especial dedicação e carinho com que acompanharam o caso.

O que dizem de NÓS

O "LIONS" PRESENTE

A universal instituição do "Lions Club", através da entidade teresopolitana, convidou nossa colega Edna da Rocha Branco, para representar tôdas as suas colegas, num jantar especial, onde foi enaltecida a "colaboração e elevado espírito público demonstrado por tôdas, quando do caso dos escoteiros desviados de rota no Parque Nacional", caso de que bastante se ocupou a nossa imprensa.

ESCOLARES DE RIO CLARO

Dentro das festividades do Primeiro Calendário Cívico-Social da Criança, na cidade de Rio Claro, foi realizada proveitosa visita dos alunos do 4º grau A, masculino, do Grupo Escolar "Marcelo Schmidt", às instalações da C. T. B. nessa importante cidade paulista, o que motivou simpático registro do jornal local, "Cidade de Rio Claro".

PIRAJUÍ APLAUDE

Através de requerimento apresentado à Câmara Municipal de Pirajuí, pelo vereador Lázaro P. Fagundes, foi aprovado "um voto de aplausos às telefonistas e demais funcionários da C. T. B., "considerando o trabalho abnegado dos funcionários da Companhia Telefônica Brasileira local".

VALIOSA COLABORAÇÃO

Nossas dedicadas colegas do Tráfego em Marechal Hermes (GB), foram alvo de entusiástico ofício de enaltecimento à sua "perfeita e eficiente atuação" por parte do "Prontec", Pronto Socorro Infantil, situado na Rua Carolina Machado, Estado da Guanabara.

NOVA IGUAÇU AGRADECE

O Vereador Jorge de Lima, lider da Maioria da Câmara Municipal de Nova Iguaçu, enviou à nossa Companhia, ofício amabilíssimo de exaltação à telefonista nº um daquela cidade, Maria das Graças Cursino, a qual foi de enorme valia para o citado edil, numa hora de aflição. No dizer do Sr. Jorge de Lima, "essa funcionária foi de uma dedicação, de uma solicitude, sòmente própria nas pessoas de espirito elevado, que têm em grande consideração o sofrimento. Apesar de não conhecê-la — diz o ofício de não poder levar-lhe meus agradecimentos pessoalmente, quero que conste o quão grato lhe sou, e como representante do povo, faço questão que fique bem gravado o meu mais sincero e sentido agradecimento.

"Com funcionárias como esta — prossegue — que procura honrar o cargo que ocupa, sabendo ser o mesmo simples, mas imprescindível à vida do município, a Companhia Telefônica pode ficar certa que será sempre lembrada e estimada por todos que dela se servem".

GRATIDÃO

Embora ferida pela dôr da perda sofrida, a família de Maria Lírio Brant, falecida em Santa Bárbara, Minas Gerais, não deixou de enviar delicada carta à sede da C. T. M. G. para agradecer os bons serviços prestados pelas telefonistas locais que foram de grande solicitude e muito cooperaram com a família nessa hora tão grave. Estabelecendo comunicações urgentes, esforçando-se para atender à natural ansiedade dessa hora, as telefonistas de Santa Bárbara fizeram jús ao elogio.

VISITA

Alunos do Colégio Anglo Americano fizeram uma visita de estudo a dependências da Companhia Telefônica Brasileira no Rio de Janeiro, detendo-se mais demoradamente nos serviços interurbanos, tendo tido oportunidade de apreciar o funcionamento das comunicações telefônicas do Rio com as demais cidades do Brasil e do Mundo. Da visita de que levaram agradável impressão, recolheram proveitosos ensinamentos, o que motivou carta de agradecimento do Sr. Alberto de Almeida Correia, diretor-presidente daquela prestigiosa organização de ensino.

RIBEIRÃO E OURINHOS

Também as nossas colegas de Ribeirão Prêto e de Ourinhos, receberam significativos elogios pelos seus assinalados serviços às respectivas populações.

As primeiras ganharam crônica na ZYR-79 e ZYR-92, Rádio Ribeirão Prêto, e, as segundas, a saudação especial do rev. Pe. Duilio O. S. J. que, ao ensejo da passagem do dia de São Gabriel, padroeiro das telecomunicações, convidou a dirigentes e servidoras da C. T. B. para a missa especial oficiada por aquêle motivo, na capela da Santa Casa local.

ENIGMA dos ENGANOS

VEJA, CARO LEITOR, SE VOCÊ CONSEGUE DESCOBRIR OS 9 ENGANOS COMPARANDO O DESENHO ① COM O ②

(SOLUÇÃO NA ÚLTIMA CONTRACAPA)

①

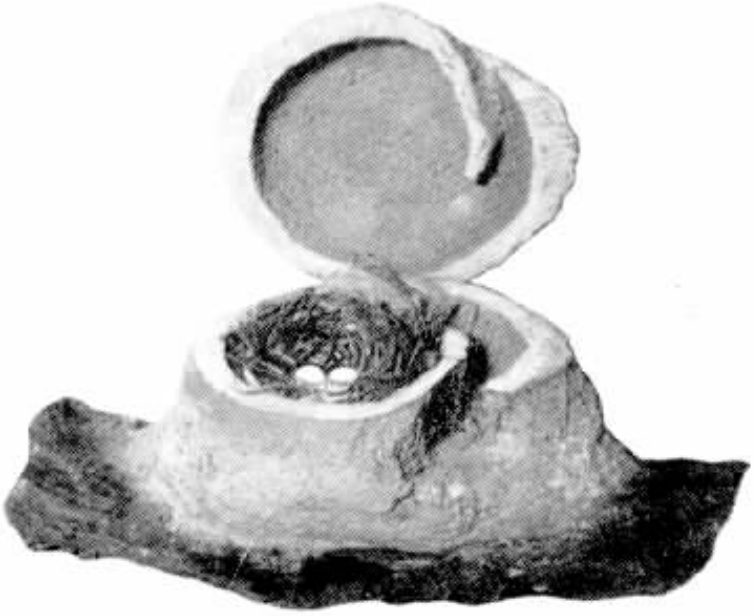
②

JOÃO DE BARRO

VER um passarinho a saltitar de um lado para outro, com fragilidade e bela plumagem, nem sempre é agradável à vista e poético ao sentimento. Pelo menos em relação ao João-de-Barro, é êsse o modo de sentir dos guarda-fios da Telefônica que, embora apreciando o "furnarios rufus rufus", nome porque o conhecem os cientistas, ou o ógaraitig, como o denominam em guarani, não gostam de ver a preferência que tem pelas cruzetas dos fios telefônicos, para a instalação das suas bem feitas casas de barro. Esses ninhos, via de regra feitos sôbre os isoladores de fios, causam dificuldades enormes ao serviço interurbano e constituem verdadeira praga, a que não se dá, nem se pode dar, descanço, em nome das boas comunicações telefônicas.

Embora "inimigo", dada a curiosidade que é a própria existência do pássaro, resolvemos dedicar à ave que é conhecida em tôda a América do Sul, embora sob nomes diferentes, algumas linhas de esclarecimento.

Se algum dia forem à Argentina e ouvirem falar de um pássaro "hornero", estejam certos que é dêle que falam. Chamam-no de "forneiro" porque o seu ninho de barro tem a forma característica de um fôrno primitivo, de cozer pão. Já um gaúcho do Rio Grande do Sul o chamará de "barreiro", e um baiano de amassa-barro. Um cearense o denominará maria-de-barro. Mudam os nomes, mas não o pássaro que será sempre o



No alto da página, dois exemplares do belo João-de-Barro, conservados no Museu Nacional do Rio. Embaixo, corte do admirável ninho do pássaro, verdadeiro arquiteto alado.

João-de-Barro de mil histórias, talvez o mais popular dos pássaros do Brasil.

Como o João-de-barro costuma construir o seu ninho entre os isoladores das linhas interurbanas de fio nu, a umidade absorvida pela sua casa, produz baixa isolação que prejudica, assim, a transmissão telefônica. E é isso que faz com que seja mantida constante vigilância ao longo da posteação da C. T. B., nas estradas e no mato adentro, num trabalho dos mais penosos para a remoção das casas do pássaro-engenheiro.

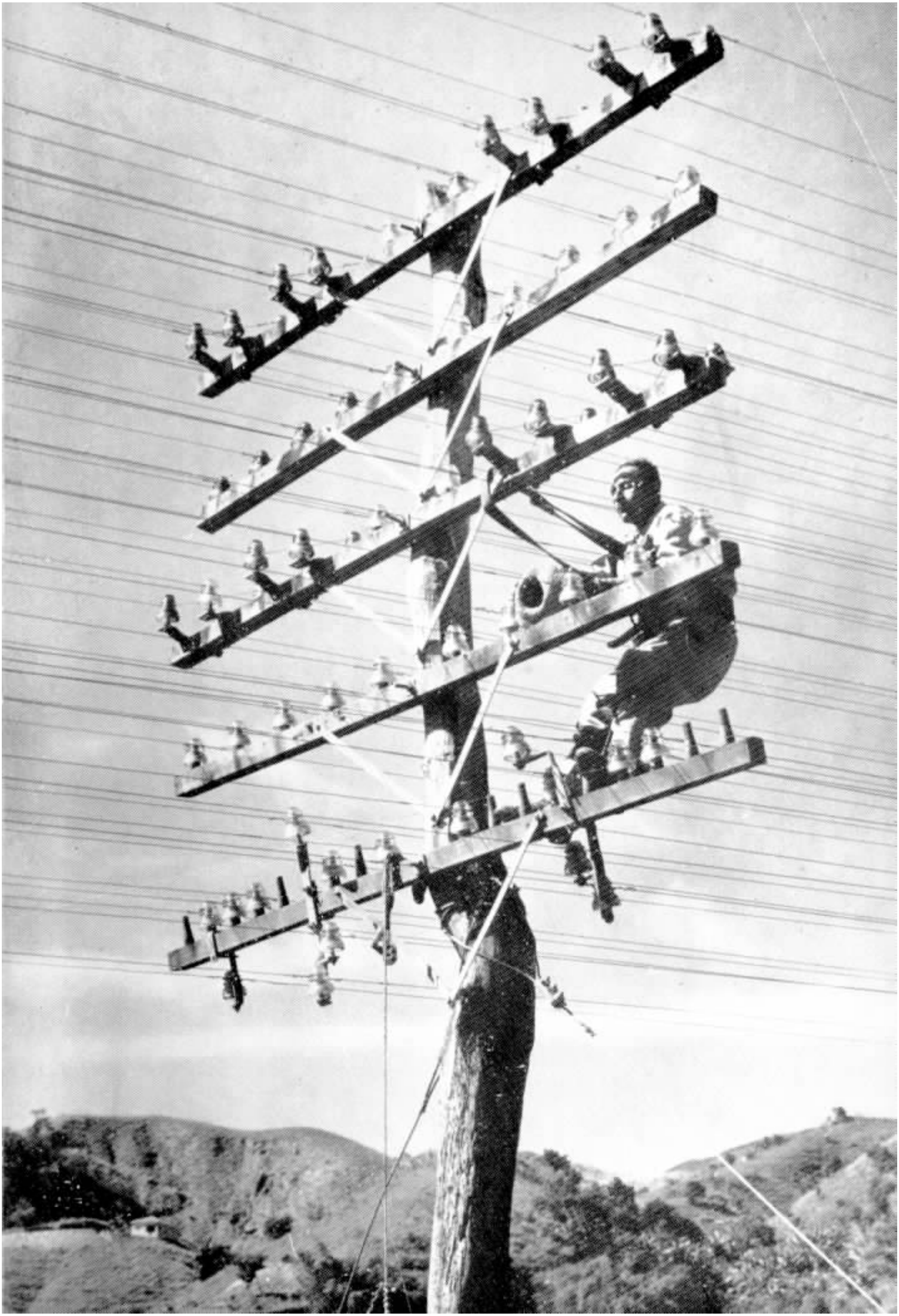
Fora êsse prejuizo, porém, não há porque querer mal ao nosso alado "inimigo". Dêle se contam as coisas mais interessantes possiveis, como o faz, por exemplo, Eurico Santos, escritor especializado em assuntos da nossa fauna que, em "Pássaros do Brasil", dedica ao João-de-Barro, fartos elogios, classificando-o de "super-pássaro, cheio de qualidades, industrioso, honesto, inteligente, casto, trabalhador, pacífico e conquistador da simpatia do homem".

De côr terrosa, garganta branca e parte inferior do corpo amarelado escuro, bico fino, reto, ligeiramente curvado para a ponta, com perto de dois e meio centimetros, o João-de-barro tem cabeça arredondada e é um pássaro bem elegante, apesar de seu tamanho não passar de vinte centimetros.

O ninho é característico e um modêlo de confôrto e segurança, construido de barro e com a forma tipica de um fôrno. No matérial de construção estão misturados ao barro, palhas, crinas e fibras diversas, levando o trabalho de ereção de três a sete dias, parecendo às vêzes um edificio de apartamentos com casas sobrepostas. Geralmente têm dois compartimentos, separados por uma parede, um corredor de entrada que vai dar na câmara onde a fêmea põe os ovos, entre janeiro e setembro. Seu canto é um hino de otimismo que cessa ao cair da chuva, mas que se levanta claro e forte, mal raia o sol, numa prova de que, até entre os pássaros, a vida requer claridade, bom tempo e otimismo. E nesse ponto, o João-de-barro é mestre. Com licença dos nossos colegas, os guarda-fios.

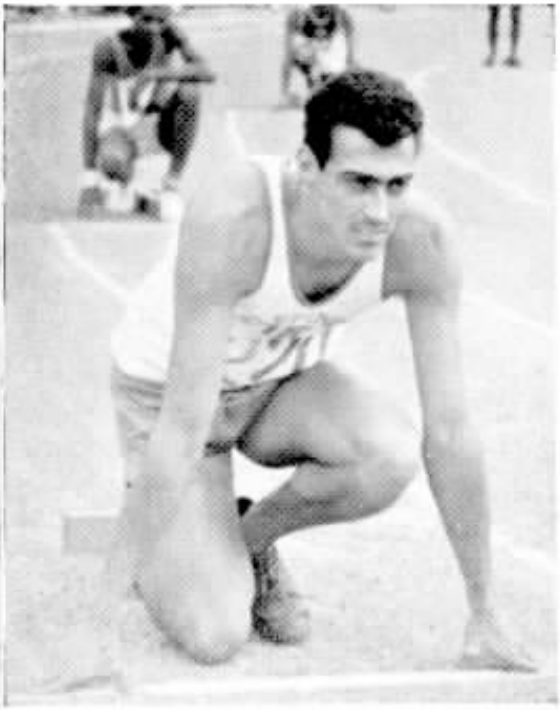
●

À esquerda, magnifico exemplo de «edificio de apartamentos» construido pelo João-de-Barro (exemplar do Museu Nacional). À direita, flagrante do trabalho do guarda-fio, procurando retirar um ninho do pássaro.



TELEFÔNICA A. C.: CAMPEÃO DO SESI

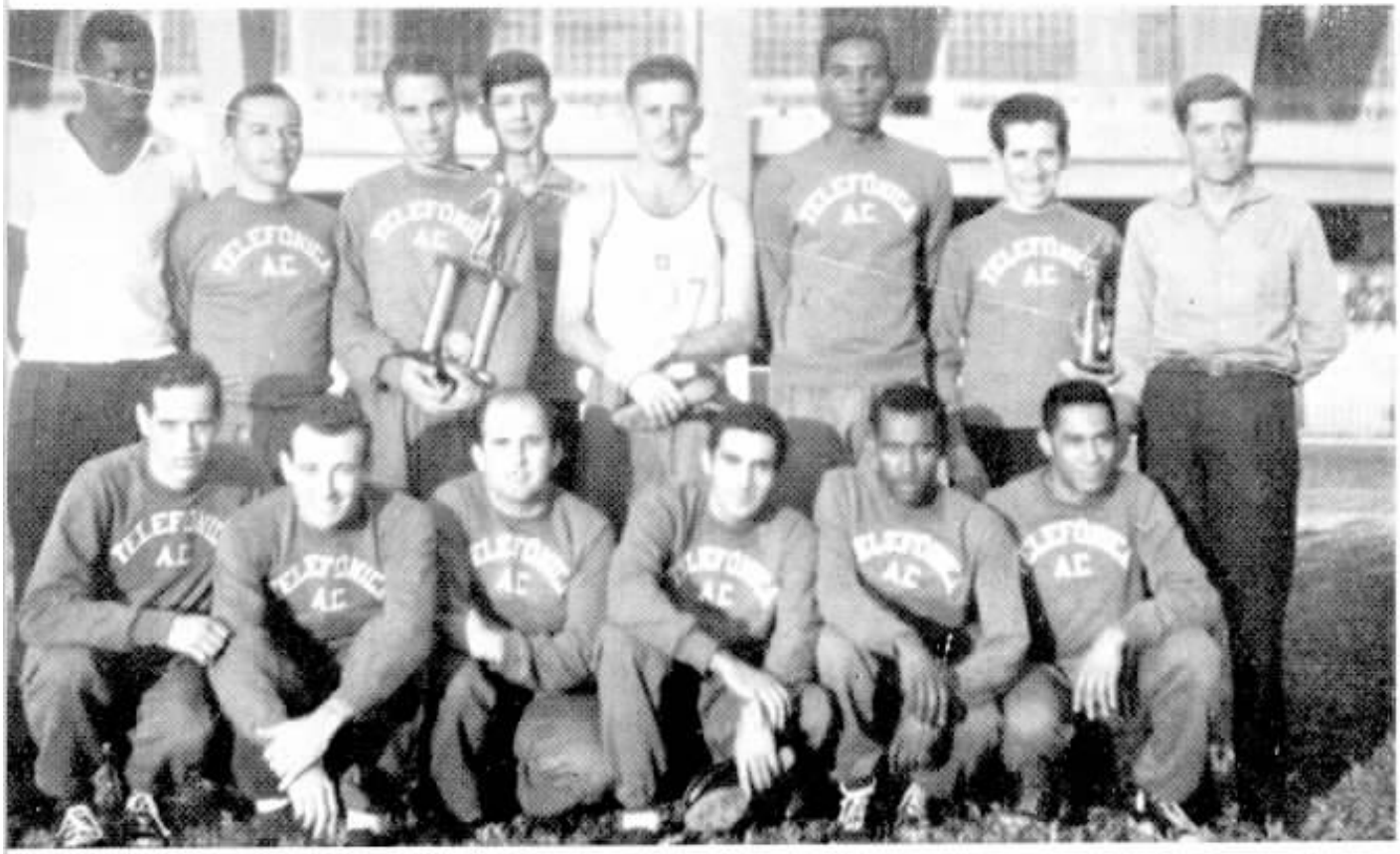
BRILHANTE FEITO ESPORTIVO



Júlio de Araujo, campeão de 110 metros com barreira e segundo nos 400 metros rasos. Um valoroso elemento do T.A.C.

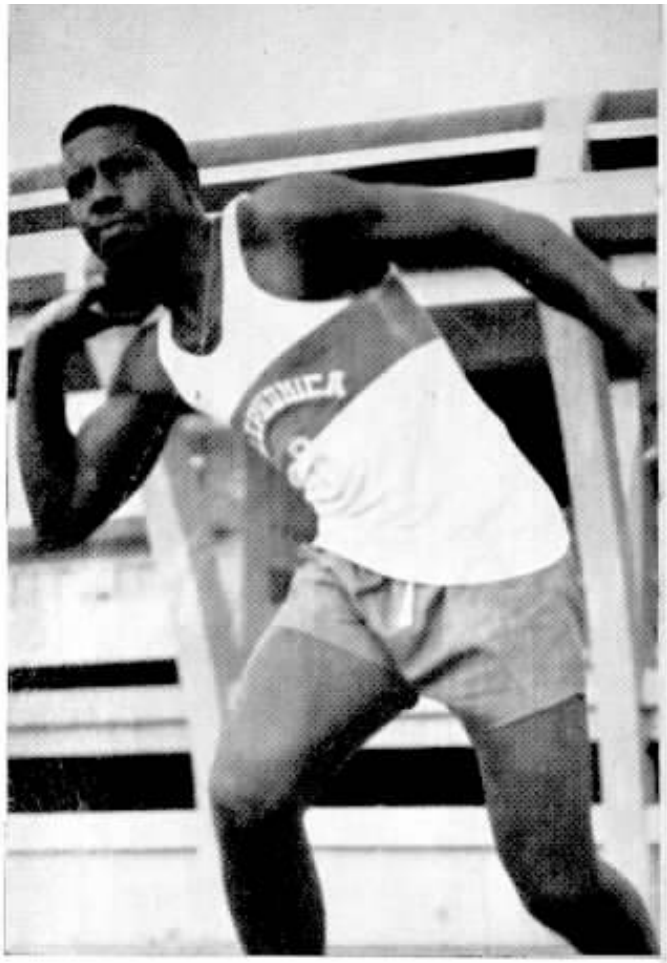
DOS mais empolgantes foi o resultado dos XIV Jogos Esportivos do SESI, realizados no Estado da Guanabara e de que o Telefônica Atlético Clube saiu amplamente laureado. Os jovens integrantes da equipe telefônica, levantaram pela terceira vez consecutiva, o título na série B, e, pela primeira vez, o da categoria A.

Salientamos como melhores resultados na categoria A, obtidos por atletas do T.A.C., o primeiro lugar nos cem metros rasos, vencido por Hélio Malheiros com o tempo de 11,9 segundos, vencendo êste atleta, ainda, o salto em altura com 1,60. Nos 1.500 metros, o T. A. C. destacou-se colocando os vencedores do segundo ao quarto lugares com Gastão Nogueira, Ney Flôres de Melo e Manoel Dias. Outros bons resultados foram atingidos nas provas de salto triplo (3º), salto com vara (dupla em 1º), 110 metros com barreiras (1º), 400 metros rasos (2º) e revesamento 4 x 100 (2º). Na categoria B, Osvaldo Brito foi o mais destacado vencendo as provas de pêso, disco e dardo. Outros excelentes resultados foram verificados nas provas de revesamento 4 x 75 m (1º), 75 e 300 m rasos (2º), salto em altura (2º) e disco (3º). Uma excelente equipe a do T. A. C.

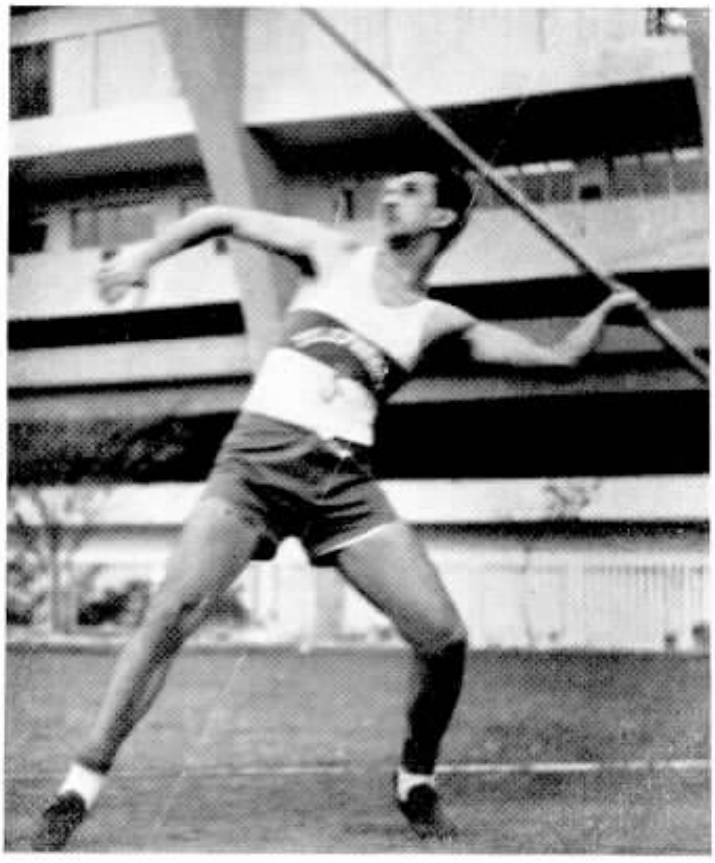


Aí está a excelente equipe que defendeu o tricampeonato da série B e levantou também o título da série A, para o T.A.C. nos XIV Jogos do SESI. Tendo na extrema direita o presidente Miranda, a equipe posa após os feitos, tendo o treinador Francisco Cortez, terceiro da esq. um dos troféus.

Hélio Malheiro, campeão do salto em altura e dos 100 metros rasos, foi um dos grandes construtores das magníficas vitórias dos nossos rapazes.



Osvaldo Brito foi um colecionador de vitórias na categoria B, vencendo as provas de pêso, disco e dardo, em tempos excelentes



Luiz Gonzaga Campos, outro bom colaborador no esfôrço magnífico realizado pelos rapazes do Telefônica Atlético Clube, na expléndida prova do SESI.

Santo Bruno, vice-campeão no salto com vara, da série A, empatou com Cândido Freire, o vencedor, na altura alcançada: 2,50 m.

Flagrante em Botucatu, à saída do ato religioso no qual colegas daquela próspera cidade paulista, cumpriram o piedoso dever da Páscoa, no Ginásio Diocesano de Nossa Senhora de Lourdes.

Páscoa na C.T.B.

Também em Ourinhos, outro grande centro da vida paulista, se fêz sentir o fervor religioso de quantos, servindo à Telefônica, não descuram de suas obrigações. Após a missa festiva da Páscoa, nossas colegas de Ourinhos e os seus familiares, numa foto com o reverendíssimo oficiante.

A cidade de Campos, no Estado do Rio, mais uma vez fêz das comemorações pascais, justo motivo de relêvo. Na ocasião fêz-se o registro acima.

Ao lado, aspecto do templo onde se realizou a solenidade religiosa em Jaú, no Estado de São Paulo, literalmente repleto com tão belo pretexto.

A progressista cidade interiorana de S. Paulo, S. João da Boa Vista, também comemorou de maneira assinalada, a passagem da quadra pascal, realizando os funcionários da Companhia Telefônica Brasileira, uma bonita festa de elevação cristã. Na foto, colegas e os sacerdotes preparadores.

Muitos compareceram à despedida de Maria de Lourdes Barbosa Pinto. Todos para formular votos de felicidades. Emocionada, vemo-la, ao lado de Augusto Faria e do Dr. Theodoro Arthou.

Aposentadorias

Ao alto: Colega das mais estimadas, Maria de Lourdes Barbosa, chefe da seção de Serviços Internos, do Depto. Comercial do Estado da Guanabara, aposentou-se com 37 anos de excelentes serviços prestados à nossa Companhia. Sorrisos e lágrimas marcaram a sua despedida, quando um grande número de chefes de seção e de colegas foram lhe dar afetuoso abraço e desejar-lhe felicidades. Nesse dia, o ambiente de trabalho visto pela companheira que nos deixava foi outro, numa reunião íntima e de cunho fraternal.

●

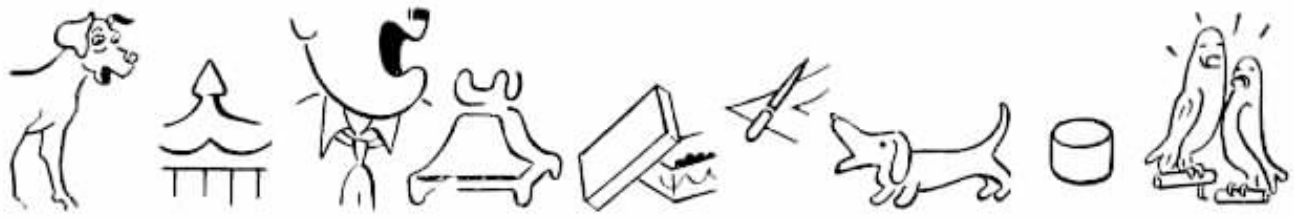
Ao lado: Significativa homenagem foi prestada a mais um companheiro que se retira das lides telefônicas. É êle, Rudolpf Aps, Encarregado da seção de Estudos da Rêde, e que se aposenta com trinta e três anos de bons serviços prestados à C. T. B. Inúmeros colegas e admiradores foram levar, na ocasião da despedida, o seu abraço ao velho companheiro de trabalho. Rudolf Aps recebe de Leonidas H. Granoff, um belo rádio, lembrança de seus colegas da Telefônica.

Iracy Maria Vidotti, a telefonista do Ano de 1961, recebe das mãos de Carlos Duarte de Oliveira, o troféu de «Honra ao Mérito». Ganhou-o merecidamente.

Campinas Elege a Telefonista do Ano

COMO tradicionalmente ocorre todos os anos, foi escolhida, em Campinas, a Telefonista do Ano de 1961. Desta vez, a vencedora do concurso realizado entre as funcionárias da Companhia Telefônica Brasileira, foi a jovem e simpática Iracy Maria Vidotti, telefonista zelosa, cumpridora dos seus deveres e portadora de ótimos predicados pessoais. O concurso que contou com a promoção do jornal "Diário do Povo", chegou ao seu quarto ano consecutivo, sempre norteado pelos princípios de incentivar o valioso trabalho das telefonistas, escolhendo a que mais se destacou durante o ano. Os proprietários do "Bar e Restaurante Rosário", ofereceram, a Iracy Maria Vidotti, um lauto almôço e entregaram-lhe na ocasião, um troféu de honra ao mérito, como prova de reconhecimento ao muito que as jovens telefonistas fazem em pról do progresso e bem estar de Campinas.

SOLUÇÃO DO «ENIGMA DOS ENGANOS»



A orelha ficou branca. **A gaiola tem outro enfeite.** **O homem colocou gravata.** **O telefone ficou branco.** **A caixa tem nova forma.** **O lápis mudou de posição.** **A cauda ficou mais curta.** **A vasilha aumentou.** **Mudaram de posição.**

Sino-Humor

através da imprensa mundial

– Laerte? Julião? Artur?... Ah, é Você, Ana Maria! Por que não avisa logo que está rouca?

– Romeu e Julieta namoraram, Cinderela e o príncipe namoraram e todos fizeram história, sem jamais ter usado o telefone!..

– Agora podemos conversar... Segurei meu filho que está de ôlho na mesa de doces...

– Telefonista de auxílio?.. Escute, o meu telefone deve estar com defeito - há duas horas que não toca!

– Teresinha, quer emprestar-me o seu baton?...

Sino Azul

Nº 6 — 1961

NO XXXIV Nº 6 — 1961

CAIXA POSTAL 450
RIO DE JANEIRO

REVISTA DOS
EMPREGADOS
DAS ORGANIZAÇÕES:

OMPANHIA TELEFÔNICA
BRASILEIRA

OMPANHIA TELEFÔNICA
DE MINAS GERAIS

OMPANHIA TELEFÔNICA
DO ESPÍRITO SANTO

NOSSA CAPA

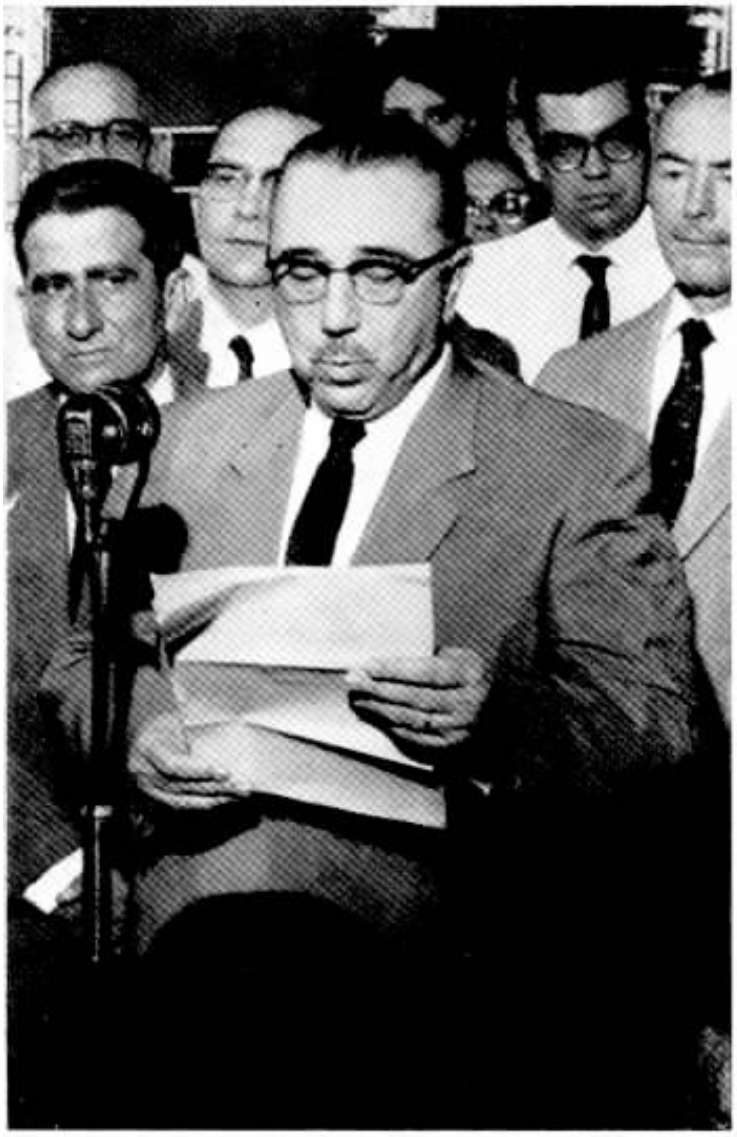
Fany Rozental, colega da Contabilidade, no Estado da Guanabara, é uma das gentis modelos das nossas novas páginas de moda.

Na solenidade inaugural dos novos telefones automáticos de São João da Boa Vista, teve a oportunidade de fazer uso da palavra, José Portugal Gouvêa, diretor-superintendente Comercial da Divisão do In-

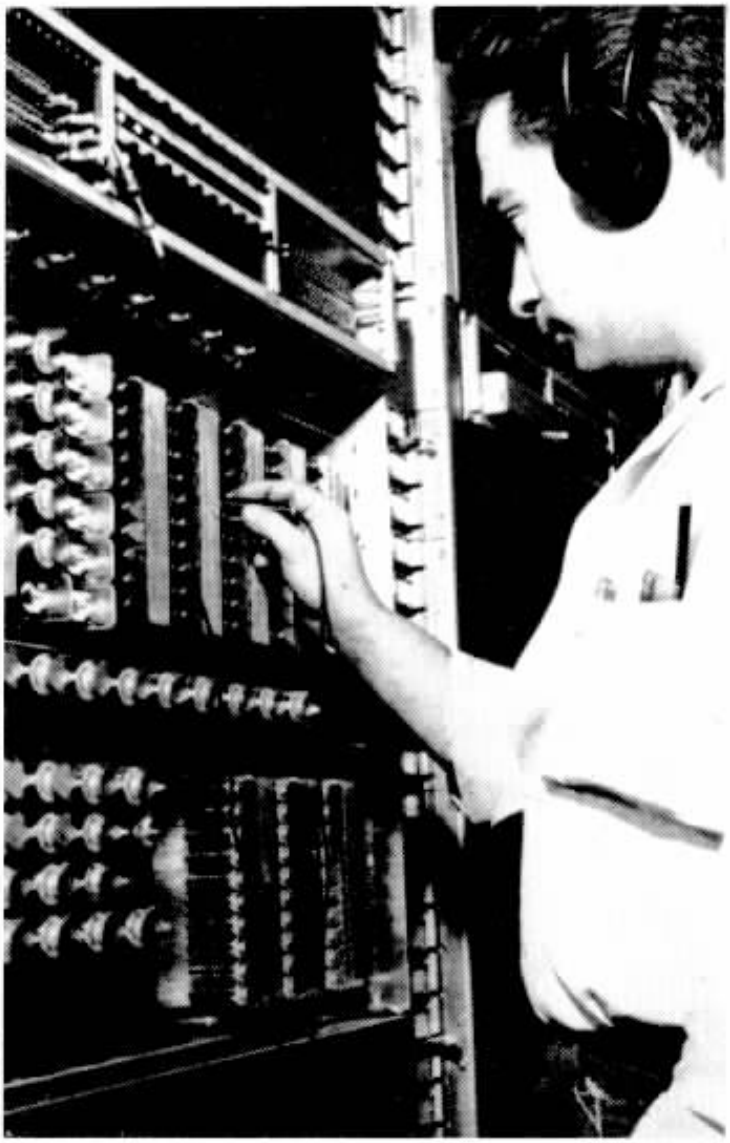
São João da Boa Vista

Cidade dos Crepúsculos Maravilhosos

MAIS UM PROBLEMA RESOLVIDO PELO AUTOFINANCIAMENTO



terior do Estado de São Paulo. Ressaltou a importância do empreendimento para a vida daquela cidade. A rêde foi dobrada em capacidade.



Henrique Alberto da Silva, conservador, operando nos novos equipamentos da rêde automática de telefones, recém-inaugurada em S. João da Boa Vista.

SÃO JOÃO DA BOA VISTA, encantadora cidade de São Paulo, na zona da Mogiana, acaba de resolver o seu problema de telefones, adotando, também, como tantas e tantas outras cidades brasileiras, o sistema de financiamento pelos próprios usuários.

As novas instalações automáticas, já inauguradas, atenderão aos reclamos dos munícipes de São João que, desta forma, acompanharão o extraordinário progresso que hoje se verifica em tôdas as cidades do grande e próspero estado bandeirante.

A instalação e montagem do moderno equipamento automático foi executada pela Ericsson do Brasil e a rêde externa construida por Lacaze & Pizão.

A Prefeitura Municipal de São João da Boa Vista firmou contrato com a Companhia Telefônica Brasileira, ficando a cargo da C. T. B., além do serviço interurbano, a administração e a operação do moderno serviço telefônico da progressista cidade.

O antigo sistema manual, ou sistema de magneto, comportava 555 assinantes. O sistema ora inaugurado, automático, como dissemos ao início, comporta, inicialmente, mil assinantes, já em pleno funcionamento.

E' mais um marco no progresso magnífico da bela cidade que tem vinte e cinco mil habitantes na zona urbana e mais quinze mil na rural e que, pelo seu desenvolvimento, estava mesmo a reclamar esta marca registrada do progresso que é o serviço telefônico automático.

Cidade próxima a montanhas verdejantes, o que lhe empresta um cenário empolgante, proporcionando tal topografia um entardecer surpreendente e motivador do "slogan" orgulhosamente apregoado por todos os naturais de São João da Boa Vista — Cidade dos Crepúsculos

Cidade surpreendente pelo progresso, S. João tem piscinas monumentais como esta, em que as colegas Dayse Teixeira Alves e Sara Rocha Schilive, executam passes de bola, aprimorando o físico e recreando-se na paisagem admirável que é encanto permanente.

SÃO JOÃO DA BOA VISTA

Maravilhosos, tem motivos diversos —que não só os naturais — para transformar-se num verdadeiro centro de atrações.

O município que já ultrapassou o seu primeiro centenário, tem nas atividades agro-pecuárias a sua base econômica mais forte, ao lado de um movimento comercial florescente e de acentuada atividade industrial. São ali produzidos, em larga escala, finos cafés de exportação, algodão, arroz, batatas e cebolas, das melhores qualidades do Estado. No setor pecuário, São João ganha relevância na produção de carnes, leite e seus derivados. As indústrias contribuem com a produção de tecidos, instrumentos musicais, óleos etc.

As origens de São João apresentam pontos controversos que jamais serão perfeitamente esclarecidos, perdidos no tempo documentos que poderiam fazer luz a respeito.

Aceita-se como fato comprovado que as terras que formam hoje o município, pertenciam a Mogi-Mirim e

★

Ao lado, a colega Lydia Cereja, mostra a Alzira Pires de Aguiar, telefonista-chefe, sugestivos bordados de suas horas de lazer. Aprovada!

A Fazenda Destêrro, de propriedade do atual prefeito, Sr. José Rui de Lima Azevedo, é motivo de atração para as colegas Olga dos Reis e Lúcia Manochio.

Severiano Palomo Garesti, colega da Rêde, surpreendido no gôzo de suas férias na Esportiva.

Cidade dos Crepúsculos Maravilhosos

A colega Maria de Lourdes Bodelon Braganholle, no seu lar, junto ao espôso e à bela filhinha.

O prefeito J. Rui de Lima Azevedo, mostra à telefonista Sidnei F. Rodrigues, atas antigas do município. A seu lado, Antonio G. de Oliveira, responsável comercial.

foram ocupadas por Antonio Manuel de Oliveira, o Antonio Machado, como era conhecido que, juntamente com seus cunhados Ignácio e Francisco, chegaram às margens do Jaguari, vindos de Itajubá, no ano de 1822 ou 1824.

Antonio Machado doou o terreno para patrimônio da futura povoação e, erguida a capela sob o patrocínio do Monsenhor João José Vieira Ramalho, êste vinha de sua fazenda Pinheiros, a fim de celebrar missas aos domingos e oficiar matrimônios e batizados. Padre Ramalho apaixonado pela terra, em breve para lá se mudou. Tipo de pioneiro, destemido, homem de opinião, lutou na Revolução de 1842. Da atividade do padre, restam na região os córregos do Quartel e do Polvarinho e a serra do Paiol, a atestar o espírito belicoso do sacerdote.

O nome da cidade deve-se também aos Machado. Êles chegaram à região em vésperas do São João e o nome do santo foi o que dedicaram ao pouso onde se instalaram. Boa Vista, explica-se pelas paisagens encantadoras do local.

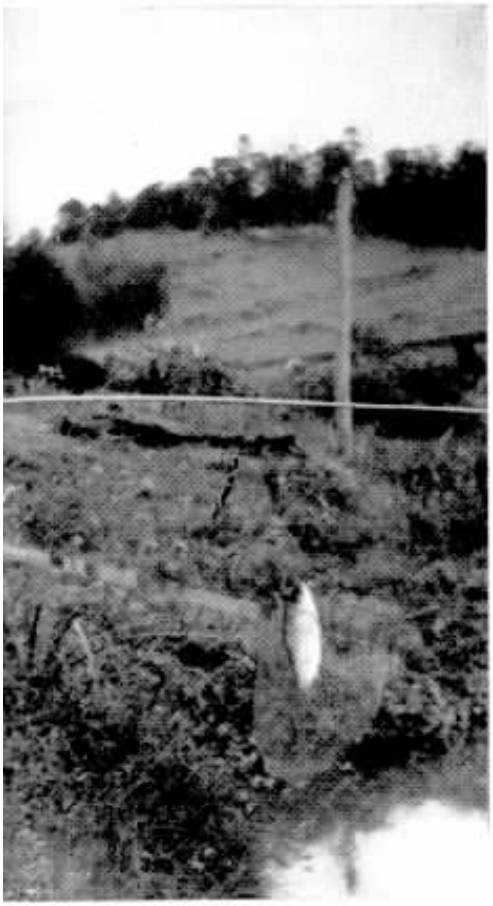
Em 28 de fevereiro de 1838, o pequeno povoado foi elevado a freguesia e, em 24 março de 1859, a Lei Provincial nº 12, elevou a freguesia a Vila e em 1888, a 28 de fevereiro, S. João era feita cidade.

Servida por magníficas estradas que a ligam a diversas cidades, São João tem ótima estação rodoviária a ligá-la especialmente com São Paulo e a conhecida estância mineral de Poços de Caldas, em território mineiro, que lhe é vizinha. Os trilhos da Mogiana, são, porém, o escoamento natural da sua produção.

Contando com mil telefones automáticos, são completadas mensalmente em São João, vinte mil chamadas interurbanas. Colaboram nesse magnífico resultado, com d. Alzira Pires de Aguiar, telefonista-chefe, cêrca de cinquenta telefonistas. A Rêde, entre guarda-fios e conservadores, conta com seis dedicados auxiliares. Antonio Gomes de Oliveira, com dedicação e competência, trata com operosos funcionários, do setor comercial, agora acrescido de novos encargos com a automatização do serviço, meses a mais na marcha de São João da Boa Vista, para o progresso.

Ao lado, João B. de Souza, ajudante de emendador, dá diversas explicações sôbre pesca, às colegas Neusa Morais de Oliveira e Irene B. Ferreira.

Acima, Ruth Cereja experimenta uma harmônica Sartorello enquanto Thereza Fonseca, examina outra, com o Sr. Franco D'Amore, da fábrica bastante conhecida. Ao lado, o lindo jardim principal da cidade, onde passeiam as colegas Maria H. Rubio e Odila de Andrade.



Sede de bispado, tem em **Dom David Picão**, o seu chefe espiritual. Ei-lo, relembrando a sua sagração com a colega **Thereza dos Santos** e **F. Teixeira**, nosso representante.

A tecelagem Fiatece representa uma das maiores atividades industriais do município. Além da fábrica, há a loja de venda, onde as nossas colegas Maria de Lourdes Souza e Gilda Aparecida Beveto tiveram uma tarde cheia e bem feminina, vendo e revendo os produtos Fiatece que o Sr. Osvaldo Splettstoser, gerente geral da fábrica, lhes foi mostrando pacientemente.

Um instantâneo «extra» do espetáculo, em que aparecem Suely Peres, «a mulher do padeiro»; Gregório, «o auxiliar do Palhaço» e as «araras» Jacquelin, Solange e Nair, figuras do belo triunfo do T.E.

Nelson Pucci, foi o Cristo negro da excelente concepção de Suassuna. Além de ator, foi distinguido como cenarista, conquistando dois prêmios.

TEATRO DO TELEFÔNICA

FAZENDO de suas horas de lazer, o bom pretexto para muito estudo, ensaios constantes e a busca da perfeição artística, os colegas paulistas do Teatro de Ensaio do Telefônica Clube, vão acumulando vitórias marcantes, na sua trajetória como grupo atuante em ocasiões memoráveis.

Amadores, porém já consagrados, as moças e rapazes escolhidos por Carlos Alberto Aloise, o diretor do excelente conjunto, são bastante conhecidos da família telefônica, pois já deram espetáculos em várias cidades de São Paulo e na Guanabara.

Desta feita, a repercussão foi maior. Concorreram os jovens do Teatro de Ensaios ao IV Festival Estadual do Teatro Amador, sob o patrocínio da Comissão Estadual do Teatro e da Federação Paulista de Teatro Amador.

«Chicó» foi vivido por Ruy Lopes Pereira, o melhor coadjuvante masculino do Festival. Na foto, contracena com Carlos Campanille que deu vida ao «João» de Suassuna.

Duas figuras que personificam o diabo, tal como o descreve o folclore nordestino: « «Encourado» foi representado por Waldir M. Souto e o «Demônio» por José W. L. Pereira.

Enio Finocchi, «o palhaço», peça importante no enrêdo, ouve as últimas instruções de Paulo Alberto Aloise, diretor do grupo, antes de entrar em cena. O «palhaço» é o apresentador do elenco.

REPRESENTOU SUASSUNA

A peça encenada foi a consagrada obra de Ariano Suassuna, "O Auto da Compadecida", representada no Teatro de Arte Israelita, superlotadas as suas dependências e atuando os seguintes elementos: Enio B. M. Finocchi, Carlos Campanille, Ruy Lopes Pereira, Waldemar Trumpanskas, Juarez S. Silva, Suely Perez, Nelson Figueira, José Soares, Rubens Roccia, Getúlio C. Teixeira, Gregório José Filho, Nelson Pucci, Mariazinha Sampaio, Waldir Mendonça Souto, José Wilson Lopes Pereira, Neide Arruda e Maria José Barros.

Dias após a apresentação da "Compadecida", a imprensa paulistana divulgava o resultado do aludido festival, destacando-se do noticiário, a outorga de medalhas a Ruy Pereira, como o melhor coadjuvante masculino e a Nelson Pucci, como o melhor cenarista, cabendo a êste, ainda, o cobiçado prêmio "Governador do Estado", também como cenarista, no valor de cinquenta mil cruzeiros.

Situações de extrema singeleza, são as que envolvem o «bispo» Rubens L. Roccia, o «padre» Waldemar Trumpanskas e o «frade» Getúlio C. Teixeira.

COISAS que aconteceu...

A EMPREGADA de um casal morador em Niterói, deixara grande e irresistível amor na Bahia. Morta de saudades, não pôde mais resistir e, às escondidas, pediu uma ligação interurbana para Salvador. Quando a conta da Telefônica chegou, no fim do mês, o

dono da casa quase morreu de susto: havia uma chamada para a capital baiana, no valor de 6 mil cruzeiros, correspondente à longa conversa, verdadeiro idílio telefônico. O caso foi parar no Juizado de Menores, após grandes confusões domésticas. E a baianinha apaixonada, como o "deputado" conterrâneo da marcha carnavalesca, deve ter dito: "Sou namorada baiana, o que eu quero é conversar..."

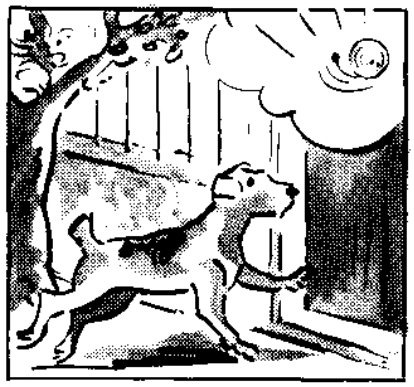
●

DESEJANDO oferecer um presente original para o aniversário de sua mãe que se encontrava em São Paulo, de onde jamais quisera sair, um milionário do Amazonas comprou, por duzentos mil cruzeiros, um pássaro raríssimo da família "Mynah" e mandou-o para a mãe. O bicho falava português, inglês e francês e ainda cantava algumas árias de ópera em puríssimo italiano. No dia do aniversário da mãe, o milionário conseguiu uma ligação telefônica e perguntou ansioso:

— "Então? O que achou do pássaro que lhe mandei, mamãe?"

— "Delicioso!", respondeu ela.

●



UM ASSINANTE chamou a telefonista quase à meia noite e pediu-lhe que lhe chamasse o próprio número. Diante da estranhesa, explicou:

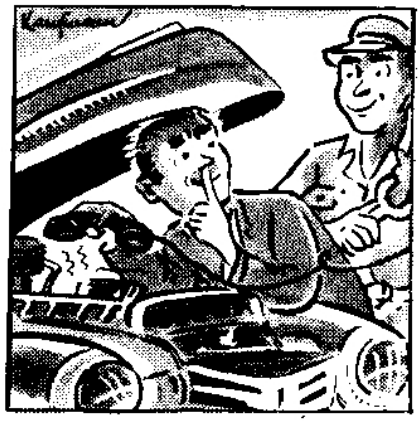
— "O meu cachorrinho está na rua e não quer voltar quando o chamo. Mas há uma coisa que o faz voltar sempre; êle volta correndo para casa, quando ouve a campainha do telefone."

A telefonista deixou tocar o telefone dez vêzes, antes que o assinante respondesse, acima do barulho dos "au-aus" do cachorro:

— "Muito obrigada, telefonista! Deu certo... Êle... já está em casa!"

●

O DIRETOR-PROPRIETÁRIO de um dos nossos maiores jornais, jura que não existe no mundo, um mecânico igual ao seu. Uma vez ia êle passando por



uma pequena localidade, quando o seu carro começou a falhar. O garagista do lugar não conseguiu descobrir o que era, e, então, o dono do jornal resolveu-se a fazer um telefonema interurbano ao seu mecânico de confiança, para pedir-lhe opinião.

— Patrão — disse a voz do outro lado do fio — ligue o motor e ponha o fone bem perto. Deixe-me ouvir.

Escutou durante alguns minutos, depois disse:

— Agora, por favor, deixe-me falar com o mecânico aí da garagem.

Em dez minutos, o dono do jornal estava na estrada, com todos os cilindros do motor funcionando.

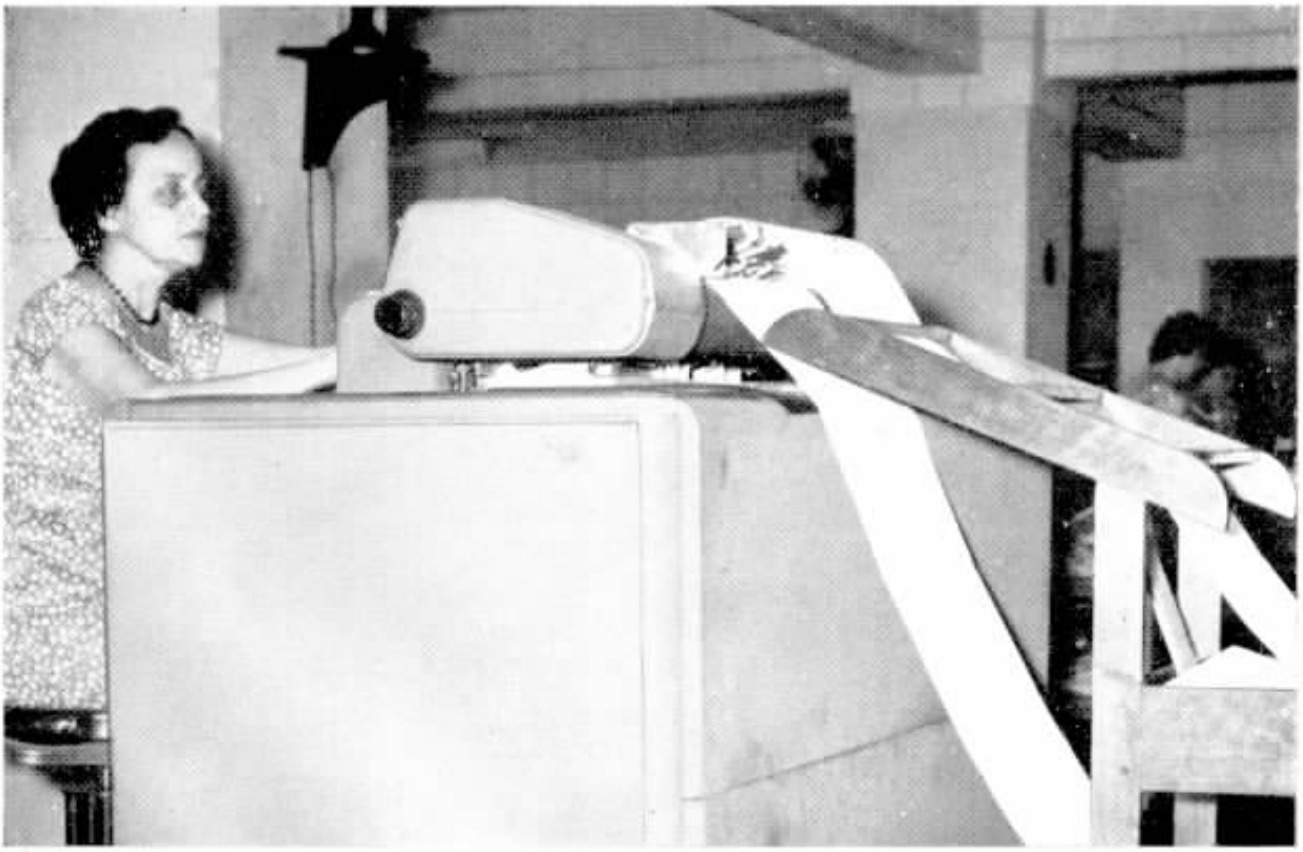
José Fonseca, cobrador da C.T.B., cumpre a sua tarefa que, às vêzes, é das mais agradáveis, como no caso em que a «cobrada» é a vedeta do teatro musicado, Mione Amorim.

SUA CONTA, POR FAVOR!

QUEM vê um cobrador na rua, batendo de porta em porta, muitas vêzes não é capaz de avaliar o trabalho que êle tem para desempenhar a sua exaustiva profissão.

Também a nossa Companhia tem os seus cobradores que, através de um departamento especializado, cumpre uma tarefa gigantesca, cobrindo, diàriamente, as enormes extensões da cidade do Rio de Janeiro — o centro escolhido para a nossa reportagem que, no entretanto, poderia ser extendida igualmente a B. Horizonte e a outros centros populosos onde êsses diligentes funcionários da C. T. B. quer chova ou

Saída, matinal, para mais um dia de intensa atividade na cobrança das contas da C.T.B.: mil e poucas vão na pasta.



Zélia Vilarinho de Araújo, tem a seu cargo, uma impressora tipo 420, da Contabilidade. Seu trabalho atento e eficiente, se traduzirá numa conta perfeita: o assinante nada tem a reclamar.

Ulysses Olegário Lins Caldas, na Seção de Cobranças, recebe as contas enviadas pela Contabilidade e seleciona-as por zonas, para remetê-las aos cobradores que farão o resto do serviço.

Levy Rodrigues, encarregado da Seção de Cobranças, dá a tarefa do dia ao nosso focalizado, José Fonseca.

Amaro Peçanha de Carvalho, opera a máquina especial utilizada para destacar as contas telefônicas. Eficiente.

Cobrança feita, rápida busca de um banco para depósito do dinheiro arrecadado. Um dia a mais na sua rotina.

faça sol, desempenham suas atividades de rotina.

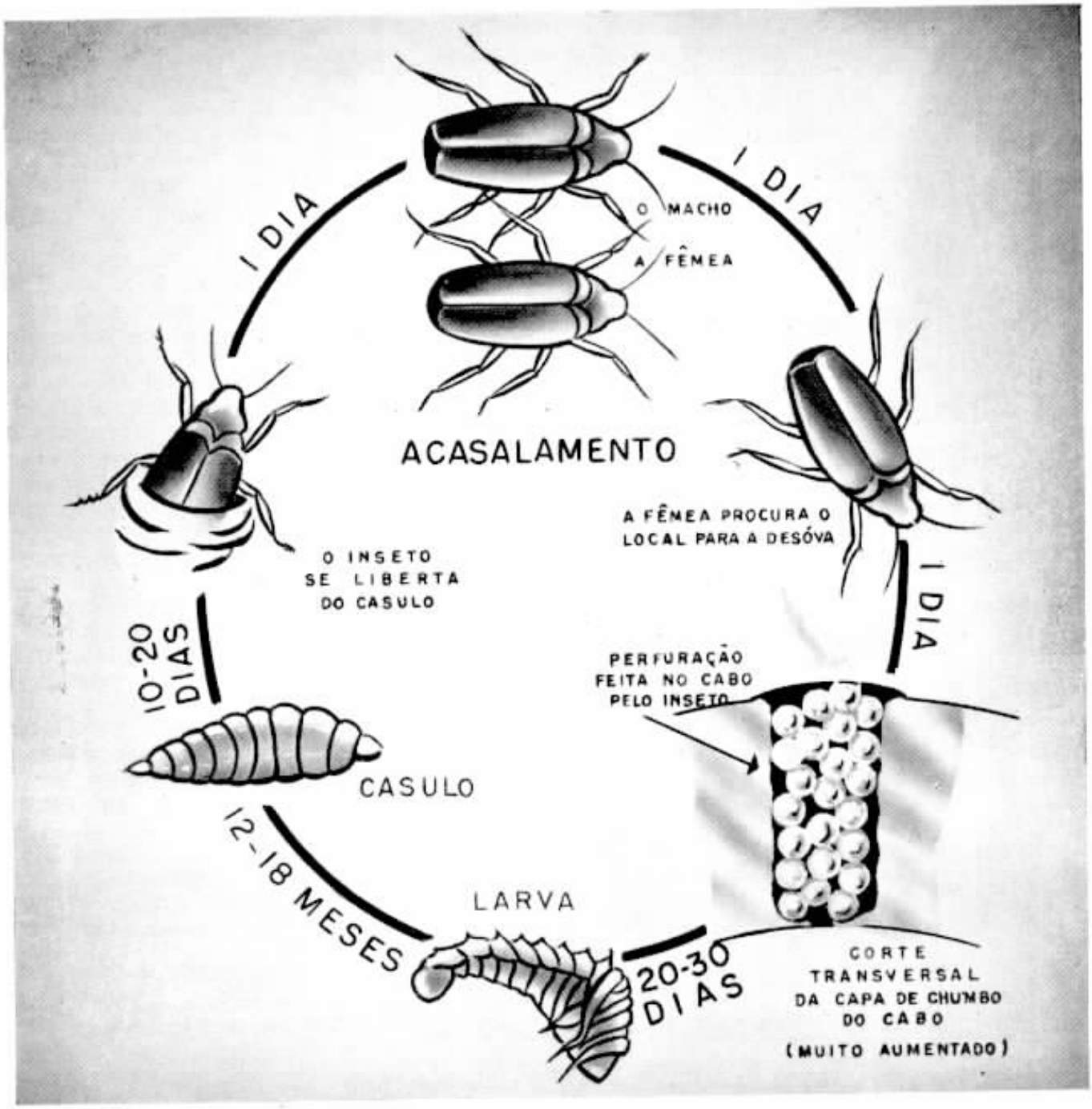
Quem vê êsses nossos colegas, fazendo a cobrança das contas telefônicas, logo às primeiras horas da manhã, mal sabe que êsses funcionários são alguns dos que mais cedo chegam ao serviço. Muitos até madrugam, pois são êles próprios que catalogam as contas que irão cobrar, dividindo-as por zonas, ruas e números de casas.

Embora à primeira vista a coisa pareça fácil, a verdade é que a distribuição dêsse serviço e mesmo a cobrança, requer do cobrador uma boa dose de experiência, somada a outros requisitos essenciais.

A maioria dêsses nossos colegas, faz, diàriamente, a cobrança de seiscentas a mil e poucas contas telefônicas, sendo o dinheiro arrecadado no serviço, depositado em vários bancos da cidade, o que facilita ao homem da cobrança, não ter de caminhar até a Telefônica para a devida prestação da importância total recebida dos assistentes.

Um cobrador é um representante da Companhia, onde quer que se apresente. Deve estar apto a responder às perguntas que os assinantes lhe fazem e dar aos mesmos, a satisfatória resposta de que tudo vai bem. E que tudo vai bem, é a impressão imediata de seu departamento, o departamento das cobranças.

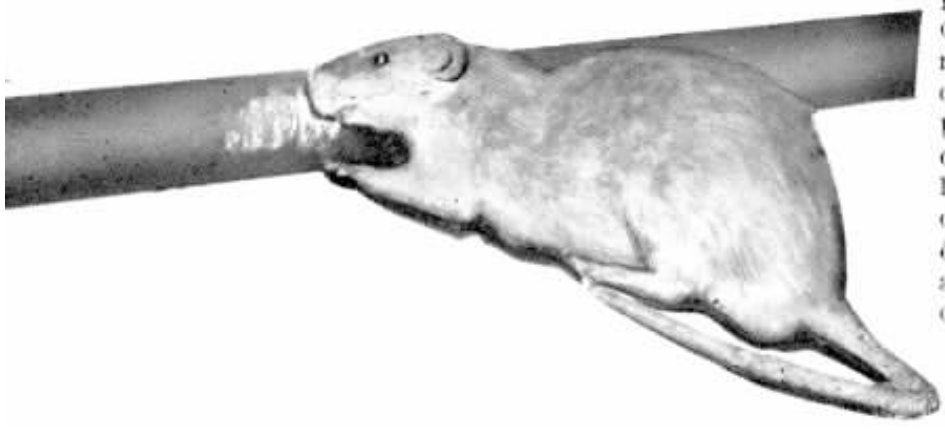
Da contabilidade, com o registro das importâncias, à separação das contas, e à remessa aos diferentes setores da Cobrança, até a entrega e recebimento dos assinantes, uma seqüência enorme, mas de que os cobradores, elementos dos mais úteis da Companhia, fazem uma rotina acertada e fácil... para êles.



Ciclo evolutivo do minúsculo «Bostrychus sp». O inseto procura os cabos telefônicos, perfura-os, e faz ali a sua morada. São meses de lento evoluir, para desespêro da Manutenção.

CAUSAS DE DEFEITOS EM CABOS

Os ratos atacam os cabos, geralmente, dentro de tubulações ou nas caixas de distribuição interna. Piteu gostoso ou busca de água?



MUITO se tem escrito sôbre a complexidade do equipamento telefônico. Para um leigo, para o assinante comum, quando um telefone deixa de dar sinal, quando as linhas se cruzam, ou ocorre qualquer dificuldade para a realização das chamadas que pretende, a definição salta logo: "É, o aparelho está com defeito!" Mas qual será, afinal, êsse defeito? Aí só a Companhia, através de seus serviços técnicos, poderá responder.

Há diversas possibilidades para um defeito; freqüentemente, porém, as causas passam do casual ao propositado.

Vejamos um caso simples. E comum. Um garoto brinca despreocupadamente numa das ruas da cidade. Tem nas mãos irresponsáveis, uma tampa recortada de lata de doce. Atira-a para o alto, e zás!! Batendo de encontro ao cabo telefônico, corta-o. Vários telefones emudecem nessa hora.

"É, está com defeito!"

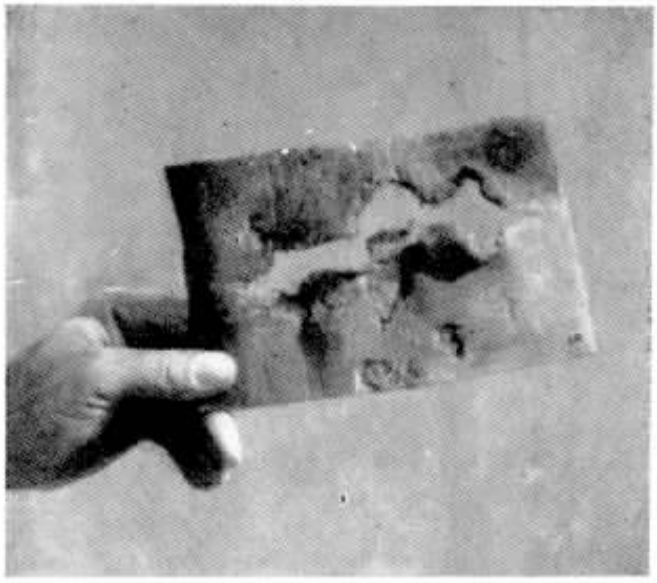
Sim, defeito, mas defeito totalmente imprevisível.

Que dizer por exemplo, das "artes" de um bichinho chamado "Bostrychus"? Pois êle é o responsável pelos minúsculos orifícios encontrados no encapamento dos cabos telefônicos. Para êsse inseto", não há melhor "apartamento". Nos orifícios, semelhantes aos furos produzidos pela ponta de um alfinete, são depositados os ovos que, mais tarde, dão larva e se transformam no escaravelho, depois... de ter perturbado por completo as transmissões telefônicas, através dos cabos encerrados naquela seção.

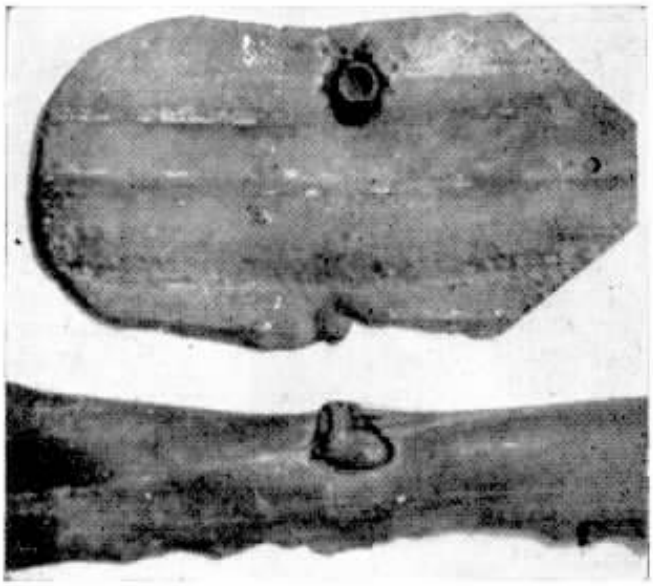
A simples pipa ou papagaio, brinquedo tão popular entre a garotada e dignificado por Franklin que, com a sua pandorga, descobriu a condutibilidade dos raios, pode causar defeitos também. Fios do sistema elétrico, alcançados pelos inocentes e, ao mesmo tempo tão perigosos brinquedos, vêm ao chão, provocando descargas que já ocasionaram, algumas vêzes, a queima do encapamento de chumbo do cabo telefônico, deixando-o à mercê do tempo.

A ratazana, tão repelente, temida e odiada, tem a sua parte especial no capítulo dos defeitos de cabos. Seus afiados dentes atacam o encapamento dos cabos dentro da tubulação em entradas de prédios ou nas tubulações e caixas de distribuição internas. Que estranha figura andará no instinto do rato nesse instante? Que procura? Água? Terá o chumbo algum gôsto especial para o seu paladar? O certo é que o rato tem sido o responsável por muitos e muitos minutos de silêncio de dezenas de telefones.

(Cont. na pág. 32)



Esta foto dá bem uma idéia dos efeitos da corrosão química ou eletrólise sôbre a capa de chumbo dos cabos. Outro sério inimigo, êste.

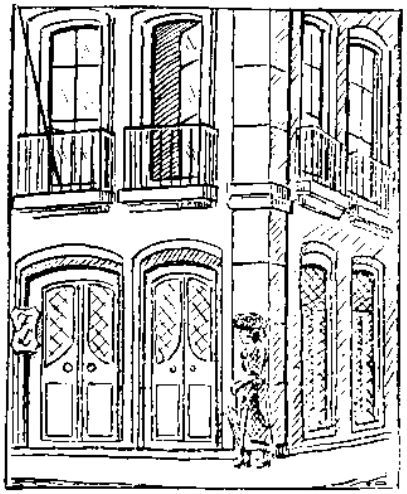


Balas de revólver, encravadas no chumbo de revestimento dos cabos. Fato responsável por sérias interrupções nas ligações. Abaixo, uma raiz de árvore que, caprichosamente, rompeu uma galeria de dutos, enlaçando o cabo.

O TELEFONE

Conto de Rachel de Queiroz

escrito especialmente para "Sino Azul"



TEVE festa, banquete, discurso e foguete, a inauguração da companhia telefônica na cidade de Aroeiras. Se bem que não fôsse grande a rêde, e poucos os aparelhos instalados, — mais ou menos uma dúzia: os oficiais eram o da Delegacia, da estação do trem, da Câmara e da casa do Juiz; e entre os particulares haviam dois especialmente importantes, que uniam pelo fio elétrico o casarão do Major Francisco Leandro, chefe dos marretas, com o sobrado do coronel Benvindo Assunção, chefe rabelista, ricaço, com loja grande no mercado, de onde lhe vinha riqueza.

E tanto numa casa como na outra, a presença dos dois telefones, suscitando a possibilidade de uma comunicação impossível, criava uma tensão perigosa.

Imagine-se que a umas duas gerações aquelas famílias não se falavam a não ser em hora de briga. Em perto de cinqüenta anos, o mais que um Assunção ouvia de um Leandro era: "Se prepare pra morrer, cabra!" ou "Essa eleição foi roubada!" ou "Se é homem puxe a arma!" Também diziam outras coisas, dessas que os jornais chamam têrmos de baixo calão. Houve igualmente uma frase dita por um Leandro a um Assunção, e que ficou célebre: na famosa briga do adro da Matriz, quando Carlinho Leandro baleou de morte o moço Donato Assunção, a bela Sinhá Leandro, mulher de Carlinho, que saía da missa atrás do marido, ajoelhou-se junto ao moço moribundo e disse "Jesus seja contigo"; depois lhe cerrou os olhos. Aí Carlinho quis matar Sinhá no

sufragante, achando que aquêle Jesus seja contigo já era começo de adultério. Sinhá saiu pela praça, correndo e gritando, asilou-se em casa de um irmão, e dêsse caso nasceu uma briga subsidiária, que aliás não rendeu muito. Pois Sinhá, que estava grávida, morreu de mau sucesso e o irmão, pegou-o a febre amarela, numa viagem que fêz ao Rio de Janeiro.

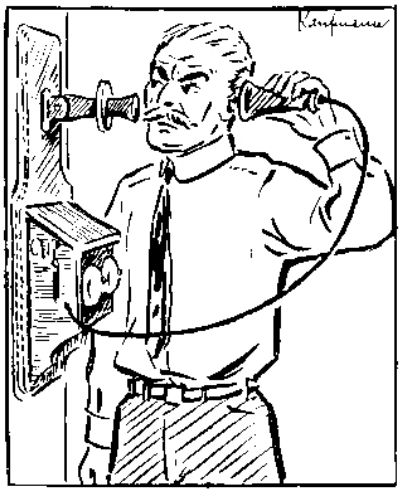
Um Assunção, para um Leandro, era assim uma idéia proibida, imagem proibida, palavra proibida. Nas melhores fases de tréguas, quando um Assunção ia por uma calçada e avistava um Leandro, dobrava pela primeira esquina, ou, na falta de esquina, tomava ostensivamente a cal-

çada oposta. Ainda uns poucos meses atrás, passando pela rua do Carmo o Coronel Benvindo, montado no seu melado campolino (por nome Dois de Ouro), o filho de Chico Leandro chegando à calçada, o menos que pôde fazer foi cuspir no rastro dêle. Frente a frente só se encontravam em hora de luta, e até na igreja tinham seus bancos separados, um do lado do altar de São José, o outro no da Boa Morte.

Pois agora lá estava o telefone, como uma estrada franca, uma porta aberta, entre as duas casas. Com seu ar prêto e sonso, pendurado na parede do corredor. Bastava alguém rodar a manivela, dizer à telefonista o número inimigo — o dos Leandro era 15-22, o dos Assunção 15-21, (pelo seguro o Vigário, presidente, da Telefônica, tirou os numeros na sorte, pra não haver preferências) — e logo, do lado proibido, alguém responderia. Calcule só! Ali, junto dos retratos da família, debaixo do quadro do Coração de Jesus, se poderia escutar a voz de um Leandro! Era uma tentação do inferno.

E nessas coisas meditava o Coronel Benvindo, balançando-se na sua rêde branca, armada no alpendre do sobrado, que dava para o jardim. Aspirava o cheiro das rosas abertas depois da chuva, e olhava de viés para o bicho falante, tão quieto na sua caixa prêta. Ora sim senhor, ter o Chico Vinte ao alcance da voz!! (O Chico-Vinte assim se chamava por ser o vigésimo filho do finado Carlinho Leandro, havido da segunda espôsa, que lhe dera quatorse filhos, depois dos seis da desditosa Sinhá). Chico-Vinte, sendo embora o caçula, herdara do pai a chefia, por ser o mais disposto, o mais amante da família, o mais dedicado à política, o que se deixara ficar pelas Aroeiras, criando gado e destilando cachaça na sua fazenda da Trapoeiraba. A velha casa da família, na esquina da praça da Matriz, com dezoito portas de frente, — oito na praça e dez no oitão, era o seu pouso na cidade.

Sim, essas coisas pensava o coronel Benvindo, enquanto fazia a sésta. Pensava nelas, quando de repente o telefone tocou, como se respondesse àqueles pensamentos. Tocou, repetiu, bem alto e impertinente. A família tôda acorreu para ver o que seria, mas ninguém se atreveu a pegar no fone. Falar no telefone era falar em nome da casa, prerrogativa do chefe da família. E assim o coronel, quando achou que a campainha já tocara suficiente, levantou-se da rêde e atendeu. O padre lhe ensinara o que dizer.



— Alon! berrou o velho na sua voz fanhosa.

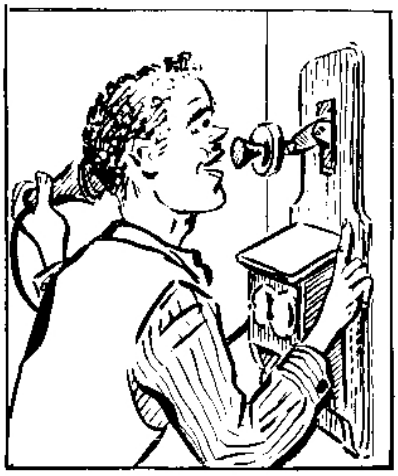
Do outro lado, uma fala irreconhecivel, num falsete disfarçado, gritou depois em resposta ao *alon:*

— E' você, Benvindão?

Assombrado com o desplante, o coronel nem soube o que responder. E então o falsete deu um riso e soltou a injúria suprema:

— Benvindão, vim te convidar! Hoje tem missa por alma da Pomba-rôla!

Pomba-rôla é o esqueleto de família da estirpe do Assunção. Não vê que são descendentes do anti-



go vigário colado de Sant'Ana das Dôres; mas o padre velho, em vez de fazer como os outros do seu tempo e escolher moça de família, como tantos que chegavam a trazer uma prima para casa, vestida de noiva, dando origem a uma família que podia não ser legal mas era de sangue bom; o padre velho, não, foi arranjar amizade com uma moça de ponta de rua, por alcunha a Pomba-rôla, a quem montou casa e deu estado. Verdade que depois de ama do vigário, mãe de sua prole numerosa, onde havia dois doutores e um alferes herói do Paraguai, Pomba-rôla assumiu o seu nome

legítimo de D. Dorotéia e se tornou matrona respeitável. Ademais, já estava morta há quase um século. Contudo, quando alguém queria insultar um Assunção, era só falar em pomba, em rôla, ou nas duas juntas. Também usavam arrulhar de longe, imitando a rolinha fogo-pagô. Quanto sangue correu nas ruas das Aroeiras por causa de pomba-rôla e de fogo-pagô, saberá S. Miguel Arcanjo que toma nota dessas coisas, não um de nós.

E pois o coronel, ao ouvir aquela palavra, soltou o fone da mão como se tivesse um bicho dentro; e o fone ficou balançando no fio, feito uma cobra que acabasse de morder. Mas durou pouco o assombro do velho. Porque com aquela rapidez de ação que lhe dera a chefia do seu clã, colocou o fone no gancho, meteu a mão na manivela e logo se pôs a berrar para a telefonista:

— Quem foi o excomungado que falou agora prá minha casa?

Maria Mimosa, filha da professôra, que fizera estágio em Fortaleza aprendendo pra telefonista, mostrou que estava bem treinada e respondia apenas com as fórmulas regulamentares:

— Faz favor? Número, faz favor?

O coronel, aplopético, gritou mais alto:

— Maria Mimosa, deixe de se fazer de bôba! Sou eu que estou falando! Me diga já quem foi o malcriado que ligou para cá!

Meio trêmula, mas ainda oficial, a voz da telefonista resistiu:

— Desculpe, coronel, mas o regulamento não permite se dar o nome dos assinantes que pedem uma ligação... Temos o segrêdo profissional...

— Maria Mimosa, se você não contar já êsse segrêdo profissional, eu vou aí e rebento essa joça de tal jeito que nem depois

de cem anos haverá telefone nas Aroeiras!

Maria Mimosa gaguejou um pouco, e acabou confessando trêmulamente:

— A chamada partiu de 15-22...

— Casa de quem, com todos os diabos?

Mais trêmula, ainda, já em pranto, prevendo a gravidade da sua revelação, Maria Mimosa disse, por fim:

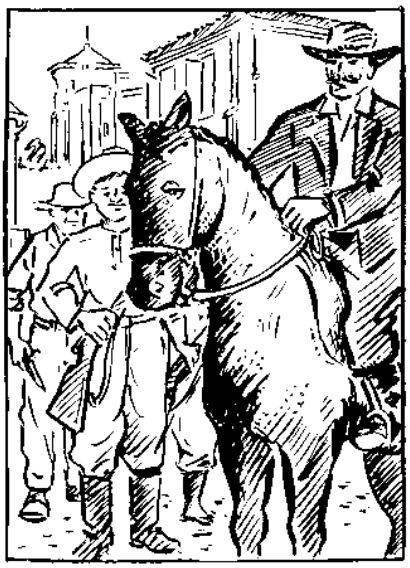
— E' a residência do Major Francisco de Assis Leandro...

ooo

Devagarinho, com mão firme, o coronel repôs o fone no gancho. O entrevero com Maria Mimosa lhe dera tempo para recuperar a sua famosa calma dos momentos de ação. Majestosamente saiu até à loja. Mandou espalhar uns recados. Aos poucos foram chegando os seus homens de confiança; dois cabras que mandara vir a tempos do Riacho do Sangue, Zé Vicente, seu caixeiro, e mais Amarílio, cabra roxo-guajeru que tinha fama de perverso e uma moda de reclamar que não gostava de pau-de-fogo, que não é arma de macho: com êle só no aço frio. Depois, veio do cercado no Juremal o cavalo Dois de Ouro. O coronel montou, acompanhado a cavalo pelo dito Zé Vicente e por seu genro Pedrinho Queiroz, marido de Juvenília, a filha mais velha, meio feiosa mas que tocava piano e sabia verso em francês. Os demais seguiram a pé, cada um levando o seu rifle de papo amarelo na bandoleira; até Amarílio carregava o seu, não por gôsto, dizia êle, mas pelo "regulamento".

Alcançando a praça da Matriz, a expedição parou, para tomar chegada. Já correra a rua a notícia da saída do grupo encangaçado e já se apinhavam curiosos em cada esquina. O Delegado de polícia trancou os praças na cadeia, prudentemente (era do partido do coronel Benvindo) "para evitar arruaças".

Chegando defronte à porta da casa das dezoito janelas, o coronel sofreou o Dois de Ouro. Sem desmon-



tar, bateu palmas. Ninguém atendeu. Só se escutou, no lado do oitão, o fechar brusco de uma janela. O coronel então chegou mais perto e, com o cabo do chicote, martelou a porta, berrando:

—Ô de casa!

A mêdo, entreabriu-se uma rótula e apareceu na frincha o ôlho enviezado de uma cunhã, perguntando quem era.

— Quero falar com o dono da casa!

A cunhã abriu mais um dedo de janela:

— Major Chiquinho foi no sítio, só vem de noite!

— Pois que me apareça outro homem! Não haverá outro homem nessa casa? Quero ver um homem pra falar com êle!

Aí a porta da rua se escancarou nos dois batentes e surgiu a magra figura do Francisquinho, também chamado Vinte-e-um, porque além de ser o filho unico do Chico Vinte era viciado em baralho, justa-

mente no jôgo do vinte-e-um. Dizia-se que o Francisquinho era tísico. Magrelo, no seu dezoito anos, a mãe o queria padre, mas do seminário o expulsaram; porque, não se soube bem, mas contaram muita história mal contada. E no abrir da porta, também Francisquinho foi gritando:

— Homem tem, e está aqui! Mas homem é que não estou vendo! Só vejo um baiacu velho em cima de um cavalo, e cinco perdigueiros lazarentos!

Falou assim para distrair a atenção dos atacantes. E enquanto falava, puxou a mão que trazia às costas, e na mão vinha uma garrucha, que atirou no coronel quase à queima-roupa. A fortuna do velho foi que no momento em que o tiro veio, êle levantava a mão com o chicote: a carga de chumbo passou-lhe raspando entre a costela e o braço e foi pegar, bem na arca do peito, o infeliz Zé Vicente que estava atrás do coronel, e caiu emborcado por cima do cavalo. Aí Amarilio se adiantou, com a faca nua na mão. Embolou com o meninote e rolaram os dois na calçada. O coronel apeou do melado e se meteu de casa adentro, sem olhar para trás nem tirar o chapéu. Subiu os três degraus do corredor quando se ouviu um alarido de mulher chorando, depois uma voz fina comandou:

— Parem com essa choradeira!

E D. Joaquininha, mulher de Chico Vinte, apareceu na porta da sala, perguntando muito calma:

— Que é que o senhor quer na minha casa, Coronel Benvindo?

— Minha senhora, eu só quero punir um criminoso.

Dito isso, o coronel passou pela dona, entrou na sala, localizou o telefone, e o indicou para os dois cabras que lhe vinham na pisada:

— Arranquem êsse bicho daí.

E quando os homens puxaram a faca para cortar os fios, o velho recomendou:

— Não. Arranquem. Quero com tripa e tudo.

Os cabras fizeram fôrça, a caixeta do telefone se largou dos pregos junto com pedaços de rebôco, e as entranhas da coisa falante ficaram curiosamente à mostra.

— Levem lá para a praça.

Puseram o telefone no meio do capim de burro, como se fôsse uma aranha caranguejeira. E aí o coronel mandou acender um fogo, com os paus arrancados à cerca velha de um terreno baldio. A chama subiu — Em cima do bicho! Em cima do bicho! recomendava o coronel. E o telefone ardeu muito tempo, com um cheiro ruim de celuloide e borracha queimados; por fim só ficaram os pedaços de ferro e louça dos isoladores, entre as cinzas.

O coronel se manteve imóvel e calado, assistindo, enquanto os seus cabras, de armas na mão, guardavam o fogo. Quando tudo acabou o velho correu os olhos pelo povo que espiava medroso, e então disse bem alto:

— Foi pra aprender a não dizer mácriação a homem.

Vinte-e-um não morreu, embora a facada de Amarilio lhe houvesse pegado os bofes. Morrinhou, morrinhou, acabou escapando, sempre magro e amarelo; mas como tôda a vida fôra havido por tísico, não fêz grande diferença. Quem morreu foi o pai, Chico Vinte. Veio-lhe uma paixão tão grande ao saber da desfeita que sofrera que lhe deu um ar. Entrevou-se, e com poucos meses era finado. Com o pai dos Leandro defunto, o filho fraco do peito, a guerra entre as duas famílias se amainou. Benvindão ficou chefe absoluto. Mas também teve uma coisa: nunca mais, em casa de Leandro ou de Assunção, na cidade de Aroeiras, se viu um telefone.

Fany apresenta conjunto em algodão listrado, com blusão bem largo de mangas raglan. Aberto nos dois lados.

Com Maria Adelaide, um vestido esportivo, mas sôbrio, em linho, com pequenos debruns pretos nos bolsos.

NA MODA DE VERÃO TUDO É BELEZA

O VERÃO se instalou e o guarda-roupa de cada uma de nós já apresenta um nôvo aspecto, com roupas leves e coloridas em primeiro plano, prontas para o trabalho, os passeios e a praia. E' nessa época que começam as preocupações com a variedade de modelos, sempre poucos para as necessidades e para se estar em dia com a elegância.

Para ajudá-las a enfrentar os meses de calor, procuramos "Chez Monique" e "La Donna" em busca de sugestões para trajes de praia e esporte. Nossa satisfação foi total, porque encontramos uma série de coisas maravilhosas, que nos apressamos a mostrar a vocês. Com a ajuda da Glória, Fany e Maria Adelaide transmitindo a última palavra em matéria de moda para verão, que vocês poderão aproveitar, naturalmente, com a certeza de serem depois admiradas e elogiadas pelo bom gôsto e atualidade.

São modelos simples e fáceis; nem porisso menos femininos ou atraentes, com aquêle àrzinho que faz com que todos se voltem, reconhecendo o verdadeiro "charme". Para os maiôs, predominam os estampados de um só preço, em espuma de nylon. Mas a grande sensação, conforme vocês poderão ver pelas fotografias, são os conjuntos esportivos de "shorts" e calças compridas com blusões, que vão causar sensação na temporada. Ao lado

Listras prêtas e vermelhas em tecido de fio de nylon, fazem êste espetacular modêlo, com faixa sôlta e bolsos.

disso, apresentamos vestidinhos práticos para tôdas as horas.

Enfim, um mundo de coisas lindas para se ver, fazer e usar.

O rosa será usado em profusão, inclusive nas combinações "tonsur-ton", dando à mulher leveza e um aspecto sempre juvenil. Também o verde limão e o azul suave estão na ordem do dia, numa supremacia contra os estampados, que vão funcionar para a tarde e muito pouco para a noite.

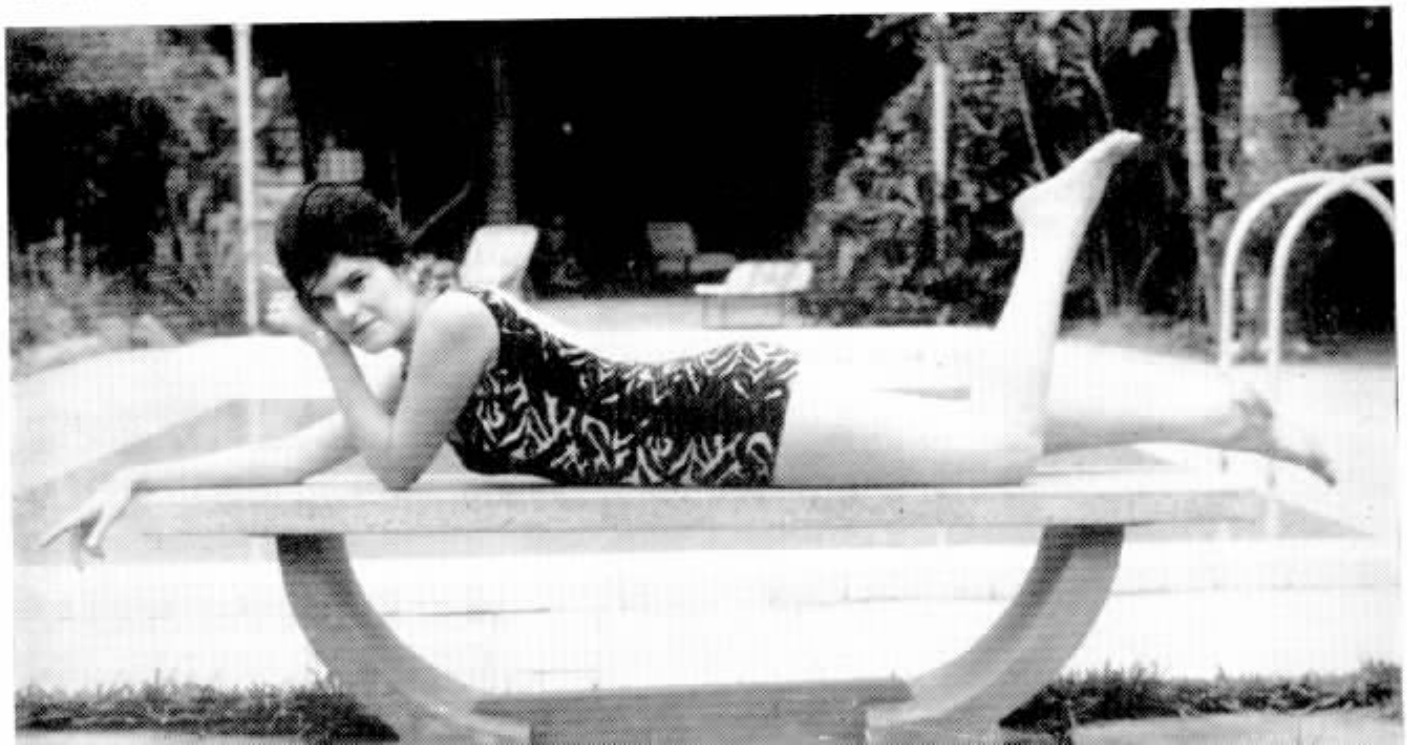
Em matéria de modelos, continuam bem usados os de cintura baixa, na linha "blousante" (blusa bem fôfa caindo sôbre a cintura) e os inteiros, prêsos ao cinto e bem largos.

Calça e corpete, com bordado em todo o comprimento, dos lados; calça clássica com blusão listrado e, embaixo, maiô «grega» com saia quadriculada.

Glória veste um conjunto sofisticado, em tecido «cobra»: calças justas e blusão reto com mangas japonêsas. A fazenda já é o enfeite.

Êste modêlo de La Donna, é em tecido de fio de «nylon», em listras desiguais. Uma só peça, «blousante», com faixa caindo em pontas. Muito lindo.

Glória veste ainda «cobra», maiô inteiro bem decotado nas costas e em V profundo na frente.



Elegantissimo êste «três peças» em bordado inglês: «Short», corpete e casaco de mangas compridas. Detalhe: parte da barriga descoberta.

Vestido de Chez Monique, enviezado, em fazenda de listras largas. Blusa um pouco fôfa, decote canoa. A bôlsa de palha dá o toque final.

LISTRAS & TONS DE ROSA DOMINAM

EM matéria de decotes, a tendência é, ainda, a favor dos "canoa" ou redondos e pequenos, junto ao pescoço. Naturalmente, para a noite, podem ser mais ousados, principalmente nas costas. Mas já repararam como a espôsa do Presidente Kennedy, considerada uma das mulheres mais elegantes do mundo, só usa êstes dois, mesmo em roupas "soirée"?

Os conjuntos são sempre na mesma fazenda, em listras de todos os tipos e em côres vivas e alegres, assim como os maiôs, que apresentam desenhos grandes.

Os exemplos que Glória, Fany e Maria Adelaide nos apresentam, dão bem uma idéia de todos êsses detalhes. E pelas fotografias podemos observar que o bom-gôsto de Chez Monique e de La Donna é total, casando-se harmoniosamente com o encanto das três. Chez Monique tem ainda uma variedade enorme de bolsas, saias, blusas e jóias maravilhosas. La Donna é uma nova linha de criações da fábrica Rose Marie Ried, especialista em maiôs de categoria internacional e agora aparecendo com conjuntos em fio helanca e em tecidos diferentes, à base do "nylon".

Para o próximo número, prometemos uma série de outras sugestões. Enquanto isso, estaremos ao inteiro dispor das nossas leitoras para explicações, bastando que escrevam para Sino Azul — Seção Feminina. Na medida do possivel, procuraremos ajudá-las em seus problemas de elegância e nas pequenas dúvidas sôbre êste ou aquêle detalhe. E escrevam, também, para uma conversa informal, dizendo se gostaram...

Em tons de rosa, verde e azul claro êste modêlo se destaca magnificamente. Saia justa com algumas pregas na cintura

Listras horizontais, gravata longa, no modêlo vestido por Marisa.

Blusão moderno, fôfo e prêso abaixo da cintura, com dois lacos.

Maria de Lourdes num conjunto leve. Bolsos aplicados.

Estampado com listras verticais sobressaindo para êste modêlo, alças, machos abrindo na metade da saia e uma faixa em laço.

SIMPLICIDADE A NOTA DOMINANTE NA MODA DE 1961

MARISA e Maria de Lourdes posaram para estas criações de "Chez Monique", num estilo um pouco mais "toilette" e perfeitamente apropriadas para as saídas de domingo e sábado, cinemas e festas não de cerimônia. Em matéria de tecidos, o verão será pródigo nas várias qualidades de linho, que se prestam mesmo para conjuntos "duas peças" e saias "evasée". Além do linho, a "amorela" estampada ou em listras, e os algodões, que nunca saem de moda.

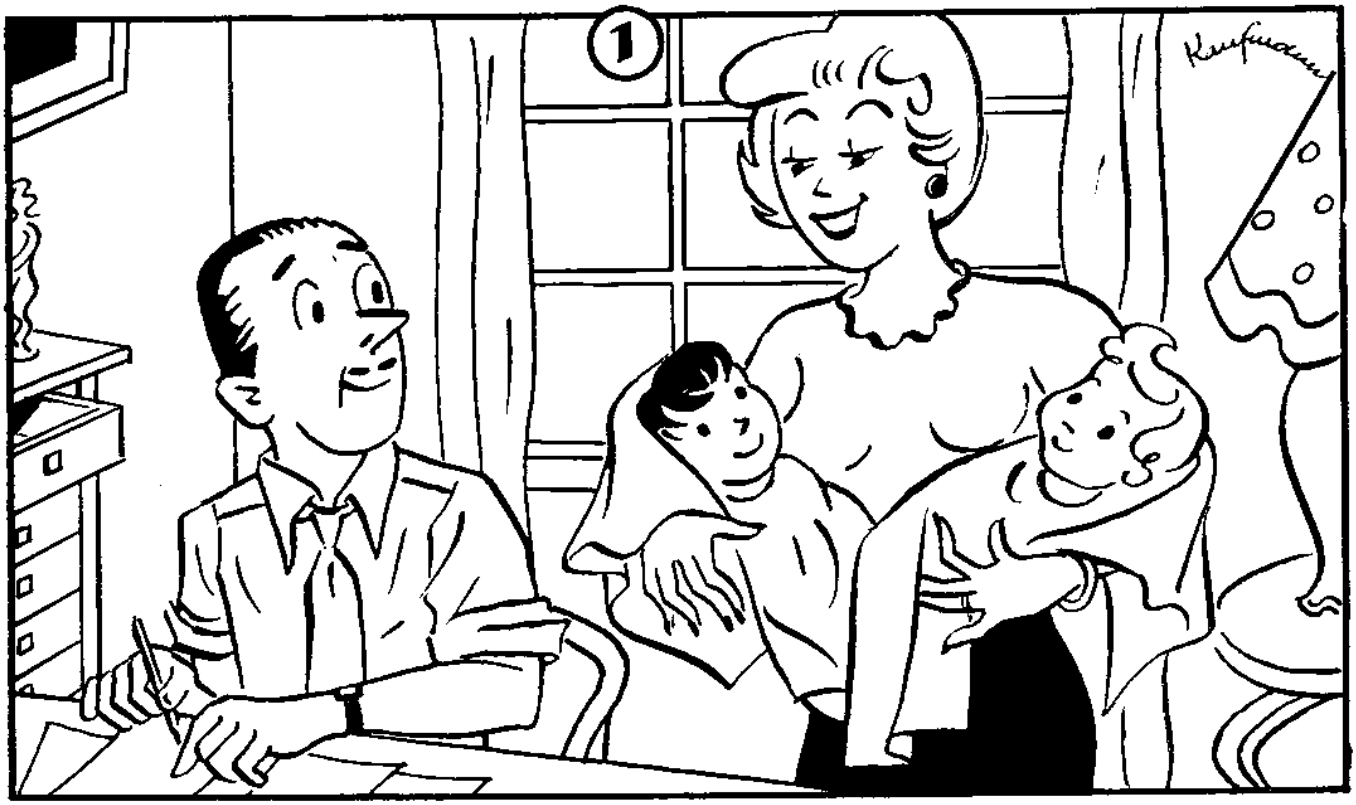
Como no verão passado, a simplicidade continua sendo a nota dominante na moda de 61. Alguns detalhes podem complementar o despojamento dos feitios: faixa na cintura terminando em pequeno laço, decotes enviezados com gravata pendendo, tirinhas de ráfia (que pode ser, também, sianinha ou galão). Mas, de maneira geral, tudo é muito simples e delicado, realçando a feminilidade da mulher.

A grande novidade nas saias são os machos fundos, fechados até pouco abaixo dos quadris; podem ser, também, machos duplos, dando mais roda apenas de parte inferior. Pelas fotos, vocês podem observar que os modelos usados por Marisa e Maria de Lourdes se enquadram dentro dessas regras, e elas estão definitivamente estabelecidas pelos "donos da moda". Experimentem também.

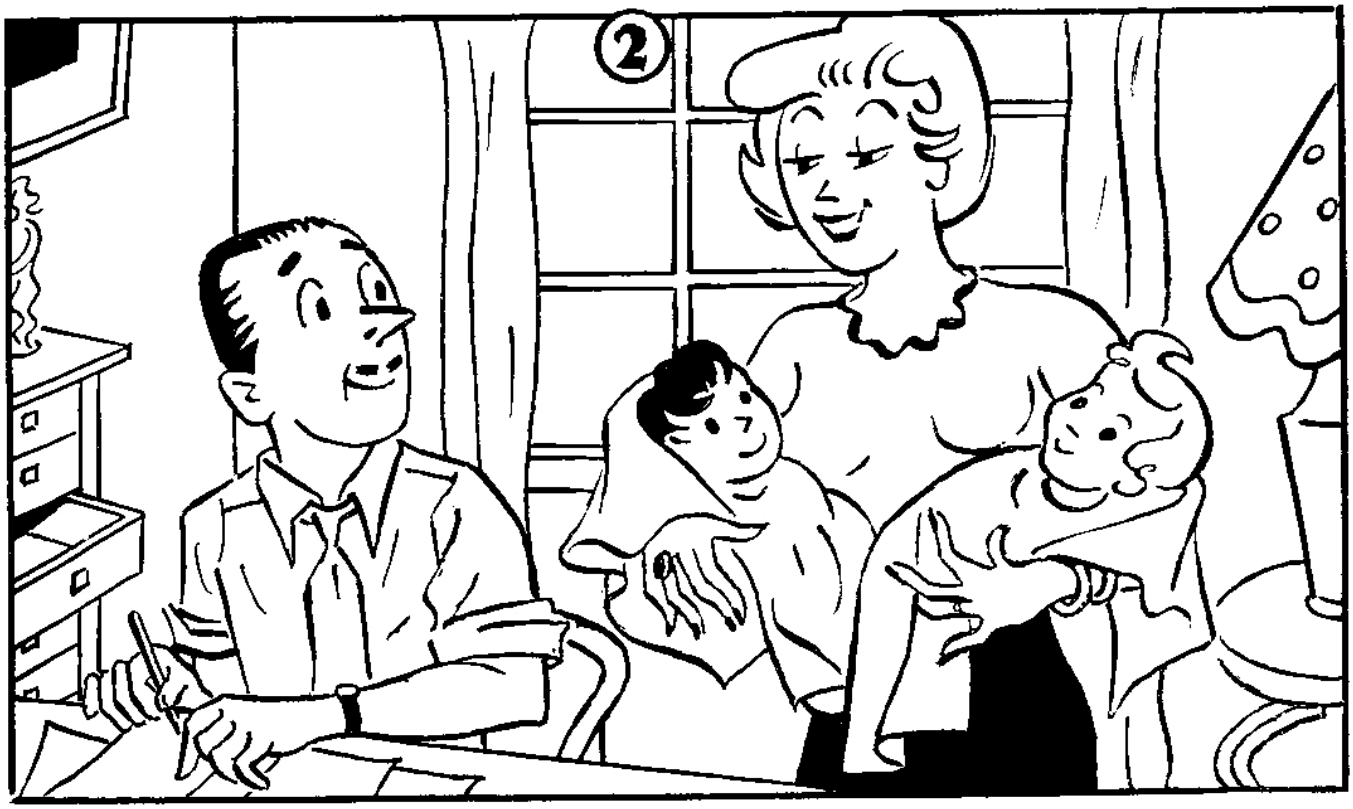
ENIGMA dos ENGANOS

VEJA, CARO LEITOR, SE VOCÊ CONSEGUE DESCOBRIR OS 9 ENGANOS COMPARANDO O DESENHO (1) COM O (2)

(SOLUÇÃO NA ÚLTIMA CONTRACAPA)



– Já decidi o que eu quero como presente de Natal : um telefone que eu fale sem ser preciso usar as mãos.



O doutor Francisco de Prestes Maia, Prefeito municipal de São Paulo, desatou a fita simbólica.

AMPLIADO EM SÃO PAULO O EQUIPAMENTO DA ESTAÇÃO «92»

Presente o Prefeito Prestes Maia

FOI inaugurada recentemente, a ampliação do equipamento da estação "92" que serve à capital paulistana e veio possibilitar o atendimento de mais seis mil pretendentes a telefones, residentes em São Paulo, nos bairros do Brás, Mooca, Belém, Belénzinho e adjacências.

A nova estação está localizada na rua Costa Valente, 239, no Brás, onde já funcionava a estação "93", cuja capacidade é também de dez mil assinantes.

Com a ampliação ora inaugurada a que estêve presente o Prefeito municipal da metrópole bandeirante, a estação completou a sua capacidade máxima de dez mil linhas.

O ato inaugural teve o comparecimento, além do prefeito, dos senhores Dr. José Malheiros, Secretário de Obras em exercício: Engenheiro Antonio Le Voci, Diretor do Departamento de Serviços Municipais e Engenheiro Rubens F. Rodrigues, também daquele Departamento.

O Prefeito de São Paulo foi saudado na ocasião por Carlos Reis Filho, Superintendente Geral Adjunto, que ressaltou a importância do melhoramento, o qual vai servir a uma das mais populosas zonas de São Paulo, numa área altamente industrializada e, portanto, de enorme influência na economia da cidade em particular e do Estado em geral.

Figuras de importância na administração da C. T. B. também estiveram presentes à solenidade.

Na foto acima, a Rainha do TC paulistano, Eugenia Danyluck, aparece com as princesas eleitas. Da esquerda, Asterlina Brandão, Marlene Couto Gonçalves, Dirce Zaramello e Darcy Crepaldi.

BAILES DA PRIMAVERA NA GUANABARA E EM

NOSSOS colegas de São Paulo realizaram nos amplos salões do Clube Homs, da capital do Planalto, a sua tradicional festa e Baile da Primavera, ocasião em que tiveram a oportunidade de eleger e coroar a sua nova rainha e respectivas princesas, numa promoção sempre simpática do Telefônica bandeirante.

A escolha dêste ano recaiu sôbre Eugênia Danyluck, do Departamento do Pessoal. As princesas são as gentis colegas: Asterlina Brandão, do Departamento de Contabilidade; Marlene Couto Gonçalves, do Departamento do Pessoal: Dirce Zaramello, do Comercial e Darcy Crepaldi, da Contabilidade.

O presidente do Telefônica Clube, Dr. Nelson Perroud, presta as devidas homenagens a Eugenia Danyluck, bem indicada para Rainha do TC.

A nova Rainha do T.A.C. do Rio é Deir Leal, uma lourinha de sorriso encantador. Na foto, ladeiam-na, da esquerda, a princesa Lúcia Pereira, do Tráfego e Loise N. dos Reis, rainha de 1960.

SÃO PAULO: ELEIÇÃO DE SUAS RAINHAS

TAMBEM no Rio foram animadíssimas as comemorações levadas a efeito pelo Telefônica Atlético Clube, no salão do Ginásio do CEMDECA, à rua José do Patrocínio, no Grajaú, para festejar a Primavera.

Ao ensejo, foi eleita a nova rainha. A escolhida foi Deir Leal, colega do Departamento Comercial, proclamada e coroada soberana na ocasião, ficando como princesa, Lúcia Pereira, do Tráfego.

Grande número de colegas estêve presente à festa, inclusive a rainha de 1960, senhorita Loise Nogueira dos Reis, da Contabilidade.

Uma boa promoção no Rio, e outra vitória em São Paulo, dos dois prestigiosos clubes.

A cobiçada corôa foi posta pelo presidente Ignácio Miranda, na loura cabeça da nova rainha, a bela Deir Leal, colega do Comercial do Rio.

Antonio Del Castilho Fernandes, veterano da Rêde de Campinas, ao receber o seu símbolo de 35 anos de bons serviços prestados à C.T.B., das mãos de J. P. Gouvêa.

Como sempre acontece, em meio ao entusiasmo geral, estas jovens, telefonistas de Campinas, ajudaram para o maior brilhantismo da reunião que levou ao Clube de Campo Mogiano, considerável número de pessoas, entre parentes e colegas.

VETERANOS DE CAMPINAS

NAS aprazíveis dependências do Clube de Campo Mogiano, em Mogi-Mirim, teve lugar, êste ano, a tradicional cerimônia da entrega dos emblemas, aos veteranos de Campinas.

Perante enorme assistência, setenta colegas receberam os seus emblemas por etapas de antiguidade atingidas na Companhia, na ocasião saudados por Haroldo Prestes Miramontes.

A mesa foi presidida por José Portugal Gouvêa, presentes, ainda, vários supervisores, além de outros colegas.

Um churrasco foi oferecido a todos e encerrada a festa com animado baile.

Alegre grupo presente aos festejos, no bucólico e encantador cenário do clube mogiense, legítimo orgulho da bela terra interiorana paulista.

Esther Bueno de Oliveira, veterana colega que há 35 anos serve com desvêlo a nossa Companhia, em Amparo, no interior do grande Estado bandeirante. O flagrante foi feito no justo momento em que recebia, de Nery Marques Fontes, mais uma distinção por tantos e tantos anos de profícua atividade que se traduziram em exemplos magníficos para os seus colegas.

Aracy de Campos Mariani, Telefonista Encarregada, pertencente ao Tráfego de Campinas, festejou os seus vinte anos de contínuo labor.

Outras duas colegas telefonistas que, entre risos e simpatia, ajudando com entusiasmo, muito contribuiram para o brilho da festa.

TRIBOBÓ
Recebeu os Veteranos Fluminenses

Após a cerimônia, houve um gostosíssimo churrasco e as nossas colegas de Campos não se fizeram de rogadas. Espêto na mão e bom apetite: satisfação.

B. J. P. Tancred, coloca à lapela de Paulino Borges, o símbolo correspondente: trinta e cinco anos de bons serviços.

COMO tradicionalmente acontece, mais uma vez os veteranos fluminenses foram alvo de gratas homenagens. Desta vez, a festa teve lugar no secular e aprazível Columbandé Country Club, em Tribobó, no Estado do Rio, à margem da rodovia Amaral Peixoto, dedicada aos colegas veteranos do Distrito B-1, com grande comparecimento de assistentes, autoridades, chefes, colegas e seus familiares.

Após a solenidade de entrega dos emblemas comemorativos, pelos muitos anos de serviço dedicados à C.T.B., foi servido suculento churrasco, animado por alguns números musicais apresentados na ocasião. Um dia alegre, numa ocasião inesquecível.

Abaixo, Américo Rangel, de Campos, recebendo o afetuoso abraço de sua espôsa. Há trinta anos na C. T. B.

A esquerda, mais dois flagrantes colhidos no Country na hora agradável do churrasco. As colegas de cima, de «arma» em punho e apetite a postos. Os debaixo ainda estão na «fila»: inveja...

Após o distintivo, o beijo de Valdiméia em seu pai, Waldemar Gonçalves Dias, dois prêmios no feliz dia da comemoração dos operosos anos de atividade.

Sorridente, Luis Sirica recebe de B. J. P. Tancred, o sino de 35 anos de labor.

A primeira diretoria da novel APESTERJ ficou assim consttituída: presidente, José Martins Gonçalves; secretários, José Francisco Niebus e Carlos F. Manhães; tesoureiros, Elsa José dos Reis e Genebaldo F. Passos. São funcionários da C.T.B. de diversas cidades do Estado.

NOVA ASSOCIAÇÃO DE CLASSE — A APESTERJ

EM sessão solene e grandemente concorrida, levada a efeito em Niterói, foi concretizada antiga aspiração dos funcionários da C. T. B. que exercem atividade em território do Estado do Rio. A assembléia geral então reunida, fundou a APESTERJ, ou seja, a Associação Profissional dos Empregados em Serviços Telefônicos no Estado do Rio de Janeiro, cujo plano de ação engloba obras de assistência, recreação, esporte e defesa profissional.

A primeira diretoria que tem como presidente José Martins Gonçalves, congrega elementos que exercem atividade em Niterói, Campos, Barra Mansa, Petrópolis, Duque de Caxias e Rio de Janeiro.

À sessão solene estiveram presente funcionários, familiares e autoridades estaduais e trabalhistas, além de representantes do Sindicato dos Empregados em Serviços Telefônicos da Guanabara.

CAUSAS DE DEFEITOS EM CABOS — (conclusão)

Os cabos telefônicos aéreos, são outras vitimas freqüentes de pedradas, tiros de caçadores, raios, abalroamento dos postes por acidentes de trânsito, balões de festas juninas, incêndios e até das conseqüências da "malhação" dos "judas" da Aleluia...

Nada disso é do âmbito da Companhia, mas por isso também ela responde, obrigada a uma vigilância constante da sua rêde.

Na verdade, também há defeitos técnicos, embora em escala infinitamente menor. Uma simples emenda mal feita, um mau ajuste de cabos e as comunicações serão irregulares.

Na C.T.B., a responsabilidade pela manutenção da rêde de cabos, está a cargo da Seção de Construções, do Departamento Geral da Rêde. Com chuva ou com sol, turmas especializadas estão sempre nas ruas, munidas de aparelhos de alta precisão, como a "ponte de Wheatstone", um medidor de resistência de efeitos quase mágicos; amplificador de sinal, bobina exploratória, aparelho de alta voltagem para reduzir a resistência ôhmica e outros petrechos técnicos que lhes permitem a reparação das causas provocadoras da interrupção dos serviços telefônicos.

Seja qual fôr o defeito, a Seção de Construções da C. T. B. está sempre alerta para consertá-lo, ciente da importância fundamental das comunicações telefônicas na vida da cidade e dentro do lema que é o estímulo para a nossa ação diária: procurando servir melhor.

L. J. Goulart, Superintendente Geral Comercial, com grande satisfação, apertou a mão de Emma O. Nascimento. Uma prestimosa colega que se aposenta agora.

MERECIDA APOSENTADORIA

EMMA de Oliveira Nascimento, após tantos e tantos anos de agradável convivio conosco, não vai ser mais encontrada diàriamente, com seu espirito jovial e sua imensa capacidade de trabalho, no pôsto em que há tantos anos, vinha sendo um exemplo de atividade invulgar. Aposentou-se para o justo repouso, após dar o melhor de si mesmo à causa comum de todos nós, o trabalho quotidiano na C. T. B.

Emma de Oliveira Nascimento ingressou na Companhia de Carris, em 8 de março de 1928, como operadora. Em 13 de abril de 1931, foi transferida para a Telefônica como telefonista internacional. Em 1º de novembro de 1934, passou a tradutora. Em 1º de maio de 1949, foi promovida a Chefe de Seção, cargo que exerceu com muita dedicação e eficiência até sua aposentadoria.

Deixa grandes amizades e um belo exemplo.

SOLUÇÃO DO «ENIGMA DOS ENGANOS»

Mais largo o «passe-partout». Outra gaveta está aberta. Mudou a forma do relógio. Falta o brinco na orelha. Surgiu um anel no dedo. No braço aparecem pulseiras. O dedo anelar ficou escondido. Diferente a base do abajur. A perna da mesa está modificada.

Sino Humor

através da imprensa mundial

– Sim, é seu amor... mas, quem é mesmo que está no aparelho?

– Delegado, acabo de capturar o Zé Escorregadio...

(No Consultório do psiquiatra)
– Agora, dª Jurema, há quanto tempo a senhora se recusa a deixar a casa?

Sino Azul

Nº 1 de 1962

ANO XXXV Nº 1 — 1962

CAIXA POSTAL 450
RIO DE JANEIRO

REVISTA DOS
EMPREGADOS
DAS ORGANIZAÇÕES:

OMPANHIA TELEFÔNICA
BRASILEIRA

OMPANHIA TELEFÔNICA
DE MINAS GERAIS

OMPANHIA TELEFÔNICA
DO ESPIRITO SANTO

NOSSA CAPA

Alfredo Gomes é o primeiro funcionário da Telefônica a alcançar a invejável marca dos 50 anos de serviço. Antônia Ferrão Lopes coroou-o, numa homenagem de tôda a Companhia na festa dos veteranos de São Paulo.

2.000 NOVOS TELEFONES

Considerável reforço na área da estação «36», em Copacabana, plena zona sul do Rio de Janeiro.

A Companhia Telefônica Brasileira, ao fechar do ano de 1961, entregou ao público carioca, justamente numa das áreas consideradas mais críticas, na rêde da Guanabara — a chamada Zona Sul — em pleno coração de Copacabana, na estação "36", mais dois mil aparelhos que se destinaram, principalmente, a atender a transferências de outras estações, algumas das quais, há meses e meses à espera de facilidades.

A cerimônia inaugural dêsse melhoramento, coincidiu com a data festiva do aniversário da gestão do Governador Carlos Lacerda, à frente dos destinos da Guanabara, o qual compareceu pessoalmente ao ato solene inaugural, acompanhado de deputados e diversas autoridades, presentes ainda, todos os diretores e responsáveis em escalões diversos, por serviços na CTB.

Tendo tido oportunidade de discursar na ocasião, o Sr. Governador ressaltou o valor da equipe técnica da concessionária, frisando o seu desejo de ver resolvido um problema de magna importância para um dos Estados que é justamente reconhecido como dos mais progressistas da União. Salientando o esfôrço que reconhecia ser aquela inauguração, para a CTB, terminou por realizar a chamada de um dos assinantes, servido por uma das linhas então inauguradas.

O Governador foi saudado, em nome dos demais diretores da Telefônica, pelo Dr. Antonio Gallotti, cujo discurso, foi uma exposição breve e feliz, da atual situação do problema telefônico no pais.

Afirmou o Dr. Gallotti que havia ali, naquela ocasião, "uma certa marca de desalento pelo pouco que

A cerimônia de inauguração, quando o Dr. Antonio Gallotti, em nome da diretoria da concessionária, proferia o seu discurso de homenagem ao Governador Carlos Lacerda, o qual aparece ladeado por diretores da CTB e por altas personalidades do govêrno estadual que prestigiaram, com as suas presenças, a entrega dos novos telefones a moradores da zona sul.

se fizera» diante do muito que se poderia ter feito, "se a imposição, no curso dos três últimos lustros, de terríveis distorções financeiras, não tivesse aniquilado a capacidade de expandir os serviços ao ritmo exigido pelo nosso grande Estado".

Mais adiante, o orador afirmou que a Companhia vive uma dura crise, que nem é recente nem lhe é peculiar, porque é comum a todos os serviços públicos do país, sem exceção, como ferrovias, portos, energia elétrica, navegação, transportes em geral, e tantos outros. Essa crise, teve início, afirmou, "quando começou a rolar a avalancha inflacionária, gerando o processo de estagnação dos serviços de utilidade pública que ficaram amarrados a tarifas rígidas, sem dispor dos mecanismos fiscais do poder estatal para financiar os seus empreendimentos, e sem poder corrigir os preços em harmonia com os imperativos da lei econômica, como é facultado a todos os demais setores da atividade privada. Outras razões — e algumas salutares — exigiram um volume cada vez maior de serviços, tais como o desenvolvimento nacional, a melhoria dos níveis de vida e o gigantesco crescimento dos centros urbanos."

NÚMEROS POSITIVOS

Em breves traços, prosseguiu o Dr. Gallotti, citando agora, alguns números decisivos para a compreensão da crise atual. "Quando a C.T.B. assumiu o serviço em 1922, — disse — o Rio contava com 29.377 telefones." "Vinte anos de operação da Companhia, em 1942, produziram o total de 132.000 telefones, com o integral atendimento de todos os pedidos, e com folgas tão consideráveis que, apesar da guerra, quando suspenso o fabrico de equipamentos, foi possível manter, nos três anos subsequentes, o atendimento imediato de tôdas as novas ligações solicitadas. Desde a guerra conseguiu a Companhia fazer maior número de instalações do que fizera anteriormente, tendo, assim, hoje, em funcionamento, 344.843 telefones."

"E' de acentuar — frisou o orador — que, nos últimos oito anos, já no regime de majorações cam-

biais sucessivas e crescentes, em pleno processo de elevação de custos e de aviltamento da moeda, e com os preços dos equipamentos importados em ascensão a jato, ainda pôde a Companhia instalar 58 mil terminais. Naquele tempo, havia para cada cem habitantes do Rio, seis telefones. Hoje, com as dificuldades tôdas, há onze.

Quando o salário-mínimo era de Cr$ 240,00, uma assinatura custava ..... Cr$ 40,00, ou seja, 1/6 daquele salário; agora, o salário-mínimo é de ..... Cr$ 13.400,00 e a mesma assinatura residencial custa Cr$ 500,00, ou sejam 1/26 daquele salário.

E' uma situação de sacrifícios para a Companhia, manter os seus serviços funcionando.

Há treze anos não são distribuídos dividendos aos acionistas, reinvestindo-se nos serviços, os resultados totais da operação. A Companhia vem reduzindo ao mínimo seus gastos de administração, sem capacidade para atrair novos capitais, tanto no mercado interno como no externo, porque os investidores, naturalmente, procuram atividades mais rendosas e menos expostas à crítica. Assim mesmo, pôde a Companhia viver minutos como aquêles da inauguração dos dois mil novos telefones para a Zona Sul. Será pouco talvez, afirmou, mas tudo quanto se fêz foi à custa de esforços financeiros inauditos e de dedicações pessoais de uma equipe de técnicos e servidores, a cuja competência, devotamento e espírito público, "quero aqui, render minha maior homenagem."

O governador Carlos Lacerda fêz a primeira chamada no serviço então inaugurado.

O Dr. Milton Sales, representando o governador Magalhães Pinto, e o prefeito de Três Corações, Sr. Odilon Rezende Andrade, desataram a fita simbólica na solenidade de inauguração. Ao centro, aparece, ainda, o Dr. Augusto de Lima Neto, Diretor Superintendente-Geral da CTMG.

Telefones Automáticos em Três Corações

MODERNO serviço de telefones automáticos foi inaugurado na cidade de Três Corações, em Minas Gerais, pela Companhia Telefônica dêsse estado.

Trata-se de equipamento de alta qualidade, fabricado e montado pela Siemens e com uma capacidade inicial de 400 linhas, com previsão para substanciais aumentos.

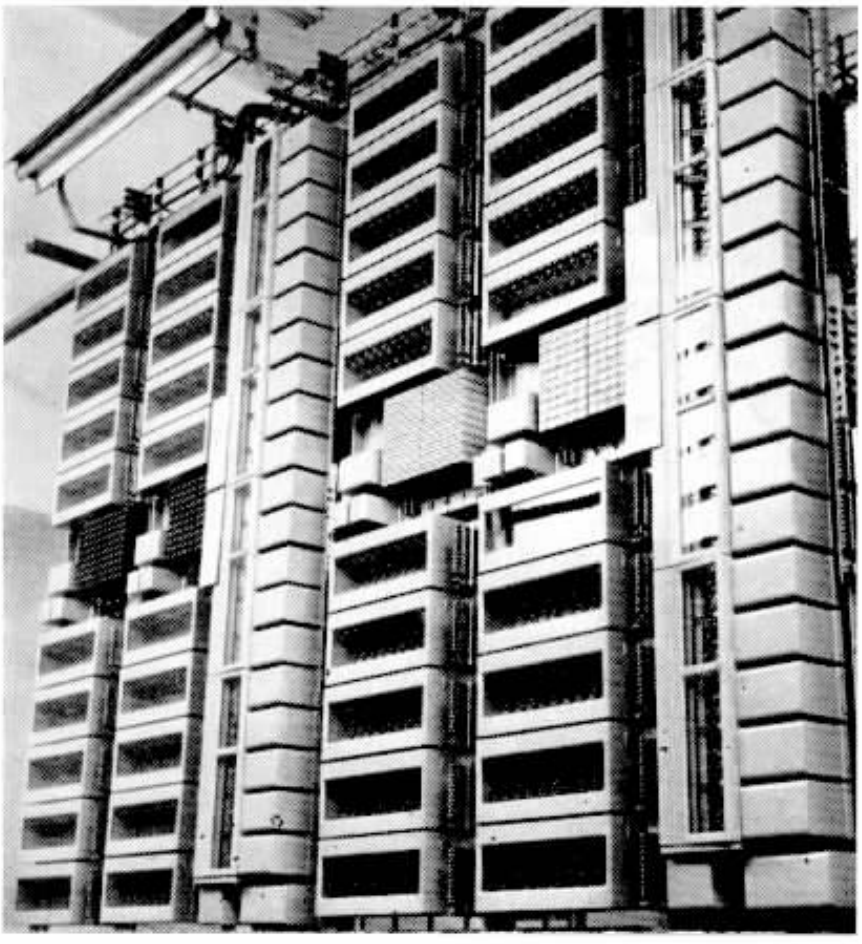
O acontecimento de real magnitude, deu à bela cidade um aspecto festivo, uma vez que se trata, de fato, de um marco positivo de desenvolvimento para o município.

Numa demonstração de regozijo do povo tricordiano pelo acontecimento, a Prefeitura Municipal chegou a decretar feriado, tendo o comércio cerrado as portas para as comemorações oficiais.

O ato solene teve a presença do representante do governador Magalhães Pinto, Dr. Milton Sales, presidente da Caixa Econômica do Estado de Minas Gerais; do deputado Manoel Taveira e de prefeitos municipais de cidades vizinhas, além de destacadas figuras da vida pública local, diretores e altos funcionários da CTMG e da Siemens, convidados especiais e numeroso público.

Coube ao Dr. Odi'on Rezende Andrade, prefeito de Três Corações, cortar a fita simbólica que vedava a entrada do modernissimo prédio onde se encontra a central telefônica automática de Três Corações. Monsenhor José Fonseca, vigário local, procedeu em seguida à bênção das instalações, que foram

O Sr. Pedro Renault Castanheira, Diretor Vice-Presidente da Companhia Telefônica de Minas Gerais, entusiasta número um e pioneiro do autofinanciamento no país, também falou no ato.



Parte do modernissimo equipamento recém-inaugurado.

logo após visitadas pelos presentes, em companhia dos diretores e funcionários da CTMG.

Entrega do serviço

Fazendo a entrega dos novos telefones automáticos, ao povo de Três Corações, discursou o Dr. Augusto de Lima Neto, diretor superintendente-geral da CTMG, o qual se dirigiu às autoridades presentes para saudá-las em nome de sua emprêsa, honrada, ali, com a presença do representante do senhor governador e do deputado Manoel Taveira que fizeram questão de prestigiar o acontecimento, indo até Três Corações.

Do discurso do Dr. Lima Neto — bastante aplaudido — colhemos êste trecho:

"Dada a situação cambial vigente no país, à depreciação da nossa moeda e à elevação do custo de vida, que vai, dia a dia, alcançando índices mais asfixiantes, torna-se hoje impossível, a qualquer emprêsa — particular ou estatal — fazer frente a programas de novas instalações de telefones, porque sendo o equipamento em grande parte fabricado no estrangeiro, apesar de já estar sendo em parte fabricado no país, seu custo vai num crescendo, elevando-se astronômicamente, sendo impossível à emprêsa acudir, com seus próprios recursos, àquela elevação. Basta dizer que uma linha telefônica que nos custava em 1959 cêrca de 20 mil cruzeiros, já hoje não pode ser instalada por menos de 80 a 100 mil cruzeiros — e não se sabe o quanto deverá custar nos próximos meses, tendo-se em vista que a inflação prossegue inexorâvelmente, a provocar a elevação constante dos preços.

Porisso mesmo foi possível esquematizar-se aquilo que se passou a chamar de autofinanciamento, modalidade que tem como base a participação dos usuários no empreendimento, fazendo-os sócios do negócio e, portanto, acionistas da Companhia."

"Foi por esta razão — continuou — que a CTMG conseguiu fazer em Minas 25 mil acionistas, trazendo para o seu corpo de acionistas, cidadãos do interior — Varginha, Itajubá, Barbacena, Leopoldina, e agora, Três Corações, entre outras cidades, fazendo de seus assinantes, seus acionistas".

Falaram após o Dr. Augusto de Lima Neto, o Dr. Milton Sales, representando o Sr. Magalhães Pinto; o Dr. José Nabak, vice-presidente da Câmara Municipal; o Sr. P. R. Castanheira, Diretor Vice-Presidente da CTMG; o Sr. Niocir Nabuco de Araujo, pela Simens e o Sr. Izidro Pelúcio Meireles, presidente da Câmara local.

Por solicitação do Dr. Lima Neto, o prefeito de Três Corações fêz a primeira chamada telefônica.

CHURRASCO E RECEPÇÃO

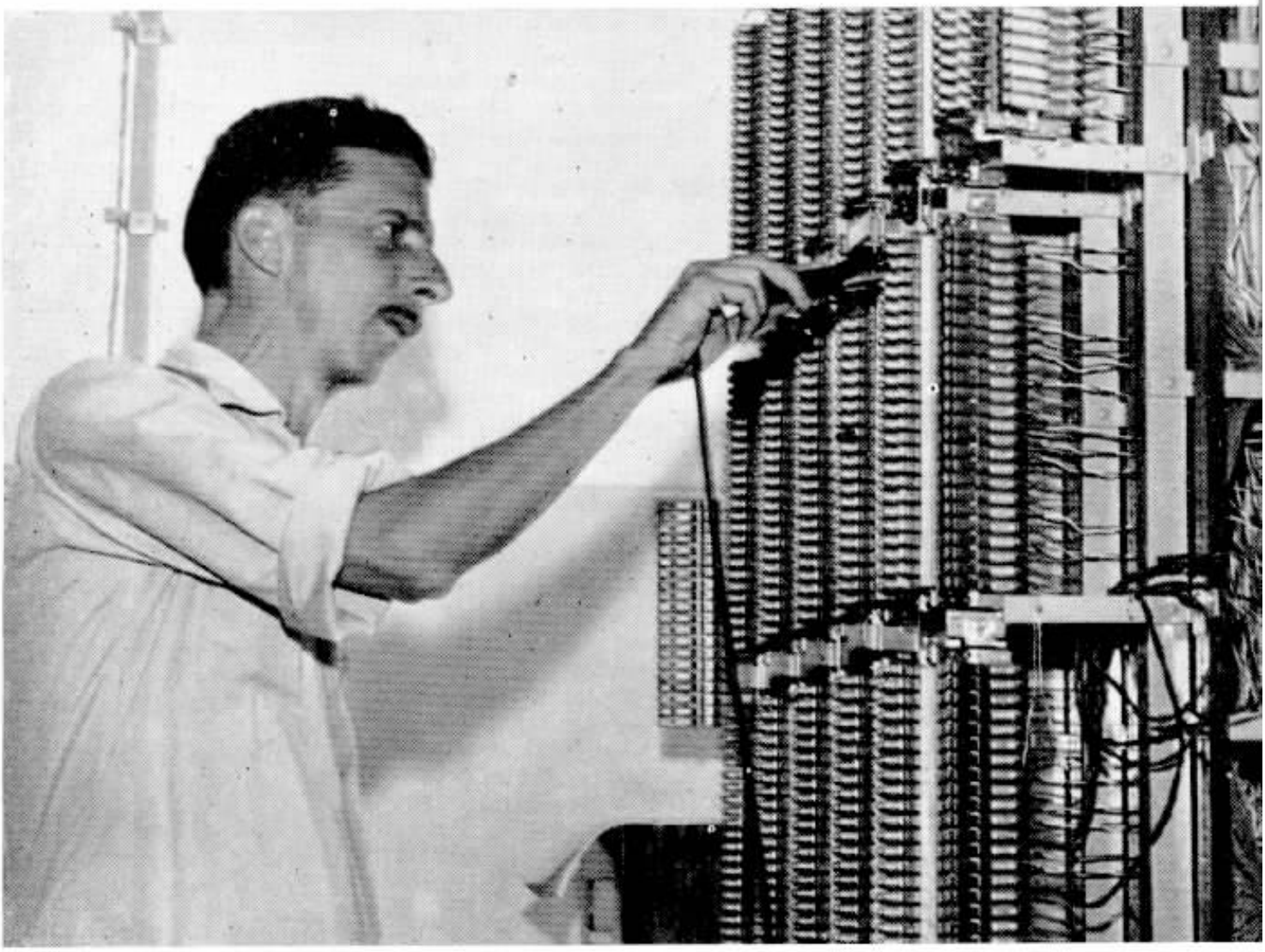
Após a cerimônia de inauguração oficial do serviço, a Companhia Telefônica de Minas Gerais ofereceu um churrasco.

Mais tarde, o prefeito Odilon Rezende Andrade ofereceu em sua residência, uma recepção aos diretores e funcionários da CTMG e da Siemens, à qual compareceram, ainda, figuras de relêvo da sociedade local e convidados especiais.

O SERVIÇO

A capacidade da estação, ao inaugurar-se, foi logo esgotada, tal o interêsse do povo pelo assunto. As quotas são pagas em prestações mensais, com debêntures conversíveis em ações que asseguram aos seus portadores, nove por cento de juros anuais. A integralização do valor da quota, contra as debêntures, dá direito a ações do capital da emprêsa.

Outra vista da central telefônica de 400 linhas, agora instalada pela Siemens do Brasil, para a CTMG, na próspera cidade mineira de Três Corações, notável marco de grande progresso.



O ÚLTIMO TROTE

Conto de Herberto SALES

— ALÔ? E' do lanifício?

A voz, tantas vêzes disfarçada, deixava-me sempre em dúvida. O meu amigo Soares tinha a mania do trote telefônico. Decididamente a ligação não era para nenhum lanifício. Fôra feita, de brincadeira, para a minha residência, que de lãs só tinha mesmo a de duas ou três sueteres já um pouco surradas e a do cobertor que o inverno me levava a retirar periòdicamente do armário.

Mas vinha a dúvida, suscitada pela voz inidentificável: e se fôsse alguém querendo falar realmente com algum lanifício, sabia-se lá qual dêles, pois havia tantos na cidade? Na minha estranheza, eu esclarecia do outro lado do fio:

— O senhor está enganado. Aqui não é nenhum lanifício.

Vinha a verdadeira voz:

— Se não é, então vamos abrir um, meu caro. Vamos encher de tecelãs êsse chalé de solteiro!

E logo o Soares, numa gargalhada, gozava êle próprio a pilhéria.

Certa vez, num sábado à tarde, enquanto eu desfrutava a remunerada tranquilidade caseira do meio expediente, ouvi o telefone tocar. Corri a atender.

A voz anunciou-se:

— Alô... Aqui é o Azevedo.

— Azevedo? Que Azevedo?

— O da Livraria Coimbra.

Ah! Daquela vez o Soares não me pegaria! Falhara, afinal, sua perícia em disfarçar a voz, carecida do inconfundível sotaque do livreiro português que me abastecia a estante de novidades editoriais.

— Desta vez não caio, Soares — observei. — Conheço demais a voz do Azevedo.

Veio a resposta, vencida:

— Estava brincando. Não é o Azevedo mesmo, não. E' o Mário...

Era só o que faltava! Outro amigo dava-se agora a brincadeiras telefônicas, o Mário Cunha, meu colega de repartição, amigo também do Soares.

Irritei-me:

— Ora bolas, Mário! Você também pegou agora a mania do Soares?

E o Mário, surprêso:

— O Soares também passa trotes?

— Não faz outra coisa na vida. Planta-se em casa, pega o telefone, e faz de mim a sua vítima predileta. Não aguento mais!

— O Soares é boa praça — contemporisou Mário. — Não há ninguém mais seu amigo do que êle.

— Sei disso. Mas anda me amolando tanto com essa história de trotes, que vou acabar brigando com êle ou mandando desligar o telefone.

— Olhe essa violência! Fique bonzinho, que o Soares está aqui a meu lado e vai falar com você.

Com aquela eu não contava: o Soares na casa do Mário, a passar-me um trote por tabela!

— Alô? Soares? Como vai? Que é que você anda fazendo aí na casa do Mário, rapaz?

— Não vejo o Mário desde ontem — foi a resposta.

Eu não entendia mais nada:

— Que diabo! Você não está na casa do Mário, do Mário Cunha, nosso colega de ministério? Então quem é êsse calhorda que estava falando comigo antes de você?

Chegou-me ao ouvido, casquinante, a conhecida gargalhada. E o Soares:

— O calhorda é você, meu caro! Quem estava falando antes era eu mesmo, de dentro da minha casa, depois de ler os jornais, que estão sem novidade nenhuma. Um abraço, e desculpe o mau jeito. Tchau!

Com aquela ligação, inaugurava o Soares uma nova técnica em suas brincadeiras telefônicas, aplicando-me uma espécie de trote duplo.

De outras vêzes, coitado de mim, e não foram poucas, uma voz feminina vinha pôr-me em alvorôço, insinuando, no bojo do fone, cálida e evocativa, um nôvo encontro para uma sessão de cinema — e logo depois o Soares se identificava, rindo e zombando do engôdo.

E aí estava o único mérito dos seus trotes. O Soares nunca chegou a levar-me ao constrangimento de um equívoco irremediável, aos vexames de um malentendido amoroso, aos qui-pro-quós de uma situação difícil de explicar. No auge do trote, quando mais firme era a minha convicção telefônica, êle não deixava de se identificar, irritando-me, embora, mas nunca me deixando definitivamente enganado.

Só uma vez me pareceu que êle fugia a essa ética trotista. Foi quando me telefonaram do Banco Montanhês para avisar que havia uma ordem de pagamento em meu nome e solicitavam o meu comparecimento a fim de receber o dinheiro.

— Não brinque, Soares. Deixe de amolação — apelei para êle, ante a insistência daquela voz sêca e formal, que devia ser a dêle, competentemente disfarçada.

— Não se trata de nenhuma brincadeira, cavalheiro — protestou a voz. — Aqui fala do Banco Montanhês, Agência Rio Branco.

Só me restava um recurso para descobrir a farsa do Soares.

— Bem, se é mesmo do Banco Montanhês, então o senhor vai me fazer o obséquio de dizer o seu nome, que eu vou ligar em seguida para aí.

E a voz, mais sêca e formal:

— O senhor pode ligar para o Sr. Sílvio. Sílvio Carvalho.

Ouvi deligarem sumàriamente o telefone, e fiquei em dúvida se devia ou não fazer a ligação. O Soares queria brincar comigo. Estava me passando o seu trote de pior gôsto. E se tudo fôsse verdade? Não resisti ao impulso de comprovar a pilhéria. Peguei a lista telefônica, verifiquei o número da agência do Banco, fiz a ligação:

— Quero falar com o Sr. Sílvio Carvalho.

E ouvi de nôvo a voz sêca e formal, confirmando o aviso da ordem de pagamento. Se a notícia me alegrava, eu experimentava, ao mesmo tempo, a satisfação de ver que o Soares se mantinha fiel à ética de se identificar ao fim de cada trote que me passava. Ainda bem!

Conheci o Soares na época do concurso para o ministério. E em meio às apreensões daquela expectativa comum de candidatos a uma carreira burocrática que, como tantos outros, desejavamos seguir, e na qual punhamos tôdas as nossas esperanças, uma leal amizade nasceu entre nós dois, destinada a nos unir pelo tempo afora.

Lembro-me do seu primeiro trote. Anunciava-se, em voz cantada e arrastada, como um conterrâneo meu recém-chegado do Norte, dizendo-se portador

de uma encomenda que minha mãe me mandara.

— E' um cesto de frutas — esclarecia a voz.

E logo eu vislumbrei, cuidadosamente acondicionadas pelas mãos maternas, em tons de um amarelo dourado, cajus e mangas da grande feira da minha terra distante, chegados ao Rio com um frescor que só o transporte de avião permitia. Com água na bôca, ofereci-me para ir buscar o cesto no hotel onde o portador estivesse hospedado.

Veio a gargalhada do Soares.

— Você já viu algum carioca imitar tão bem o sotaque dêsses cabeça-chatas que infestam o Rio? — perguntava êle, zombando de mim. - Êta saudade da peste!

E veio afinal aquela noite de sábado, chuvosa, que me reteve em casa, cheio de um tédio imenso. Por volta das 10 horas, o telefone tocou. Fechei o livro que inùtilmente eu tentava ler, levantei-me da poltrona, arrastei-me chateado até o corredor. Peguei no fone e levei-o ao ouvido.

— E' do necrotério? — perguntaram.

— Não brinque, Soares — foi tudo o que consegui dizer, porque logo em seguida desligaram o telefone.

Voltei a sentar-me, e durante algum tempo esperei que ligassem novamente. Só podia ser o Soares. Preparei-me para passar-lhe uma descompostura quando êle fizesse a nova ligação. Mas o telefone continuava mudo. Resolvi então ligar para a casa dêle. Ninguém atendia. Certamente o Soares saira com a espôsa, a Mariinha, e estava me passando trote de outro lugar qualquer. Pois ia perder o tempo! Contra os meus hábitos, liguei para o meu próprio número e deixei o telefone fora do gancho. Retomei a leitura do livro, com o rádio tocando baixinho, e finalmente adormeci, ouvindo a chuva cair lá fora.

Despertei por volta da meia noite, desliguei o rádio, e, ainda tonto de sono, fui para a cama, esquecido de repor o fone no gancho. Só na manhã seguinte foi que o fiz, às 7 horas, quando, já meio atrazado para o programa daquele domingo que eu ia passar com uns parentes em Paquetá, saí de casa às carreiras, para não perder a barca das oito.

Durante a travessia, lembrei-me por vêzes do telefonema da véspera: "E' do necrotério?" O Soares devia ter voltado a telefonar, mas daquela vez não concluira o seu trote, pois o meu telefone ficara tôda a noite dando sinal de ocupado. E se não fôsse o Soares? Não, só podia ter sido êle, apesar de não haver se identificado, conforme fazia sempre. Só podia ter sido o Soares!

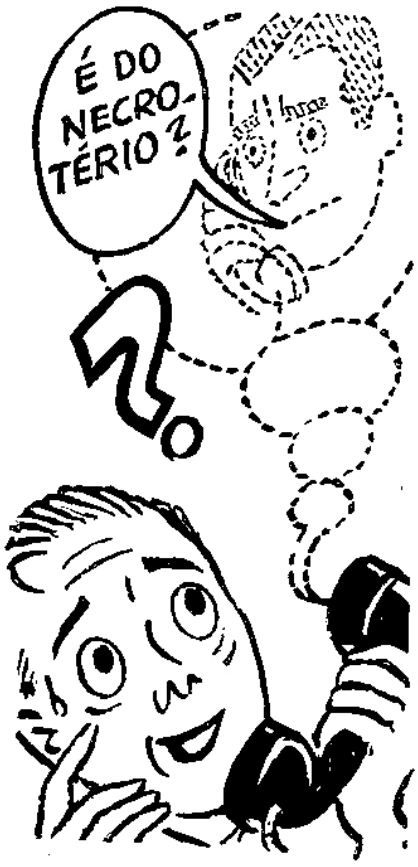
À noite havia dança no pequeno clube da ilha, e acabei dormindo em Paquetá, como ocorria em tais ocasiões.

Na segunda-feira, ao chegar ao ministério, curtindo ainda a ressaca do forrobodó ilhéu, encontrei os colegas contristados:

— Então, não sabe? Coitado do Soares! Foi atropelado no sábado à noite, às dez horas. Os jornais deram. Foi socorrido no Hospital Souza Aguiar, mas teve poucos minutos de vida. O entêrro foi ontem.

Naquela hora recebera eu o estranho telefonema: "E' do necretério?"

Hoje, decorridos já tantos anos depois de sua morte, eu às vêzes penso na possibilidade de uma ligação errada, e, confesso, em muitas ocasiões, nas minhas crenças espíritas, chego a admitir o telefonema como um sinal que o meu amigo tenha querido me dar. De qualquer forma, agora que o telefone já não me traz a sua voz, e, com ela, os seus mil disfarces imprevisíveis, aquele telefonema ficou, para sempre, como o último trote que o Soares me pregou antes de morrer.

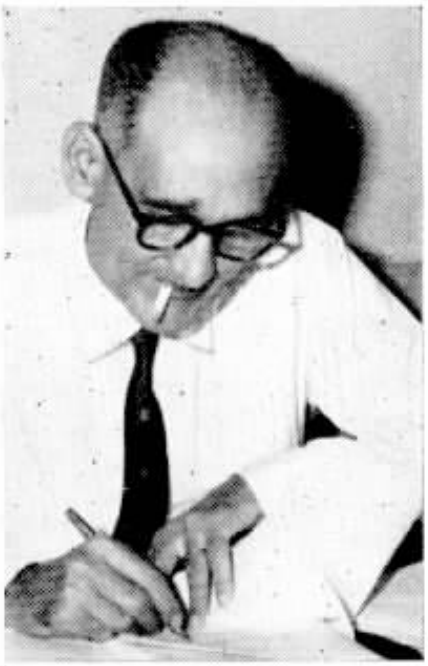


BAURU TERÁ SERVIÇO TELEFÔNICO AUTOMÁTICO AUTOFINANCIADO

José Portugal Gouvêa

MAIS uma cidade interiorana de São Paulo, vem de resolver o problema de expansão e modernização do serviço telefônico.

A vez coube a Bauru, a grande "Cidade sem Limites", exemplo do prodigioso progresso registrado em todo o Estado bandeirante, fiel reflexo da febre de desenvolvimento que envolve todo o Brasil. Bauru, cuja população hoje ascende a mais de cem mil habitantes, passará a contar, em breve, com nova rêde de telefones automáticos, através do sistema de financiamento pelos assinantes



Mario Messenberg

Prefeito Irineu Bastos

Em ato oficial, o prefeito Irineu Bastos assinou com a Companhia Telefônica Brasileira, vencedora da concorrência pública, o contrato para a instalação de telefones automáticos nesse próspero município, sendo, a C. T. B. representada por José Portugal Gouvêa, diretor - superintendente comercial da Divisão do Interior de São Paulo e por Mário Messenberg, Gerente de Distrito.

O acontecimento é de grande importância para o elevado grau de progresso de Bauru, pois a nova rêde automática será um poderoso fator a mais para o desenvolvimento já bastante significativo dêsse rincão paulista, dia a dia mais significativo, no promissor quadro de desenvolvimento das cidades bandeirantes.

O telefone, mais uma vez, será mola decisiva de prosperidade e progresso, a contribuir fortemente, com elevadas parcelas para o esperançoso quadro do progresso do Brasil.

Na foto ao alto: José Portugal Gouvêa assinando o contrato em nome da Companhia Telefônica Brasileira. Ao centro: o Sr. Irineu Bastos, prefeito de Bauru, apondo sua assinatura no documento que dará telefones automáticos à sua progressista cidade. Embaixo: Mario Messenberg, gerente do Distrito, também firma o citado contrato.

SANTOS

Waldemar Nalon, veterano de 25 anos, da Rêde, fêz a saudação oficial pelos seus colegas.

CERCA de trinta veteranos, colegas que exercem atividade na cidade paulista de Santos e alcançaram novas etapas em suas vidas funcionais, foram festivamente homenageados pela nossa Companhia, nas dependências da Associação Atlética Portuguêsa, naquela cidade, com grande afluência de convidados.

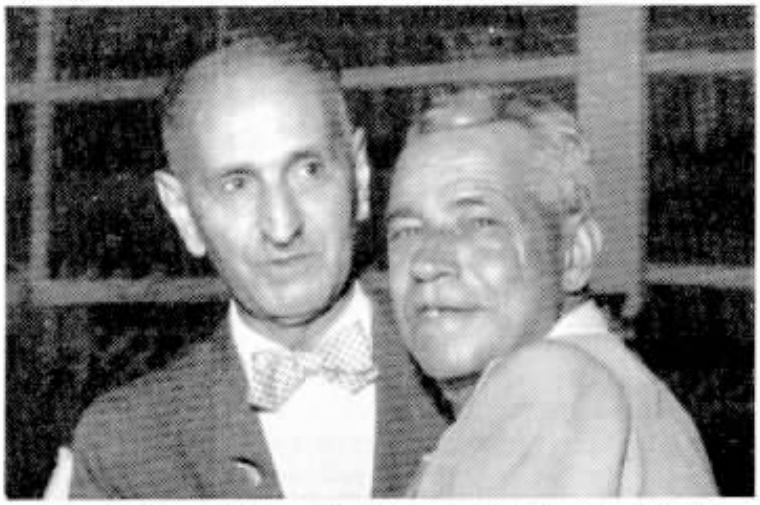
A festa foi abrilhantada com a participação do côro da Igreja Presbiteriana que se fêz ouvir com pleno sucesso, inclusive no "Hino aos Veteranos".

Após a saudação aos veteranos, feita por José Portugal Gouvêa, diretor-superintendente Comercial da Divisão do Interior do Estado de São Paulo, seguiu-se a entrega dos emblemas aos veteranos, entre os aplausos dos presentes.

As telefonistas santistas, foram parte de relêvo na bonita cerimônia, auxiliando grandemente no seu transcurso e ofertando lindos ramalhetes de flôres a tôdas as veteranas, numa delicada e apreciadíssima homenagem que calou fundo no sentimento de nossas colegas veteranas.

Usou da palavra, em nome dos homenageados, o colega Waldemar Nalon que, em palavras expressivas, ressaltou o significado daquela festa para quantos ali se encontravam, certos de um dever cumprido e felizes pela convivência de tantos anos de trabalho fecundo e útil à coletividade.

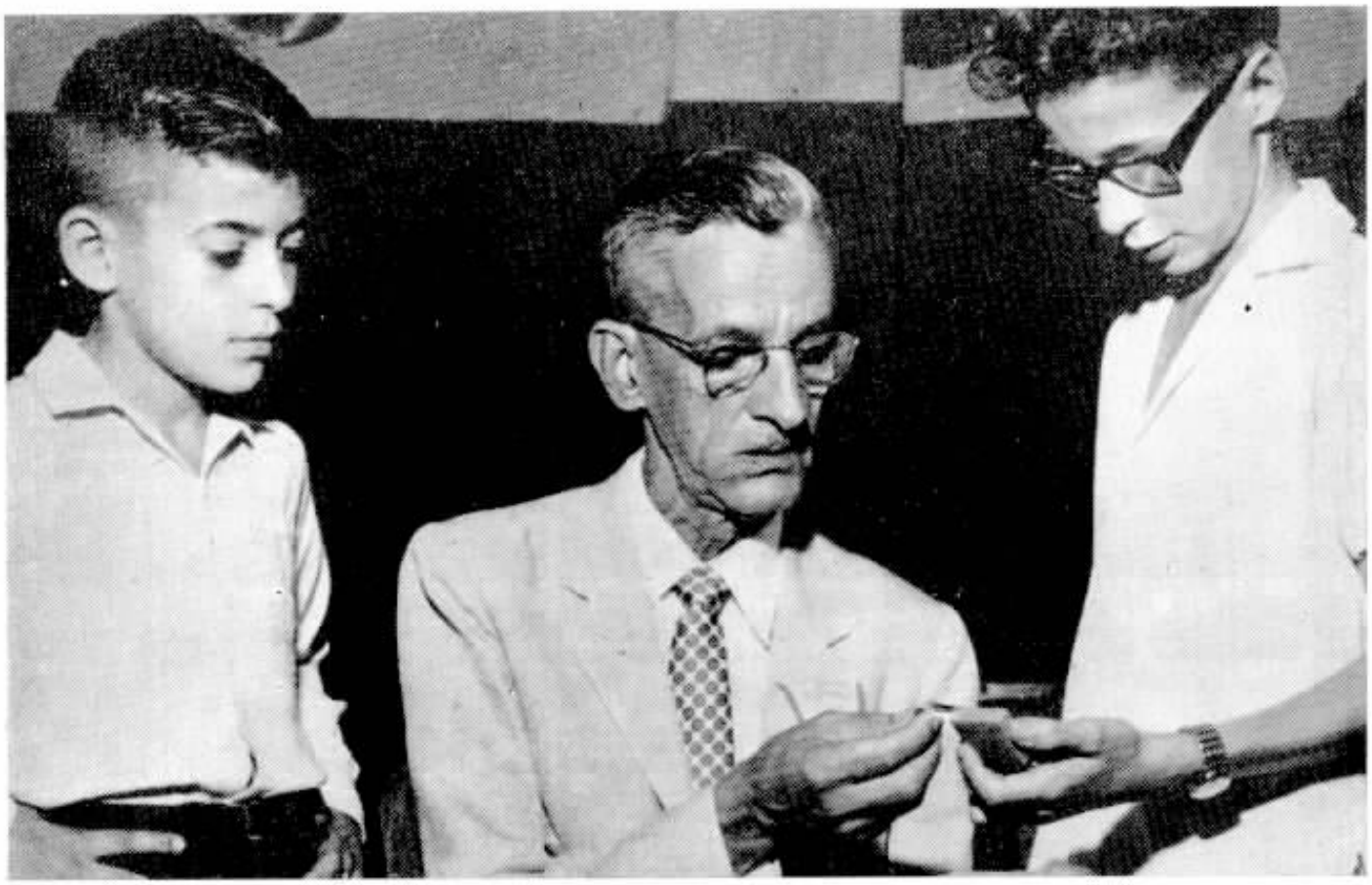
A cerimônia terminou com farto bufete, a que se seguiu animadíssimo baile do qual participaram centenas de pares, numa nota alegre, a coroar a bela cerimônia, sempre amável motivo de confraternização, espelho fiel da fraterna amizade que cerca os servidores da CTB.



Abilio Coelho Ferraz, veterano de trinta e cinco anos, da Rêde, recebeu os cumprimentos de J. Ter Sarkissoff.

Acima, Adelaide Gomes Diegues, colega do Comercial, recebeu flôres pelos seus 35 anos de atividades. Abaixo, Ignacio de Oliveira, da Rêde, recebe o abraço da espôsa. São muitos anos de trabalho positivo para a CTB.

Mais uma promoção festiva de homenagem a colegas Veteranos



Acima, Joaquim Togores, o mais antigo veterano homenageado, e que completou quarenta anos de serviço, junto a seus netos que, curiosos e com orgulho, examinam o emblema recebido pelo vovô. Abaixo, aspecto parcial da grande assistência à excelente festa na Associação Atlética Portuguêsa.

Junto à dedicada agente Ana Candido Cunha, responsável pelo serviço em Pompéia, aparecem as cinco telefonistas que com a sua dedicação, se fizeram dignas do reconhecimento de tôda a cidade.

O QUE DIZEM DE NÓS

DOIS INCÊNDIOS DESTACAM O TRABALHO DILIGENTE DE NOSSAS COLEGAS TELEFONISTAS

NOSSA habitual seção de relêvo aos registros de atos destacados levados a efeito por funcionários de nossa organização, desta feita, será inteiramente dedicada a dois acontecimentos : o primeiro foi o incêndio ocorrido na cidade paulista de Pompéia, trágica ocurrência que abalou profundamente a população local, destruindo nada menos do que cinco estabelecimentos.

A violência do sinistro mobilizou todos os esforços de Pompéia para debelá-lo, fazendo também com que, voluntàriamente, acorressem a seus postos, embora de folga, para auxiliar a única colega de serviço, Elsa dos Reis, as telefonistas Maria C. Reis, Nilce B. Brasil, Maria M. N. Rissato e Helena Oliveira.

O vulto do sinistro exigia mesmo, o esfôrço e cooperação de todos, mas, sem dúvida, seus efeitos foram menores, graças ao trabalho eficiente dessas nossas colegas, exaltadas pelas autoridades e o grato povo local que não se cansam de elogiar o espírito público dessas leais servidoras da CTB, a que agora, também prestamos homenagem.

FOGO NO CIRCO

O segundo grande acontecimento a que nos reportaremos, foi o terrível drama do incêndio do circo armado em Niterói, em que cêrca de três centenas de pessoas perderam a vida, comovendo a nação.

A CTB desdobrou-se para atender no que fôsse possível às exigências da hora de integral mobilização de socorros. O seu trabalho foi louvado em sentido e honroso ofício enviado à nossa Companhia pelo Sr. governador Celso Peçanha, grato e reconhecido

COISAS que aconteceu...

EM SAINT LOUIS, no Missouri, EUA, um assaltante entrou de arma em punho numa loja, e, depois, deu à encarregada da caixa, dois níqueis para que ela pudesse chamar a Polícia.

Quando os policiais chegaram, meio apavorada, a caixa — Lilie Thomas — declarou que quando o assaltante entrara na loja, ela declarara não ter dinheiro algum ali. O ladrão respondeu:

— Não brinque, moça! Tenho que "cavar" a grana de qualquer maneira. Tenho seis filhos!

Ato contínuo, ordenou à empregada que abrisse a caixa. Sem ver dinheiro algum, perguntou-lhe se dispunha de um níquel para chamar a polícia.

— "Não vou chamar ninguém, enquanto estiveres com essa arma", esclamou ela. O assaltante, rindo, atirou-lhe dois cents sôbre o balcão e, saindo, disse:

— Vela-ei mais tarde, para irmos a um cinema...

VINTE MIL suspeitos foram presos no ano passado em Londres, devido ao sistema utilizado e que consiste em discar "999" para chamar a polícia. Dizem que o sistema funciona tão eficientemente que, muitas vêzes, a Rádio Patrulha chega ao local, antes mesmo que a pessoa que telefona tenha acabado de dar as explicações da ocorrência.

UM NOSSO colega que é surdo notório, comprou secretamente, um dos novos aparelhos amplificadores de som, que são quase invisíveis. Ficou tão satisfeito que contagiou seus colegas de trabalho, os quais logo descobriram a causa da sua satisfação. Um dia, seu chefe disse-lhe :

— "A sua família deve estar muito alegre também".

— "Não, nem sabem que eu tenho êste aparelho", respondeu êle. "Em compensação, eu estou me divertindo como nunca! Já alterei meu testamento duas vêzes, nesta última semana!!"

UM GUARDA, andando pela rua, viu um homem com um telefone embaixo do braço.

— "Está esperando alguma chamada?", perguntou o policial.

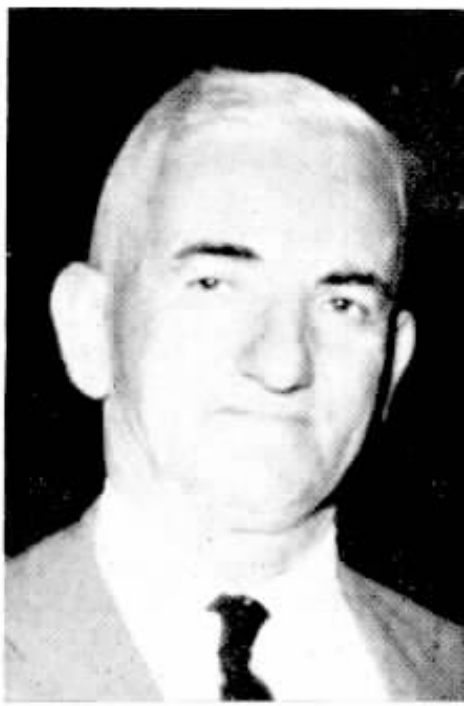
O homem correu e o guarda correu também. Pegou-o e levou-o para o distrito policial mais próximo, por suspeição de roubo. Ali, diante da autoridade, o homenzinho pediu para telefonar. Queria um advogado. E consultou diante de todos, a lista telefônica que vinha prêsa ao aparelho roubado...

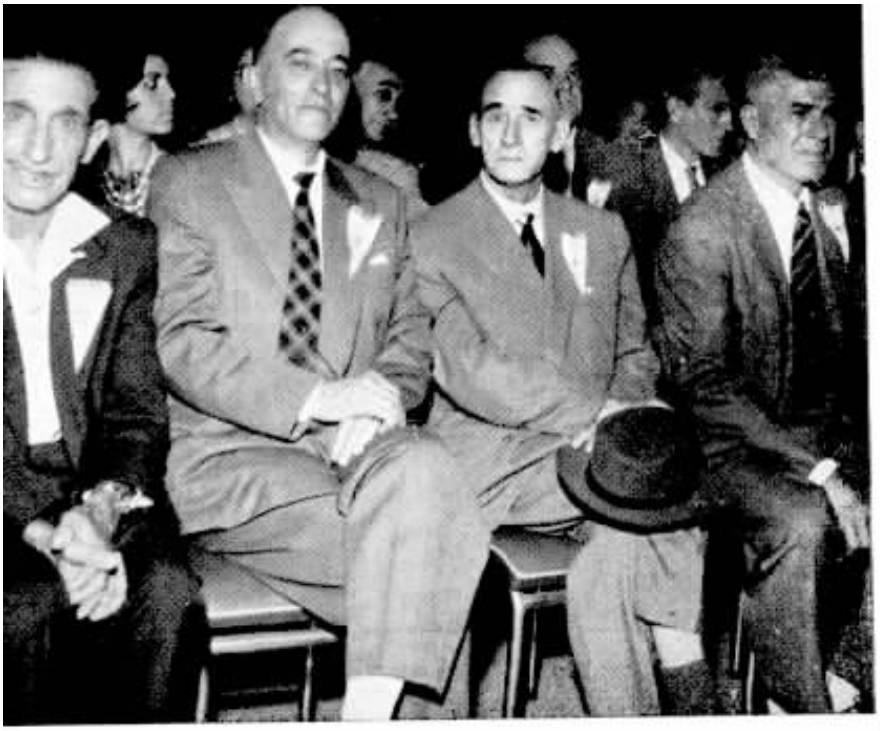
NUMA aula de um dos cursos mantidos pela Companhia, perguntou-se a um dos alunos, qual o número de telefones existentes no Brasil, em ano à sua escolha. O aluno ficou visìvelmente preocupado mas, finalmente, sorriu e respondeu: "1760 — nenhum". Estava certo.

Duas veteranas da Contabilidade Mecanizada, com dez anos de serviço: Neyde R. Uliani, à esquerda e Angelina P. Baroni, à direita, recebem cumprimentos de suas colegas de labor.

SÃO PAULO: RECORDE O NÚMERO DE VETERANOS

Mesa diretora da cerimônia de entrega de emblemas aos funcionários veteranos.





Ao lado, grupo dos mais antigo veteranos, na festa, com que a Companhia Telefônica Brasileira brindou àqueles que receberam emblemas.

Abaixo, veteranos de quarenta anos de Companhia: Frederico A. Knoeller de Souza, da Rêde; Carolina Teixeira, do Tráfego e Giuseppe Rizzo, também da Rêde de S. Paulo.

A CERIMÔNIA tradicional da entrega de emblemas aos veteranos de São Paulo, êste ano, registrou um verdadeiro recorde, pois nada menos do que trezentos e cinqüenta e três veteranos, receberam os seus sinos comemorativos de etapas vencidas de serviço, totalizando a astronômica e expressiva soma de cinco mil novecentos e trinta e cinco anos de atividade produtiva, em benefício da coletividade servida pela Companhia Telefônica Brasileira. Entre os colegas que receberam a almejada distinção, figurou pela primeira vez na história de nossa organização, um veterano de cinqüenta anos de trabalho, o conhecido e querido atleta e excelente colega e eficiente funcionário, Alfredo Gomes, conhecidissimo do público desportivo bandeirante por ter sido o primeiro vencedor da tradicional corrida de "São Silvestre» e que, pelo fato inusitado, foi alvo das mais carinhosas e quentes palmas da festa.

A solenidade teve lugar no amplo salão de refeições da sede da CTB na capital paulistana, presentes superintendentes gerais de departamento com o Sr. Carlos Reis Filho "a fazer as honras da casa", como diretor-superintendente geral na Divisão de São Paulo. Presentes, também, L. A. Latimer e Wilson Pereira da Cunha. Carlos Reis saudou os veteranos, agradecendo Alfredo Gomes, e à cerimônia seguiu-se um belo lanche, bastante apreciado pelos inúmeros convidados, autoridades e familiares dos veteranos presentes.

A esquerda, três veteranos que completaram 45 anos de serviço, da Rêde: Ferdinando Camacho, Domingos Bevilacqua e Raphael Tobias Antonini.

35 ANOS
Ernest Markgraf

35 ANOS
Sylvio Olympio de Faria Pascini

Victor Eduardo Campanilo e Paschoal Cordone, ambos de 35 anos.

José Izidoro Barrella, veterano de trinta e cinco anos, da Rêde de São Paulo, teve um dia muito feliz completado pelos beijos de seus filhos.

Em cima, à esquerda, Helena Ribeiro Fernandes, 35 anos de serviço recebe um beijo do sobrinho. Ao lado, Elisiário Pinto Lima, Superintendente de Tráfego, 40 anos de C.T.B. Embaixo, alegre grupo.

35 ANOS
Alcides Pivello

35 ANOS
Paulo de Sá Rocha

35 ANOS
Frederico Ewald Dolsner

35 ANOS
Ignacio de Loyola Nardy

35 ANOS
Sylvia Fristachi

35 ANOS
Avelino Raposo

35 ANOS
Achilles Taurisano

35 ANOS
Vicente Giro

35 ANOS
José de Deus

35 ANOS
Cecília Pereira de Carvalho

35 ANOS
Luiz Batista Silva

35 ANOS
Margarida Faggin Garcia

NATAL NA GUANABARA

Natal é o mesmo alegre e suave motivo de confraternização por toda a parte. Nestas páginas, aspectos de festas natalinas em São Paulo e no Rio. A direita, ao alto, na estação da Rua do Costa, no Rio, uma pôse em que aparecem várias Telefonistas-Chefe e alguns dos chefes de serviço do Tráfego da Guanabara. Ao centro, um pormenor da agradável e concorrida festa natalina do Tráfego de São Paulo e, abaixo, foto colhida durante o «reveillon» promovido pelo Telefônica Clube paulistano, vendo-se à mesa, entre outros chefes de serviço e junto ao colega Nelson Perroud, presidente do TC; o superintendente geral do Tráfego, Marialva F. Melo; José Portugal Gouvêa, superintendente comercial de Divisão de Interior e Armando Del Papa, superintendente do Pessoal de Divisão de S. Paulo.

E EM SÃO PAULO

Nas amplas dependências da Estação Norte, na Rua do Costa, as telefonistas que ali trabalharam, armaram belíssima árvore de Natal a que tôdas deram especial atenção. O resultado foi o melhor, atestando o bom gôsto das moças.

Ainda do «reveillon» promovido em S. Paulo no dia 31 de dezembro, para bem aguardar a entrada de 1962, êste flagrante é com um grupo de risonhas colegas paulistas.

Os Sinos de Natal Tangeram

BROTAS

BAURU

SOROCABA ▲ ▼ OLÍMPIA

LIMEIRA

SÃO MANUEL

AGUDOS ▲ ▼ DOIS CÓRREGOS

Nas Festas do Interior Paulista

BROTAS

ITAPIRA

PENÁPOLIS ▲ ▼ CAMPINAS

NATAL: FESTA DA

O Departamento Comercial, na Guanabara, fêz realizar bonita festa a que compareceram chefes e subordinados. No clichê, L. J. Goulart e F. Barbastefano, junto a outros colegas daquele departamento.

Em São Paulo, a Contabilidade Mecanizada levou a efeito a sua festa natalina, dentro da maior solenidade. Não faltaram surprê-

A Contadoria da Renda de São Paulo, convocou o Papai Noel e reuniu todos aquêles que a servem. Foi uma festa bonita e concorridissima a que nada faltou como o atesta a foto acima.

As festas natalinas do Departamento do Pessoal, na Guana-

CONFRATERNIZAÇÃO

sas agradáveis, como a proporcionada pela colega que compareceu com os trajos de seus ancestrais japoneses.

O Departamento do Pessoal, em São Paulo, encontrou, na festa do Natal, o bom motivo para reunir em tôrno à mesa tradicional, chefes e subordinados unidos pelo mesmo ideal de paz e boa compreensão.

bara, são sempre das mais animadas e repletas de agradáveis surprêsas. A foto mostra alguns dos participantes da festa.

O Departamento da Rêde, na Guanabara, também deu a sua festa natalina, com a correspondente distribuição de apreciados presentes.

GUANABARA: ZONA RURAL TEVE UM BELO NATAL

DELICADO pretexto para festas tôdas carinho e dedicação, o Natal, com a sua mistica envolvente, motiva, todos os anos, as festas mais esperadas e concorridas que se realizam no âmbito da C.T.B.

Há como que uma porfia por fazer melhor, empenhando-se departamentos e seções nos atos comemorativos mais alegres e tocantes, para satisfação de todos quantos emprestam à nossa emprêsa, o melhor de seus esforços.

BANGU

JACAREPAGUA

SANTA CRUZ

ILHA DE PAQUETA'

CAMPO GRANDE

MARECHAL HERMES

SERVIÇO "06"

ILHA DO GOVERNADOR

SANTOS

URINHOS

PRESIDENTE PRUDENTE

ITU

SÃO VICENTE

AVARÉ

BOTUCATU

SANTA CRUZ
DO RIO PARDO

JAÚ

RIO CLARO

SÃO JOSÉ DO RIO PRÊTO

Houve um momento de expectativa. Papai Noel estava para chegar e tôda a atenção era pouca.

São Paulo: Papai Noel Com a Petizada do T. C.

JÁ se tornou tradição a presença de Papai Noel nas comemorações natalinas do Telefônica Clube de São Paulo. Todos os anos, o bondoso e lendário velhinho tem um encontro marcado com a criançada, filhos dos nossos colegas do T. C., onde, pacientemente, lhes faz a distribuição de bonitos e variados presentes. Papai Noel é figura bem-vinda, pois êle sempre traz alegria e esperança para todos.

A garotinha contempla, satisfeita, o que lhe trouxe Papai Noel. Que conterá a caixa?

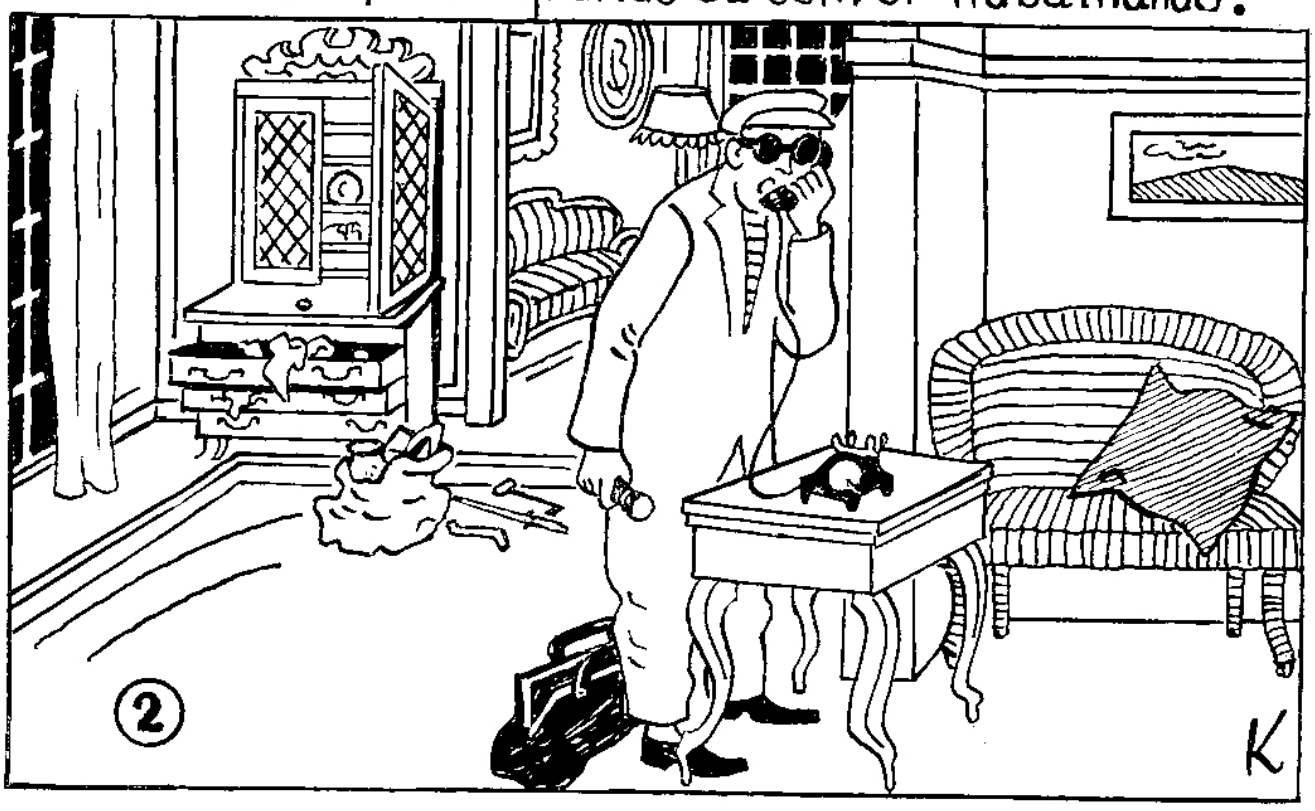
Pai Noel estêve presente conversando com a petizada e distribuiu presentes a todos.

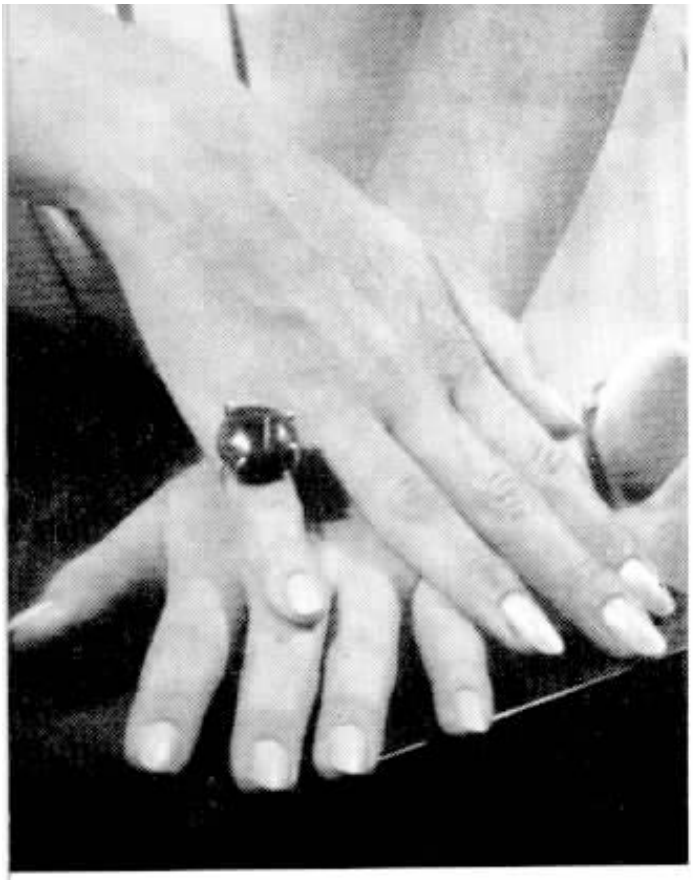
ENIGMA dos ENGANOS

VEJA, CARO LEITOR, SE VOCÊ CONSEGUE DESCOBRIR OS 9 ENGANOS COMPARANDO O DESENHO ① COM O ②

(SOLUÇÃO NA ÚLTIMA CONTRACAPA)

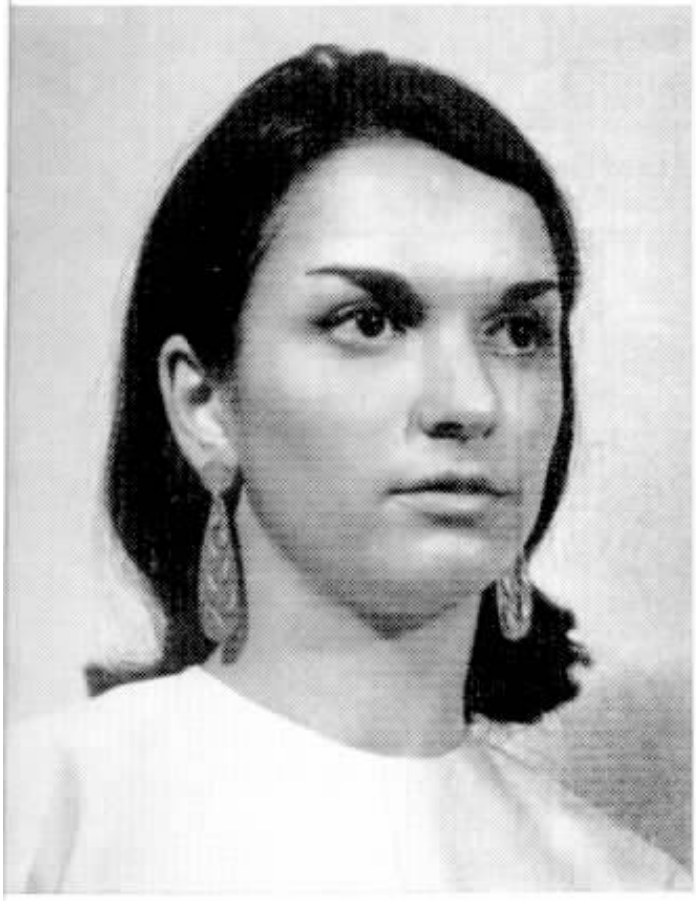
- Teresa, quantas vêzes já lhe disse para não me telefonar quando eu estiver trabalhando?





Este anel compõe-se de uma pedra imitando ágata, prêsa por pequenos ganchos.

Alzira, nossa modêlo dêste número, apresenta um anel em prata, vazado, com pedra.



Brincos - pingentes também em prata, com a base arredondada e incrustações.

Uma grande pedra branca destaca-se neste anel, prêsa a uma base alta e compacta.

MODA

JÓIA MODERNA PARA A MULHER DE BOM GÔSTO

Alzira exibe um sensacional colar de fio de prata, próprio para a noite e só com roupa decotada.

TAMBÉM nas jóias existe o moderno, o atual, o estilo que combina admiràvelmente com a mulher de hoje. Mais baratas que as jóias convencionais, feitas nos mais caros materiais preciosos (ouro, platina etc.), nunca accessíveis aos nossos bolsos, os modelos que hoje apresentamos e que são ressaltados pela beleza suave de Alzira têm outra grande vantagem: são exclusivos, criações únicas, destinadas a dar o toque de "diferente" na complementação da elegância.

Neste verão, é quase certo vermos os modelos que estamos publicando vencerem aquêles tradicionais — pulseiras de ouro, brincos e anéis de pérolas e tôda a linha de jóias em série, que adornam indistintamente as mulheres de todos os tamanhos, idades, pesos e tipos. Porque apesar de tôda essa tradição, é fácil perceber que em matéria de bom gôsto a originalidade é um capítulo importantíssimo, e nada mais batido do que as jóias preciosas, que contam, naturalmente, pelo valor dos materiais que contêm e que, revendidas, fazem reverter o dinheiro que nelas foi gasto. Mas, qual a mulher que compra ou ganha uma jóia para vendê-la depois? Ela existe pelo prazer de ser usada e admirada, e estas que estamos apresentando passam por qualquer prova.

ACESSÓRIOS DE VERÃO SIMPLES E CÔMODOS, COM ALGUNS DETALHES

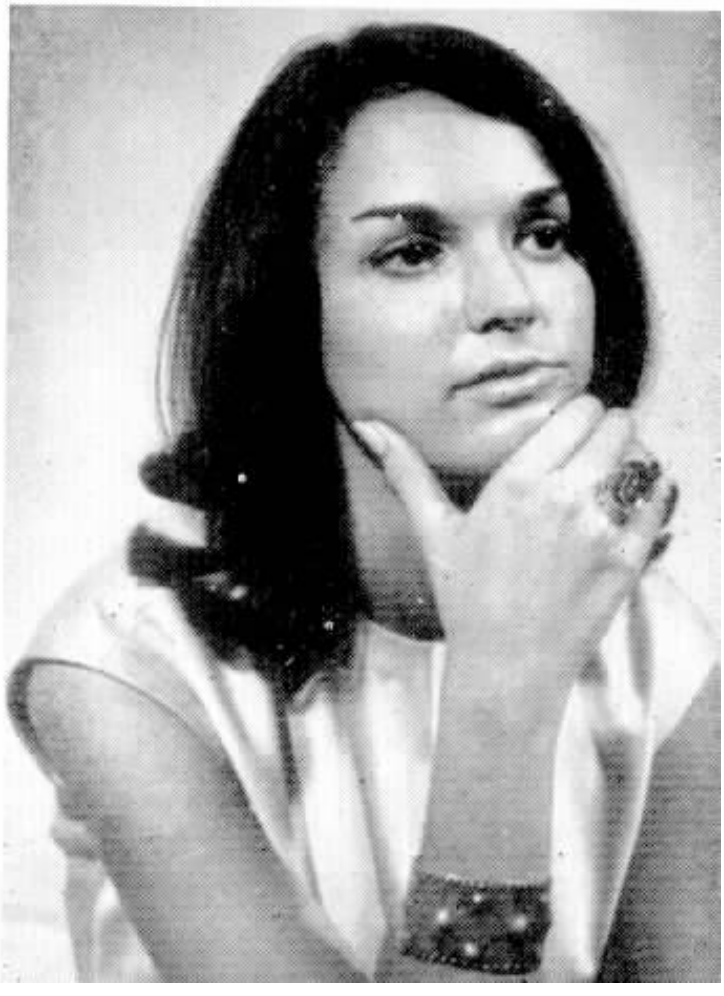
ALZIRA está tôda na moda. Depois de apresentar várias jóias que estão causando sensação entre as mulheres elegantes, e que entusiasmarão, também, nossas leitoras, ela nos mostra, nestas páginas, uma bôlsa esporte, modêlo italiano, que tem a vantagem de poder ser levada ao ombro e no braço, bastando que se dobrem as alças. Acompanha a bôlsa uma sandália em couro cru (material para bôlsas, sapatos e sandálias que ainda está na ordem do dia), com aplicações de pequenas bolas de cobre.

Ainda no terreno das sandálias com aplicações, temos outra, em couro branco com lozangos dourados. Naturalmente, os dias de calor requerem confôrto e comodidade, tanto no vestuário como nos calçados. As sandálias constituem uma invenção fabulosa, mas nunca é demais dar atenção a certos detalhes: elas só são bonitas e elegantes quando novas, ou então muito bem conservadas. Outro problema é o cuidado no andar, numa tentativa para sujar o menos possível os pés, que ficam expostos. Nem é preciso dizer que tôda mulher tem obrigação de trazer os pés e as unhas bem tratados; mesmo que não se use esmalte, é necessário usar uma base ou o incolor, e cuidar de tudo, pelo menos uma vez por semana.

Voltando a falar em jóias, reparem a pulseira e o anel que a nossa modêlo usa nesta página: formam um lindo conjunto em prata, digno de ser usado nos melhores ambientes e com as roupas mais caras. Além das criações que apresentamos em prata, elas podem ser confeccionadas, também, em cobre e latão, com ou sem o recurso das pedras, que nunca são polidas, conservando seu primitivismo. Embora a pedra prêta seja a mais usada, as verdes, azuis e vermelho-sangue destacam-se admirâvelmente nestas peças.

Um dos joalheiros responsáveis por elas é o artista-artesão Caio Mourão, que executa minuciosamente cada modêlo e não os repete jamais. Seu estilo é rústico e a composição de suas jóias é quase sempre primitiva. Para justificar essa preferência, êle costuma dizer: "A jóia é feita para completar a mulher em todos os aspectos. O primitivismo é um dêles." Concordam?

Acima, Alzira apresenta sandálias «mais fechadas, com losangos dourados». Ao lado, ela aparece com um conjunto de bôlsa e sandálias do tipo italiano, esportivo. Embaixo, pulseira de prata tipo escrava, combinando com anel também de prata, onde se destaca uma pedra vermelha em forma oval. Todos êstes acessórios destacam ainda mais a beleza de Alzira.



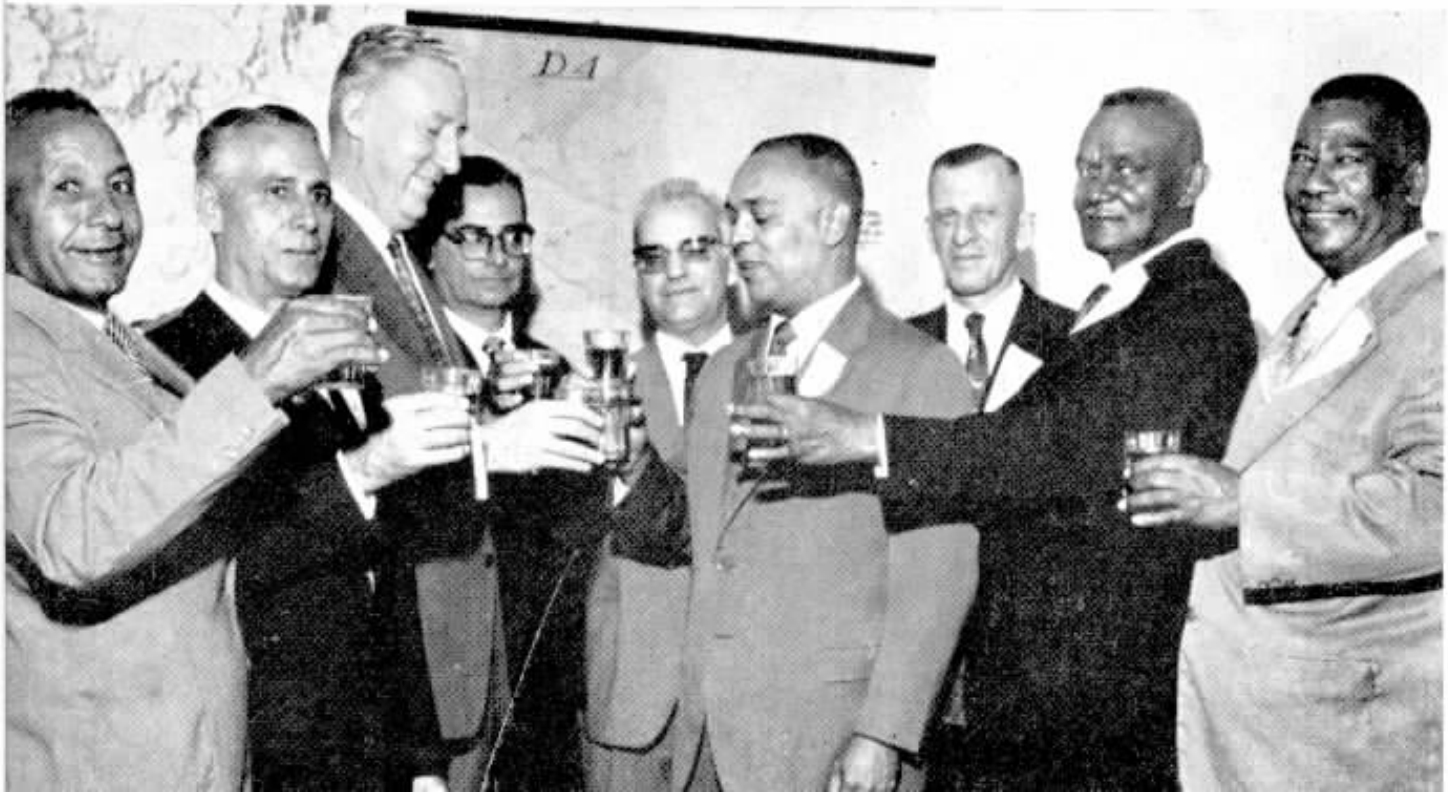
VETERANOS DA GUANABARA

Epaminondas Moreira Lopes fêz 40 anos de C.T.B. Por isso, lhe é colocado à lapela, o símbolo representativo dêsse tempo.

COMO habitualmente acontece, anualmente, foi realizada mais uma bonita festa em homenagem aos nossos colegas veteranos, no edifício sede da Companhia Telefônica Brasileira, no Estado da Guanabara, ocasião em que também receberam os emblemas comemorativos correspondentes às várias etapas de serviço que prestaram, galhardamente, à emprêsa.

Compartilharam da solenidade, Superintendentes Gerais de Departamento e de Divisão, Chefes de Seções e demais funcionários que ali foram prestar a sua homenagem aos veteranos.

A solenidade de entrega de emblemas é sempre um motivo para confraternização. B. J. P. Tancred, Superintendente Geral da Rêde, saúda seus auxiliares que completaram 35 e 40 anos de serviço.



Lindolfo Joaquim Goulart, Superintendente Geral Comercial, veterano de 25 anos de serviço na C. T. B., recebe seu emblema das mãos do Dr. Theodoro Arthou, Consultor Geral.

Ao todo, duzentos e sessenta e um veteranos foram homenageados, sendo saudados por L. A. Latimer, que expressou o valor dêsse acontecimento não só para a administração da Telefônica, que tem sob a sua orientação funcionários capazes, eficientes e que dignificam a organização em que trabalham, como também para o próprio funcionário, que sente a satisfação de completar nova etapa de atividades junto aos seus colegas, num ambiente sadio, de respeito e de camaradagem.

Após a entrega de emblemas que foi feita pelos respectivos superintendentes aos veteranos de seus departamentos, assistiram, todos, a um "show". Nessas promoções do Departamento do Pessoal nota-se o interêsse dos nossos colegas em prestar aos veteranos a sua homenagem, a ela comparecendo e os aplaudindo com vivas palmas.

Para o encerramento da brilhante festa, foi oferecida uma farta mesa com apetitosas e variadas guloseimas e refrigerantes.

Paulo Coelho recebe um abraço sincero de B. J. P. Tancred. É que o veterano Paulo Coelho completou 25 anos de Telefônica.

40 ANOS
Nilo Mello de Oliveira

35 ANOS
Nathalino Gentil

Manuel F. Fernandes e Erothildes C. Oliveira, 35 anos de CTB.

Teofilo de Pontes Filho recebe de Edu Haack, o sim. bolo de 35 anos de bons serviços em nossa emprêsa.

Sorridente, Murilo F. Madeira que completou 35 anos de CTB, é cumprimentado por Marcelo D. Machado.

Bernardo Antônio Ribeiro Filho recebeu de B. J. P. Tancred, o emblema de 35 anos de ótimos serviços.

A família de Milton de Almeida Pereira partilhou da festa dos veteranos. Milton completou 20 anos de CTB.

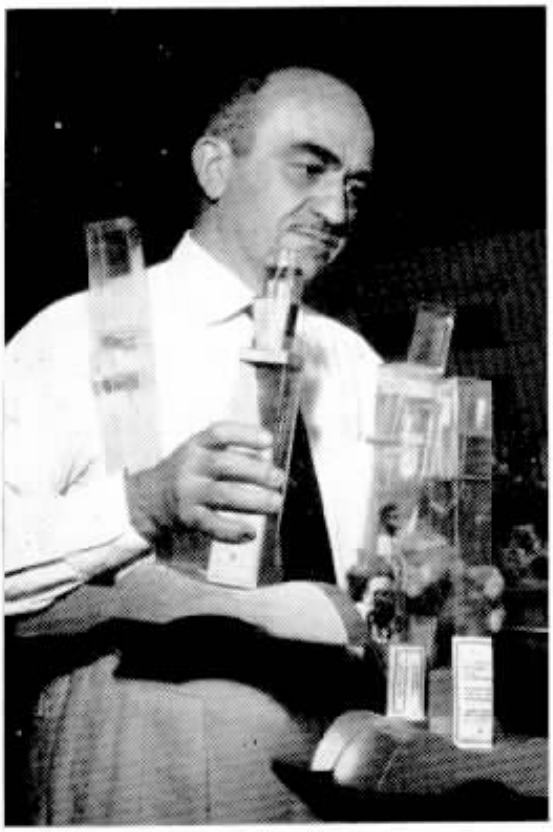
Estas colegas ofereceram um brinde aos veteranos, seus colegas de trabalho, num preito de amizade.

Grande número de pessoas compareceu à solenidade de entrega de emblemas aos inúmeros veteranos.

35 ANOS
José Hermenegildo de Souza

35 ANOS
Mário Cordeiro

João Ferreira Azevedo e José T. Dias, ambos com 35 anos de CTB.



Oldemar Lima de Andrade, de Relações Públicas, obteve o 1º lugar em trabalhos artísticos no setor Diversos. Excelentes.

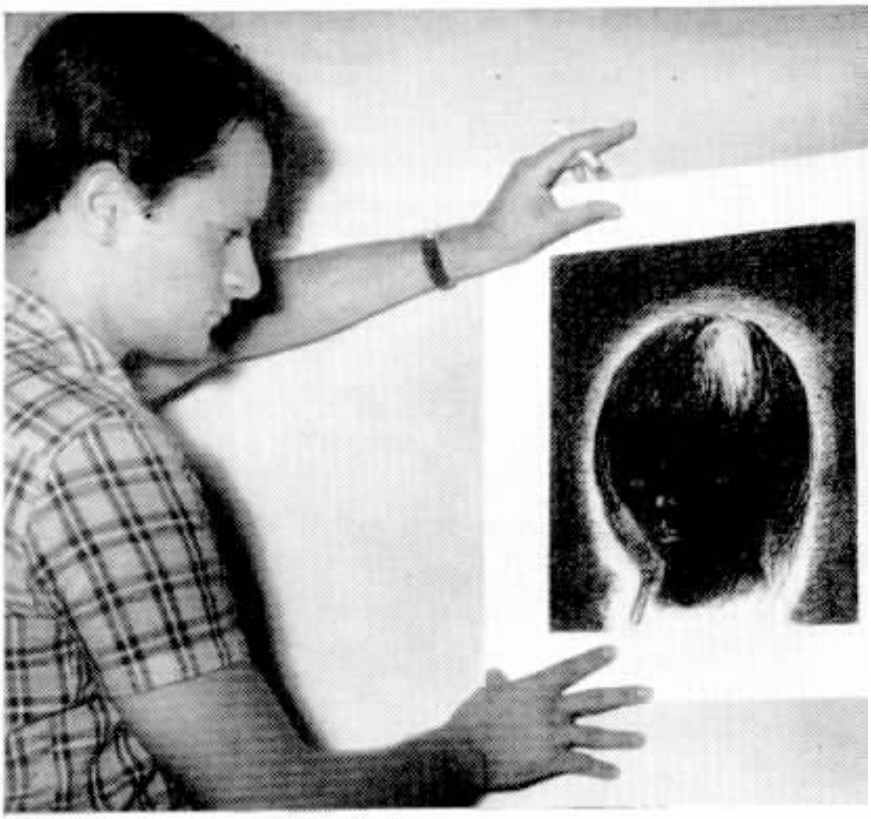
Pierre Ferreira de Sá, dos Estudos da Rêde, recebe das mãos de Wilson P. Cunha o certificado de primeiro colocado no Setor Pintura. Pierre impressionou muito bem a

Salão de Arte Revela Artistas Da CTB

O II Salão de Arte dos Empregados da Companhia Telefônica Brasileira, teve um transcurso brilhante e superior ao I que tantos excelentes resultados tinha alcançado.

As diversas categorias: Pintura, Desenho, Escultura, Caricatura, Fotografia, tiveram expressivos defensores, assinalando-se magnífico êxito nesta Mostra, já realização definitiva no calendário anual de promoções dentro da CTB.

As fotos que estampamos são a prova concludente do êxito dessa iniciativa de valor para revelar a quantidade e melhor que isso, a qualidade dos artistas-colegas.



O primeiro lugar na categoria Desenho foi obtido por Arnaldo Carneiro da Rocha Netto, do Departamento de Engenharia de Expansão da Rêde. Traço firme.

comissão julgadora dos trabalhos, composta dos professôres Carlos Magano, Ubi Bava e Almir Gadelha.

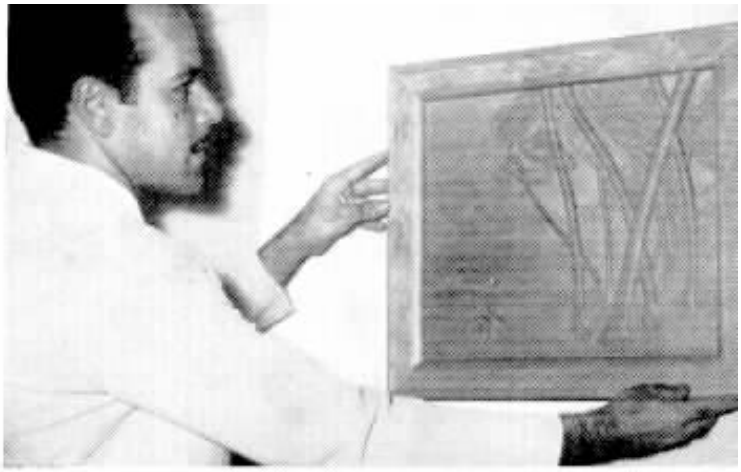
Augusto Flavoni, do Departamento da Rêde de Divisão da Guanabara, obteve o segundo lugar na classe Pintura. Artista magnifico tem na natureza morta, uma excelente e marcante expressão dos seus trabalhos.

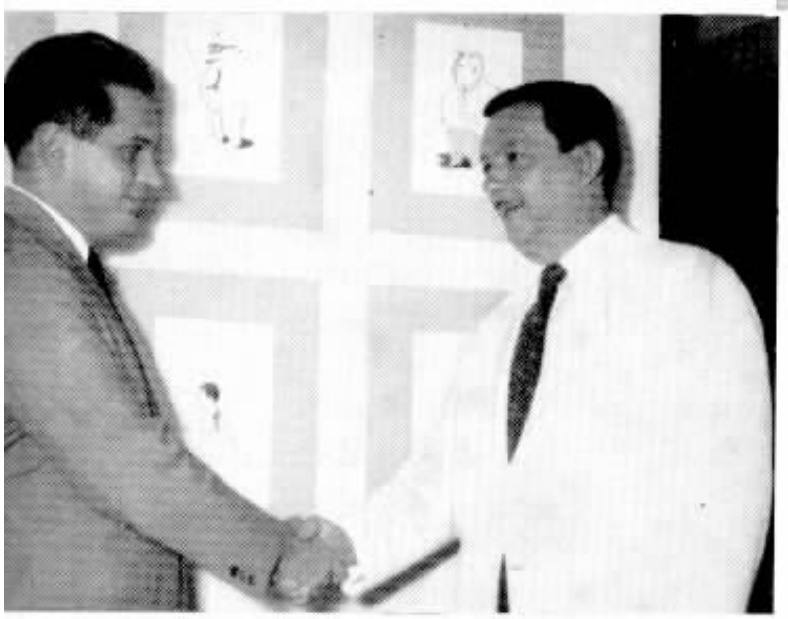
A comissão julgadora formada por artistas de nomeada nacional, teve grande trabalho para chegar aos resultados finais, tantos eram os trabalhos dignos de menção. Nas diferentes categorias houve bem o que julgar. O resultado foi justo e acatado por todos. Valeu.

SALÃO DE ARTE

CONTINUAÇÃO

Haroldo José de Mendonça, do Departamento de Transportes da Rêde, foi o vencedor no setor de Escultura, com belos trabalhos de arte.





Acima, à direita, cumprimentado pelo colega expositor Newton Viana, Ary Dutra de Castro, vencedor em Caricatura. Abaixo, Walkyr Feijó, de branco, 1o lugar em Fotografia, com o expositor Francisco Cortez, destacado atleta.

Abaixo, Américo Nascimento Vidal, dos Estudos da Rêde, destacou-se em segundo lugar na categoria de Desenho.

Abaixo, Gelson Almeida, da Administração da Rêde, de frente, 3º lugar em Pintura, recebe os cumprimentos de Marcos C. e Silva, menção honrosa.

Wilson F. Cunha foi surpreendido ao prestar homenagem à colega Isaura Costa, que se aposentou, ao ver que a festa também era sua e merecidamente. Ambos trocaram lembranças que lhes ofereceu o pessoal do Departamento. Fideli Barbastefano é visto ao centro.

Homenagens, Promoções e Transferências

PELA sua elevação ao cargo de Superintendente Geral do Pessoal, Wilson Pereira da Cunha foi alvo de simpática manifestação de apréço dos funcionários do Departamento Comercial, na ocasião em que também homenageavam a colega Isaura Costa que naquela data deixava a C.T.B. para gozar de merecida aposentadoria.

●

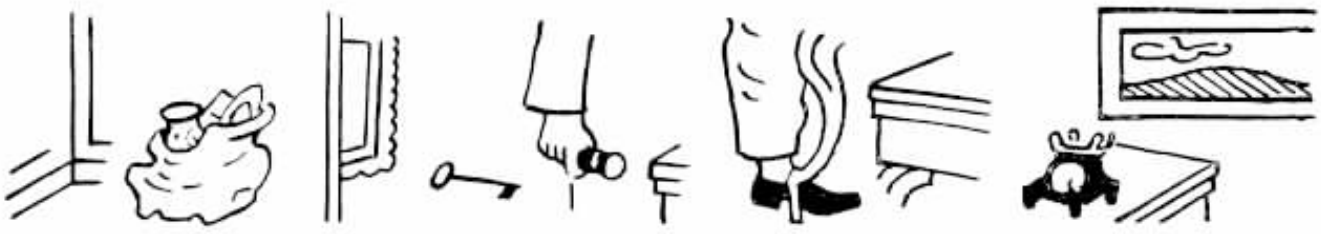
Fideli Barbastefano foi transferido para o Departamento Comercial de Divisão da Guanabara, no cargo de seu Superintendente.

●

Para exercer as funções de Superintendente de Administração Comercial, foi nomeado Waldemar Pires de Lima.

Waldemar Pires de Lima que já ocupou diversos postos de relêvo na organização, foi agora elevado ao cargo de Superintendente de Administração Comercial da Companhia Telefônica Brasileira.

SOLUÇÃO DO «ENIGMA DOS ENGANOS»

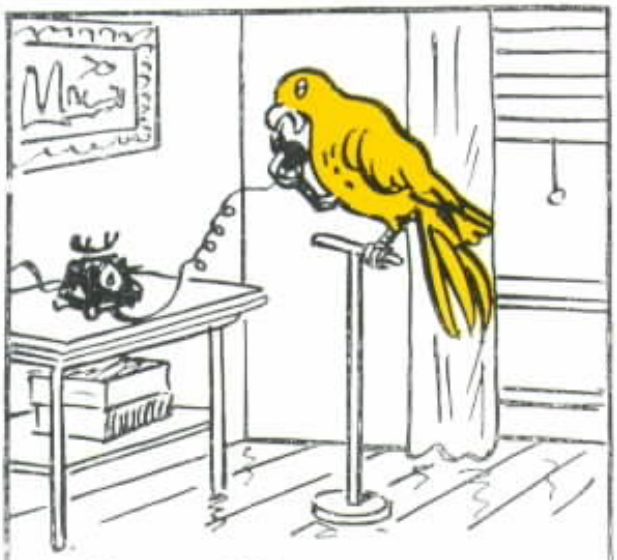


Falta um friso vertical — Aparece uma jarra no saco — Falta a curva no quadro — Uma chave aparece no chão — Sumiu a aba do paletó — Encurtou a calça do ladrão — A gaveta está sem puxador — O fio do telefone sumiu — A segunda colina desapareceu

Sino Humor

através da imprensa mundial

– Eu sei que às vêzes tem água lá embaixo, mas Você exagera.!



– Dona Clara, posso falar com o seu papagaio?

(Campainha do telefone tocando)

–Seria bom se a Ruth telefonasse! Eu a tenho tratado com muito desleixo últimamente...

Sino Azul

Nº 2 — 1962

NO XXXV Nº 2 — 1962

CAIXA POSTAL 450
RIO DE JANEIRO

REVISTA DOS
EMPREGADOS
DAS ORGANIZAÇÕES:

OMPANHIA TELEFÔNICA
BRASILEIRA

OMPANHIA TELEFÔNICA
DE MINAS GERAIS

OMPANHIA TELEFÔNICA
DO ESPIRÍTO SANTO

NOSSA CAPA

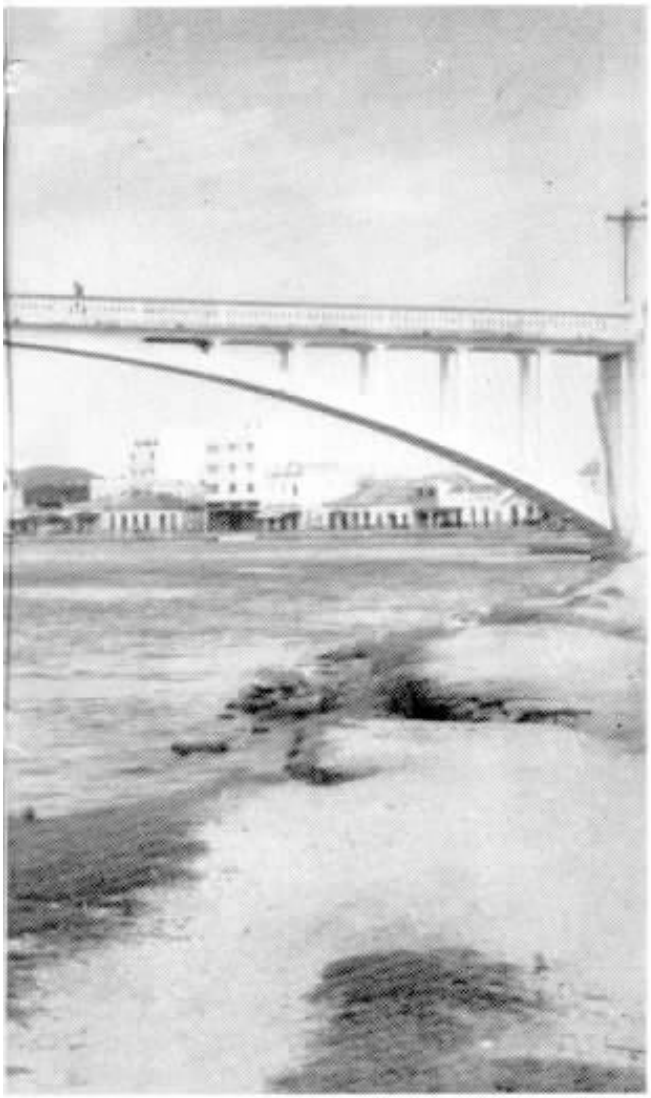
Tôrre do sistema telefônico pela micro-onda, na serra do Curral, em Belo Horizonte, cujo serviço está prestes a ser inaugurado, tornando, assim, mais rápidas, as comunicações da capital mineira com o Estado da Guanabara.

Tendo como bela moldura a famosa ponte de Cabo Frio e, ao fundo, algumas das edificações mais importantes da bela cidade do sal, as co-

Cabo Frio

Costa do Sol

Já foi terra dos Tamôios



legas Dionete Ferreira da Mota e Maria Auxiliadora, numa hora de lazer a aproveitar.

O excelentíssimo prefeito municipal, Dr. Edilson Lopes Moreira Duarte, com a Telefonista-Chefe Nilza M. da Silva.

NO princípio eram os índios os donos da terra. E assim começam as histórias dos nossos municípios. Cabo Frio também foi assim. Primitivamente habitadas pelos Tamôios, suas terras fizeram parte da Capitania de São Vicente e se estendem, hoje, por uma área calculada em 519 km².

E' uma das mais antigas localidades brasileiras, podendo ser considerada como o marco inicial da história do devassamento da velha província fluminense. Dizem que foi Américo Vespúcio quem a descobriu. Aí por volta de 1503, o famoso navegador que deu nome ao continente teria ali aportado e dado nome ao local em que desembarcou: Praia do Cabo da Rama. Essa localidade, segundo os historiadores, é agora chamada Praia do Anjo e fica situada no Arraial do Cabo.

Américo Vespúcio teria mandado edificar ali uma casa de barro, coberta de palha, onde deixou 24 homens, com a finalidade de guarnecer o litoral. Logo após essa visita de Américo Vespúcio, surgiu nas cartas de navegação, o nome de "Cabo-Frio" e de "Ilha de Cabo-Frio". Os historiadores são unânimes em afirmar que o topônimo é proveniente do intenso frio que se constata na referida zona, durante os meses de junho a agôsto.

As terras citadas viram intensas lutas entre os portuguêses, seus defensores, e os flibusteiros e navegadores de outras nações que ali pretendiam abastecer seus navios ou fazer contrabando de pau-brasil, então abundantíssimo na região, e valiosíssimo, também. Nasceu disso, a idéia de construir o forte de São Mateus pelo primeiro governador de Cabo Frio, Estêvão Gomes, em volta de 1616, bem em frente ao primitivo de Santo Inácio, construindo por Constantino Menelau. Nessas lutas tiveram excepcional destaque, Mem de Sá, seu sobrinho Salvador

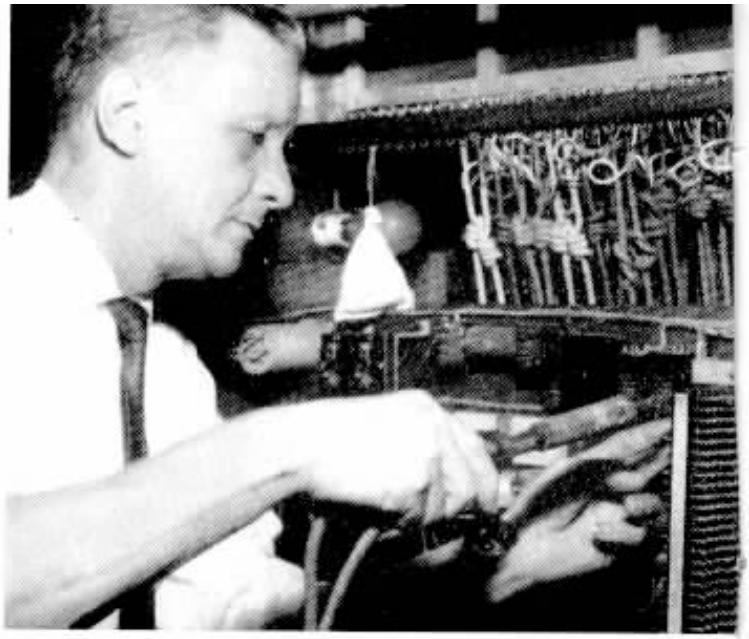
de Sá, e Arariboia, o intrépido e lendário silvícola brasileiro, tão ligado à terra fluminense.

A partir dessa época, levantado de vez o prestígio das armas lusas, intensificou-se a imigração naquelas paragens, como era natural, com predominância do elemento português ao qual muito deve a prosperidade de Cabo Frio. Necessário se torna, também, e muito, realçar o braço escravo do negro, no período anterior à Abolição, que, introduzido pelos senhores, os primitivos colonizadores, muito concorreu para a expansão do lugar. Após a decretação da Lei Áurea, a velha comuna sofreu um colapso em sua organização agrícola, atingindo a atual situação de desinteresse pela lavoura, o que se pode verificar pela sua produção, relativamente pequena, neste setor de atividade econômica. Nota-se, ainda, como importante fator dêsse declínio, o êxodo do trabalhador rural que busca nos grandes centros, melhor remuneração e maior confôrto, ou então deriva as suas atividades para a indústria do sal e para a pesca, que representam os esteios mestres da economia de Cabo Frio.

O município localiza-se na zona fisiográfica da baixada de Araruama e seu território é quase todo plano, não possuindo grandes elevações. Dista 113,2 quilômetros de Niterói, a capital do Estado, no rumo oeste.

De clima agradável e salubre, tem estiagens periódicas que ocorrem entre abril e outubro, verificando-se nos restantes meses, a queda de chuvas torrenciais.

Perto de vinte e cinco mil habitantes são encontrados em Cabo Frio, mas sendo no momento, um dos locais de maior evidência na sociedade do Rio, sendo mesmo classificado como lugar "bem", pela crônica social, essa população, principalmente nos fins de semana é muito aumentada, pela presença daqueles que ali têm sítios de descanço, pelos iatistas e pescadores amadores que a procuram e pelos muitos que ali vão em excursão em busca dos sítios históricos, das múltiplas atrações que realmente exigem a presença de turistas em Cabo Frio, como armações dos Búzios, as ruínas do velho forte de S. Mateus, o Convento dos Franciscanos, a Ermida da Virgem Maria, o pitoresco Bairro da Passagem, o farol do Promotório, as co-



Lino D. Bezerra, de Linhas Interurbanas, tem cuidados extremos com a mesa telefônica, para que se obtenham boas comunicações.

Ivã M. de Souza, telefonista encarregada, ao órgão do Convento de N. S. dos Anjos, dos franciscanos. De pé, Ediléia Silveira, telefonista.

Ao lado, algumas das colegas que mantêm Cabo Frio em contacto telefônico com o Brasil. São de algumas centenas as chamadas registradas, diàriamente, por essas moças.

Num recanto do aristocrático Clube do Canal, jóia da terra do sal, vemos Rosa Maria Andrade.

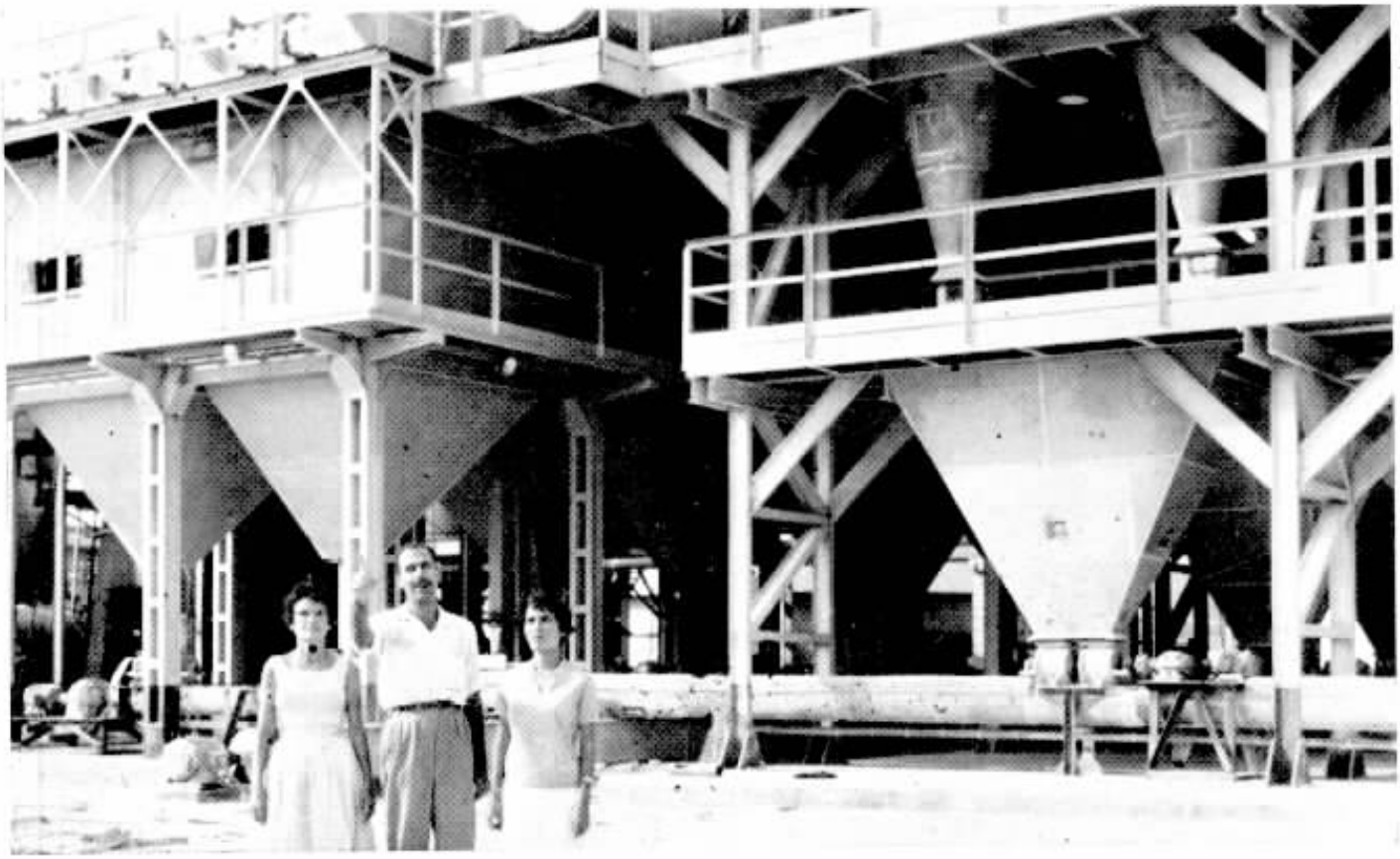
lônias de pescadores, sendo que a pesca da baleia é ali exercida por japonêses, a lagoa de Araruama, as belas praias e tanta coisa mais.

A fundação da cidade de Santa Helena, atual Cabo Frio, data de 13 de novembro de 1615, instalando-se o município em 15 de agôsto de 1616. Cabo Frio, Araçá, Arraial do Cabo e Saco Fora, são os distritos componentes do município. Um jornal semanário mantém informados os seus cidadãos que ali têm um bom hospital, uma agência da Caixa Econômica, bancos, cinemas, ensino de tôda a categoria e até superior. Servida por estrada de ferro e boas rodovias, Cabo Frio é privilegiada.

No âmbito da CTB que ali mantém uma rêde de 350 aparelhos, servida pelo trabalho constante de 19 telefonistas e um guarda-rêde, são registradas, em média, 77 mil chamadas por mês, o que é um movimento bastante apreciável.

Sim, Cabo Frio vale a pena ser vista. Suas salinas, seus pesqueiros, suas alvas areias, constituem uma dádiva preciosa, um quadro tão belo que é inesquecível.

Ao lado, tendo ao fundo um dos iates que constantemente são encontrados no Cabo, a colega Dulce Barbosa Caetano para quem as praias de Cabo Frio, são eterna atração.



A Fábrica Nacional de Álcalis, cujo fôrno de cal viva, aparece na foto, é, também, uma das atrações de Cabo Frio. O Sr. Geraldo Simas, do seu departamento de Relações Públicas, foi o amável cicerone para as nossas colegas Gicelia Melo Garcia e Humbelina Batista que não se cansaram de admirá-la.

João Resende dos Reis aí é visto ao deixar, manhãzinha ainda, o prédio da Companhia, na sua lida diária de competente guarda-rêde.

Ao lado uma visita ao velho forte de São Mateus: Hilda Silva Lage e Alacy Tardelli, num encontro com o passado. Ao alto, Marilucia Soares faz um pedido ao técnico de som da emissora local, Paulino: «Toque êste, sim?» Abaixo, Luzia S. Rodrigues; uma revista para aproveitar bem as horas do descanso lendo as últimas novidades do mundo.

O que dizem de NÓS

COMO sempre fazemos, em todos os números de nossa revista, esta seção é um pequeno espêlho do grande número de manifestações de simpatia, expressa em cartas, ofícios e telegramas, que reconhecem os bons serviços prestados pelos nossos funcionários. São fatos do dia a dia de uma grande organização, traduzidos em palavras de enorme sinceridade e que vêm estimular àqueles que, dentro da CTB, se esforçam cada vez mais, na perseguição dos mais altos padrões do bem servir.

VISITA

A Sociedade Amigos do Núcleo do Instituto de Previdência, em Caxingui, São Paulo, mandou agradecer, em gentil ofício, a recepção dispensada aos integrantes de sua Diretoria Executiva que visitaram a sede paulistana da CTB, percorrendo-a demoradamente, ocasião em que tiveram a oportunidade de conhecer a aparelhagem de que é dotada a Companhia, nos seus modernissimos serviços de telecomunicações.

COLABORADOR EMÉRITO

Por sua ativa participação na Campanha Educativa Contra Incêndios, promovida pela municipalidade de São Paulo, foi a Companhia Telefônica Brasileira distinguida com um diploma de "Colaborador Emérito", outorgado pela Comissão Executiva da Campanha contra Incêndios de 1961, sob a presidência do Vereador Ermano Marchetti, no transcor-

rer de sessão solene realizada na edilidade paulistana.

ESCOLA DE AERONÁUTICA

A Diretoria do Cassino de Suboficiais e Sargentos da Escola de Aeronáutica mandou agradecer à Chefia do Distrito do Serviço Rural, em Bento Ribeiro, Estado da Guanabara, "a consideração das telefonistas" que em dias de severa prontidão naquele estabelecimento militar, coope-

raram ao máximo para mantê-lo em permanente ligação telefônica quando era solicitada.

TELEFONISTA DO ANO

O vereador Jamil Gadia, da Câmara Municipal de Campinas, apresentou requerimento, para que constasse de ata, um voto de congratulações com a senhorita Iracy Maria Vidotti e com o "Diário do Povo", a primeira eleita "Telefonista do Ano" e o segundo, promotor do concurso.

"NÚMERO, FAZ FAVOR?"

No dia que lhes foi dedicado, as telefonistas de Ourinhos, através do "Diário da Sorocabana", tiveram a oportunidade de receber consagradoras homenagens, em crônica assinada por Celso Pinheiro.

VISITA

Diversas instituições situadas em Bauru, ou seja: o Curso de Secretariado do SENAC, Faculdade de Filosofia, Escola Normal Guedes de Azevedo, Escola Normal São José, Escola Normal Liceu Noroeste, Instituto Ernesto Monte, e outros, mandaram turmas em proveitosas visitas às instalações da Companhia naquela cidade, visitas que motivaram ofícios os mais encomiásticos possíveis.

BOA IMPRESSÃO

Professôres e alunos do Instituto de Educação Bento de Abreu, de Araraquara, após a proveitosa visita que realizaram às instalações da Companhia Telefônica Brasileira ali situadas, também agradeceram, por carta assinada por Daisy Pimentel, diretora-substituta, "a excelente impressão causada pelos profundos conhecimentos demonstrados pelos técnicos e a perfeita ordem e organização dos serviços dessa Companhia".

PREFEITO AGRADECE

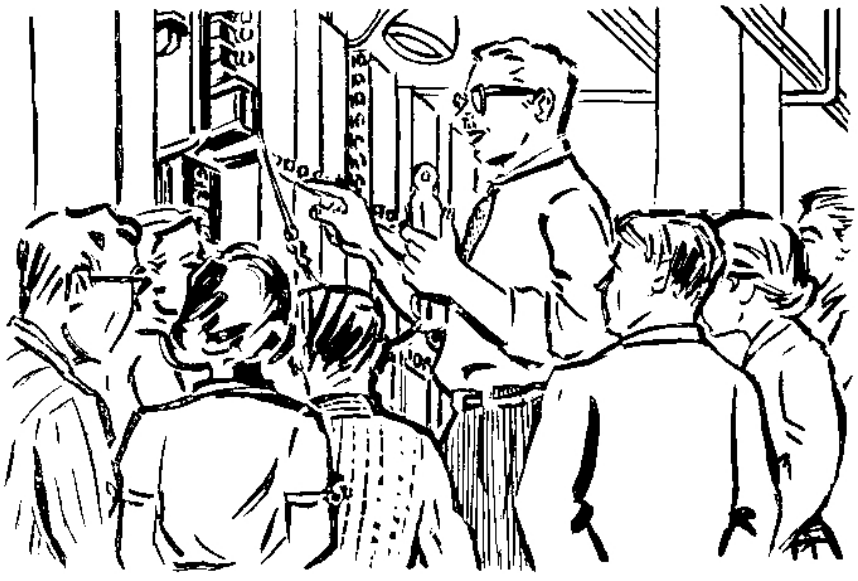
O dr. Adail Nunes da Silva, Prefeito Municipal de Taquaritinga, no Distrito de Araraquara, oficiou à CTB, para cumprimentar gerente e funcionários. "Digno dos maiores louvores o trabalho em conjunto, disciplinado e ordeiro dêsses dedicados servidores que não medem sacrifícios na função de bem servir, com exatidão e pontualidade, os interêsses gerais da população local", como diz expressivamente em seu ofício.

HORROR DESENCADEADO

A Câmara Municipal de Taubaté, Estado de São Paulo, ainda sob os efeitos traumatizantes dos incríveis acontecimentos registrados na Casa de Custódia e Tratamento daquela cidade, com o incêndio propositado de vários de seus pavilhões e depredação de outros, visando uma fuga em massa de detentos, de que resultaram mortes e prejuízos consideráveis, resolveu inserir em ata, vários votos e referências à solicitude e cooperação encontradas, para debelar a situação anormal então instalada. Pelo requerimento 964/61, foi realçado o trabalho da Companhia Telefônica Brasileira que teve transcendental papel naquela ocorrência.

ÀS TELEFONISTAS

A Rádio Barretos, do interior paulista, através de seu popular programa "Um pedaço do Céu", escrito e apresentado por Ricieri Bastos, no dia dedicado às telefonistas, fêz louvores os mais encomiásticos ao telefone e suas dedicadas servidoras.



Interventor em nossa Emprêsa o General Jair Dantas Ribeiro

Sua Excelência, o General Jair Dantas Ribeiro, Comandante da 1ª Região Militar e Interventor Federal na Telefônica.

ATRAVÉS do Decreto nº 814, de 31 de março de 1962, o Govêrno da União decretou a Intervenção Federal na Companhia Telefônica Brasileira, tendo em vista, entre outros consideranda, o artigo 5º, nº XII da Constituição que trata da competência federal para explorar diretamente ou por concessão, os serviços telefones interestaduais, cuja eficiência depende das rêdes locais e, também, a importância das telecomunicações em áreas territoriais onde se concentram serviços públicos federais, cujo funcionamento regular interesse particularmente à segurança nacional.

Como Interventor, foi nomeado Sua Excelência, o General de Divisão Jair Dantas Ribeiro, sem prejuizo de suas funções de Comandante da 1ª Região Militar, o qual tem poderes de nomear, por sua vez, se preciso fôr, delegados de sua confiança para outras áreas operadas pela CTB.

Militar de sólido conceito no Exército, o General Jair Dantas Ribeiro é considerado em todos os círculos, como o símbolo do verdadeiro soldado, homem probo e intransigente nas suas funções, já tendo recusado por diversas vêzes, altas comissões civis, para não se afastar da sua profissão à qual tem dedicado tôda a sua vida.

O General Jair Ribeiro recebeu, ainda, do Conselho de Segurança Nacional, instruções especiais para o bom desempenho das suas funções, instruções estas que prevêm o contrôle geral da Companhia na vigência da intervenção e a apresentação de relatórios mensais da situação dos seus trabalhos, ao Govêrno, por intermédio do Secretário Geral do Conselho de Segurança Nacional.

Secretária

Indispensável Colaboradora

Stela Lemos vem grangeando a admiração de seus chefes já há vários anos. Desempenha as suas funções na Superintendência do Tráfego de Divisão da Guanabara.

A Secretária, eis um bom tema para reportagem. E reportagem difícil, diga-se, a obrigar o repórter a acompanhar o mundo ativo dessas figuras indispensáveis à complexa engrenagem da vida atual.

A primeira secretária de que se tem notícia, chamava-se Lilian Sholes, norte-americana, que, em 1873, deu magnífico exemplo de eficiência feminina, criando uma nova classe de trabalho. E que o exemplo foi bom, depreende-se da enorme quantidade de secretárias que foram aparecendo, acompanhando a história de tôdas as grandes organizações, com outras tantas histórias de paciência, dedicação e eficiência.

O tempo foi o grande autor da obra

Atendendo aos inúmeros afazeres do dia, Maria Conceição Farias Dantas, colega de São Paulo, é um exemplo magnífico da boa secretária. Gosta do cargo a que se dedica.

Eugênia de Barros, do Departamento de Suprimentos, chega ao serviço para mais um dia de intensa e profícua atividade.

Maria Amélia, do Tráfego de Divisão, Estado da Guanabara.

No refeitório da Telefônica, em S. Paulo, as secretárias, como os demais funcionários da Companhia, fazem pausa para o almôço.

Secretária, elo imprescindivel numa

de colaboração do chamado sexo frágil, nas importantes administrações.

Essa colaboração foi, dia a dia, tornando-se indispensável, graças justamente ao apurado espírito da mulher, aos seus dons para a delicada função a que nos reportamos.

Há dois tipos de secretárias: a administrativa e a particular. A primeira, como qualquer outro empregado, via de regra tem horário com ponto marcado e seu trabalho está estritamente ligado à função para a qual foi designada. Já a secretária particular é uma espécie de sombra do patrão ou do chefe a que está subordinada. Sempre ao seu lado, acompanha-o às vêzes até em suas viagens de negócios. E' uma conselheira importante, pronta a resolver até assuntos de importância ligados aos interesses da emprêsa. A saude do chefe não tem

Marlene Couto Gonçalves e Edith Carina Abreu Mangueira, à frente.

Tôda a grande correspondência, acrescida da documentação de rotina, é catalogada e arquivada por Maria Cristina Gallimore.

Albina F. Vasconcelos, secretária no Dep. de Engenharia.

Eunice Dantas Potten, outro bom exemplo de eficiência.

organização

segredos para ela que conhece as exigências feitas pelo médico e zela para que elas sejam acatadas. E' a responsável por uma infinidade de tarefas que a transformam na peça indispensável à boa harmonia do serviço.

Em nossa organização, trabalham dezenas de secretárias, distribuidas pelos vários departamentos, tanto na C. T. B. da Guanabara, como na do Estado do Rio e na de São

Nadir da Costa Pinto, do Comercial, na Guanabara, parece meditar. O trabalho é complexo e, às vêzes, apresenta problemas.

Outro nome conceituado entre as secretárias veteranas de São Paulo é o de Hercília Dias Ladeira. Sua experiência e zêlo pelo cargo que ocupa, tornaram-na admirada por todos, sem exceção.

Zadda Vergolino tem sempre um sorriso, em qualquer ocasião.

Paulo, a exemplo daquelas outras secretárias familiarizadas com o serviço telefônico que desenvolvem as suas atividades na CTMG e na CTES. Algumas são veteranas com um punhado de anos de bons serviços prestados a seus chefes que têm nelas auxiliares eficientíssimas e prestimosas.

Dão-nos as secretárias da Telefônica, uma prova cabal do alto espírito de colaboração e eficiência que possuem, mostrando-nos, também, o que significa o trabalho da mu'her, um misto de permanente paciência, cuidado de pormenores, eficiência pessoal, dedicação e boa vontade, numa emprêsa de telecomunicações.

Albertina de Almeida Pôrto tem, diante de si, o catálogo telefônico, precioso auxiliar indispensável às suas funções.

A elegância e a simpatia cativantes de Aurora Martinho. Requisitos importantes para uma secretária.

Acima, sorriso franco e despreocupado de Mercedes Medeiros, do Departamento do Pessoal, no Rio. Ao lado, Elise Fortunato, outra apreciada colega de São Paulo.

Após o desfile — e os aplausos entusiasmados — elas aparecem em grupo. Tôdas elegantes.

Modelos na Passarela: Sucesso Completo

NUMA festa realizada nas dependências da C. T. B., no Rio, presidida por Carlos Reis Filho, Diretor, à qual compareceram Superintendentes Gerais e outros colegas, treze moças bonitas desfilaram sôbre uma passarela, 29 modelos de última moda de verão. Essas moças faziam parte da turma de 57 alunas que concluiu o Curso de Corte e Costura do ano de 1961, promovido pelo Departamento do Pessoal e Segurança no Trabalho, na Guanabara, e dado pela professôra Auzenda Martins de Almeida. E elas mesmas fizeram os vestidos com que desfilaram, numa comprovação de que as aulas alcançaram o mais absoluto sucesso: de agora em diante, elas são responsáveis por sua própria elegância, e podem se orgulhar disso.

O desfile foi assistido por muita gente, que não pôde deixar de ficar surpreendida com o jeitinho todo especial, de autênticos manequins, das meninas da casa. Deir Leal, que também desfilou, organizou o desfile.

Cleusa Barbosa dos Santos foi a oradora da turma de diplomadas e agradeceu em nome de tôdas as alunas de 1961.

Acima, o Sr. Carlos Reis Filho, Diretor, entregando uma lembrança à professôra Auzenda Martins de Almeida. Abaixo, Deir apresenta, com garbo, o modêlo «Promenade», vistoso conjunto.

Elisa aparece num elegante «slack» denominado «Jeunesse», em linho branco com pespontos em vermelho.

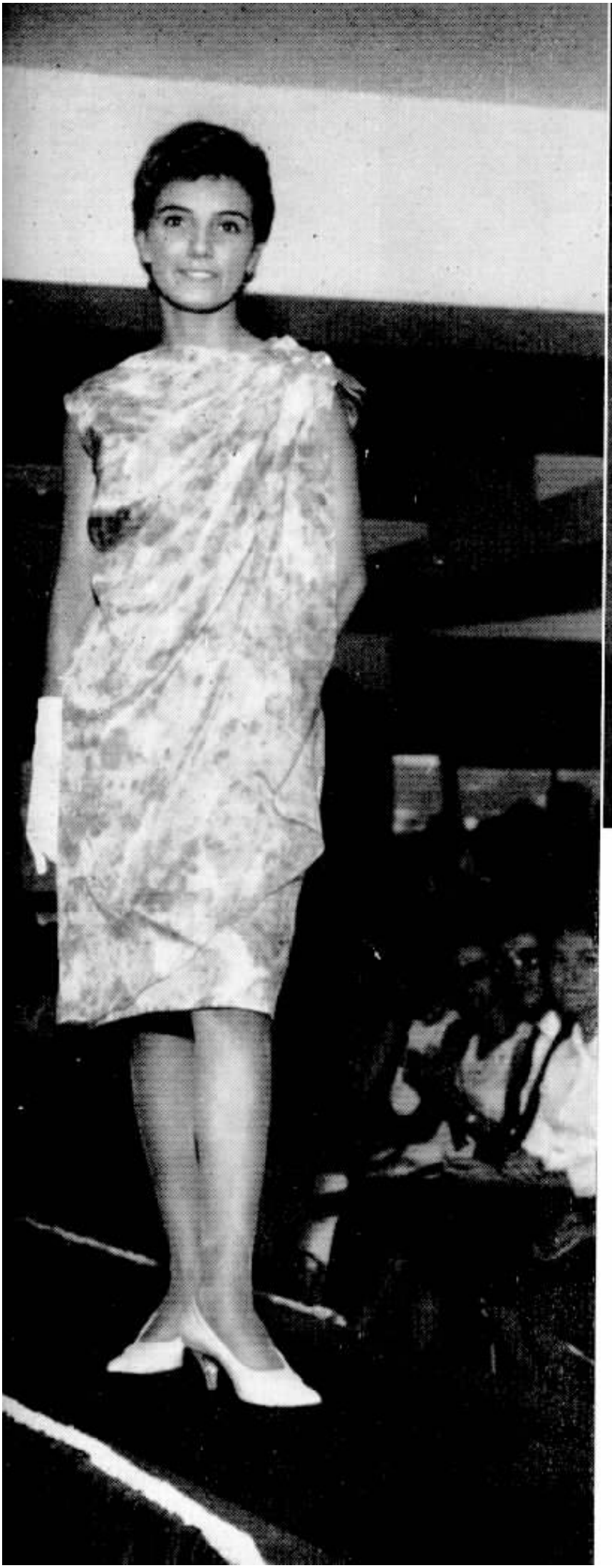
Este é um dos belos modelos para a noite, apresentado por Lúcia: gaze verde, justo, pano sôlto plissado.

DESFILE DE CLASSE E BOM GÔSTO

O DESFILE constou de modelos esportivos, passeio e toalete, nos mais variados padrões de tecidos, desde o linho até à sêda pura, passando pelo cetim de algodão, popeline e rayon. Predominaram as côres lisas e os estampados eram suaves e em desenhos pequenos, numa mostra da moda de verão do corrente ano.

Além de demonstrar que as colegas estão inteiramente integradas no espírito da moda, o desfile veio comprovar que existe um bom gôsto também para os assessórios, que funcionaram admiràvelmente com os trajes apresentados. Por outro lado, a maneira de andar, de "dar a voltinha" dos autênticos manequins foi observada, dando a impressão de um desfile de profissionais. Classe foi a nota dominante.

A variedade dos nomes dá bem a mostra da diversidade dos modelos: Promenade, Capri, Jeunesse, Sabrina, Dernier Cri, Yankee, Chinoise, Printemps, Rondinella, Pôsto Dois e Meio, Dry Martini, Bianca, Gigi, Topaze, Pret-à-Porter, Amore Mio, Vanité, Vent-Vert, Fetiche, Sortilége, Nouvelle Vague, Soirèe Blanche, Plaisir, Green Serenade e Crepúsculo foram apresentados em sucessão, todos êles admirados por sua categoria e pela perfeição do acabamento.



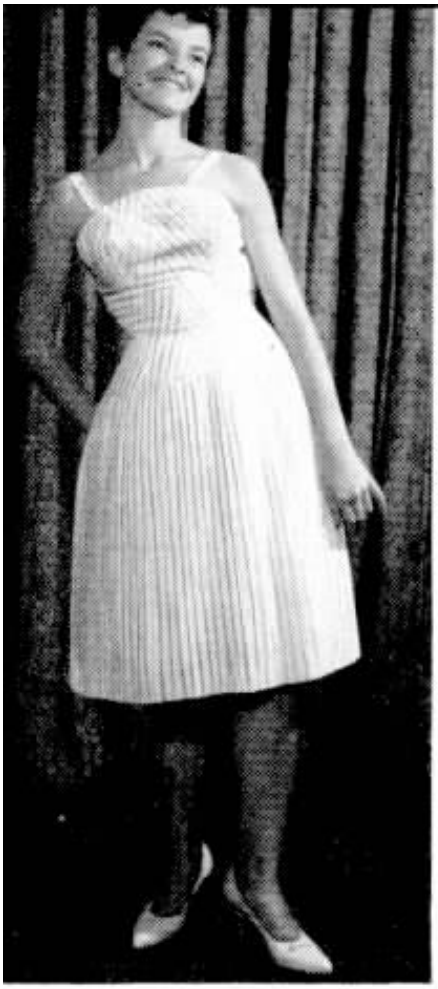
Deleida veste o modêlo Bianca, em rayoné branco. Saia um pouco evasée e blusão com mangas três quartos.

Foi um dia de festa para as colegas do Curso de Corte e Costura.

Seria difícil destacar qualquer dos manequins, pois tôdas fizeram sucesso. Em relação aos modelos, acontece o mesmo — formaram um conjunto harmonioso, cada qual dentro do seu estilo, tendo como nota comum o bom gôsto e as linhas modernas, rigorosamente atuais, da elegância 1961-1962.

Nos conjuntos esportivos, a leveza e a jovialidade; nos modelos de passeio, a simplicidade bem feminina; nos trajes de noite, o requinte discreto, realçado por detalhes ou pelo próprio tecido.

À esquerda, ultra elegante é o modêlo que Deir veste, em mousseline «imprimé» azul e branco. Drapeado sôlto na frente que termina num apanhado sôbre o ombro esquerdo.



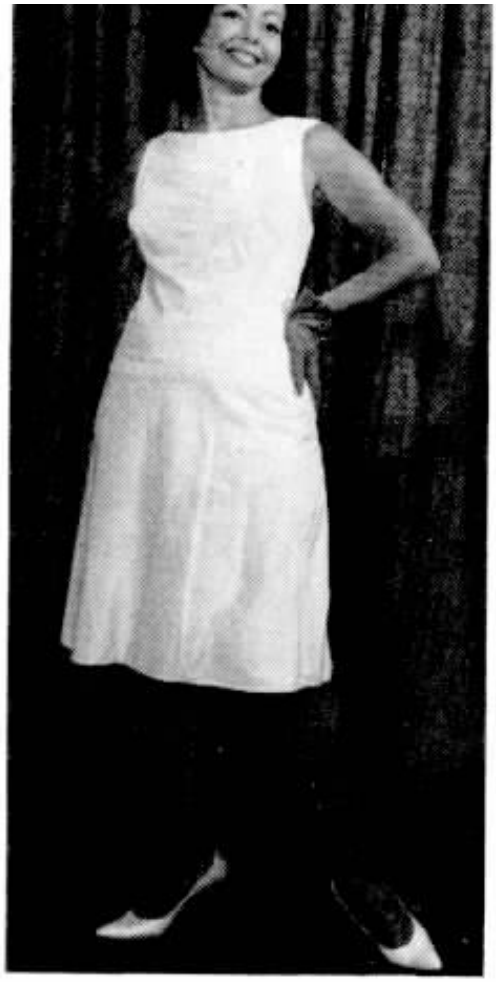
A esquerda, primeira foto, Elisa apresenta Itapoã: vestido de alças, em popeline listrada azul e branco, e cintura comprida. No corpo as listras são enviezadas e a saia é totalmente pregueada. O modêlo é bem juvenil e é ótimo para as manhãs e as tardes de sol, devendo ser usado com complementos brancos. Por outro lado, nada de colares ou broches, que não se adaptam a vestidos de alças.

A esquerda, segunda foto, Maria Alice aparece com mais um listrado: Itapoã, também em azul e branco (dois tons de azul) e em listras mais largas. No corpo elas são enviezadas, formando o modêlo, alças, só a partir dos ombros e um decote em V. O bolero é aberto na frente e tem um laço branco aplicado. Decote redondo prêso ao pescoço e mangas curtas completam

A esquerda, primeira foto, Olímpia apresenta um modêlo semi-toalete, denominado Taiti. Em cetim de algodão de vários tons de azul, formando listras enviezadas, o modêlo é reto, sem cintura, que fica marcada apenas pelo cinto, dando um pouco do estilo «blousante». Muito simples, sem mangas e com decote arredondado junto ao pescoço, o feitio requer um bonito colar de contas em várias voltas e luvas brancas.

A esquerda, segunda foto, o modêlo Capri, apresentado por Deleida. Trata-se de um conjunto composto por calça «Príncipe de Gales», nas côres havana e branco, e blusão em linho grosso, branco, de mangas três quartos. Os detalhes do blusão são a grande gola em pontas e dois bolsos em tecido aplicados na altura da barra. Ele combina ôtimamente com sapatos de duas côres, branco e havana escuro, pespontados.

A direita, primeira foto, o ultra-chic Vanité, em rayon de sêda pura «perlé». Corpo comprido e saia evasée marcam a sua linha bem discreta, além da cava bastante acentuada. O decote é arredondado, formado por uma tira enviezada que vai se abrindo nas costas. Para complementar êste modêlo, sapatos lisos, também «perlé», luvas de camurça marrom e uma pequena carteira. Olímpia está pronta para um compromisso à noite, e como vêem, elegantissima.



A direita, segunda foto, Gigi, apresentado por Cremilda, em linho rosa. Modêlo duas peças, com saia evasée e blusão de mangas três quartos, fechado na frente com três grandes botões de madrepérola. O decote é redondo, justo, completado por um colar de pérolas de várias voltas. Detalhe: duas pequenas aberturas na barra do blusão, na linha das «pences». Sapatos côr de gêlo e aí está uma elegância bem discreta e suave.

A direita, primeira foto, vemos Maria Lúcia no modêlo «Five o'clock» — um chemisier em tergal estampado, totalmente plissado a partir do busto. A cintura ajustada dá o toque «blousante» e o feitio é completado por uma pala larga no colo, sem mangas e com decote reto. E' o chamado modêlo de coquetel, ao qual se adapta um colar de contas pequenas e finas. No estampado predomina a côr havana, que é também a côr ideal para os complementos.

A direita, segunda foto, Célia mostra outro modêlo bem toalete, em rayon de sêda branco. A característica principal dêste modêlo duas peças é o blusão bem comprido, que vem até abaixo dos quadris e toma a forma evasée. Êle é também sem mangas e tem decote reto, e como detalhe apresenta uma grande rosa prêsa num dos lados da cintura. A saia é justa e as luvas, como complemento, são de côr bem contrastante, assim como o sapato.

REI MOMO DEU O GRITO DE CARNAVAL

Quando os gôrdos se encontram... Rei Momo, diante da rotunda e popular gordura do colega José Salema, no Rio, não pôde esconder a sua admiração. E Salema, a «rigor», não ficou para trás em animação. Mostrou que é um bom carnavalesco.

A gurizada compareceu em massa, pronta a dar o seu quinhão, na festa promovida pelo Telefônica Clube em São Paulo.

O CARNAVAL é, de fato, a maior festa popular do Brasil. À sua chegada, com todo o seu aparato monárquico, sua côrte, suas rainhas e princesas, paradoxalmente se estabelece a mais soberana das democracias, nivelando tôdas as classes, raças e atitudes. No âmbito dos clubes da C.T.B. no Rio e em São Paulo, mais uma vez, em 1962, isto se pôde comprovar, com a presença, no Rio, do Real e Augusto Soberano, Sua Majestade, o Rei Momo I e Único que ali foi dar o "grito" da Folia. E todos obedeceram.

A esquerda, um flagrante entre os «brôtos» e, à direita, aspecto parcial do grande salão, tomado pelos foliões na grande festa de Momo, do TC, em S. Paulo.

À FAMÍLIA TELEFÔNICA

O pequeno romano «paulista», apesar de bem acompanhado por outro «patrício» e por duas belas baianas, custou a pegar animação. Mas o Carnaval contagia e depois, foi... pulou, sambou e cantou

Acima, ao alto, uma chinesa que o Carnaval deixou ver bem autêntica. Embaixo, uma espanhola menos autêntica, na nacionalidade, mas igual na animação, sucessos em S. Paulo, como se pode notar.

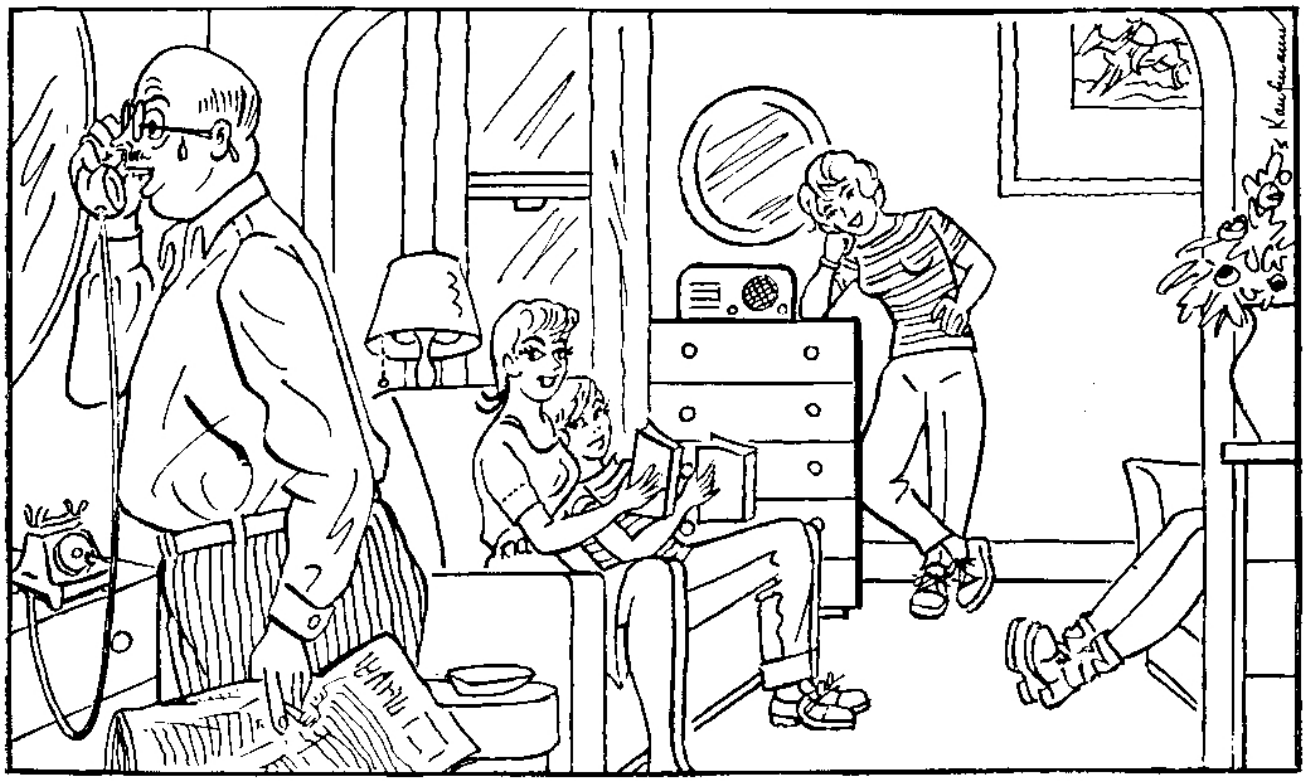
Colegas Fazem Teatro e Conquistam Prêmios

OS Guanabarinos, grupo teatral formado por maioria de funcionários da Companhia Telefônica Brasileira, concorreram ao II Festival de Teatro Infantil, do Estado da Guanabara, com a peça "O Consertador de Brinquedos", de autoria da conhecida poetisa Stella Leonardos. Conquistaram êles os nove primeiros prêmios, sendo um do Serviço Nacional de Teatro, no valor de cem mil cruzeiros, como o melhor espetáculo e, os outros, a saber: a melhor peça; diretor de peça, Hélio Neri; ator, Ary Sécca, que é visto ao lado defronte ao espêlho caracterizando-se; atriz, Claudia Luna, que aparece nesta página como figurou na peça premiada; iluminação, Francisco Valente, que se nota à direita no afã que lhe deu a primazia no festival; cenário, sonoplastia e guarda-roupa, coube ainda a Hélio Neri que, ao lado, mostra à colega Lizete A. Rocha, um dos valiosos prêmios que recebeu.

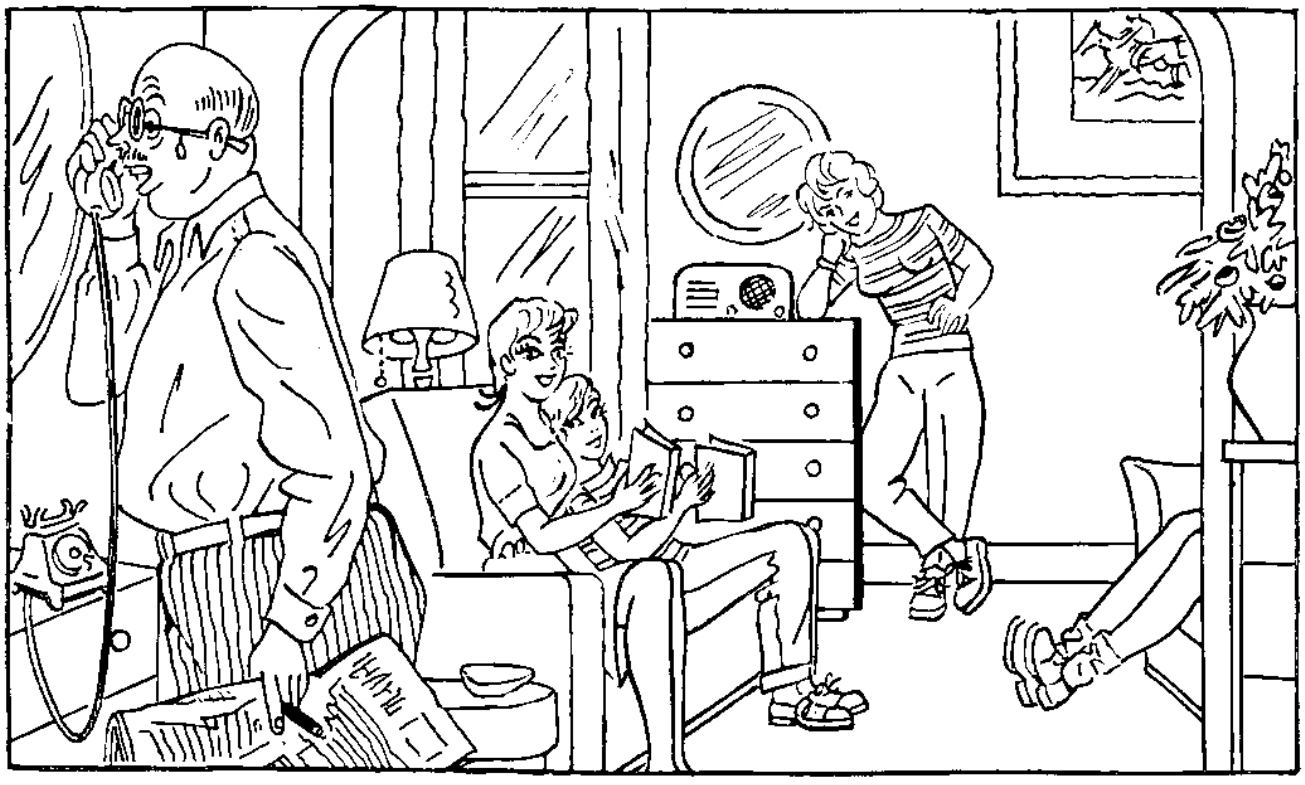
ENIGMA dos ENGANOS

VEJA, CARO LEITOR, SE VOCÊ CONSEGUE DESCOBRIR OS 9 ENGANOS COMPARANDO O DESENHO ① COM O ②

(SOLUÇÃO NA ÚLTIMA CONTRACAPA)



Certamente que o Sr. poderá casar-se com minha filha, mas com qual delas?



Junto a alguns dos objetos, confecções e trabalhos diversos, expostos, algumas das alunas dos diferentes cursos de Corte e Costura, Arte Culinária e Horas de Lazer, mantidos pela CTB em S. Paulo

VI Exposição de Trabalhos Manuais em São Paulo

AS nossas colegas de São Paulo, alunas dos cursos de Corte e Costura, Arte Culinária e Atividades de Horas de Lazer, orientados pelo SESI, promoveram a VI Exposição de Confecções e Trabalhos Manuais, levada a efeito na séde do Telefônica Clube, contando o empreendimento com a gentil colaboração dos decoradores da Casa Anglo-Brasileira, antiga Mappin Stores.

O ato inaugural teve a presença de D. Isney Isabel Gurgel e do Sr. Christóvão de Castro, pelo SESI, superintendentes e outras colegas da CTB. Na ocasião foram entregues certificados de conclusão dos cursos citados.

Dona Isney Isabel Gurgel, representando o SESI, teve a agradável tarefa de desatar a fita simbólica que inaugurou a Exposição. A seu lado, José Portugal Gouvêa, Diretor-Superintendente Comercial do Interior de S. Paulo. Mais uma bela realização no gênero.

Rosa Benedicta Diniz, escriturária, parece esperar a opinião de sua colega Alcina G. J. Luiz, sôbre o trabalho que executou para a exposição. Alcina gostou bastante.

A direita: excelentes foram os trabalhos exibidos, revelando a habilidade dos nossos colegas. Sarah Ferrari, aprecia um animal feito de pano para ornamento caseiro.

Acima, flagrante da entrega do certificado de Corte e Costura à colega telefonista Célia da Silva, pela representante do SESI, D. Isney Isabel Gurgel. A mesa, outras autoridades. Ao lado, Lucia Varella e Maria A. Salla, vêm bolsas.

Lydia Martha Weidman Baltruk, colega enfermeira, do Departamento do Pessoal, completou o Curso de Arte Culinária e mostrou exuberantemente tudo quanto aprendeu. Aprovada com distinção.

Iza Valença, colega telefonista, nas horas de folga, aprendeu a arte culinária e demonstra, na foto, para nós, como procede, cheia de cuidados e de esperanças, quando abre o forno onde assou delicioso pitéu preparado com as receitas aprendidas.

O Telefone do FALECIDO BRANDÃO

conto de Guilherme Figueiredo

SEM desprêzo ou ofensa para com os senhores diretores e empregados da Companhia Telefônica Brasileira, da qual fui honrado, feliz e pontual assinante, começo por declarar que o meu aparelho possuía um singular defeito. Cheguei a chamar, por algumas vêzes, o competente cavalheiro encarregado de examinar os telefones; o qual, após uma vistoria clínica e mesmo anatômica, sempre declarava que eu estava redondamente enganado. Por várias vêzes expliquei-lhe que não me chamo Brandão — e êle retrucou que a Companhia sabia perfeitamente disto, tanto que, no competente catálogo, lá estou consignado como Campelo. Campelo com um "l", vírgula Antônio Farias, nomes recebidos na pia batismal, de minha mãe e, para efeitos de índice em primeiro lugar, Campelo, como sou conhecido na loja, no clube (onde os íntimos me chamam de Campelinho, para catucar o meu complexo proveniente da minguada estatura) e na roda de buraco de Dona Alda Silvestre, que freqüentava nos primeiros dias de cada mês. Nos dias seguintes, quando o ordenado já não dava para o prazeroso buraco, ficava em casa lendo romances policiais, geralmente retirados da biblioteca do clube. Pois foi justamente nessas ocasiões que o meu telefone tilintou; deixei o detetive Poiret em suspenso, atendi:

— Alô?

E uma voz feminina, do outro lado do fio, indaga:

— Brandão?

Já disse que não sou Brandão, mas a voz insiste. Digo o número do meu telefone; ela o repete, igualzinho; insisto em que "é engano"; ela chegou a retrucar que a minha voz é do Brandão. E chama de nôvo. A princípio pedia desculpas e até achava graça:

— A sua voz é igualzinha à dêle.

— Juro que a senhora está enganada.

— O número é o mesmo.

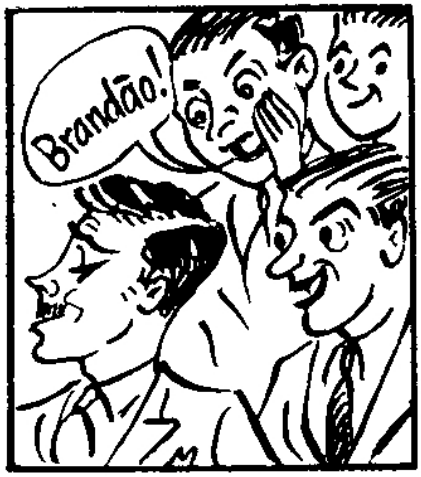
— Não pode ser. Consulte a lista e veja lá: Campelo, Antônio Farias.

Parece que ela consultou, porque telefonou de nôvo para se desculpar e acrescentar que, no entanto, tinha o número daquele Brandão exatamente como o meu — e a minha voz era a voz do Brandão. Depois disto, deixou de telefonar por uns tempos, o que me fêz crer que houvesse descoberto o engano, e já andasse a telefonar para Brandão, deixando Campelo em paz. Como, porém, voltasse a chamar, tornei a me valer dos préstimos do caritativo empregado da Telefônica. Êle alvitrou a possibilidade de uma dessas impertinências de mau gôsto a que chamam "trote"; refleti que, para ser trote, a troteadora tinha muito pouco espírito, já que nada dizia de gaiato e apenas trocava o meu nome.

Cometi a imprudência de contar o fato a algumas pessoas, na loja, no clube, no buraco; e um amigo, gaiato freqüentador dêsses três lugares, um dia gritou por mim, bem alto:

— Brandão!

Não atendi, mas riram. A piada pegou. E volta e meia sai-se um palhaço a



dizer: "Como vai, Brandão!", ou "Joga, Brandão...», ou "Conhece aqui o nosso Brandão?". É incrível como uma piada bôba circula muito mais do que uma boa piada... Uma tarde, dançando com uma jovem que pela primeira vez ia ao clube, ela me disse: "Seu Brandão, o senhor dança muito bem..." Diante do elogio, não quis corrigir o nome; e como a jovem fôsse desembaraçada e mesmo irreverente, ao fim de alguns minutos me pespegou esta:

— É pena que o senhor se chame Brandão...

— Por quê?

O que me irritou na brincadeira não foi a constatação de minha pouca altura, mas o fato de verificar que eu, inconscientemente, havia admitido que meu nome era Brandão.

— Tão pequenininho... O senhor devia se chamar Brandinho.

Larguei a jovem num canto e voltei aos romances policiais. E mal Poiret saíra a descobrir o fio da meada, lá veio o tilintar do telefone.

- - Alô?

- - Brandão?

Subiu-me um desafôro, que a boa-educação mandou estrangular na garganta. De qualquer modo, indignado, explodi:

— Minha senhora: desista de telefonar para êste número à procura dêsse Brandão! O Brandão morreu!

Antes que ela desligasse, teria eu ouvido um soluço? Provável porque meia hora depois a voz chamou de nôvo:

— Por favor, meu senhor... o senhor me desculpe... O Brandão morreu mesmo?... De quê?... Como foi?... Coitado...

Engrolei que Brandão tinha morrido havia meses; que eu era primo dêle e me chamava Campelo; e por ser primo é que possuía a mesma voz. A mulher entrecortava as palavras, emocionada, gaguejava, suspirava... Queria pormenores da morte de Brandão. Inventei os pormenores, que geraram novos soluços. Por fim eu já admirava e invejava aquêle defunto capaz de arrancar tanta dôr de um coração feminino. Quando ela me pediu, como caridade, que eu consentisse em novos telefonemas, só para que ela ouvisse a voz do irrecuperável Brandão, decidi ir no dia seguinte aos escritórios da Telefônica suplicar, como uma graça especial, que mudassem o número do meu aparêlho. E fui, de raiva, também, porque nunca mulher alguma havia demonstrado tamanho amor para comigo, tamanho desespêro ao perder-me, tamanho desejo de ver-me, de ouvir-me, de chamar-me, tamanha teimosia em ligar para um único número entre centenas de milhares de assinantes, e justamente o número que não era Brandão, para chamar aquêle felizardo e perdulário Brandão... O meu número de telefone, eu o dera a várias pequenas, a diversos pretextos, escrito em cartões de visita: com a promessa de emprestar livros, discos, a de acompanhá-la a bailes, a de levá-las a praias, e de ajudá-las em pequenos misteres... Nunca, nunca nenhuma me havia telefonado! E no entanto, Brandão, o mulherengo, o gozador, esbanjava-se tanto que até dava o número do *meu* telefone... Pra quê telefone? O melhor mesmo, em vez da mudança de número, coisa ridícula se me indagassem o motivo, era desistir da assinatura do telefone, perdê-lo, perder essa preciosidade inútil para mim, já que ninguém, ninguém, absolutamente ninguém me chamava, nenhuma voz indagava do outro lado do fio: "É você, Campelo?" Ou mesmo: "É você, Campelinho?" Ah, se assim fizesse aquela morena de olhos que pareciam dois manjares com ameixas, que um dia me olhou soberanamente, do alto (como aliás fazem

tôdas, morenas e louras, por causa desta minha maldita pequenez), e que me perturbou tanto que perdi a voz quando lhe fui apresentado, e gaguejei como um último-da-classe... Lembro-me de que fiquei tão tonto, tão idiota, que me lancei a ela para dançar, não pròpriamente para dançar mas para me segurar a alguma coisa... E durante a

dança fui respondendo com uivos monossilábicos à sua conversa, enquanto lhe pisava torpemente os pés... Ao fim da música, antes que ela me lançasse ao limbo dos solitários, ousei meter a mão no bôlso do paletó, tirar um cartão, rabiscar o meu número, metê-lo em suas mãos balbuciando que lhe emprestaria discos, ou livros, sei lá, dessas besteiras que os homens de cabeça virada dizem às mulheres para que elas fiquem rindo êsse riso parado, de piedosa zombaria, de altiva condescendência... Nem ela nem nenhuma outra nunca me telefonou; aquela silenciosa máquina de ebonite ria sempre para mim os seus dez dentes numerados... Inútil ter cartão de visita, inútil ter telefone, inútil existir na lista, inutil pagar todos os meses... Nada de trocar número; o que eu devia fazer era expulsar de casa aquêle pequeno monstro negro e arrancar do meu nome o número pelo qual a cidade, o mundo poderia saber da minha existência...

Foi o que fiz. Quando expliquei, ao funcionário da Companhia, que não queria mais telefone, o homem esbugalhou os olhos. Considerou-me, é claro, um imbecil ou um louco. Perguntou: talvez eu preferisse desligar provisòriamente, e assim conservaria a raridade; ou talvez, se fôsse caso de continuados aborrecimentos, eu preferisse mudar o número. Respondi que não, sumàriamente. Queria entregar meu telefone. Queria ficar incomunicável no meu apartamento. É provável que êle me tenha atribuído alguma psicose, porque, para chamar atenção para minha insensatez, contou o caso dum sujeito que enlouquecera de modo justamente contrário: dera para furtar telefones e colecioná-los em casa, como quem coleciona sêlos. Falou que dentro de uma semana o telefone estaria retirado; retruquei que não: queria já. Êle me apertou a mão com veemência, considerando-me um verdadeiro benemérito. E de fato, ao voltar para casa, já o porteiro do apartamento havia deixado — por minha ordem — que levassem o monstro. Dentro da minha miserável solidão, Brandão estava morto. E com êle, aquela mulher. Passei a consumir toneladas de romances policiais. Deixei o clube. Desapareci do buraco. Na loja, pedi transferência do balcão de vendas (trabalho numa loja de artigos femininos) para o fundo do almoxarifado, trabalho execrado por todos os empregados. E passei a sair de lá depois do expediente — tanto que me aumentaram o ordenado mas eu nem liguei. O patrão anunciou minha promoção, apertou minha mão, gemi um muito-obrigado, dei meia-volta, caí fora.

— Brandão!

Uma voz gaiata, remanescente das piadas do clube, da própria loja, do jôgo de buraco, me alvejava pelas costas. Voltei-me pronto a explodir — e o sorriso dos olhos de manjar com ameixas me deteve...

— Me disseram que você tinha morrido... Telefonei milhões...

Abriu a bôlsa, tirou o cartão já poído, manchado — de lágrimas, sim! — o cartão com o número do meu telefone, o cartão do meu alfaiate, o Quincas, Joaquim Brandão, que não sei por que cargas dágua estava no bôlso do paletó dos domingos, das domingueiras, o paletó em cujo avêsso, na nuca, havia a etiqueta Joaquim Brandão — alfaiate, o paletó em cujas costas, ali junto do nome oculto, o pessoal batia uma palmada para me chatear: "Como vai, Brandão?".

Perdi o telefone. Brandão perdeu o telefone. Mas tenho telefone. Não preciso dêle, ninguém precisa telefonar para mim. E' o telefone de minha patroa, a dos olhos de manjar com ameixas. Não digo o nome, não.

Após a inauguração: o Dr. Amilcar Savassi, Prefeito de Barbacena, ao centro, tendo à direita, o Dr. Stelio Ribeiro, Diretor dos Serviços Administrativos da Prefeitura, ladeados pelos representantes da C.T.M.G., Dr. Hugo Pinheiro Soares e Jayme P. Figueiredo, e, ainda, Luiz Claudio Garrido, Ruyter Miranda e Olinda dos Santos Tré, também da emprêsa concessionária.

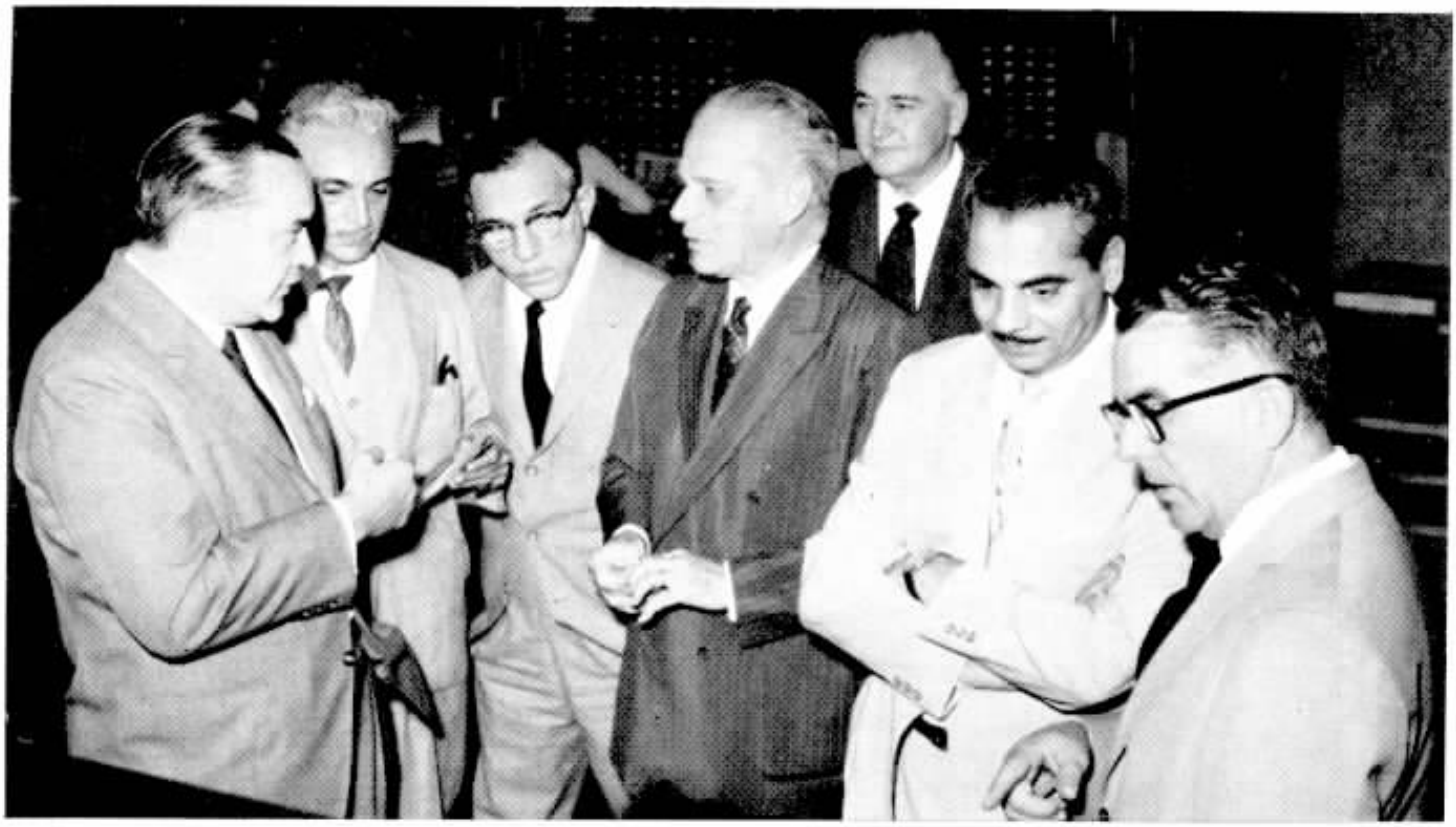
MAIS 400 TERMINAIS PARA BARBACENA

VENCENDO todos os tropeços e dificuldades que naturalmente decorreram da conjuntura brasileira no último quinquênio, a cada dia mais agravada, a Companhia Telefônica de Minas Gerais inaugurou, no ano passado, o seu nôvo centro automático com capacidade para mil linhas, as quais foram entregues ao serviço dos usuários em solenidade marcante, naquela oportunidade. Êsse notável melhoramento se fêz possível graças, principalmente, à compreensão de nossas autoridades municipais que, enfrentando com realismo e desassombro o problema, aceitaram os justos e ponderáveis argumentos da concessionária, permitindo a adoção do sistema de participação dos assinantes no empreendimento, fazendo-se, êstes, acionistas da emprêsa, ao financiarem parte do custo das instalações.

Barbacena, aliás, foi pioneira quanto à aplicação dêsse salvador processo de solução aventado para um problema que vinha se tornando insolúvel — processo agora oficializado em todo o Estado, por fôrça de lei. E muito se deveu, no caso, ao Prefeito e aos Vereadores de Barbacena, que se portaram com espírito público e asseguraram o êxito da iniciativa.

Mas, tão logo realizado o empreendimento, as mil linhas instaladas tornaram-se insuficientes, registrando-se uma nova demanda da ordem de 400 candidatos a telefones. A concessionária tratou da imediata instalação do equipamento adicional, para atender àquela demanda.

Recentemente, foram postas em tráfego as 400 novas linhas, tendo comparecido à sede da Companhia para dar o melhoramento como inaugurado, o Prefeito Amilcar Savassi. Na ocasião, presentes os Srs. Jayme F. Figueiredo e Hugo Pinheiro Soares, representando a administração da Companhia, funcionários da C. T. M. G. e o Diretor dos Serviços Administrativos da Prefeitura, Dr. Stélio Ribeiro, o Prefeito deu por inauguradas as novas linhas automáticas, dirigindo à concessionária, palavras de agradecimento pelo permanente interêsse que sempre demonstrou, com o objetivo de dar à cidade, um serviço telefônico moderno e eficiente. Logo em seguida, as novas linhas foram postas a funcionar.



VÁRIAS VISITAS FEITAS ÀS INSTALAÇÕES DE NOSSA

ACIMA, o Sr. Virgílio Lopes da Silva, Secretário de Segurança Pública de São Paulo, e Srs. Clodomir Colaço Veras, Benedito Carvalho Veras e José Campanela, visitaram as instalações da CTB em São Paulo e ouviram as explicações expedidas por Carlos Reis Fº, Geraldo Blum e Milton Galon, sôbre serviços telefônicos.

ABAIXO, alunos do Curso de Administração do Pessoal, do IDORT, acompanhados do prof. José Serson, visitaram a CTB, em São Paulo, sendo recebidos por Milton Galon. Os visitantes se mostraram entusiasmados com os métodos de treinamento das nossas colegas telefonistas.

COMPANHIA NAS CIDADES DE S. PAULO E DE RESENDE

COMO nos anos anteriores, mais um grupo de oficiais e cadetes do Curso de Comunicações da Academia Militar das Agulhas Negras, estêve em visitas às instalações da Companhia Telefônica Brasileira, na cidade de Resende. Aos cadetes, que estavam sob a orientação do primeiro-tenente Kleber Nabuco de Araûjo Sá Rêgo, foram mostradas as dependências daquela Estação, deixando-os bem impressionados, a complexidade do equipamento telefônico e o processamento das ligações telefônicas, bem como o serviço ininterrupto das telefonistas.

Na ocasião, a pedido dos visitantes, foram feitas demonstrações sôbre localização e reparos de defeitos nos circuitos telefônicos externos. Na foto, o grupo visitante observa, atento, a explicação de funcionários da nossa Companhia, sôbre as anotações das chamadas telefônicas interurbanas e internacionais, registradas nos bilhetes pelas telefonistas.

SOLUÇÃO DO «ENIGMA DOS ENGANOS»

Engrossou o aro dos óculos | Diferente a haste dos óculos | Cigarro virou charuto | Diferente a coluna do abajur | Sumiu o puxador da janela | Cinzeiro ficou menor | Desapareceu o puxador | Menor a bainha da calça | Diminuiu o passe-partout

Sino Humor

através da imprensa mundial

– É sua senhora que manda perguntar se o Sr. realmente gostava muito do seu carro...

DEPOIS DO CARNAVAL:

– Não sei quem é a gostosura com quem o Sr. quer falar... Além disso meu marido está chegando...

– Agora as crianças vão falar com papai!

– Telefonaram 3 vêzes para Você, gritavam: "Rosinha, ôba, ôba..."

– Também te beijo, M...m...m..! Agora, desligue, querida...

Sino Azul

N.º 3 — 1962

Sinal Azul

NO XXXV N.º 3 — 1962

CAIXA POSTAL 450
RIO DE JANEIRO

☆

REVISTA DOS
EMPREGADOS
DAS ORGANIZAÇÕES:

COMPANHIA TELEFÔNICA
BRASILEIRA

COMPANHIA TELEFÔNICA
DE MINAS GERAIS

COMPANHIA TELEFÔNICA
DO ESPÍRITO SANTO

☆

NOSSA CAPA

Dr. Nelson Perroud, Presidente do Telefônica Clube de São Paulo, corta o bôlo comemorativo do 25.º aniversário de seu clube.

Vista geral de Botucatu, a terra do bom ar e das boas escolas, com as suas ruas e praças arborizadas e bem traçadas, seus edifícios e o aspecto

Botucatu

A cidade dos bons ares

BOTUCATU é apregoada e constantemente chamada pelos seus filhos, de cidade "dos bons ares e das boas escolas".

A primeira designação vem dos próprios indígenas, primeiros donos da terra que ao denominá-la "Ybitu"-"Katu", respectivamente, **ares** e **bons,** já apontavam o clima da região como excelente, o que mais tarde foi provado pelos colonizadores brancos que "fizeram daquela serra carreadouro da civilização, balisa no caminho dos bandeirantes, a ponto de haver um governador da Província determinado que a ida ou o retôrno do sertão se fizesse, atravessando aquelas terras", como diz a justificativa do brasão heráldico da cidade.

É "das boas escolas" porque o município, que acaba de comemorar 107 anos de existência, possue uma das mais elevadas populações estudantis do estado: 10 mil alunos, distribuídos por 55 unidades de ensino primário,

característico das cidades em franco progresso, na marcha bandeirante do futuro.

O prefeito municipal da cidade, Sr. Emilio Peduti, em companhia de João Popolo, Chefe de Zona da Telefônica em Botucatu.

cinco secundárias, sete industriais, duas comerciais, três pedagógicas e dez outras, achando-se em vias de conclusão o prédio da Faculdade de Medicina, devendo entrar em funcionamento ainda êste ano, a Faculdade de Filosofia.

As mais antigas referências à região e, especialmente, à serra de Botucatu, constam dos documentos que citam Peabiru, caminho que ligava São Vicente e Assunção, no Paraguai.

A partir de 1721, passaram a ser divididas em sesmarias, as terras delimitadas pelo Paranapanema e pela serra de Botucatu, que servia como ponto de referência aos caminhantes do interior. Padres Jesuítas adquiriram, então, extensas áreas para a criação de gado, a êsses sacerdotes, devendo-se os primeiros sinais de vida no território do futuro município, as primeiras construções, a

A estação experimental do Ministério da Agricultura, da Fazenda Lageado, tem como responsável o engenheiro agrônomo Waldemar Gadelha que aí responde a perguntas de Mario Messemberg.

iniciativa do cultivo da terra e a fixação do homem.

Acredita-se que, em 1766, tenha sido inaugurada uma capela de "Nossa Senhora das Dores de Cima da Serra", onde, provàvelmente, está localizada a cidade. Por volta de 1830, intensificou-se o afluxo de criadores e lavradores, vindos principalmente de Sorocaba, Itapetininga e Tietê.

A região que atualmente se denomina "Alto da Serra", em 1835 já estava posseada e dividida em quatro fazendas principais, a Fazenda Monte Alegre (compreendendo a parte central da cidade atual, os bairros de Lavapés, cidade Alta e Tanquinho) formada, pela junção sob um só proprietário, de três fazendas anteriores (Capitão Bonito, Morrinhos e Pedras) e as fazendas Rio Claro, Boqueirão e Pulador, estas reunidas numa só, e mais a de Bom Jardim, bem menor. Proprietários que viviam em Itapetininga, menos Gomes Pinheiro que, dono da primeira e mais importante, foragido à repressão dos conservadores, depois do fracasso da revolução de 1842, foi para Botucatu com a família, logrando ser considerado, com Joaquim Costa, fundador da cidade. A elevação a freguesia se deu em fevereiro de 1846; o município surgiu em abril de 1855 e a comarca onze anos depois.

De grande desenvolvimento, Botucatu está localizada no trajeto da Estrada de Ferro Sorocabana, com uma distância de 200 km em linha reta da capital do Estado, São Paulo, e a uma altitude de 777 metros na estação ferroviária, com clima quente e de inverno menos sêco. A média das máximas é de 26,5º C, dispondo de cêrca de 42 mil habitantes.

A base econômica do município é a agropecuária, apesar de contar grande número de indústrias, inclusive uma fábrica de aviões, pioneira no País. O valor da produção agrícola em Botucatu ascende a cêrca de 218 milhões de cruzeiros, destacando-se o café, seguido do algodão, milho, arroz, feijão e cana de açúcar. Existe no município a Sociedade Cooperativa Agropecuária Belgo-Brasileira, que já conta com setenta famílias vindas do Congo Belga.

A zona urbana tem 148 logradouros pavimentados, arborizados e ajardinados, três mil domicílios servidos quase todos com energia elétrica, água e esgotos, além de nove hotéis, seis pensões, três cinemas, 122 estabelecimentos industriais e 688 comerciais, além de quatorze agências bancárias.

A cidade conta com sedes regionais de secretarias do govêrno, quatorze biblio-

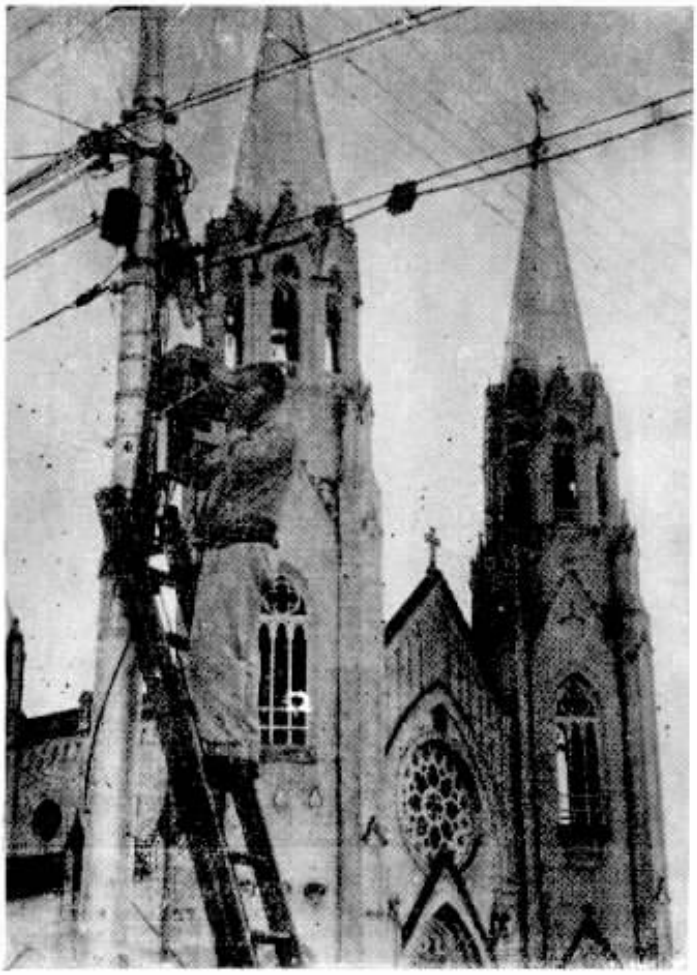
Botucatu é um grande centro distribuidor de filmes. A foto mostra as colegas Leonor da Costa e Lídia M. Schlossareck, telefonistas, numa firma distribuidora.

Acima, uma "aula" sôbre beneficiamento de café, dada à telefonista Elsa Vieira, pelo engenheiro F. Blasi, diretor da indústria S. Blasi & Cia. Ao lado, Cyro C. Penteado, do Comercial, professor do SENAC, numa aula verdadeira a Iracy I. Deliaqua, telefonista.

→

Os aviões do tipo "Paulistinha" são famosos, mesmo fora do Brasil. A pioneira Sociedade Construtora Aeronáutica Neiva Ltda., é que os constroe, numa média de oito aparelhos por mês. Nossas colegas Maria Tereza e Ana Maria Molini e Neide Godoi, telefonistas, examinam em fase de montagem, um avião tipo 56-C-1, de treinamento primário mais populares.

Rubião Júnior é um distrito aprazível onde se localiza o grandioso prédio da futura Faculdade de Medicina, em construção. Domina o local o morro de Santo Antônio, a que vão orar nossas colegas telefonistas Diva Maria Funari e Josepha Vendrami, seguindo a tradição.



tecas, duas estações de rádio e uma arquidiocese.

A sede da Emprêsa Teatral Peduti, que possue 54 cinemas no interior, é também em Botucatu, onde será breve inaugurada a maior subestação distribuidora de energia elétrica da América do Sul.

Em sua galeria de glórias do passado, Botucatu orgulha-se de ter sido o lugar predileto de Vital Brasil, o grande cientista que ali encontrou o clima para as suas descobertas maravilhosas no campo da ofidiologia.

Quanto à CTB, Botucatu é sede de chefia de zona, pertencente ao Distrito de Bauru, contando com perto de oitenta funcionários sob a chefia de João Popolo que tem em Leonel Pinto da Trindade, Encarregado-Geral da Rêde; Rosa Papa Carbonieri, Telefonista-Chefe, e Vicente Ribeiro de Oliveira, Encarregado de Suprimentos, magníficos auxiliares para atender aos 1524 telefones instalados, com a média mensal de 15.200 ligações interurbanas completadas.

←
Ao lado, Alberto Cesário, guarda-fios, em plena tarefa, testando uma caixa de pares. Ao fundo a tradicional Igreja Matriz de Botucatu.

→
À direita, José Sforcin, encarregado, do Departamento da Rêde, leva seu filhinho José Benedito à escola primária; doce tarefa quotidiana.

Na Fazenda Lageado, estação experimental do Ministério da Agricultura, as telefonistas Analia de Lourdes Carvalho e Virgínia Molina (Encarregada), entre plantações de chá prêto da índia, de delicada criação.

Abaixo, a telefonista Maria Lucia Rossetto, categorizada atleta que defende Botucatu nos Jogos Abertos do Interior. Segunda no salto em altura, pratica quase tôdas as modalidades atléticas.

Ao alto, a telefonista Nilsen Angella, em visita ao gabinete dentário da Sociedade S. Vicente de Paulo, doado pelo Rotary Clube de Botucatu que recebeu o nome de nosso saudoso colega João Leopardi. Abaixo, Isabel Vendrami, telefonista, diante de uma de suas telas. É uma autêntica e bela vocação de artista.

General Genaro Bomtempo, indicado pelo General Jair Dantas Ribeiro, para substitui-lo na função de Interventor Federal na Companhia Telefônica Brasileira, já em exercicio.

GEN. GENARO BOMTEMPO INTERVENTOR NA CTB

NOMEADO para novas funções no Exército, deixou a Interventoria na CTB o General Jair Dantas Ribeiro, sendo indicado para substitui-lo o General Genaro Bomtempo, outro oficial de brilhante carreira no Exército. O General Jair foi homenageado pela Diretoria da CTB com um almôço, sendo-lhe também oferecido um telefone com uma placa com expressiva inscrição. O General Jair, despedindo-se dos empregados da CTB, disse o seguinte em nota: "Deixando hoje as funções de Interventor na Companhia Telefônica Brasileira, sirvo-me déste meio para agradecer a colaboração dedicada e leal que recebi dos que nela trabalham em todos os níveis. Estou certo de que igual colaboração será prestada ao meu ilustre sucessor, General Genaro Bomtempo'.

Após a posse, em nota, disse o General Genaro: "Assumi nesta data as funções de Interventor na Companhia Telefônica Brasileira, em substituição ao Sr. General Jair Dantas Ribeiro. Minha orientação será a mesma de meu ilustre antecessor. Por isso, espero de todos a cooperação leal e eficiente que a êle foi prestada'.

■

Durante o almôço, o General Jair recebeu das mãos do Sr. Carlos Reis Filho um telefone tendo placa com inscrição. Aparecem, ainda, na foto, o Dr. Antônio Gallotti e o Sr. T. D. Christian.

Heidi, na foto, trabalha como telefonista em Berna, Suiça, e a presente reportagem focaliza sua vida quotidiana, com aspectos curiosos. "Sino Azul" julgou interessante mostrar às nossas colegas do Tráfego, como vive uma telefonista na Suiça, e os costumes de sua terra.

Heidi

A VIDA de uma telefonista tem sempre aspectos curiosos. Aqui ou em qualquer parte do mundo, mercê de seu serviço, tão importante à vida das coletividades. A vida da telefonista Heidi Bracher é um exemplo dos mais interessantes e diferentes. Ela mora e trabalha na cidade de Berna, na Suiça, onde coexistem o moderno e o medieval. Na parte antiga da capital helvética, as ruas são calçadas a paralelepípedo, aqui e ali encontrando-se velhas arcadas e tôrres com os pitorescos relógios que são a marca registrada do próprio país.

Berna está em uma das duas penínsulas que o rio Aare forma e a sua história se estende até princípios do século doze. Malgrado o seu povo orgulhar-se da antiguidade do burgo e procurar conservar, na medida do possível, seu aspecto medieval, a arquitetura moderna vem ganhando terreno. Os subúrbios que cercam a cidade antiga, a Biblioteca Nacional, o prédio dos arquivos federais, várias igrejas e escolas, situam-se plenamente no século vinte.

Contrastando com a quietude dos Alpes Bernenses que ao longe se vêm, há um movimento intenso de carros e ônibus nas horas do "rush", pela manhã e à tarde.

A Suiça, geogràficamente, é um país que tem as dimensões aproximadas do Estado da Guanabara. Realmente, é pe-

Heidi queno, mas grande na história, nas atrações que contém, no espírito de seu povo. É o país mais montanhoso da Europa e a beleza de suas paisagens é caracterizada pelos Alpes, montanhas altíssimas, lagos cuja beleza é mundialmente famosa e a paisagem luxuriante nas suas fazendas e vinhedos. Zurich é um centro financeiro e comercial de importância mundial. Em Genebra, estão a sede da antiga Liga das Nações Unidas e a Organização Mundial de Saúde.

Embora sendo reconhecidas, oficialmente, várias línguas no país, tais como o alemão, a italiano e o francês, a unidade nacional é um fato. Assim, os cinco milhões e duzentos e setenta mil habitantes das várias regiões, mesmo chamando-a por Schweiz, Suisse ou Swizzera, acham-se perfeitamente unidos na herança comum de vários idiomas e religiões.

O povo é cioso de sua democracia.

Eficientes sistemas de transportes e comunicações fortalecem o elo de união que há entre os suiços.

A sede da Administração des Postes Telégraphes et Teléphones (PTT), operada pelo Govêrno, está localizada em Berna. Aí se encontra o centro de operações internacionais onde Heidi Bracher completa ligações entre Nova York, Rio e outras cidades.

SELEÇÃO

As telefonistas na Suiça são selecionadas com rigor. Devem ter de 17 a 22 anos, um mínimo de nove anos escolares e falar, além disso, pelo menos dois idiomas. São submetidas a um exame difí-

Acima: Heidi faz compras numa feira ao ar livre. Serve-lhe de distração a visita às lojas da cidade... como a tôda mulher...

Depois do trabalho, as novidades para os pais e o irmão que é escriturário numa fábrica de máquinas. O pai trabalha nos serviços postais da PTT.

Acima: Berna é a sede da Administration des Postes, Telégraphes et Téléphones (PTT). Heidi é uma das 220 telefonistas e uma das 50 do Serviço Internacional.

Ao lado: telefonista internacional nos últimos nove anos, Heidi examina uma nova rotina de serviço com Lilli Moser, Telefonista-Chefe do Serviço Internacional da Suiça, em Berna.

Heidi

cil, o qual inclui composição literária, geografia, matemática e um segundo idioma..

Para o Serviço Internacional, os requisitos exigidos, são ainda mais rigorosos.

Heidi que começou na PTT em 1953, já completou nove anos de serviço. Fala alemão — a língua de Berna, francês, italiano, inglês e "um pouquinho de espanhol".

O italiano foi útil quando foi escolhida para trabalhar, com 23 outras telefonistas suíças, na mesa de PBX dos Jogos Olímpicos, em Roma — "foi a primeira vez que tive oportunidade de ver Roma — achei-a maravilhosa" — disse Heidi e mostrou u'a medalha que o Govêrno Italiano lhe deu por êsse trabalho.

Embora não tendo viajado tanto quanto gostaria de fazê-lo, já visitou a França e a Alemanha e leva vida variada e plena. Pratica ski nas neves da montanha Estaad, perto de Berna; é freqüentadora assídua de cinemas (filmes franceses são os seus preferidos); faz as compras e visita as bonitas lojas da cidade depois do trabalho; seu noivo mora em Zurich.

Há duzentas telefonistas em Berna, com cinqüenta no Serviço Internacional, e as moças que trabalham no serviço telefônico são, em sua maioria, solteiras. As casadas não são aceitas e aquelas que se casam depois de admitidas no serviço, normalmente deixam o emprêgo ou aceitam trabalho temporário.

A PTT acredita que trabalhar em serviço telefônico é uma vocação, como também o é o casamento, e que as duas coisas não devem ser misturadas, ou coexistir.

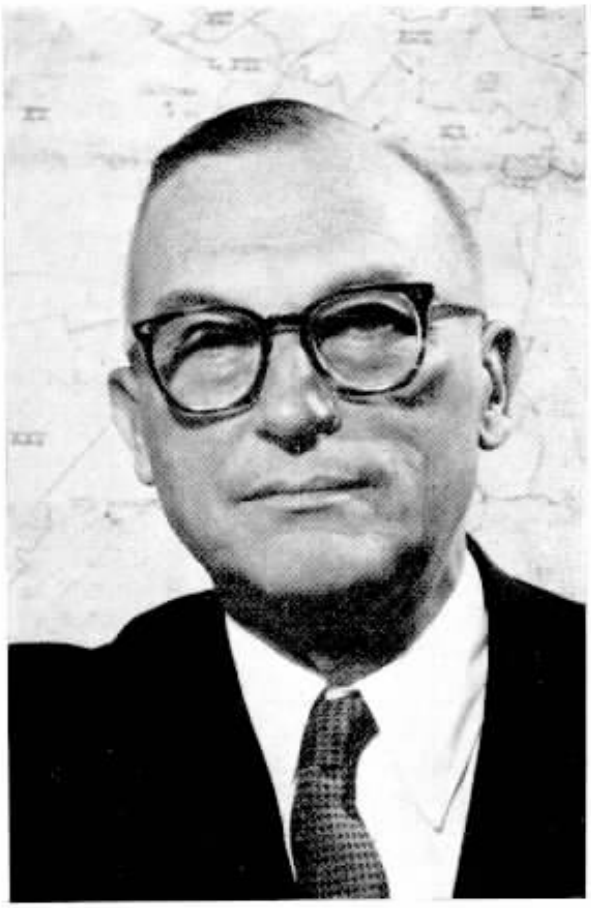
O Doutor Heitor Fenício, médico da CTB e do IAPFESP, exibe para algumas de nossas colegas, as suas belíssimas coleções de selos, com as quais, contribuiu para a bela vitória.

COLEGA SE DESTACA NA FILATELIA

O CLICHÊ que encima estas notas, mostra-nos um homem que é um exemplo de paciência. Coleciona selos, selos que aí estão sendo mostrados a môças do Departamento Comercial da CTB, em São Paulo, Cecília Breghiroli e Mariângela Marques Machado. As duas contemplam uma obra que a bem poucos seria possível realizar e que, no entanto, com o aplauso mundial, realizou o Dr. Heitor Fenício, médico da Seção Medicina Industrial, em S. Paulo. Seu "hobby" é um ramo da filatelia: a temática, ramo que defendeu em magnífica tese, nas jornadas filatélicas, Temex-61, em Buenos Aires, amplamente aprovada com aplausos. Além de defender essa tese, o Dr. Fenício conseguiu medalha de ouro no referido certame com a sua "História da Tuberculose através do século", com um álbum de primorosa e paciente confecção, em cujas fôlhas, todos os selos editados no mundo inteiro sôbre o assunto, contam de fato uma história, acompanhados de ilustrações a respeito e ampla literatura a propósito. Com êsse trabalho e alguns outros de seus companheiros na Temex-61, o Dr. Fenício colocou o Brasil em mais um lugar de relêvo mundial: a Filatelia.

PASSAMENTOS

CARL R. FREEHAFER



FALECEU, recentemente, nos Estados Unidos, onde voltara a residir, Carl R. Freehafer, que em nossa companhia ocupou alguns dos mais importantes postos da administração.

Nascido em 1891, Carl Freehafer, chegou ao Brasil em 1953, após brilhante fôlha de serviços na Bell Telephone dos Estados Unidos. Em janeiro de 1954, foi nomeado Vice-Presidente de Operações Telefônicas e Superintendente-Geral da CTB e, nomeado, em janeiro de 1958, Vice-Presidente de Operações Telefônicas da COBAST e Diretor da CTB.

Deixando a nossa emprêsa em 1959, voltou para Filadélfia, onde veio a falecer de um ataque cardíaco. Deixa viúva a Sra. Virginia Starke Freehafer e duas filhas, Grace e Judith, tôdas residentes nos Estados Unidos.

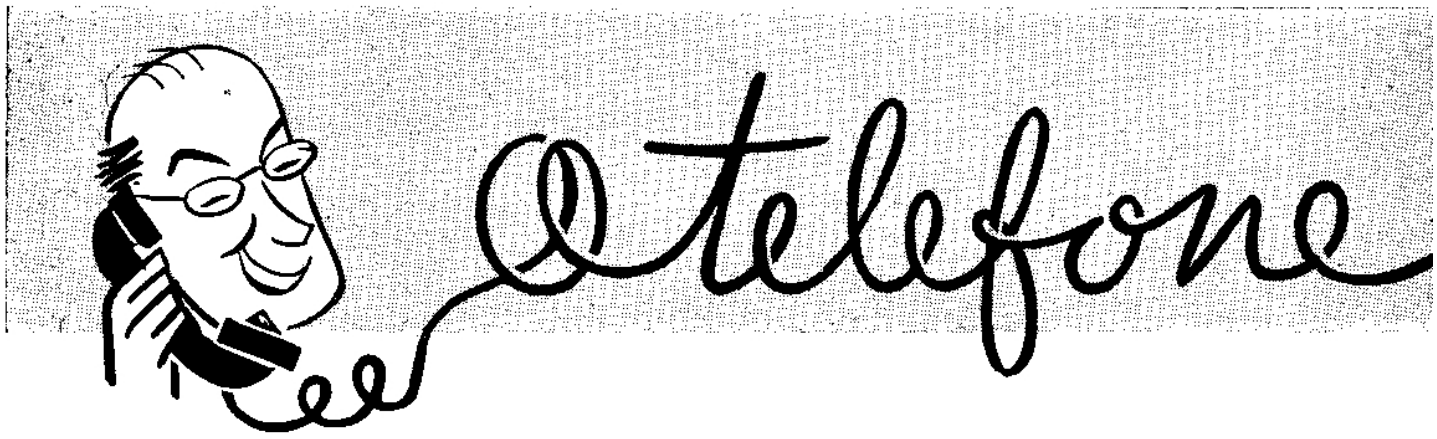
DR. SÍLVIO DE CAMPOS

COM o falecimento, em São Paulo, do Dr. Silvio de Campos, desaparece uma das figuras mais expressivas da velha estirpe de políticos republicanos que contribuíram para dar ao Brasil, situação de prestigio no amor às instituições.

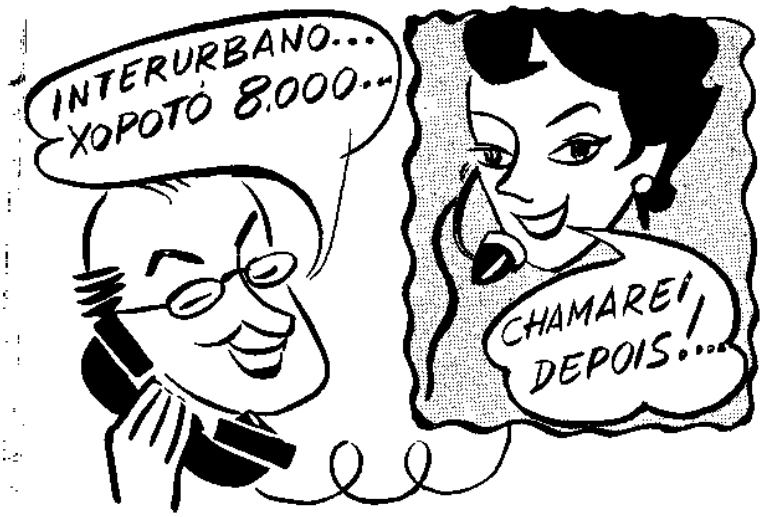
Silvio de Campos que faleceu aos 81 anos de idade, era filho do grande estadista Dr. Bernardino de Campos, ex-presidente do Estado de S. Paulo. Deputado Federal em várias legislaturas, foi figura de proa do antigo Partido Republicano Paulista.

Casado com D. Maria Suzanna Dias de Toledo Campos, deixa uma ilustre geração e vários netos e bisnetos.

Cidadão ilustre, foi, em nossa organização, Diretor, onde teve a oportunidade de evidenciar a sua rara experiência em assuntos relacionados com a nossa emprêsa. Sua morte foi sentidíssima em todos os círculos sociais e políticos do país.



ÊSSE fabuloso mundo que é o interior paulista, posue uma imprensa ativa e atuante, repleta de deliciosos cronistas e repórteres atilados do dia-a-dia emocionante que a nação atravessa. Assim acontece com o "Diário do Rio Claro", onde fomos encontrar, sob o pseudônimo de "Gipsy", na seção "Contraponto", um relato bem humorado do drama vivido pelo homem comum, dentro de uma situação perfeitamente real, a ressaltar a importância do telefone na existência do homem moderno, numa cidade enorme ou numa cidade ainda em formação, mas cuja atividade diária e crescimento, muito e muito dependem desse veículo extraordinário, mensageiro de progresso que é o telefone. Leiam pois, "O Telefone", de Gipsy, de Rio Claro, e, assim, o drama daquele que viu fugir a possibilidade de um negócio feito pelo interurbano, por causa de triviais chamadas que, afinal, não tinham importância alguma...



"Num destes dias, pedi um interurbano para Piratininga, um lugarejo encostado à gostosíssima Bauru. Era já noitinha. Esperava falar dentro de uma hora, no máximo. Fiquei à espera do chamado. De repente, triiiiim...

— Alô, pronto!

A resposta veio por vozinha bonitinha do outro lado:

— O Sr. quer dizer prá Tutinha que mamãe já mandou fazer a cartola do Bat Masterson? É a Elizabeth quem está falando, viu? Obrigada!

Voltei ao sofá. Estava só, em casa. É triste a gente ficar sem a companhia da família, mesmo por alguns minutos. Eis que, triiiiiim...

— Alô, pronto!

— É o Dinho?

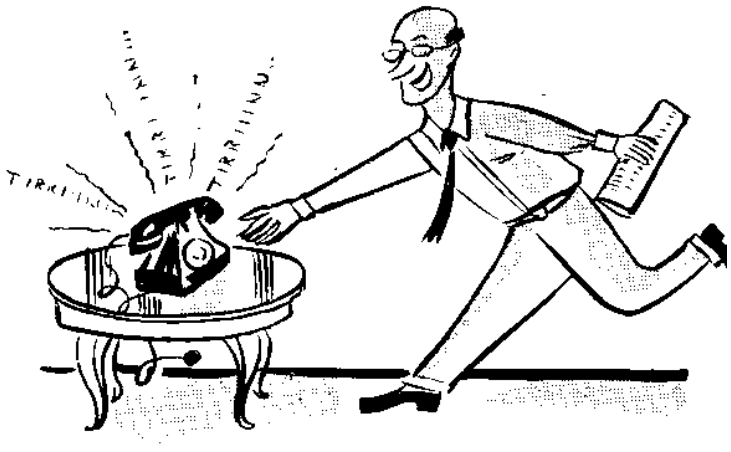
— Não. É o pai! Serve?

— Por favor, êle ficou de vir aqui, mas não veio. O Sr. sabe por que? Será que êle está zangado comigo?...

— Não sei, não, minha filha...

— Tá bem, obrigada, até logo...

Passei a meditar nas vantagens e nas desvantagens do telefone. Pensei na conta de interurbanos, por causa das festas de fim de ano, e achei que devia falar com a meninada de casa para



não ocupar tanto o telefone, porque às vêzes, fora de Rio Claro, quando pretendia falar com a mulher, o sinal fatal, na hora de completar a ligação, era sempre o de linha ocupada... Caramba!

O Repórter Esso já estava no fim, quando triiiiiim...

— Alô, pronto!

— A Sú está?

— Não, saiu. Mas o que você quer com ela? Quem está falando?

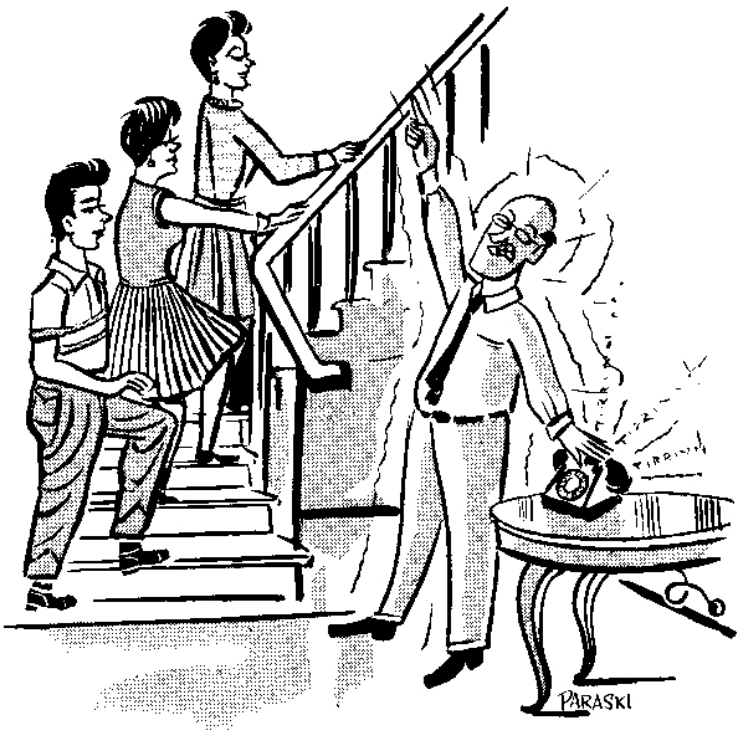
— É a Beatriz. Eu queria saber se vocês vão, domingo, ao Nauti Clube.

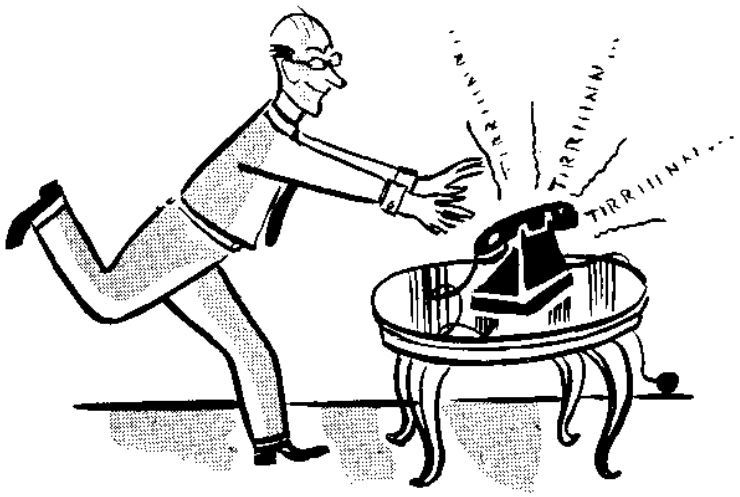
— Não sabemos ainda. Vamos ver!

— Fala-lhe que eu telefonei. Prá ela ligar prá cá. Até logo. Obrigada!

Virgem! O telefone vai gastar, desse geito! Será possível que meu interurbano vá falhar? Achei que, provàvelmente, estivera pronto no momento em que falava com alguém. Continuei esperando, mas foi um corolário de novos telefonemas para a meninada, que me foram deixando irritado. Que Diabo, não teriam fim?

Recebi os filhos, friamente, de volta do passeio que haviam feito com a





mãe. Encarei-os firmemente, e lhes disse, mostrando a escada:

— Todos para cima. Nada de televisão, hoje. Daqui por diante, quero ver quem vai ter coragem de ficar dependurado no telefone! Caramba!

Êles me olharam, assim, meio espantados, subiram a escada batendo os pés, e a uma certa altura, viraram-se a um só tempo, olharam para a mãe e gritaram:

— Êsse véio tá é ficando caduco!...

Logo depois a telefonista me disse que o telefonema estivera pronto, de fato, mas não fora completado porque meu aparelho estava ocupado. Sim senhor! E me perguntou se ainda queria que completasse. Respondi-lhe afirmativamente, sem atentar para o adiantado da hora. Pois, quando ficou pronto, ouvi a voz de uma mulher irritada, que me disse:

— O Sr. é muito atrevido de vir tirar o sossêgo da nossa família a uma hora destas. Se o senhor quer tratar de negócio com meu marido, telefone-lhe mais cedo, porque êle é homem trabalhador, recolhe-se cedo, e não é vagabundo, viu? De mais, a mais, vou dizer a êle para não fazer negócio nenhum com o senhor! E plá, bateu o telefone...

Retornei à sala, tremulo de raiva, quando, novamente, triiiiim, o maldito telefone soou demoradamente. Deixei-o tocar mais vezes e, afinal, atendi-o:

— Alô, pronto!

— É o Alpheu, do Diário. Como é, êsse "Contraponto" vem ou não vem?...

— Vai, sim, Alpheu, vai já! Está prontinho, só falta datilografar. O assunto hoje é bom... É sôbre o telefone, sôbre as delícias que o telefone nos proporciona, no lucro que êle nos dá, e nos bons negócios que realizamos através dêle!...

Bom dia, amigos.

GIPSY"

Sugestivo flagrante da "Operação Fio", com soldados da Fôrça Pública de São Paulo agindo contra os ladrões, em extensa zona da Central do Brasil.

ROUBO de fios

OS constantes roubos de fios telefônicos, pelo alto preço do cobre, têm causado sérios contratempos nas comunicações, na área operada pela C.T.B. e a tal ponto, em São Paulo, que a Companhia viu-se obrigada a solicitar uma ação enérgica e decisiva por parte das autoridades constituídas. Essa ação foi determinada à Fôrça Pública que destacou quarenta soldados, fortemente armados e com uma guarnição de cães pastôres, os quais efetuaram uma ação de "comandos", logo denominada "Operação Fio", em extensa área da zona da Central do Brasil, que se estende desde o fim da Vila Carrão, até além de Guaianazes, perto da capital paulistana. Bombas de efeito moral e tiros de metralhadora ligeira foram desfechados, estendendo-se a ação até o caminho de Campinas e em duas outras zonas conservadas em sigilo.

Os prejuízos atingiam a cifras astronômicas. Foram roubados milhares de quilômetros de fios, interrompidos inúmeros circuitos telefônicos e o prejuízo, só na C.T.B. e nessa zona, já andava pela casa dos seis milhões de cruzeiros. Nada mais justo, pois, que a ação determinada pelo Secretário de Segurança do Estado, uma vez que, apenas esporàdicamente, conseguia a Polícia deter um dêsses criminosos, fortemente apoiados por receptadores poderosos que faziam acreditar na existência de perigosa quadrilha, especializada no assunto.

Os "comandos" policiais, decididos a uma verdadeira guerra, têm agora aquela zona na sua rotina de serviço. Tiros varrem constantemente a zona sujeita a roubos numa constante ação de vigilância, que se estende às 24 horas do dia, dada a importância das comunicações na vida nacional e que não podem ser afetadas de maneira alguma.

Na região em foco, a linha de postes mais visada pelos ladrões, corre por vários qui-

Cercada de enorme aparato militar, a grande operação revestiu-se de impressionante precisão, literalmente varrendo tôda a zona visada.

lômetros ao longo de um aglomerado de colinas que se estende de Itaquera até Guaianazes onde, em vários pontos, os fios telefônicos ficam a pequenas alturas entre 4 e 5 metros, aproximadamente. Nessa área, em 1961, houve a média de um roubo por dia.

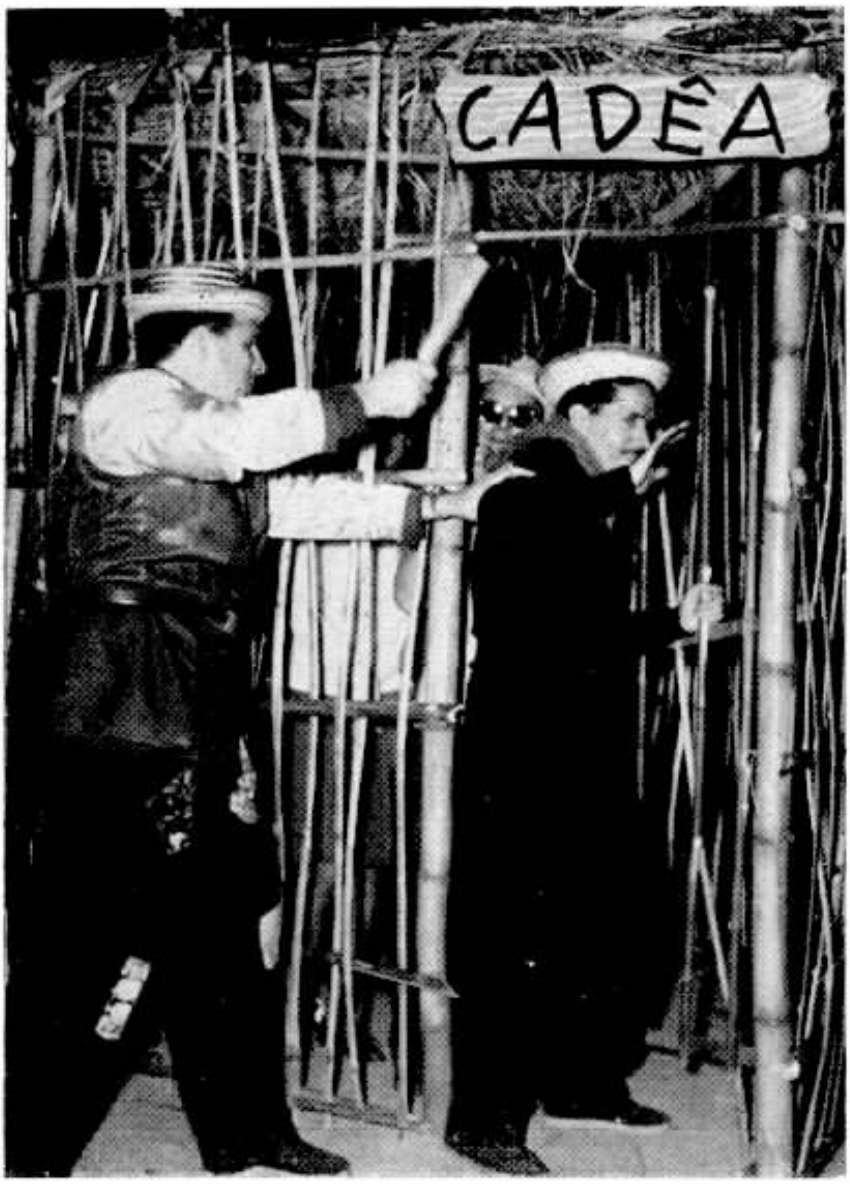
Ainda recentemente, por pouco acontecia um serissimo desastre com um jacto comercial que teve dificuldades em descer em Viracopos por falta de informações que chegam até aquêle aeroporto, através de um serviço de teletipo que o liga ao Campo de Marte. Ladrões abateram e furtaram os cabos do teletipo e só não houve um terrível sinistro por verdadeira sorte.

Após a ação dos "comandos" os roubos caíram em 80 por cento, razão pela qual é de absoluta necessidade pública, tal ação preventiva.

Até bombas de efeito moral foram empregadas, pela Fôrça Pública do Estado de S. Paulo, para desbaratar, de vez, a atividade criminosa da quadrilha que agia no setor da Estrada de Ferro Central do Brasil.

telefônicos

SÃO PEDRO FOI BASTANTE FESTEJADO PELOS



A festa estêve animadissima na Colônia de Férias Graham Bell, com o delegado do "Arraiá", Francisco Valente, exibindo a sua autoridade de cassetete em punho. Superlotou de prêsos a "Cadêa".

Na Colônia de Férias, os caipirinhas, com graça espontânea, ensaiaram a dança da quadrilha.

AS festas juninas da família telefônica, já se tornaram tradicionais e, êste ano, como nas vêzes anteriores, elas se revestiram de grande brilhantismo. No Telefônica Atlético Clube, da Guanabara, no Telefônica Clube, de São Paulo, e na Colônia de Férias Graham Bell, em Francisco Fragoso, Estado do Rio, o padroeiro das telefonistas, São Pedro, foi entusiàsticamente festejado com bailes à caipira. Com trajes típicos, os nossos colegas deram um colorido interessante a êsses festejos, em que não faltaram a dança da quadrilha, a cadeia pública, as fogueiras, o quentão e o célebre "casamento da roça".

À direita; êsses casais de caipiras, na festa promovida pelo TAC, da Guanabara, parece que se entendem por gestos... Uma palavra, às vêzes, dá para estragar tudo.

CLUBES DE NOSSA COMPANHIA

Após o "casamento", celebrado com todo o "ritual", da roça, no concorrido "arraial" do Telefônica Atlético Clube, do Rio, os "recém-casados" trocam carícias...

A interessante "roceirinha", em cima; a excelente caracterização do par, embaixo, e a "elegância" do trio que aparece no clichê, à esquerda, mostram bem como foi celebrado o dia de São Pedro pelo Telefônica Clube da capital paulista.

Na Colônia de Férias: a petizada mostrou também seus pendores...

O "casamento caipira" foi o ponto culminante dos festejos com que o TAC comemorou São Pedro.

Em volta da grande fogueira simbólica, armada na festa do TAC, no Rio, colegas caracterizados.

"Filumena" e "Zé Praxedi", foram os noivos, na Colônia de Férias.

UM QUARTO DE SÉCULO FESTEJOU O TC

O flagrante acima, tomado por ocasião do encontro entre o Telefônica Clube, cujos rapazes aparecem à direita com o seu presidente, Dr. Nelson Perroud, e o Urânio Clube, foi obtido quando do torneio inter-clubes promovido pelo TC., que venceu a competição.

Acima e ao lado, três flagrantes colhidos nos salões do Clube Homs, em São Paulo, durante o transcurso do grande baile comemorativo do 25.º ano de existência do Telefônica Clube.

DE SÃO PAULO

O TELEFÔNICA Clube de de São Paulo, festejou, com uma série de jogos desportivos e um suntuoso baile, o transcurso do vigésimo quinto aniversário de sua fundação.

O futebol abriu a série de comemorações, com vários quadros, num torneio eliminatório, para primeiros e segundos quadros, vencendo o T. C. as duas séries.

O futebol de Salão — nova modalidade esportiva no T. C., — também viu laurear-se vitoriosa, a sua equipe. No boliche, num torneio interno com cinco quadros, com nomes de membros da diretoria, venceu a equipe "Armando Del Papa". Também um torneio interclubes foi realizado e vencido pelo T. C.

Por fim, xadrez e prêmios da biblioteca e o grande baile, realizado nos salões do Clube Homs, para encerarr a esplêndida comemoração.

Ao alto, Salvador A. Hyppolito que entrou na posse definitiva da taça "P. A. Applegat ", por ter vencido, três vêzes alternadas, disputas de boliche. No meio, Weimar de Almeida que conseguiu a melhor média de pontos em seis jogos de boliche, com o prêmio que lhe foi oferecido por Alfred Prooking. Embaixo, a homogênea equipe que levantou o título de futebol de salão.

O QUE DIZEM DE NÓS

COMO é de hábito nas páginas de nossa revista, esta seção se destina a dar realce a algumas das muitas manifestações que, de parte de particulares, repartições governamentais, entidades e órgãos diversos, chegam constantemente à nossa Companhia, pondo em evidência serviços prestados pelos nossos funcionários, dentro de sua tradição de bem servir.

Sobe ao céu

O jornal "Última Hora", tem uma seção intitulada "Fala o povo em "UH". Um dos tópicos da referida seção é ilustrado e, segundo o diário, representa um cantinho no céu. As pessoas ou coisas ali focalizadas, são elogiadas. Eurídice São Martinho Ribeiro (do interurbano da Guanabara), mereceu êste comentário: "Atende a todos com eficiência. A todos encanta com seus modos gentis. Sobe, portanto, ao céu, com estima e admiração dos que recorrem, diàriamente, ao serviço por ela tão bem chefiado".

De parabéns as telefonistas

As telefonistas de Itaperuna, Estado do Rio de Janeiro, foram alvo de felicitações e agradecimentos do Rotary Club local. O 2.º Boletim Quinzenal daquela agremiação internacional, inseriu uma nota. Eis o motivo: o rotariano Pedro da Cruz Pereira, de Itaperuna, precisava reunir tôda a família, espalhada por várias cidades, com a máxima urgência, e nem todos tinham telefone em suas residências. Outro problema a enfrentar, era a localização, pelo endereço, em virtude de recentes mudanças.

Diz o Boletim do Rotary Club: "Aqui entram em ação as abnegadas telefonistas da CTB, principalmente, as de Itaperuna, que, em menos de 24 horas, conseguiram localizar parentes, em Leopoldina-Minas Gerais, e Volta Redonda-Rio de Janeiro. Um outro foi localizado em Aparecida do Norte e, depois, em São Paulo, por telefonistas. O Rotary Club de Itaperuna, felicita a Cia. Telefônica Brasileira pelo procedimento de suas telefonistas, por mais êste serviço prestado.

Bom exemplo

A telefonista Leonice, n.º 19, de Anápolis, Goiás, em nome de suas colegas, em carta, agradece e enaltece a excelente atuação de Dona Hilda Bauer e da Senhorita Carmem Morais Cespedes, ambas da CTB de São Paulo, e que foram a Brasília e a Anápolis, para treinarem as novas telefonistas daquelas cidades. Um trecho da missiva diz o seguinte. "nós, as telefonistas goianas, lhes tributamos honra ao mérito".

Para salvar um doente

Certa noite de violento temporal em Pôrto Feliz, no interior de São Paulo, um doente, em estado desesperador, fôra levado de Boituva para essa cidade, a fim de ser submetido a intervenção cirúrgica no hospital local. Minutos antes de ser operado, faltou energia elétrica e as comunicações telefônicas estavam também ameaçadas de paralisação. As telefonistas Rita L. O. Tauhyl e Albertina V. S. Bom Gibim procuraram, ràpidamente, completar as ligações telefônicas interurbanas do Dr. Walter Castchuci, médico-operador, para urgentes providências. Felizmente, tudo deu certo e, com a ajuda das telefonistas da CTB, uma vida foi salva.

À procura do avião

O Serviço de Busca e Salvamento da 4.ª Zona Aérea tentou, por todos os meios, localizar uma aeronave civil que, por motivos de ordem técnica, não pôde se comunicar com o aeroporto. Todos os recursos foram mobilizados, sendo designada também uma telefonista da CTB para ficar à disposição do SAR-São Paulo, operando as chamadas interurbanas, a fim de facilitar ao máximo, o andamento à procura do avião desaparecido. Tal foi o trabalho da nossa eficiente colega Wanda de Angelo, que a Diretoria de Rotas Aéreas enviou ofício à CTB, elogiando a sua atuação. O avião foi localizado.

Curso de telefonia

Pela primeira vez, a Divisão de Eletrônica do Instituto Tecnológico de Aeronáutica, de São José dos Campos, São Paulo, realizou um curso de especialização de telefonia para os engenheirandos de eletrônica de 1951. A DEITA contou, na ocasião, com a colaboração de engenheiros da Companhia Telefônica Brasileira.

Vários agradecimentos

A Sra. Carmen Annes Dias Prudente, presidente da Associação Paulista de Combate ao Câncer, agradece à CTB e, especialmente, à telefonista Yolanda Pedroso, a "solução de um caso de emergência dêste hospital".

• O jornal "Diário do Povo", publica nota elogiosa a Olavo Gomes Machado, nosso colega de Campinas, por ter auxiliado a descobrir, por telefone, no Rio de Janeiro, determinada pessoa.

• O assinante Hygino Jacinto Caleiro, de Franca, Estado de São Paulo, agradece à telefonista - encarregada de Teresópolis, Edna da Rocha Branco, por lhe ter providenciado, com presteza, uma ligação telefônica em caso de emergência.

• A Casa Zambrano, de São Carlos, interior de São Paulo, elogia os préstimos das nossas colegas telefonistas dessa cidade, que muito contribuíram no atendimento de sua numerosa clientela, no que se refere às chamadas telefônicas, quando da liquidação em definitivo das atividades comerciais dessa firma.

• A Rádio Emissora de Botucatu S. A., da cidade de Sorocaba, São Paulo, agradece o zêlo e a eficiência demonstrados por nossas colegas que, no desempenho da sua função, completaram chamadas interurbanas com brevidade.

• O Jornal "O Limeirense", de Limeira, Estado de São Paulo, faz efusivos elogios às telefonistas e dá especial atenção à telefonista-chefe, Durvalina Velho, pelo zêlo e eficiência que devotam ao serviço telefônico daquela cidade.

• A assinante Arletti P. Viesi, da cidade de Presidente Prudente, S. Paulo, felicita e agradece o trabalho das telefonistas, chefe e da nº. 20, dessa cidade.

• O Comando da Academia Militar das Agulhas Negras, na pessoa do seu comandante, General Adalberto Pereira dos Santos, agradece a atenção dispensada aos oficiais e cadetes daquela escola, por ocasião da visita de instrução que realizaram às dependências da CTB, em Resende.

• Pelos serviços prestados à normalização das instalações telefônicas da Estação de Cataguazes, os nossos colegas John Drummond Murray, Clério Pereira dos Reis e o motorista Alcides Dias, da CTB de Belo Horizonte, foram homenageados pelo Sr. Vicente Martins, chefe de Zona da Rêde, daquela cidade mineira.

• O Major-Brigadeiro Antônio Guedes Muniz, felicita a Companhia Telefônica Brasileira (Petrópolis) e, especialmente, a telefonista n.º 310, que "foi de uma gentileza invulgar", conseguindo-lhe em poucos minutos, apesar das inúmeras dificuldades decorrentes de temporal, uma comunicação telefônica de caráter urgente, de Petrópolis para São Paulo.

• O Major João Corrêa Silva Pinto, congratula-se com a Telefônica e elogia o atendimento eficiente da nossa colega, telefonista-chefe n.º 3, do Rio de Janeiro, que o ajudou, através do serviço telefônico, a elucidar um doloroso acontecimento.

• O jornal "Jundiaiense", de Jundiaí, São Paulo, publica nota elogiosa à CTB, pelo seu trabalho durante a realização dos Jogos Abertos naquela cidade.

Irradiação

A Rádio Cultura de Araraquara, no Estado de São Paulo, agradece à Companhia Telefônica Brasileira pela sua cooperação na transmissão dos discursos do Presidente da República e do Governador paulista, quando estiveram no Congresso Estadual Rural.

Colaboração inexcedível

A tentativa de greve geral que paralisou transportes coletivos no Rio, em Santos e em algumas cidades do Estado do Rio, trouxe como decorrência, a ameaça de um colapso total nas comunicações locais, interurbanas e internacionais que, levada a têrmo, traria resultados altamente prejudiciais e de sérias conseqüências para a vida do país.

Graças ao esfôrço de colegas dedicados, tal ameaça foi debelada. Vencendo tôda a sorte de dificuldades, chegando a percorrer grandes distâncias a pé, apresentando-se expontâneamente ao serviço, embora estivessem muitos de férias, conseguiram chegar aos locais de trabalho, onde executaram os serviços necessários, inclusive daqueles que foram impedidos por completo de comparecer. Foi assim evitada a paralisação de um serviço de alta essencialidade.

O fato não podia passar sem êste registro especial. Com satisfação, SINO AZUL deixa aqui consignado um voto de louvor e o justo orgulho que sentimos pelos nossos companheiros de trabalho que, mais uma vez, demonstraram elevado espírito de compreensão e evidenciaram a noção de cumprimento do dever que em tão alto grau possuem.

ENIGMA dos ENGANOS

VEJA, CARO LEITOR, SE VOCÊ CONSEGUE DESCOBRIR OS 9 ENGANOS COMPARANDO O DESENHO ① COM O ②

(SOLUÇÃO NA ÚLTIMA CONTRACAPA)

DIA DA TELEFONISTA

A PASSAGEM de mais um 29 de junho, dia consagrado à Telefonista, provocou várias comemorações e homenagens que essas colegas bem merecem. Cartas e até telefonemas especiais, como o que foi feito pela senhora Desembargador Luiz Miguel Pinaud, presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Rio, foram altamente elogiosos. Houve uma festa no Rio com a eleição de "Miss Telefonista" e o consagrado Guilherme de Almeida, na habitual crônica "Eco ao longo dos meus passos", do "O Estado de São Paulo", dedicou-lhes a bela crônica que, abaixo, transcrevemos:

"O DIA DA TELEFONISTA"

Será amanhã. Justa é a homenagem: mas insuficiente a designação. "Dia"?... "Dia e Noite" — diria eu, fugindo, em pensamento, para o PBX das grandes emprêsas e para o passado, quando ainda não havia o serviço automático. Porque era assim que eu as "via", as invisíveis...

...invisíveis fiandeiras do nosso destino: — pacientes Penélopes, sentadas aos seus teares, dedos de fada entretecendo com fios e fios, em que se emaranhavam segredos, interêsses, sonhos, impertinências, felicidades, tragédias, verdades e mentiras, a teia infindável do nosso invariável dia e noite, noite e dia... Pequenas Ariadnes, tantas vêzes nos dando a ponta do novelo de fio que, desenrolado, nos ensinaria a sair de tantos e tantos labirintos... Animadoras de teatrinho de bonecos, cordéis presos aos seus dedos, movendo a gente no tablado... Donas do carretel de linha com que no céu empinávamos nossos vistosos papagaios de papel de seda.

— Coisas de poeta!

Nem tanto. Muito mais de poeta é esta simples realidade: — a audível presença. Ah! essa presença! Lembro-me da confidência de um velho amigo. Dizia-me:

— Você não sabe o que é solidão. Não a deserta, mas a populosa. Não numa ilha perdida, num cárcere esquecido, num areal sem fim. Não. A solidão na grande cidade! O abandono de todos em tudo! E a noite enorme, monstuosa, com seus barulhos brutos, em tôrno. Nada de humano, porque nada "para mim", compreende?... Ah! Mais de uma vez, em momentos que tive, como êsse, sabe o que eu fazia? Atirava-me ao telefone, discava "zero-zero", só para ouvir a voz da telefonista: uma voz que era para mim, só para mim... Era uma presença: como a de uma enfermeira junto a um leito de hospital. E fazia-me bem...

Amanhã é o "Dia da Telefonista". Estou pensando na maneira melhor de comemorá-lo. E outra não encontro senão esta: — pensar com saudade, com muita e muita enternecida saudade, na última vez que ouvi, na antiga e doce inflexão, esta calada voz:

— Número, faz favor!

Yvonette Marques Pimentel, colega telefonista de Jacarepaguá, é a "Miss Telefonista" de 62, eleita pelo Telefônica Atlético Clube do Rio

Marineide de Souza Cantanhede, de Campo Grande, por seus atributos, foi considerada Princesa.

Vera Lucia de Oliveira Schmidt foi uma forte concorrente. Soube desfilar com desembaraço e graça.

A candidata de Marechal Hermes, Maurini T. de Souza, conquistou a simpatia dos presentes à festa.

Celir Moraes dos Santos, outra colega do Interurbano, do Grupo 3, que foi classificada Princesa das Telefonistas, merecidamente.

Nossa colega do Serviço "06", Helena da Consolação Rocha, com certo desembaraço, apresentou-se bem, diante do Júri.

Representou o Grupo 1, do Interurbano, Marly de Paula Sampaio, que teve atuação destacada no desfile. Agradou muito.

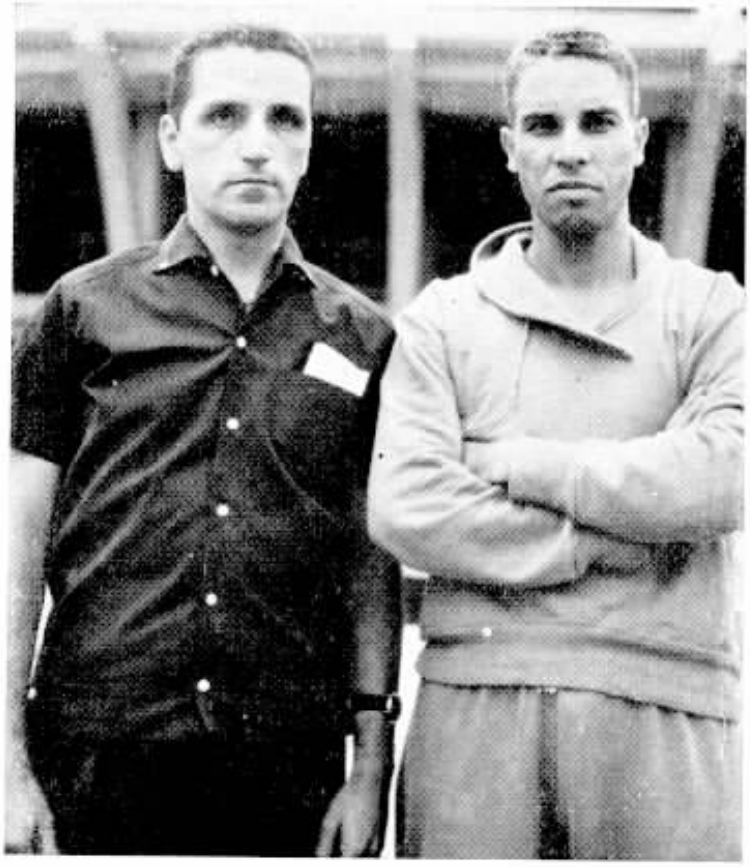
Sorriso franco de Luzia Dalva Bedim. Foi uma séria candidata ao título. Bastante aplaudida.

Com seu lindo e bem enfeitado vestido, Léa Alvarez deu um toque interessante à bela festa.

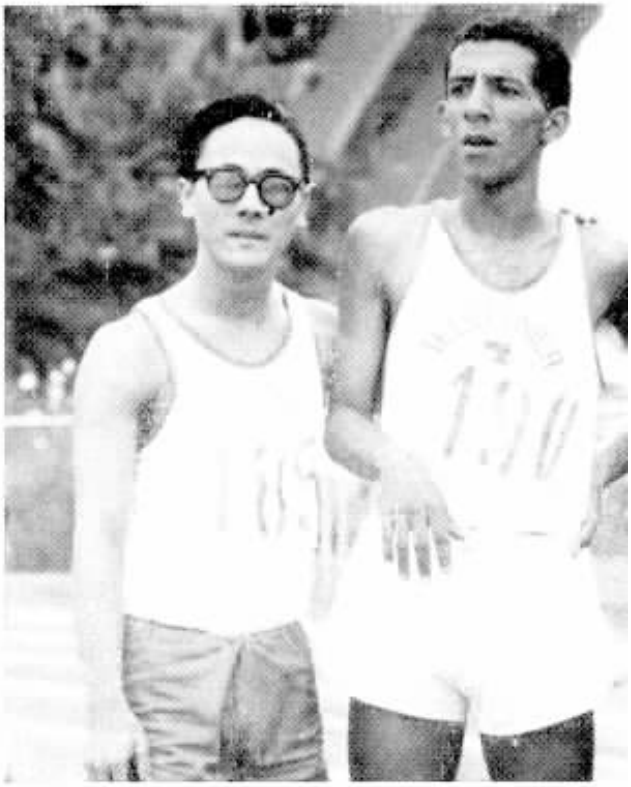
Com lindo vestido, que despertou a atenção de todos, Lídia Vaz marcou sua presença no concurso.

Candidatas ao título de Miss Telefonista de 1962, no baile com que o Telefônica Atlético Clube homenageou essas colegas. Uma comissão composta dos Srs. Mário Saladini, Rui Pôrto, Arnaldo Jorge Ferreira da Silva, Helio Fortunato, Armindo Ferreira da Mota e das Sras. Silvina Soares e Mafalda (manequim profissional), escolheu Yvonette Marques Pimentel, de Jacarepaguá, Miss Telefonista de 1962.

Aí está a valorosa equipe apresentada pelo Telefônica Atlético Clube, na promoção do SESI.



O presidente Althair F. Paula, à esquerda, com o treinador da equipe do TAC, Francisco Cortez.



A equipe do 4 x 100, compeã da prova. Da esquerda para a direita: Joe Satow,

CATEGÓRICO O TAC VENCENDO O TORNEIO DO SESI

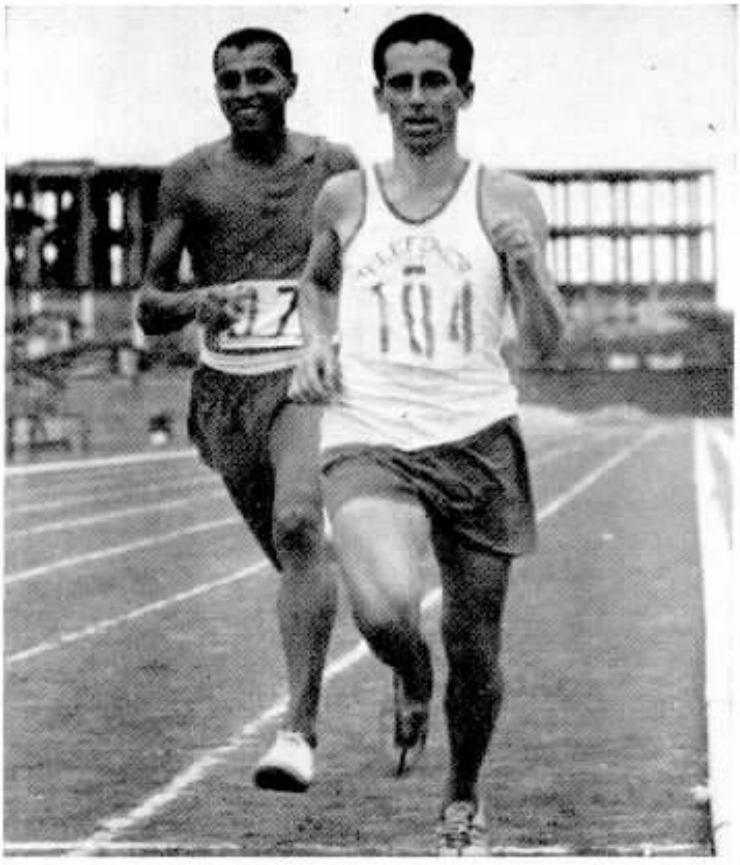
A EQUIPE de atletismo do Telefônica Clube, do Rio, levantou, mais uma vez, um torneio promovido pelo SESI, na série preparatória dos próximos jogos anuais, que já constituem atração marcante no calendário desportivo do Estado da Guanabara.

Contando com um grupo de excelentes atletas em plena forma física, a rapaziada do T.A.C. não teve dificuldade em impor-se aos seus valorosos adversários, nas duas séries disputadas.

Foi esta a quarta vez consecutiva que o Telefônica realizou tal feito, restando dizer que, na série "A", fêz 154 pontos e, na "B", 114, ambos distanciados dos segundos colocados, por larga margem, na primeira com uma diferença de 68 e na segunda, com uma diferença de 59 pontos, alcançados, respectivamente, pelo Otis e pelo Inapiário. Nas disputas, o TAC obteve, nas duas séries, 17 medalhas de vermeuil (1.º lugar), 5 de prata (2.º lugar) e 9 de bronze (3.º lugar).

A equipe do TAC foi levada à vitória pelo dedicado atleta e seu treinador, Francisco Cortez, que tem encontrado em Althair F. de Paula, atual presidente do grêmio cetebense, integral apôio na sua atividade incansável.

Francisco Pacheco, Manoel Dias e Hélio Malheiros. Excelente o tempo registrado.



Chegada dos 1 500 m rasos, com Gastão Nogueira, do TAC, em 1.º, em ótima performance.

Vilma Loureiro, a nova Rainha, recebe beijos das princesas Amair dos Santos e Creusa M. Santos.

Waldemar P. Lima fala com o governador Celso Peçanha no PS da Colônia. Ainda, na foto, o Vereador Corinto Almeida e Armando M. Santos.

Assim é a Colônia, clima salutar com recantos dos mais aprazíveis e linda e interessante paisagem.

O parque da petizada, com gangorras, balanços e outros divertimentos, é olhado com carinho e dedicação por João Guimarães, visto na foto.

COLÔNIA DE FÉRIAS "GRAHAM BELL"

GANHA TELEFONE E ELEGE VILMA LOUREIRO RAINHA

*

DOIS auspiciosos acontecimentos marcaram, na Colônia de Férias Graham Bell, situada na estação de Francisco Fragoso, no Estado do Rio de Janeiro, um dia cheio de festas e de culminante alegria, cujo programa de comemorações pleno de atrativos organizado pela Diretoria da Colônia, composta de João Guimarães, Francisco Rodrigues Valente e José Alceu Portocarrero, levou àquele local aprazivel, inúmeros colegas. O primeiro, foi a inauguração do Pôsto Telefônico Público, sendo representante do govêrno do Estado do Rio de Janeiro, na auspiciosa solenidade, o vereador Corinto de Almeida. Ainda, presentes, nessa cerimônia, o prefeito de Miguel Pereira, Sr. José Antônio da Silva; Waldemar Pires de Lima, representando a nossa Emprêsa; Armando Monteiro dos Santos, presidente do Sindicato de Classe; autoridades locais e outros colegas.

O outro fato, foi a interessante solenidade da coroação de Vilma Loureiro como II Rainha da Colônia de Férias, que teve como princesas Amair dos Santos e Creusa M. dos Santos, ambas do Estado da Guanabara.

Após às solenidades, um apetitoso churrasco foi servido e bastante apreciado, seguido de animado baile, que se prolongou por tôda a tarde.

Nossa colega Maria Alice, da Contabilidade-Rio, exibe um exemplar de "A Turbina" em sua mais nova apresentação.

NOVA FASE DE "A TURBINA"

A REVISTA "A Turbina", editada mensalmente pelo Departamento de Relações Públicas da Rio-Light S. A., através da Divisão de Relações com a Comunidade, está em nova fase e formato, tendo o seu primeiro número, dentro dêsse critério renovador, circulado com uma capa desenhada a traço pelo artista Moriconi com um aspecto da Usina de Ponte Coberta.

Um interessante artigo de Odylo Costa Filho, apresenta a revista em sua nova orientação, ressaltando bem a situação da Light dentro do esfôrço de progresso do Brasil, sem par na América do Sul. Êsse espírito, capaz de obras gigantescas, é o que inspira "A Turbina", órgão dos que, trabalhando na Light, trabalham pelo Brasil.

Após a realização do Curso de TWI, em Petrópolis, uma foto de confraternização: colegas que fizeram o curso e o instrutor Oswaldo Peres. Na extrema direita, Nair T. Tocantins, Telefonista-Chefe local.

CURSO DE TWI VAI AO ESTADO DO RIO

COM o objetivo de levar os conhecimentos administrativos aos nossos colegas do Estado do Rio de Janeiro, o Departamento de Treinamento do Pessoal e Segurança no Trabalho organizou e realizou o Curso de Relações Humanas no Trabalho, nas seguintes localidades: Niterói, Nova Iguaçu, Campos, Barra Mansa, Três Rios e Petrópolis.

Grande foi o número de participantes, sendo os melhores possíveis os resultados obtidos nos cursos que dão aos supervisores, novas idéias e métodos de orientação em serviço, com normas as mais modernas e realizam intenso estudo de situações complexas onde é preciso evidenciar-se a capacidade de dirigir.

Flagrante das despedidas ao Curso em Barra Mansa, quando o instrutor Virgílio Diego Caballero fazia a apreciação do valor individual de cada participante. Os sorrisos mostram um bom resultado.

Ao alto, Waldyr Simões Bastos, chefe do Distrito de Tráfego B-2, cumprimentando a colega Shirley M. Cardoso, do Tráfego de Resende, pela conclusão do seu TWI. Abaixo, três supervisoras de Nova Iguaçu: Esther Paderni, Daiza Barbosa e Léa Lindozo Rodrigues, numa ampla demonstração de sua alegria.

Maria Domingas da Silva e Nancy dos Santos, de Barra Mansa, também participaram do Curso de Relações Humanas no Trabalho, ministrado por V. D. Caballero. Aproveitamento integral nessas cidades.

SOLUÇÃO DO "ENIGMA DOS ENGANOS"

Trocada a posição das pernas

Mala sem as ferramentas

Desapareceu a figura da calçada

Diferente a moldura do quadro

Sumiu o emblema do lado

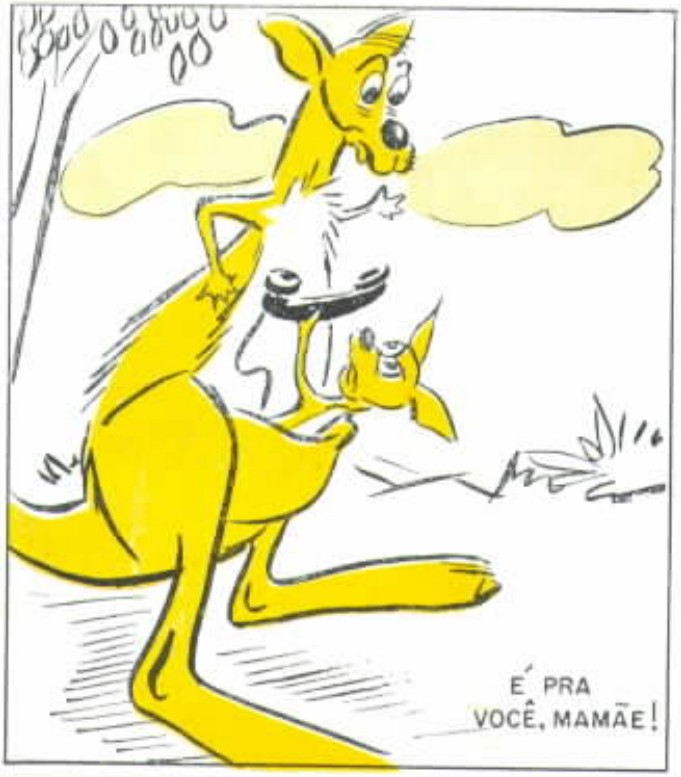
Menos um bôlso na calça

Posição diferente do fio

A grade com outro formato

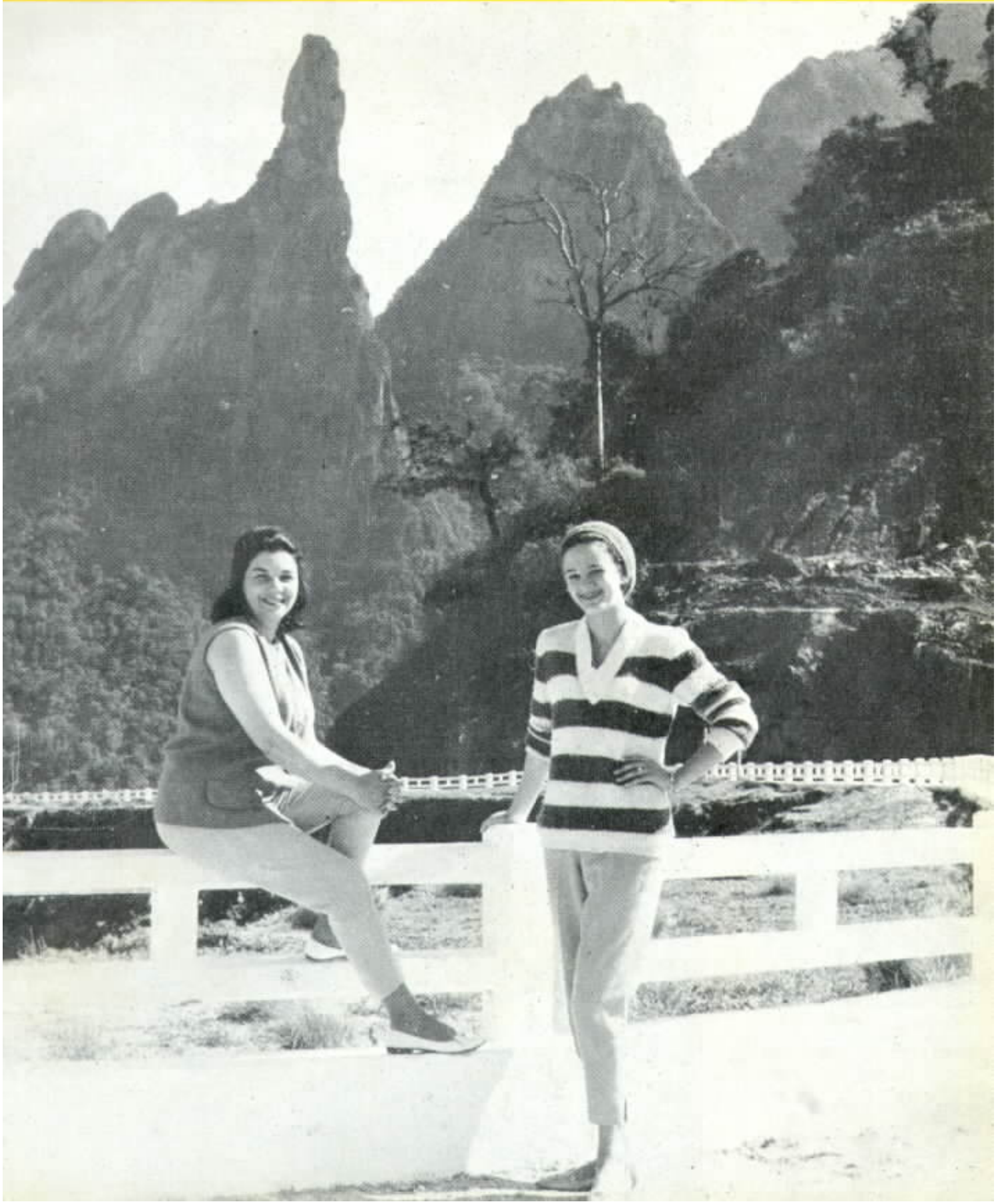
Sino Humor

através da imprensa mundial



Sino Azul

N.º 4 — 1962



Sino Azul

ANO XXXV N.º 4 — 1962

CAIXA POSTAL 450
RIO DE JANEIRO

☆

REVISTA DOS
EMPREGADOS
DAS ORGANIZAÇÕES:

COMPANHIA TELEFÔNICA
BRASILEIRA

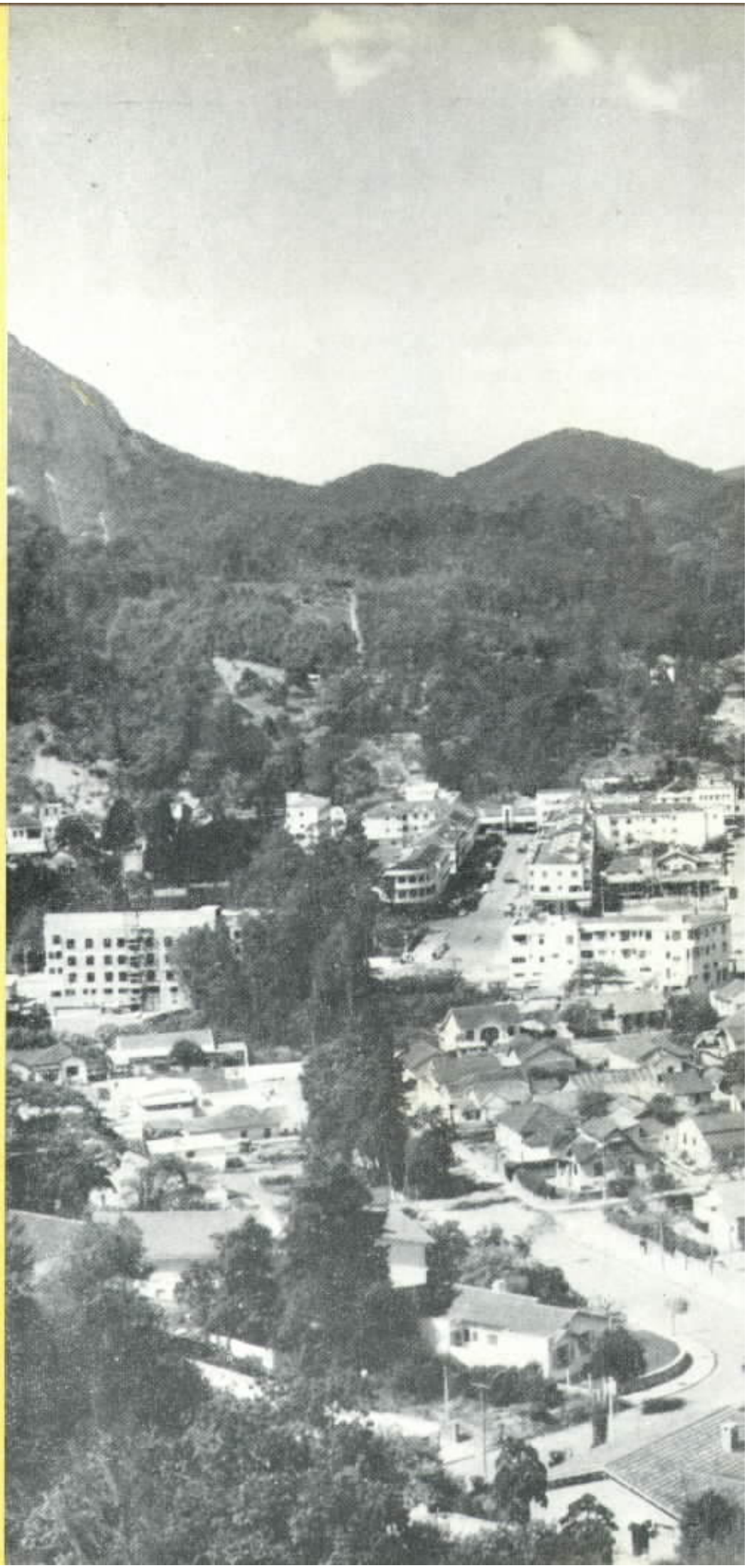
COMPANHIA TELEFÔNICA
DE MINAS GERAIS

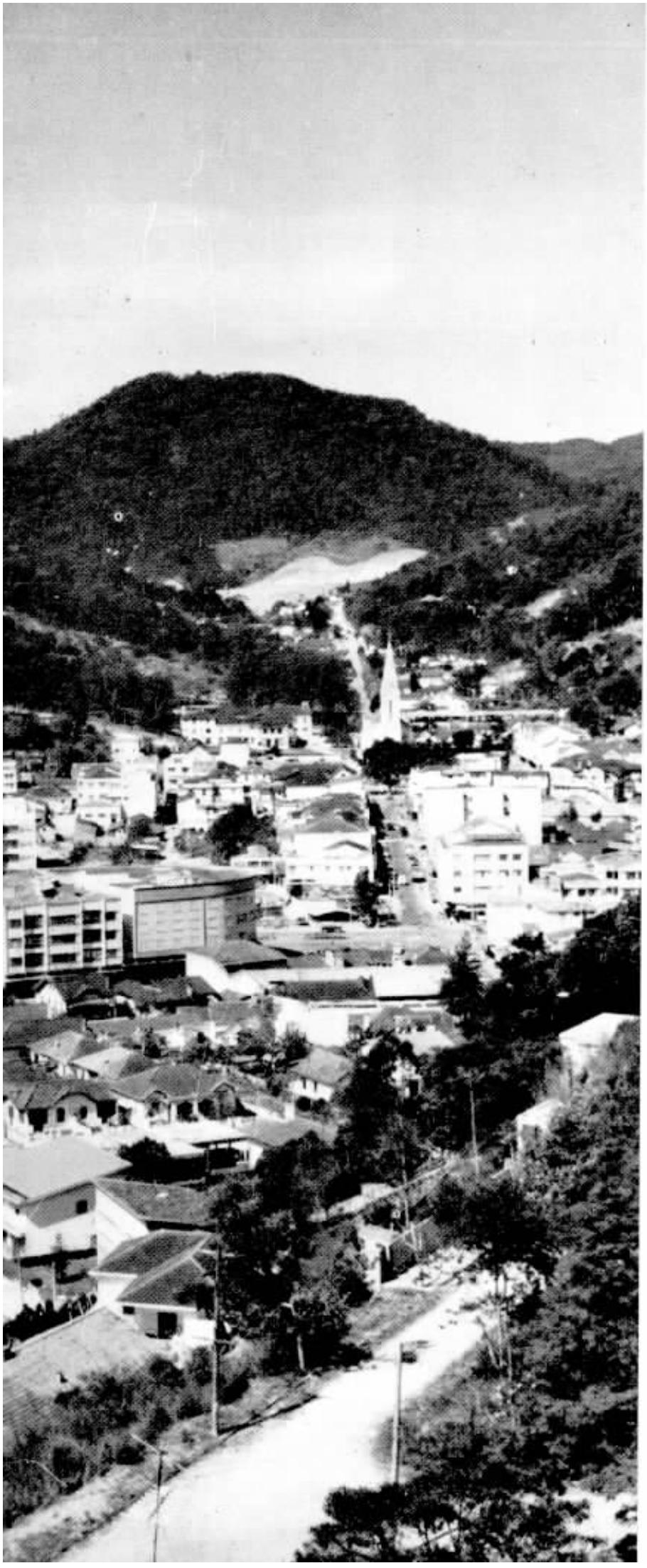
COMPANHIA TELEFÔNICA
DO ESPÍRITO SANTO

☆

NOSSA CAPA

Maria de Lurdes Azevedo e Célia Esteves, duas colegas, num trecho da estrada Rio — Teresópolis. Ao fundo, o "Dedo de Deus" emoldura a deslumbrante paisagem.





TERESÓPOLIS

EMOLDURADA por uma natureza exuberante, Teresópolis é uma das mais famosas cidades do Brasil, mercê de seu clima excepcional e da incomparável beleza que exibe ao natural orgulhoso e ao turista surpreendido. Sua fama corre mundo, apregoada principalmente por milhares de turistas estrangeiros que, seduzidos pelo seu renome e aproveitando a proximidade do Rio, a têm visitado, muitos rendendo-se de vez aos seus encantos e ali fazendo construir algumas das mais belas casas de veraneio do país.

O município tem história ainda relativamente curta. Foi criado pelo decreto n.º 280 de 6 de julho de 1891, pelo primeiro governador constitucional do Estado do Rio de Janeiro e compõe-se de três distritos: Teresópolis, que é a sede, Paquequer Pequeno (Santa Rita) e Nhunguaçu (Venda Nova). A área é de 908 km quadrados e a população superior a 50 mil habitantes.

O Imperador D. Pedro II, entusiasta de sua natureza, quis fazer de Teresópolis, cidade que tem êsse nome em homenagem à imperatriz, a própria Capital, após inesquecíveis férias passadas em suas serras; e, ainda no início da República, foi oficialmente decretada a transferência da capital fluminense para Teresópolis, embora não se tenha efetivado a mudança.

O clima teresopolitano é famoso como restaurador e tonificante, com temperatura média de 17º, sêco, ameno e saudável.

Com altitude média de 910 metros acima do nível do

Vista parcial de Teresópolis, cidade de clima privilegiado e decantada, dentro e fora de nosso País, por quantos a viram.

O prefeito de Teresópolis, Senhor Omar Duarte de Magalhães, recebe, em audiência, o gerente comercial da Telefônica, Reginaldo M. Castro. Assunto de interêsse para a grande cidade da serra: mais telefones.

mar, é a mais alta cidade do Estado do Rio, contando com verdadeiros "paraisos" para os alpinistas, dados os picos montanhosos que apresenta para essa prática desportiva, tais como o célebre "Dedo de Deus", com 1 650 m de altura; o "Nariz do Frade", com a exótica "verruga" com 1 919 m, a "Pedra do Assú", com 2 230 m, a "Agulha do Diabo", com 2 020 m, e a "Pedra do Sino", ponto culminante da Serra dos Órgãos, com 2 263 m.

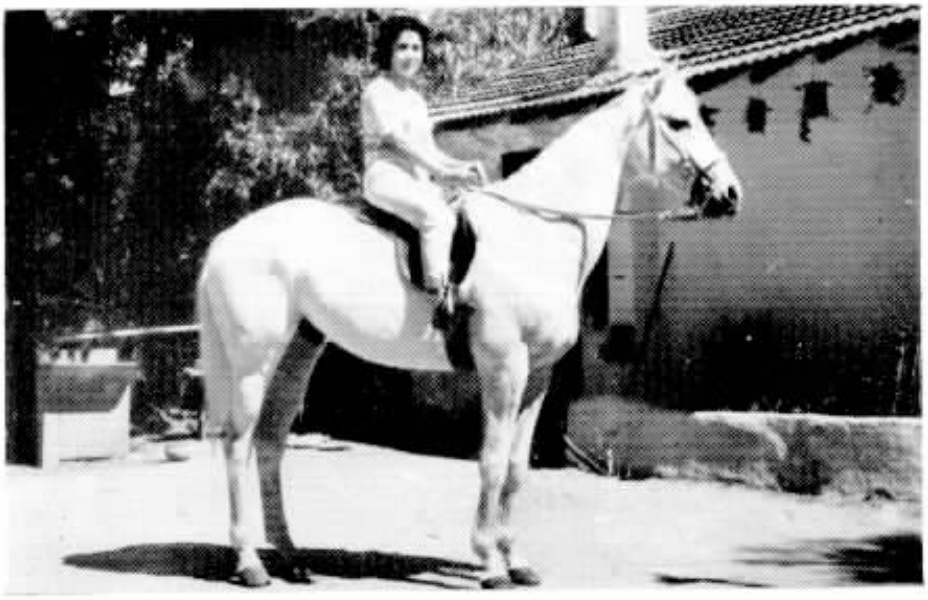
De facílimo acesso, Teresópolis pode ser alcançada por magníficas estradas rodoviárias e através da ferrovia da Central que, indo até Magé ou Guapi-Mirim, deixa pequeno trecho a percorrer, em ônibus ou lotação, até Teresópolis.

Com bairros modernos, Teresópolis tem clubes, hoteis e residências que nada fi-

No interior da estação: Ulisses Mattos liga uma chave, sob o olhar atento do Encarregado Hélio Moreira dos Santos. Ao lado, a colega Ely L. Mendes que, numa folga, faz visita agradável.

Horácio Silva e René Elias Tanus, ao lado, são diligentes auxiliares no Comercial. Acima, as colegas Maria D. M. Leitão, Ivete C. Correia e Cyrlei L. Dias, na Fábrica Hortência, de porcelanas.

Nem sempre há trabalho nas 24 horas de uma telefonista. E quando chega a folga, Elizabeth da Silva não despreza a boa companhia do violão, instrumento de que é eximia executante.



Ao alto, sentada, Iva B. Machado, Encarregada-chefe, ladeada por Zaida L. Ferreira e Gertrudes N. Sanglard. No centro, as colegas Beatriz S. Borges, Glorinha Souza e Durvalina de Oliveira. Embaixo, Lilia Escossia de Vasconcelos, pronta para um galope pelas aléias do maravilhoso Parque Nacional da Serra dos Órgãos.

cam a dever aos melhores do Brasil. Para os amantes da natureza é pródiga, oferecendo por todos os recantos, novos aspectos, surpreendentes paisagens, sempre originais e invulgares, com panoramas soberbos, avistando-se a baixada, a baía de Guanabara e o maciço rochoso da Serra.

Seu Parque Nacional da Serra dos Órgãos, merece destaque especial pela imponência de sua natureza e enorme extensão, sitio ideal para excursões, alpinismo e equitação, e onde se encontram museus, postos de meteorologia, piscinas naturais e abrigos.

Cidade culta, tem ginásios, educandários diversos, escolas técnicas, academias culturais e musicais, três semanários, uma revista e uma estação de radiodifusão, a ZY-L2, Rádio Teresópolis.

No que toca à Companhia Telefônica Brasileira que a serve com a sua rêde, possui Teresópolis 2 426 telefones instalados, além de três postos públicos.

Cinqüenta e cinco telefonistas, sob a diligente chefia de Iva Batitucci Machado, auxiliada por Zaida Lippi Ferreira e Gertrudes Nazaré Sanglard, atendem às solicitações que, no verão, são enormes. O pessoal da Rêde tem em Hélio Moreira dos Santos, um chefe ativo, prestigiado pelos seus quatorze funcionários.

O gerente comercial da CTB em Teresópolis, é Reginaldo M. Castro, eficientemente auxiliado por Horácio Silva e René Elias Tanus, os quais, também, ali, lutam com a demanda crescente e as dificuldades de atendimento que acompanham o desenvolvimento rápido da cidade, projeção magnífica da beleza petropolitana e da grandeza majestosa da Guanabara, que lhe ficam tão perto.

Com bom gôsto e o tempo disponivel das folgas, alguns modelos de que cuidam Cacilda G. Bussinger e Edna da Rocha Branco.

Nossa colega Emi Maria de Pinho, é, também, famosa voz entre os locutores da Rádio Teresópolis, anunciando, ao microfone, as belezas da cidade.

Carmelinda Oliveira de Castro emprega seu tempo livre, na agradável companhia dos filhinhos que se divertem no belo Parque Olimpico, predileto dos guris.

A praça da Matriz, na Várzea, é ponto elegante e, nele, as colegas Nadir Soares Leal e Nilza Luiza da Rocha são pontos de admiração.

O Sr. Lima Neto, diretor superintendente da Companhia Telefônica de Minas Gerais, inspeciona as novas posições da cidade de Itajubá, equipamento que veio dar àquela cidade, graças à participação dos assinantes no investimento, posição de enorme relêvo no setor das telecomunicações.

Telefones Automáticos em Itajubá

NUMA nova e excelente realização da Companhia Telefônica de Minas Gerais, foi inaugurado o serviço telefônico automático de Itajubá, cidade progressista, notável pelos seus empreendimentos que visam o engrandecimento do município.

O equipamento pôsto em serviço, é dos mais modernos. Do tipo "crossbar", de grande velocidade de operação, tem manutenção das mais baratas e capacidade atual de 1.200 linhas, com possibilidades para grandes acréscimos, pois o prédio onde está instalada a central comporta até seis mil linhas. O terreno também permite a ampliação do edifício, visando a adição de nôvo equipamento, o que dá bem uma amostra da previsão e alta qualidade dos planos executados, em função do progresso constante daquela cidade mineira.

À solenidade de inauguração do nôvo serviço, achavam-se presentes os Srs. Augusto de Lima Neto, Diretor Superintendente Geral da CTMG; Jaime Figueiredo, representante do General Genaro Bomtempo, Interventor Federal na CTB; Prefeito Vicente Vilela Viana; Dr. Evaristo Cabral Renó, promotor de Justiça e representante do Governador do Estado; Major Eraldo Barbosa Botelho, comandante do 4.º Batalhão de Engenharia e da guarnição do Exército em Itajubá; Engenheiro Hans Lieberenz e outros representantes da Ericsson do Brasil, fornecedora do equipamento, além de outras autoridades e convidados.

Itajubá pode orgulhar-se, agora, de possuir um dos mais modernos sistemas telefônicos do país, à altura de seu adiantamento.

Tendo por fundo, o prédio da CTMG em Itajubá, o prefeito Vicente Vilela Viana, a quem coube a grata tarefa de inaugurar os novos melhoramentos com que passou a contar a progressista e bela cidade mineira.

Grupo de pessoas presentes à inauguração dos novos serviços em Itajubá, vendo-se, à esquerda, o Sr. Octacílio Mattos, superintendente do Tráfego da Telefônica de Minas Gerais e o Sr. Jaime Figueiredo, representante do Interventor Federal na Companhia Telefônica Brasileira, General Genaro Bomtempo.

Fazendo a entrega do edifício e de suas instalações, à cidade, discursou o Sr. Augusto de Lima Neto que ressaltou a importância do acontecimento e assinalou ser, Itajubá, a sede do Instituto de Eletrotécnica, de cujos bancos escolares, saíram quase todos os engenheiros que trabalham em emprêsas de telecomunicações no país, inclusive na CTMG e na Ericsson. Mencionou também as tradições de Itajubá, prestando carinhosa homenagem a S. Excia. o ex-presidente da República, Wenceslau Braz, glória e orgulho dêsse rincão mineiro.

Discursaram, ainda, na ocasião, o Prefeito Dr. Vicente Vilela Viana; e os Srs. Everaldo Perlingeiro, Presidente da Associação Comercial, o Vereador Luiz Fernando, representante da Câmara Municipal e o Vereador Benedito Macedo que também se congratulou com a cidade e o povo que soube bem compreender o quanto de progresso representava a conquista do telefone automático.

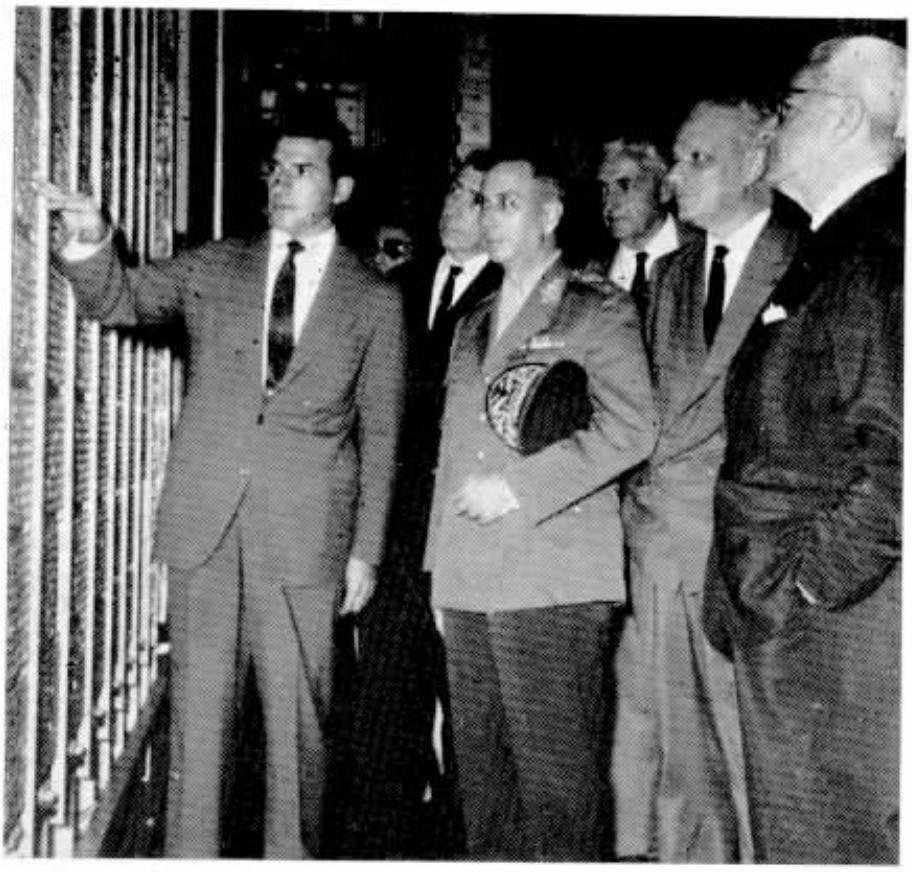
Outro flagrante da cerimônia de inauguração do serviço automático de Itajubá, quando discursava o Sr. Augusto de Lima Neto.

Em companhia dos Srs. Carlos Reis Filho, General Landry S. Gonçalves, René Darbilly, Gastão Vaz e Paulo Coelho, o Gen. Genaro Bomtempo inspeciona atentamente as instalações telefônicas da estação "23-43".

GENERAL GENARO BOMTEMPO INSPECIONA VÁRIOS SETORES DE NOSSA COMPANHIA

O GENERAL Genaro Bomtempo, Interventor Federal na Companhia Telefônica Brasileira, realizou uma série de inspeções a tôdas as dependências da nossa organização, procurando, assim, ter uma idéia geral do funcionamento da complexa máquina acionada pela CTB.

Acompanhado pelo Sr. Carlos Reis Filho, pelo General Landry S. Gonçalves e outros dirigentes da Emprêsa, o Sr. Interventor Federal colheu as mais amplas informações nos diversos setores de trabalho da Companhia.



Paulo Coelho, Superintendente da Rêde da Divisão do Estado da Guanabara, explica ao General Genaro Bomtempo detalhes técnicos do intricado equipamento telefônico automático da estação "23-43".

PLANO BANDEIRANTE

1 200 NOVOS CIRCUITOS INTERURBANOS SOMANDO UMA EXTENSÃO DE DUZENTOS MIL QUILÔMETROS

ATENDENDO ao crescente aumento de serviço interurbano em São Paulo, a Companhia Telefônica Brasileira elaborou plano de expansão de sua rêde intermunicipal em todo o território paulista, a que deu o nome de "Plano Bandeirante". Procurando suprir as necessidades futuras, êsse plano apresenta, em consonância com o programa desenvolvido pelo govêrno do Estado, a continuidade do propósito de servir melhor. O "Plano Bandeirante" já foi aprovado pelo Departamento de Águas e Energia Elétrica, da Secretaria de Viação, ao qual estão afetos os serviços dessa natureza.

Em cerimônia realizada na Secretaria de Viação e Obras Públicas do Estado de São Paulo, presentes os Srs. Carlos Reis F.º e J. Portugal Gouvêa, diretores

PIONEIRISMO

O início do serviço telefônico interurbano, através de micro-ondas, no Brasil, ocorreu nêsse Estado, por iniciativa da própria Cia. Telefônica Brasileira, com a ligação entre São Paulo e Campinas. A primeira tôrre foi erguida no alto do Tucuruvi, outra nas imediações de Cabreuva, e, a última, em Campinas.

Logo em seguida, foi inaugurada a ligação com a Guanabara, num percurso muito maior, pois as subestações com suas tôrres, em número de onze, que unem as duas maiores cidades brasileiras, partindo da tôrre do alto do Tucuruvi, atravessam todo o Vale do Paraíba e parte do Estado do Rio até Caxias. As ligações entre as estações iniciais ou terminais e as centrais interurbanas são sempre feitas através de cabo coaxial.

Com essas realizações, as dificuldades entre São Paulo e Rio foram sanadas. Beneficiou-se o Vale do Paraíba, que não recebeu micro-ondas mas ficou com os antigos circuitos, que serviam às duas capitais. Entre São Paulo e Campinas foi obtida com-

da CTB, e Haroldo Prestes Miramontes, além de outras autoridades, foi assinado pelo secretário, Dr. Francisco de Paula Machado de Campos, o Plano Bandeirante.

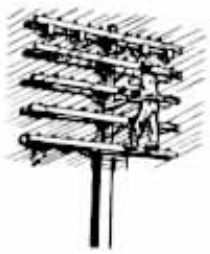
pleta folga nas comunicações, o mesmo acontecendo, de acôrdo ainda com as previsões, entre a capital e cidades do Interior que dependiam de Campinas, devido à eliminação do estrangulamento que ali era freqüente.

BENEFICIADOS

Uma vez vencidas essas etapas iniciais, as novas metas procuram agora a desejada e completa solução das comunicações. Pontos-chave serão atingidos através do "Plano Bandeirante", como Araraquara, Ribeirão Prêto, Bauru e Ourinhos.

Partindo de Campinas, as "micro-ondas" procurarão Araraquara, daí subindo para Ribeirão Prêto e descendo para Bauru e Ourinhos. Nove subestações com as respectivas tôrres e antenas cobrirão todo o percurso.

MIL E DUZENTOS CIRCUITOS



Não apenas os circuítos de micro-ondas serão postos em funcionamento. De acôrdo com os estudos técnicos procedidos, circuitos de outra natureza serão instalados entre aquelas cidades que têm tráfego deficiente, para que tenham maiores facilidades nas ligações entre si.

Nestas circunstâncias, somados todos os novos circuitos a serem postos em funcionamento, o seu total atingirá a cêrca de 1 200, com uma extensão superior a duzentos mil quilômetros, números que refletem a amplitude do empreendimento.

APARELHAMENTO

Êsse considerável aumento de capacidade do Interurbano, gerará, evidentemente, outras necessidades. Uma delas é a dos prédios, que terão de ser construídos. A quantidade é de 46, distribuídos em todos os pontos do Estado.

O número de mesas para ligações interurbanas, tanto na Capital como no Interior, também terá de ser bastante ampliado. Está previsto um aumento de cêrca de 200 posições, o que acarretará a admissão de quase 1 000 novas telefonistas.

Não param aí entretanto as melhorias previstas no "Plano Bandeirante". Considerada também a modernização de todos os serviços, as ligações das estações centrais da Capital paulista com os vizinhos municípios de Santos, Santo André, São Caetano do Sul, São Bernardo do Campo, bem como Rio de Janeiro e Campinas, passarão a ser feitas diretamente pelo usuário do telefone, da mesma forma como hoje se faz de Santos para São Paulo. O melhoramento será introduzido inicialmente nessas estações, onde se concentra o maior movimento do serviço interurbano.

OUTRAS MELHORAS

Novos melhoramentos estão previstos no plano que vem de ser aprovado pelo DAEE. Dentre êles, a instalação de 38 novos sistemas "carriers" e cabos interurbanos entre cidades mais próximas e de tráfego mais intenso, entre São Paulo e Mogi das Cruzes, São Paulo — Guarulhos, Santos — São Vicente, Santos — Cubatão e Santos — Guarujá, para maior eficiência do serviço.

INVESTIMENTO VULTOSO

Empreendimento de tamanha envergadura, que representará por certo, fator decisivo no progresso do nosso Estado, exigirá medidas financeiras de largo alcance. Nas condições atuais, não é possível prever o custo final das obras, sujeitos que estão todos os empreendimentos, nos dias de hoje, a imprevisíveis elevações nos preços dos materiais, da mão-de-obra, do câmbio e das tarifas alfandegárias.

Os dois quadros que disputaram o troféu "Dia do Trabalhador Telefônico": Telefônica A. C. e Caixa Econômica (campeão bancário). Con-

DIA NACIONAL DO TRABA

COMEMORANDO o Dia do Trabalhador em Serviços Telefônicos, o nosso sindicato de classe promoveu um dia festivo, no ginásio Independência, na Guanabara, constando de jogos de futebol e de tênis, de espetáculos circenses para a gurizada, de shows com artistas do rádio e da televisão e encerrando as festividades com animadíssimo baile. Na parte desportiva, em jôgo de futebol, o conjunto do TAC venceu a equipe da Caixa Econômica, especialmente convidada para abrilhantar a promoção. Dirigentes de nossa Companhia compareceram à festa.

Uma competição tenística pelos atletas d

fraternizaram antes do jôgo realizado no campo do Ginásio Independência, no Grajaú. A peleja foi das mais renhidas e assistida por grande número de pessoas que, logo após, viram "show" e dançaram.

O consagrado artista de rádio e televisão, Pato Prêto, divertiu a grandes e pequenos fãs.

LHADOR EM SERVIÇOS TELEFÔNICOS

A direita, o superintendente geral do Pessoal, Sr. Wilson P. Cunha e sua senhora, durante a festa noturna, nos salões do Ginásio Independência, no Rio.

Na extrema direita, a gurizada assiste satisfeita, um número especial e de muito agrado, no "show" da tarde, organizado para as famílias de nossos colegas.

Independência agradou a todos.

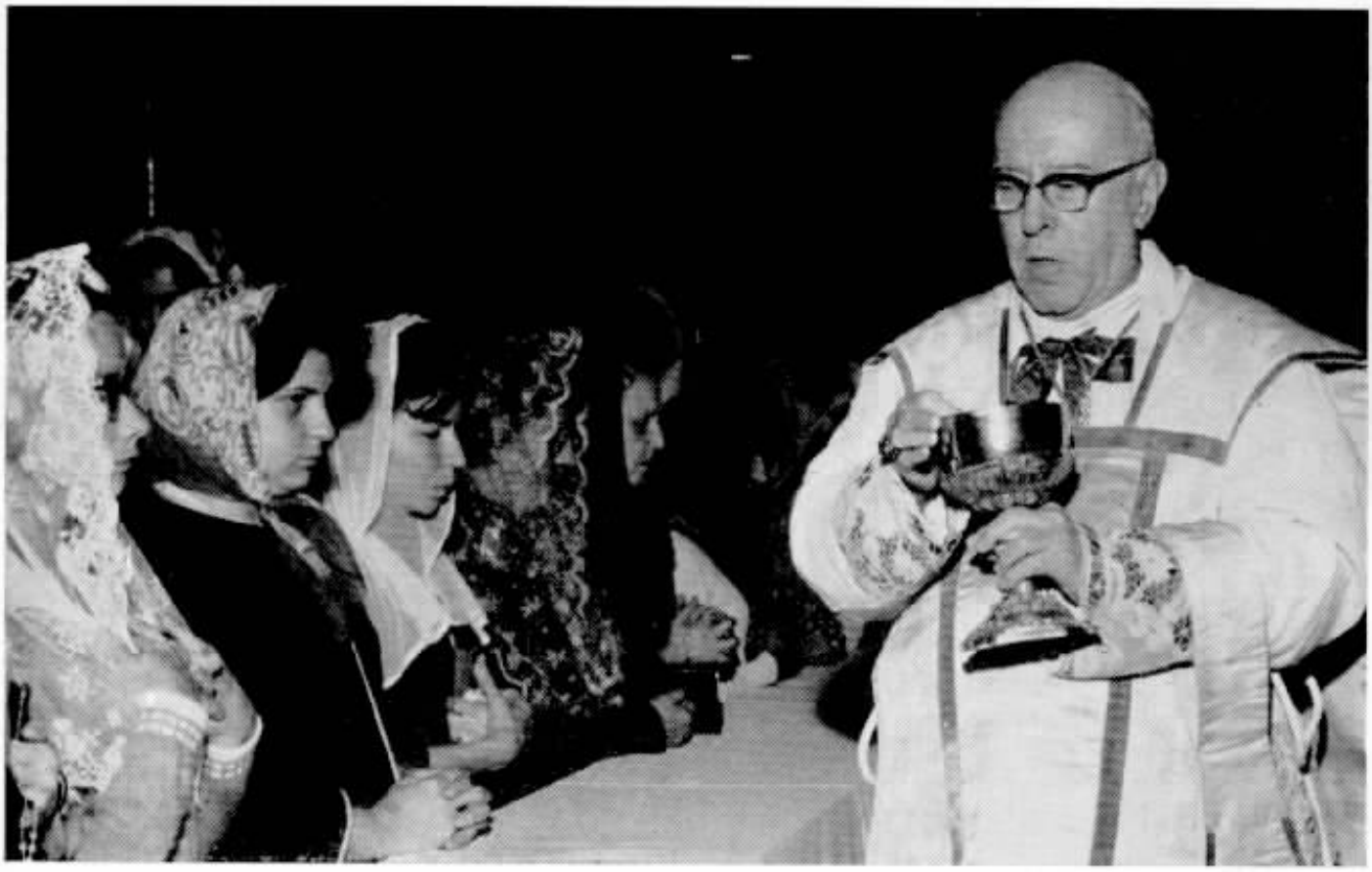
Do "show", participaram nomes de evidência em rádio e televisão.

Flagrante colhido em Jaú, Interior de São Paulo, por ocasião da Páscoa das telefonistas locais.

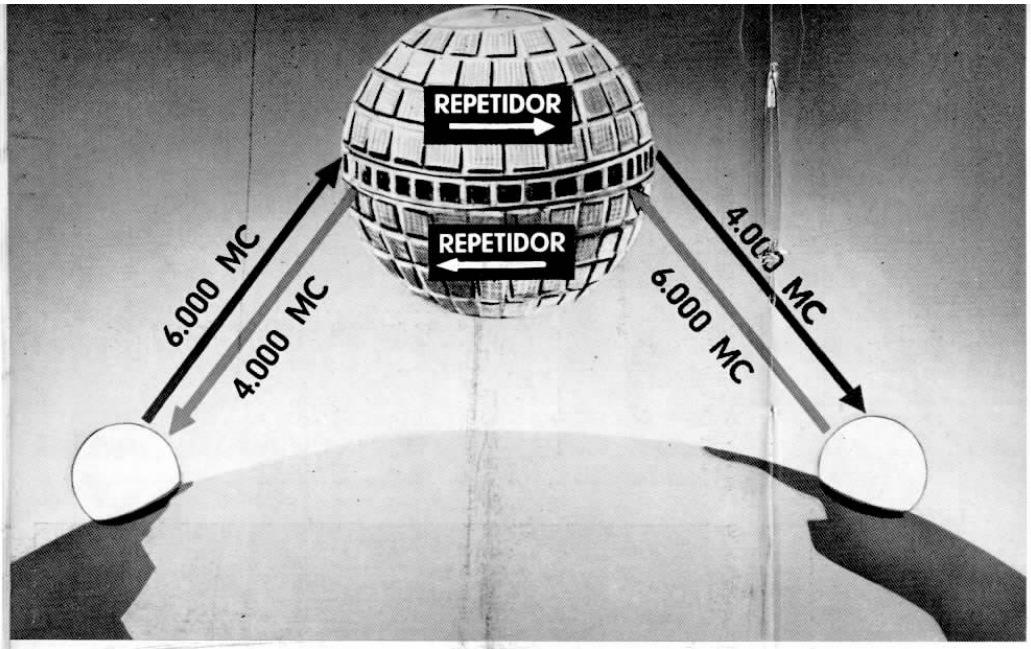
Com a presença dos Srs. Carlos Reis Filho, José Portugal Gouvêa e H. P. Miramontes. S. Ema. Revma., o Arcebisbo Auxiliar de São Paulo, D. Antônio Maria de Siqueira, corta o bôlo pascal, comemorativo dos 25 anos de realização dêsse ato de piedade cristã, pelos colegas da Paulicéia.

COMUNHÃO PASCAL DOS FUNCIONÁRIOS DA C.T.B.

POR tôda a área de operações da nossa emprêsa, teve lugar, com o brilhantismo crescente que se vem observando, ano após ano, a comemoração pascal. Em São Paulo, duas conferências, realizadas na sede do Telefônica Clube, precederam a vigésima quinta festa da Páscoa, admirável Jubileu de Prata, cujo transcurso foi celebrado com todo o relêvo, estando a primeira conferência a cargo do Dr. José Pedro Galvão de Souza, lente da Faculdade de Direito da Universidade Católica e, a segunda, a cargo de S. Em Rev. D. Antônio Maria de Siqueira, Arcebispo Auxiliar de S. Paulo. Grande foi a afluência de comungantes à Igreja do Colégio "Des Oiseaux", das Cônegas de Santo Agostinho. Na Guanabara, a Santa Missa foi celebrada no pátio do prédio da Rio-Light, bastante concorrida. Estas páginas espelham a Páscoa no Rio, em São Paulo e no Interior paulistano.



Foi o próprio Chefe da Igreja no Brasil, Dom Jayme de Barros Câmara, o oficiante da Missa Pascal dos empregados das companhias associadas no Rio de Janeiro. Nossa foto mostra-o ministrando o santíssimo sacramento da comunhão, a um grupo de telefonistas, presentes, com unção a êsse ato.



O primeiro satélite repetidor tem um metro de diâmetro e pesa cêrca de 60 quilos. A estrutura básica é de tubos de magnesium de 2 cm e aço inoxidável. É coberto com 3 600 células solares protegidas por fôlhas de safiras sintéticas colocadas em platino. As antenas, na abertura central, recebem e transmitem sinais radiofônicos utilizando a faixa de 4 000 megaciclos para os sinais do satélite para a Terra e na faixa de 6 000 megaciclos da Terra para o céu. O sinal recebido do satélite é de, aproximadamente, 4 décimos milésimos de 1 milésimo de 1 watt. O coração da repetidora, no céu, é uma válvula de ondas progressivas. É protegida dentro de metal pesado, e é a única válvula usada para a transmissão. A válvula já tem provado sua robustez, sendo usada em foguetes e a durabilidade tem sido pesquisada em testes prolongados nos laboratórios.

SATÉLITES, EM ÓRBITA, REDUZIRÃO AS DISTÂNCIAS PARA AS COMUNICAÇÕES TELEFÔNICAS

A imensidão do espaço sideral fornecerá o meio de comunicações mais moderno entre os inventados pelo homem: um "colar" de satélites repetidores, isto é, satélites com equipamento de recepção e transmissão, em órbita, a alguns milhares de quilômetros da Terra.

O primeiro passo nesta verdadeira aventura no espaço, foi a assinatura, entre o Govêrno americano e a American Telephone & Telegraph Company, de um acôrdo para lançar dois satélites neste ano.

Os satélites serão construídos e controlados, após o seu lançamento, por aquela companhia telefônica, ao govêrno cabendo o fornecimento dos foguetes propulsores e a instalação dos mesmos.

Êsses satélites experimentais constituem os primeiros de uma série, a serem lançados. A rêde inicial consistirá de trinta satélites em várias órbitas à volta da Terra. Contornando o globo de três em três horas, ao menos um será sempre visível, com segurança calculada em 99,9%.

Na Terra, antenas enormes transmitirão palavras e imagens, às estações repetidoras.

Através dos equipamentos dos satélites, os sinais amplificados, embora relativamente fracos, completarão a sua viagem sôbre os oceanos, para serem recebidos num dos dispositivos de discriminação e amplificação: a antena gigante e o equipamento "Maser".

Desde 1954, os Laboratórios Bell estão trabalhando na concepção e aplicação dos satélites ativos de comunicação. É interessante salientar que a maioria das partes componentes, tem sido inventada nesses mesmos laboratórios.

Os transistores, utilizados na repetidora, as células solares que convertem a luz do sol em energia elétrica para fornecer a carga às baterias, as válvulas de onda progressiva que permitem a retransmissão para a Terra, tudo isso é resultado de pesquisas dêsses laboratórios.

E mais ainda, o sistema de dirigir e lançar, que colocará os satélites em órbita, e os "Masers", nas estações repetidoras que permitirão a ampliação dos sinais até quatro mil vêzes, quase sem ruídos estranhos, são contribuições da mesma organização para o progresso científico de amanhã.

A necessidade de tal sistema é clara, facilitando enormemente o crescente tráfego internacional. Para enfrentar a situação atual, serão precisos muito mais circuitos internacionais do que os 560 ora existentes. Calcula-se mesmo que, em 1980, serão precisos 12 000 circuitos.

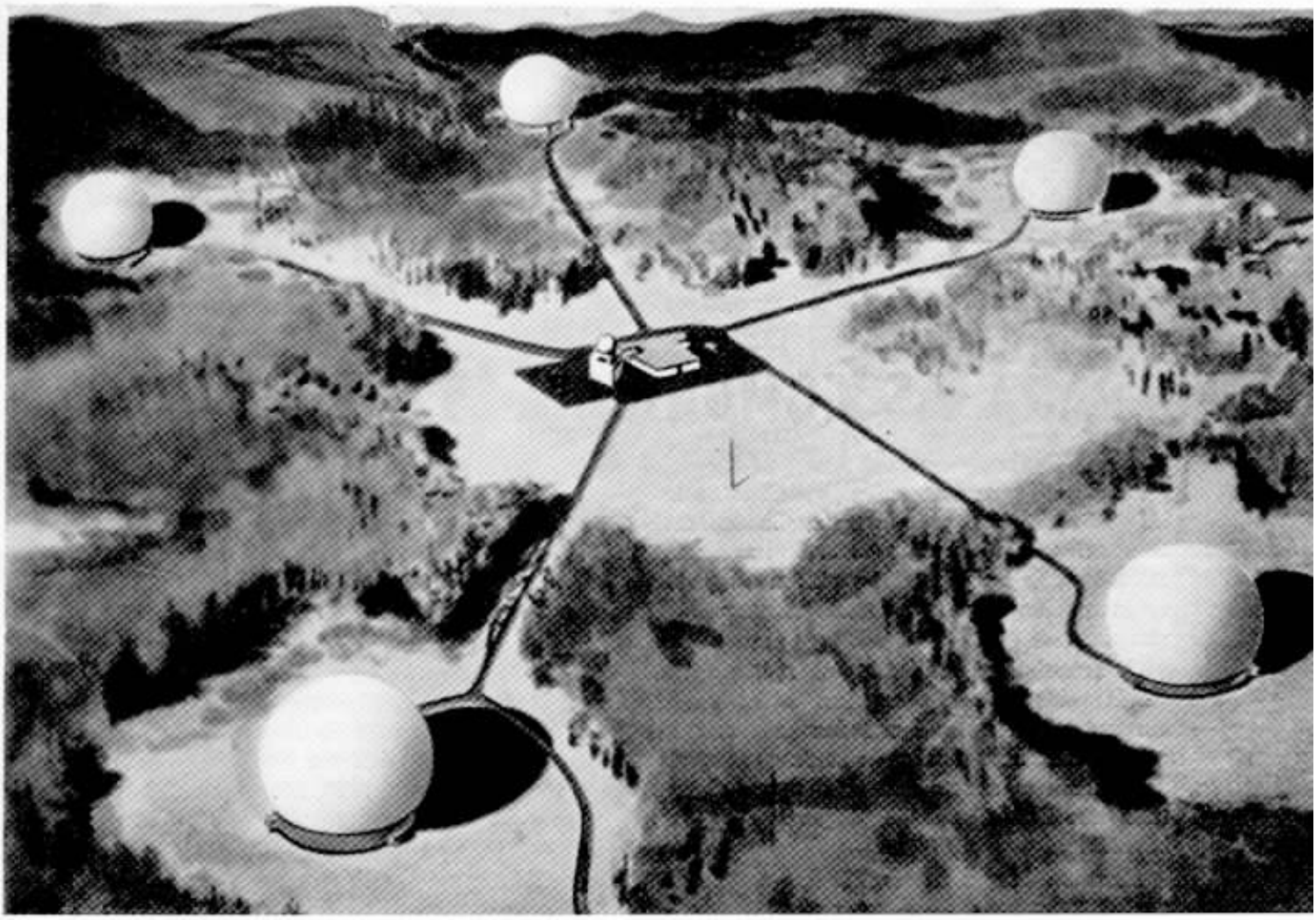
O sistema de satélites, afigura-se como o único no momento, capaz de pôr um fim ao problema atual das telecomunicações, pois, de

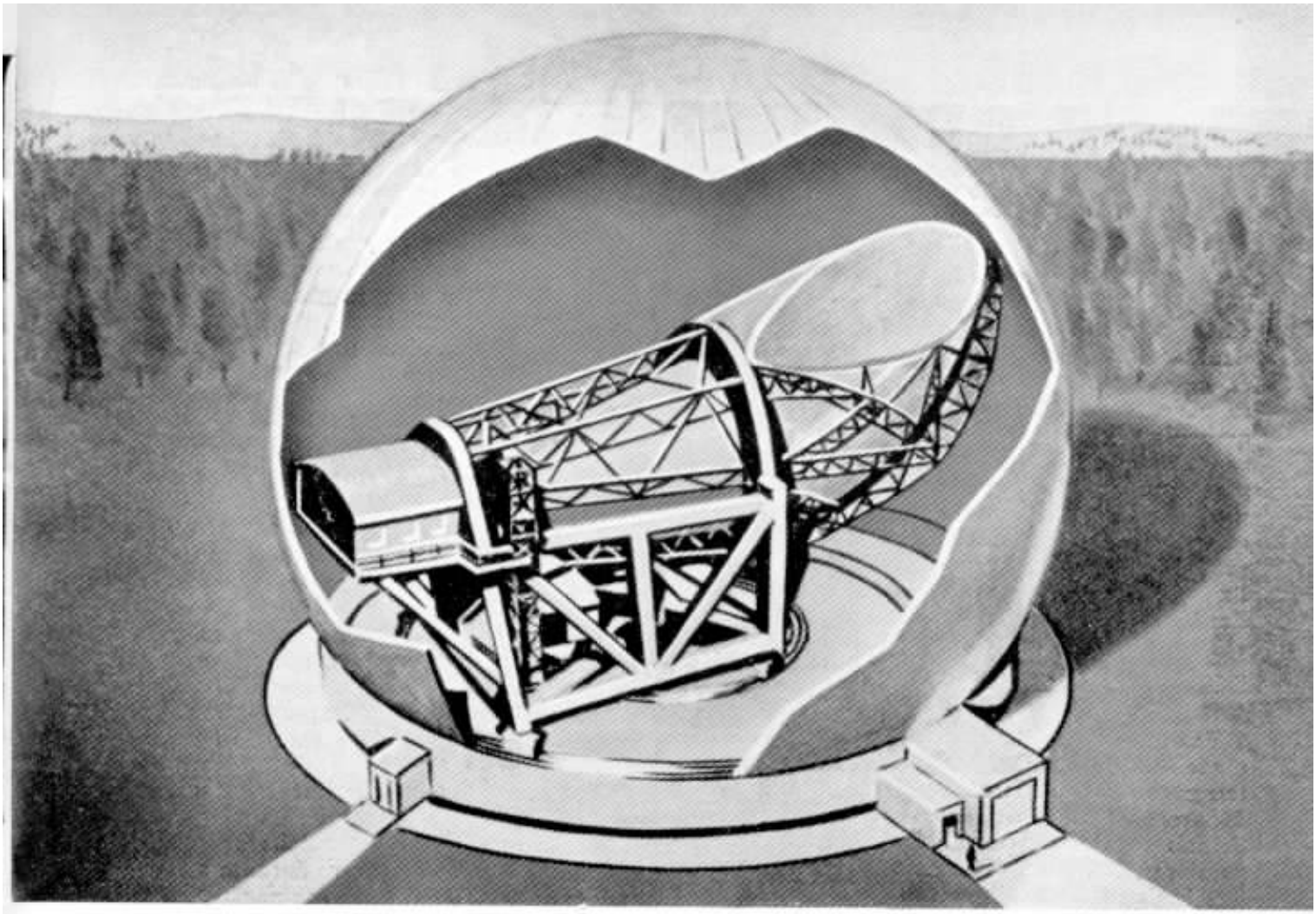
fato, resolverá o problema e beneficiará as nações do mundo. Novas nações, em processo de desenvolvimento, terão as possibilidades de uma comunicação fácil com outros países, sem precisar de vultosos investimentos para equipamento. Com o estabelecimento do sistema em questão, as áreas mais remotas do mundo terão contatos com tôda a espécie humana.

O sucesso dessas primeiras experiências dará um exemplo extraordinário de como os homens livres utilizam os efeitos científicos para enriquecer a vida.

O lugarejo "Rumford", na costa dos Estados Unidos, foi escolhido para a localização da primeira estação terrestre de contrôle dos satélites de comunicações. Quando completada, a estação possuirá "Radomes" e um edifício central contendo o equipamento telefônico, contrôle e computadores, para guiar as antenas gigantes na direção dos satélites distantes no espaço. Cada "radome" será equipada com rádio e aparelhos altamente aperfeiçoados para transmitir e receber sinais. O "Radome" será a maior estrutura para antena até agora construída. A antena que terá cêrca de sessenta metros de comprimento e uns trinta de largura, é construída em alumínio e aço, pesará cêrca de duzentas e cinqüenta toneladas e será controlada por um sistema de pesquisa que lhe permitirá seguir o movimento de um satélite, dentro de mais ou menos 20 graus. A antena tem a capacidade de ampliar sinais, quinhentas mil vêzes.

No coração do equipamento, há um cristal de rubi que gera cem vêzes menos barulho que amplificadores eletrônicos convencionais. O rubi, no entretanto, precisa permanecer a 456º F abaixo de zero para funcionar com a máxima eficiência! Sim, quatrocentos e cinqüenta e seis graus F abaixo de zero! E os sinais dos satélites são amplificados do "Maser" quatro mil vêzes, para, depois, serem ouvidos em tom normal, no seu telefone. E, isto tudo, com a rapidez da vertigem, assegurando mais um milagre da ciência do homem, na sua batalha diária e incansável por encurtar distâncias, realizar outros tantos milagres diários de boa compreensão e entendimento entre os homens, unidos todos, neste instante memorável das Idades, na conquista do Cosmos incomensurável, maravilhando o Homem pelos caminhos da amplidão e fazendo morrer, pelo





No desenho que é visto acima, foi cortada uma parte do globo que se chama "Radome" para mostrar, no seu interior, a gigantesca antena.

gigantesco panorama do Espaço sem fim, a ambição tão terrena de somar espaços.

A tarefa que realizarão os satélites de comunicações, será, talvez, uma das mais marcantes do século, levando a palavra do homem, a sua mensagem de progresso, mesmo fora da atmosfera terrestre, como se o ser humano, na sua ânsia de perfeição, quisesse levar um apêlo de concórdia, paz e idealismo aos possíveis habitantes de outros mundos, quiçá já tenham encontrado essa paz utópica para nós, essa suprema compreensão que vive no coração de todos nós, mas que os atos diários, a luta pela vida, teimam em tornar sempre tão distantes.

O encurtamento das distâncias pelo milagre criador do Homem, pode realizar êste outro milagre da nossa era, e não será talvez por outra razão, que milhares de cientistas, em outros tantos milhares de centros de estudo, laboratórios, oficinas e fábricas, se entregam ao afã de construir equipamentos, preparar aparelhos e montar sistemas que permitam aos homens êsse encontro de idéias e de ideais. Talvez o nôvo século, pela Técnica do nosso tempo, já encontre uma Terra diferente onde a boa vontade tenha tomado o lugar de outros sentimentos geradores de inquietação e ameaça. E os homens, com um simples toque, num telefone do futuro, possam ver aparecer, numa pequena tela, o rosto de um interlocutor, cuja voz virá pelo caminho das estrêlas, do outro lado da Terra, com a velocidade do Sonho e a Pureza do Ideal, para consôlo dos Jules Vernes de hoje.

A estação terrestre que foi construída em Rumford, EUA, consiste num complexo de "Radomes" ligados a uma estrutura central de contrôle.

O QUE DIZEM DE NÓS

Citamos abaixo os inúmeros depoimentos de simpatia e de agradecimento, vindos de várias partes onde a Companhia Telefônica Brasileira opera com a sua extensa rêde, que constituem um estímulo e determinante para as nossas colegas do Departamento do Tráfego, sempre atentas na sua faina quotidiana de bem servir ao grande público que se utiliza dos serviços de nossa Emprêsa.

DIA DA TELEFONISTA

Yara Etchatz, telefonista chefe de Niterói, recebeu telegrama do Sr. Humberto Moura, felicitando-a, e às demais telefonistas da CTB, pelo transcurso do "Dia das Telefonistas".

◆ A Difusora de Campos enviou telegrama às telefonistas da nossa Companhia, convidando-as a ouvir uma crônica em sua homenagem.

◆ O Sr. Renan Bortoloti, presidente da União Brasileira dos Servidores Postais e Telegráficos, enviou o seguinte telegrama às telefonistas de Campos: "Nossa mensagem de aprêço e admiração, extensiva à obreira classe que labuta setor telecomunicações, ao qual damos nossa participação para engrandecimento do País".

◆ Ofício assinado pelo Sr. Alfredo Petrilli, presidente da Câmara Municipal de São Carlos, São Paulo, enviado a D. Clarice R. Delfim, telefonista-chefe, informa, que foi aprovado, por unânimidade, em sessão daquela Casa, voto de congratulações pela passagem do "Dia das Telefonistas".

◆ Pelo transcurso do "Dia das Telefonistas", o Banco de Crédito Real de Minas Gerais S. A., de Campos, cumprimentou e agradeceu "às incansáveis servidoras pelos relevantes serviços que prestam. Os nossos melhores augúrios pela felicidade pessoal de cada uma das telefonistas".

◆ As telefonistas da CTB, em Campos, receberam telegrama do Sr. Eliezer, felicitando-as pelo seu Dia.

◆ Jandyra Belardi Benatti, telefonista-chefe da CTB, em Araraquara, São Paulo, recebeu carta do Rotarry Club local, cumprimentando as telefonistas pela comemoração do seu Dia.

◆ A Associação Comercial e Industrial de São Carlos, São Paulo, apresentou as suas congratulações às telefonistas da CTB, pelo transcurso do "Dia das Telefonistas".

◆ Também a Câmara Municipal de Jaú, São Paulo, aprovou por unânimidade, requerimento do vereador Waldemar dos Santos, fazendo consignar na ata dos trabalhos, um voto de congratulações com as telefonistas jauenses pela passagem do "Dia das Telefonistas".

◆ O Rotary Clube de Avaré, São Paulo, homenageou as nossas colegas do Tráfego, com um jantar no restaurante do Centro Avareense.

AGRADECIMENTOS

O Dr. José Nicolau Miléu, da Delegacia de Saúde de Guaratinguetá, agradeceu à Companhia Telefônica Brasileira, às telefonistas-chefes e demais telefonistas, pela cobertura que deram durante o serviço de vacinação contra a poliomielite, realizada naquela cidade cooperando, por outro lado, nas ligações telefônicas interurbanas para o bom êxito da campanha.

◆ O Sr. Carlos Giometti, prefeito da cidade de Lavínia, São Paulo, externa os seus agradecimentos à telefonistas de Petrópolis e São Paulo, pela atenção que lhe dispensaram e aos seus familiares, nas chamadas telefônicas por ocasião do falecimento de um seu parente.

◆ A Rádio Cultura de Ribeirão Prêto, em seu nome e em nome da sua co-irmã, Rádio Clube de Ribeirão Prêto, agradeceu à CTB e aos seus funcionários, pela colaboração que lhe prestaram por ocasião do jôgo de futebol entre as equipes do Botafogo e Noroeste.

◆ O Dr. Edson Tupinambá, médico-sanitarista do Pôsto de Assistência Médico-Sanitária de Brotas, São Paulo, agradeceu em ofício, às telefonistas daquela cidade, pela colaboração que emprestaram durante a Campanha de Vacinação Sabin, ali realizada recentemente.

TELEFONISTAS PRESTAM AUXÍLIO

Violento incêndio destruiu o Bar Ypiranga, Casa Amaral, Comércio e Indústria de Bebidas Bertagnoli e Concessionário Volkswagen, na cidade de Ourinhos, São Paulo. O fogo se alastrava furiosamente, pondo em risco outros estabelecimentos, com a população da pacata cidade sobressaltada, tomando providências para debelar as chamas com parcos recursos. Foi quando algumas telefonistas, mesmo com o adiantado da hora, pois o sinistro teve início às 23 horas, deixaram seus lares e se encaminharam à Estação Telefônica, em auxílio da colega noturna. Com a ajuda das telefonistas, que solicitaram a várias firmas seus extintores de incêndio, e aos prefeitos municipais que enviassem carros-tanques, o sinistro não atingiu maiores proporções.

Superintendentes gerais e outros dirigentes, no almôço intimo dedicado ao Sr. T. D. Christian.

HOMENAGEADO COM UM ALMÔÇO, O SR. T. D. CHRISTIAN

EXPRESSIVA e singela homenagem foi prestada pelos companheiros de Administração da Companhia Telefônica Brasileira, ao Sr. Thomas Douglas Christian, no Restaurante Mesbla, comparecendo a um almôço comemorativo dos seus vinte anos de assinalados serviços prestados à nossa Emprêsa.

■

Outro flagrante do almôço oferecido ao Sr. T. D. Christian, vendo-se o homenageado à mesa.

Junto às posições do Interurbano na Capital paulista, alguns dos jovens acadêmicos de engenharia do Peru, quando da ampla visita que realizaram a essas dependências de nossa Emprêsa.

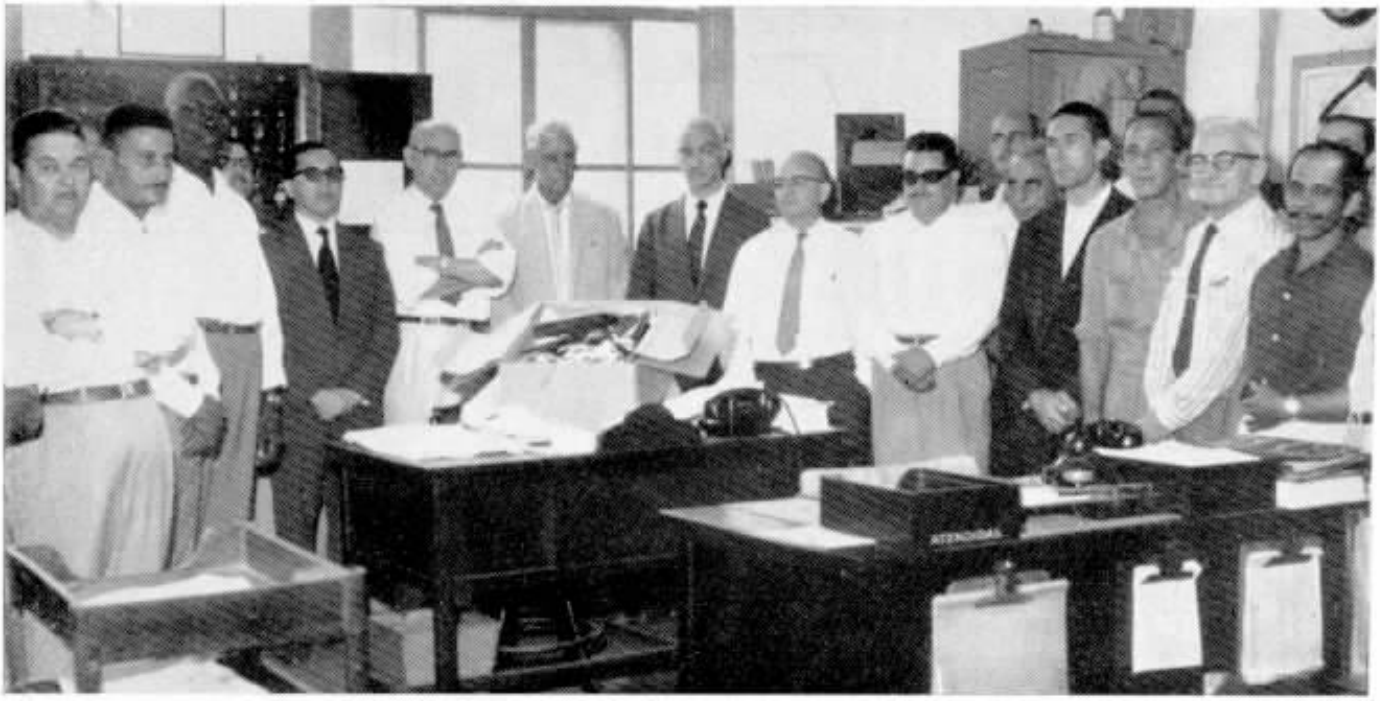
FATOS E

Alunos da Faculdade de Engenharia Civil, da Universidade Nacional de Engenharia do Peru, estiveram em São Paulo, acompanhados pelo engenheiro Miguel A. Daneri, quando fizeram proveitosa visita às instalações da nossa Companhia ali localizadas. Em companhia de técnicos da emprêsa, os futuros engenheiros peruanos, tiveram a oportunidade de percorrer todos os serviços e departamentos da C. T. B., interessados em conhecer as rotinas de serviço e os métodos por nós utilizados. São desta visita os aspectos publicados nesta página, vendo-se, abaixo, um grupo, no recinto da estação Interurbana.

Após trinta e dois anos de serviços prestados à Companhia, aposentou-se Luiza Giuseppina Capellari, Telefonista-Encarregada da Estação de Sertãozinho, interior de São Paulo, Distrito de Araraquara. Colega das mais estimadas, Giuseppina teve uma bonita festa de despedida do serviço, à qual compareceram José B. de Carvalho Mello, Gerente do Distrito e José Alves Cunha, Chefe de Distrito da Rêde. A foto é da ocasião, vendo-se a homenageada e os seus dedicados colegas.

FOTOS

Bertolino Soares Ferreira, antigo auxiliar do Almoxarifado Central, de São Paulo, desligou-se dos serviços por motivo de aposentadoria. Funcionário dedicado, mereceu, à sua despedida, homenagem de colegas e superiores que lhe ofereceram dois úteis e valiosos presentes, como lembrança, após quase vinte anos de atividades. Abaixo, aparece o homenageado, ladeado por Lourenço Guilherme Fletcher, almoxarife e J. B. Luaci, da seção de Administração, representando C. Dalle, Superintendente, que não pôde comparecer.



O Chefe do Distrito A-2, feliz pela conquista do painel de eficiência, pela terceira vez, desta feita junto com o Distrito A-1, surpreendeu os presentes à reunião, com uma festa pelo "tri", realmente bela vitória.

A RÊDE DA GUANABARA PROCURA SERVIR MELHOR

O DEPARTAMENTO da Rêde, Divisão da Guanabara, mensalmente, promove reuniões individuais, entre suas equipes de Exame de Linhas, Consertos e Facilidades, Equipamento de Estação, Equipamento de Assinantes, inclusive PBX e PABX, Construções e Manutenção de Cabos, as quais são presididas pelo Superintendente da Divisão.

Essas reuniões, a que comparecem chefes de seção e de distrito, encarregados gerais, encarregados e artífices, são realizadas para análise conjunta, de cada equipe, dos resultados constantes dos gráficos relacionados ao códigos de reclamações e defeitos da Rêde, tendo em vista o encontro de meios capazes de conduzir a um melhor índice de eficiência, no atendimento aos assinantes e ao público em geral.

Como incentivo foi criado um quadro, denominado "Painel de Eficiência", entregue sempre ao grupo que, no decorrer do mês, conseguiu o melhor resultado.

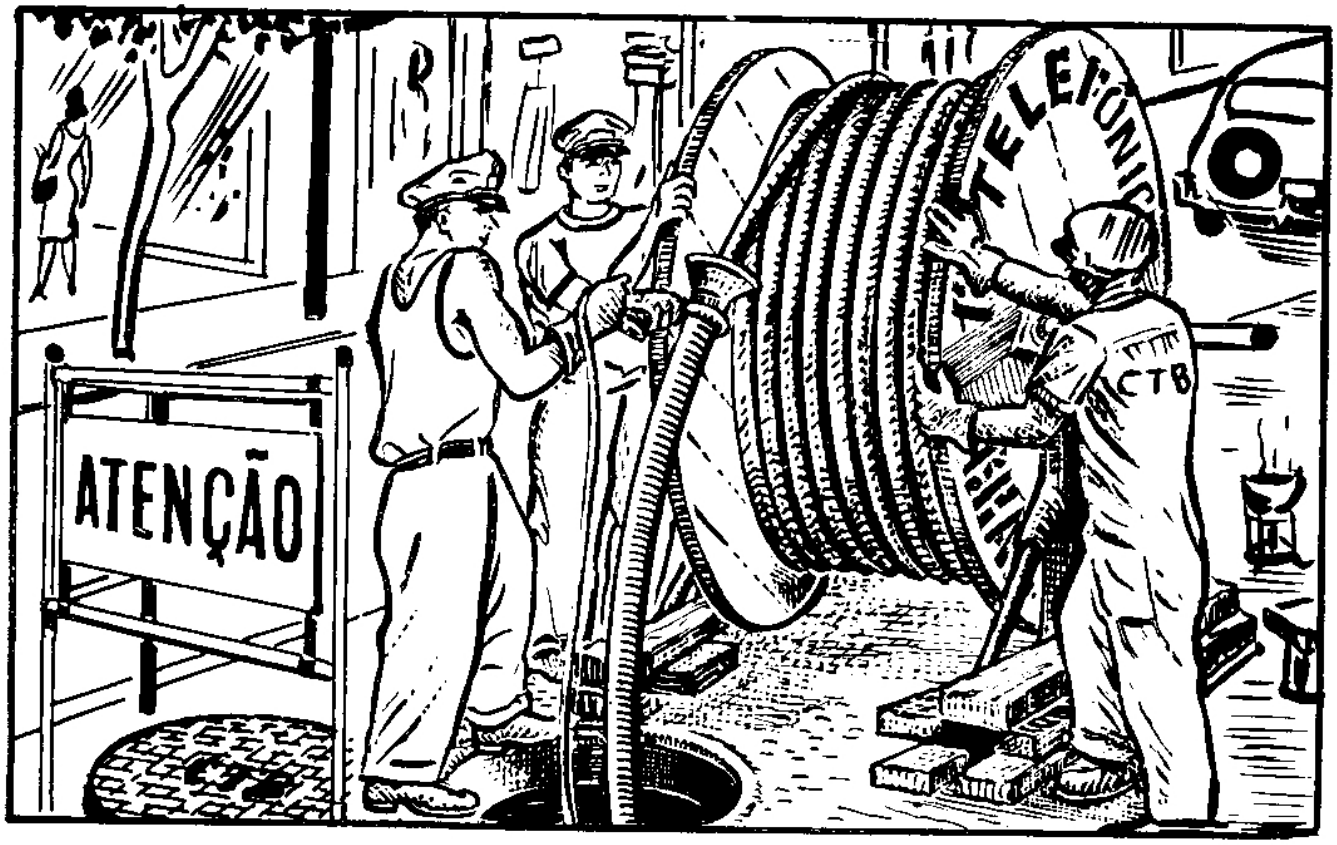
Em cômputo recente, houve um empate entre os Distritos A-1 e A-2, mas o painel ficou com êste último que já conseguira a láurea duas vêzes antes. Surpreendendo a todos, o Chefe do Distrito ofereceu uma bonita festinha de confraternização, com bôlo e refrigerantes, realçando bem o valor da iniciativa.

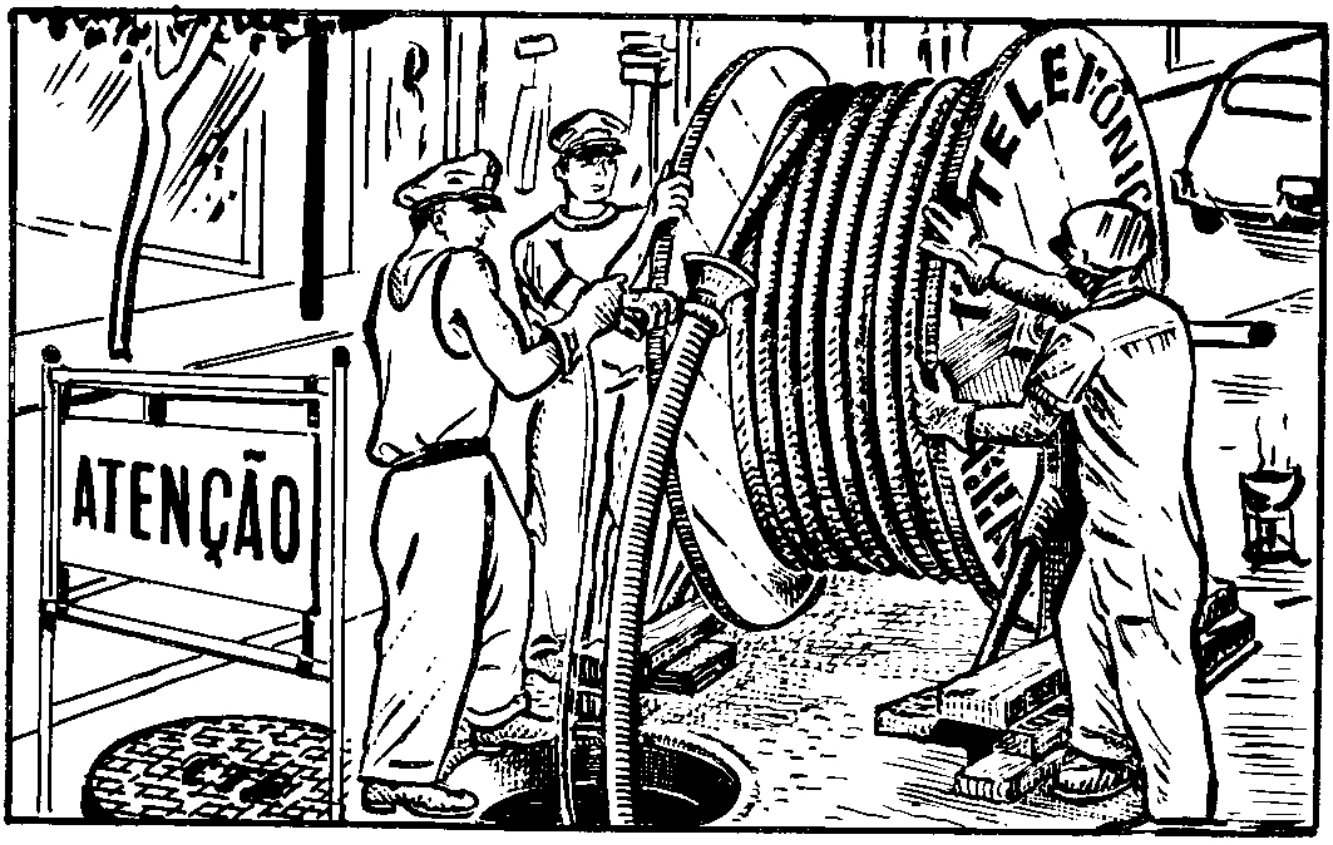
Paulo Coelho, Superintendente da Rêde, na Divisão da Guanabara, compareceu à festa que reuniu chefes de seções e de distritos, encarregados gerais, encarregados e artífices, em bonita confraternização.

ENIGMA dos ENGANOS

VEJA, CARO LEITOR, SE VOCÊ CONSEGUE DESCOBRIR OS 9 ENGANOS COMPARANDO O DESENHO ① COM O ②

(SOLUÇÃO NA ÚLTIMA CONTRACAPA)





VETERANOS recebem seus EMBLEMAS

GUANABARA

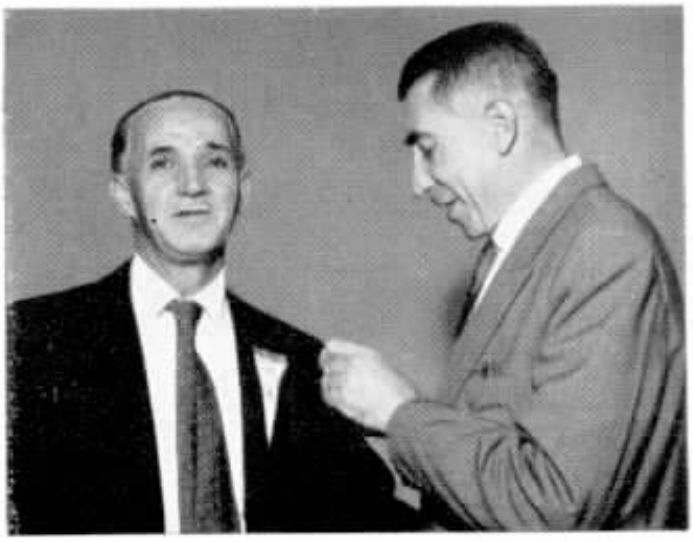
General Genaro Bomtempo, Interventor Federal, saudou aos veteranos com palavras de estímulo

Rita Cassia de Castro (40)

GRANDE número de veteranos, liderados pelo próprio Sr. Carlos Reis Filho, Diretor de nossa Companhia, que atingiu quarenta anos de bons serviços prestados, recebeu os seus emblemas no Estado da Guanabara, em expressiva solenidade que, mais uma vez, teve como nota principal, a cordialidade reinante entre "novos" e "velhos" e entre funcionários e familiares que acorreram à grande festa, suave pretexto de sempre, para as provas de estima que a todos irmana.

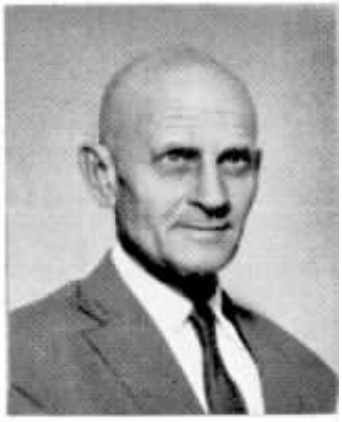
Nada menos que seis nossos colegas, atingiram a invejável etapa dos quarenta anos de serviço, cabendo a dezesseis outros, o emblema comemorativo dos trinta e cinco anos de atividades na C.T.B.

Um total de cento e oitenta companheiros foi apludido nessa festa excelente entre as mais brilhantes de quantas foram realizadas na Guanabara, que contou com a presença do General Genaro Bomtempo, Interventor Federal na CTB, e de dirigentes de nossa Emprêsa.



Eurico Vidal Martins (40) e René C. Darbilly

Silvino Resende (40)



Adolfs Steglavs (35)

Hilda Xavier Asp (40)

Manoel Paiva (35)

Ermelinda Mendonça (35)

T. D. Christian e Carlos Reis Filho (40)

Luiz M. Rocha (40) e Anselmo A. Patricio

Francisca Brum (30) e Wilson P. Cunha (35)

Wilson A. Diniz (40) e Marialva F. Melo

Newton Diniz (35)

Milton P. Bittecourt (35)

Geraldino S. Branco (35)

Virgilio Sampaio (35)

Nelson S. Barroso (35)

Adelino T. Souza (35)

Ovidio A. Silva (35)

ARARAQUARA

QUARENTA veteranos do Distrito D-4, foram homenageados em Araraquara, no interior paulista, na aprazível Fazenda Salto Grande, gentilmente cedida pela família Lupo. A cerimônia da entrega dos emblemas foi presidida por José Portugal Gouvêa, Diretor Superintendente Comercial da Div. do Interior, tendo comparecido à cerimônia o Superintendente Geral do Pessoal, Wilson P. Cunha, e vários dirigentes da Companhia.

José Barroso, à esquerda, funcionário da Rêde, em Araraquara, recebeu seu emblema de 35 anos de serviço, das mãos de José Portugal Gouvêa.

José B. de Carvalho Mello, Gerente do Distrito D-4, saudou José Tonello, pela sua recente nomeação ao cargo de Supte. Rêde da Div. do Interior.

A colega Eduvige Michelon, veterana de 35 anos, do Tráfego de Bebedouro, conversa com Wilson P. Cunha e Ney M. Fontes, sôbre sua vida na CTB.

José Tonello recebeu homenagem ao ensejo da bela festa dos veteranos de Araraquara, já como Superintendente da Rêde no Interior paulista.

A Rainha do Telefônica A. Clube em 1962, Sheila Maria Faria Latta, com o presidente Altair de Paula, quando fazia os agradecimentos de praxe aos que concorreram para sua eleição.

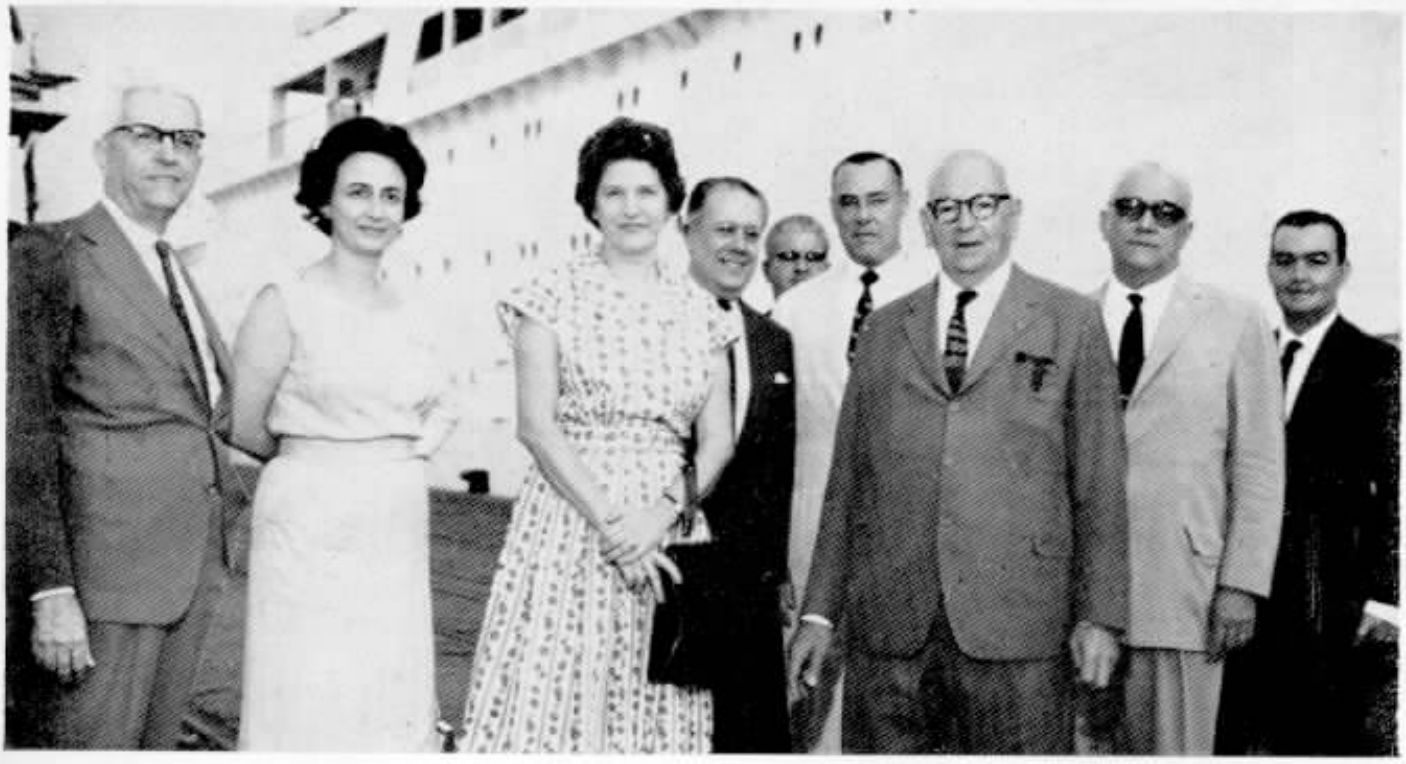
RAINHA DO TAC SURGIU NO BAILE DAS FLÔRES

NUMA bela festa a que intitulou de "Baile das Flôres", pela coincidência com o início da Primavera, o Telefônica Atlético Clube, na Guanabara, realizou a coroação da sua Rainha de 1962. A nova soberana do TAC, é a jovem e gentil colega Sheila Maria Faria Latta, que exerce as suas funções no Departamento de Contabilidade da Guanabara. A nova rainha recebeu as mais inequívocas demonstrações de simpatia, tendo sido levada ao microfone, por Haroldo Eiras, simpático animador de rádio e TV a quem coube conduzir a belíssima festa, ocasião em que a soberana, o presidente Altair de Paula, com quem ela após dançou a tradicional valsa, e o próprio animador da festa, tiveram a oportunidade de dizer algumas palavras de carinho e emoção.

Sheila gosta de jogos desportivos e freqüenta o Liceu de Artes e Ofícios, cursando o Comercial Básico, sendo queridíssima de seus colegas que a incentivaram com os mais quentes aplausos, contribuindo em muito para a sua realmente acertada escolha.

O baile foi dos mais concorridos, animado pelo Conjunto Musical de João Roberto Kelly, marcando mais um êxito para o calendário social do TAC.

A soberana, funcionária da Contabilidade, na Guanabara, recebe os cumprimentos do animador da festa, o conhecido homem de rádio e TV, Haroldo Eiras, que a saudou.



Após o desembarque, o Sr. P. R. Castanheira entre colegas de nossa Organização e de amigos.

SATÉLITE "RELAY" VAI LIGAR O BRASIL AO MUNDO

Declarações do Sr. Pedro Renault Castanheira

DE regresso dos Estados Unidos e do Canadá, onde foi observar as últimas novidades na técnica de comunicações telefônicas, especialmente no que se refere ao sistema de discagem direta para comunicações interurbanas, voltou ao Brasil, o Sr. Pedro Renault Castanheira, diretor da Companhia Telefônica Brasileira, que foi aguardado no cais Mauá por vários dos seus companheiros na administração da Emprêsa.

O Sr. Pedro Renault Castanheira que viajou em companhia de sua neta Solange, informou ter visto com muito interêsse, a facilidade de uma comunicação feita por um novaiorquino para diferentes estados, sem interferência de telefonista, num grau mais adiantado que aquêle que a CTB já propicia no Brasil, entre Santos e São Paulo e entre Niterói e São Gonçalo e Rio.

Extendendo-se em considerações sôbre a sua proveitosa viagem, declarou o Sr. P. R. Castanheira que pôde verificar a viabilidade absoluta dos planos da CTB em relação à discagem direta à distância em larga escala, para dentro de poucos anos, valôres a mais na grande caminhada pelo progresso do Brasil.

Declarando-se excelentemente impressionado com os avanços técnicos que lhe foram dados observar, o diretor da CTB informou que está para muito breve a chegada ao Rio, de um modernissimo equipamento norte-americano a ser operado pela Radional, companhia que está ligada em tráfego mútuo com a CTB, o que permitirá ligações telefônicas entre o nosso país e o exterior, através do satélite "Relay", em pauta para lançamento pelos Estados Unidos.

Com êsse projeto, o Brasil se colocará em primeiro plano nesse adiantado estágio do progresso mundial, cabendo, a Radional e à CTB, no momento, uma enorme responsabilidade, e aos seus técnicos, para que se mantenham em condições de assumir seu relevante papel nessa verdadeira chamada pelo progresso que ora se realiza.

O Sr. Renault Castanheira teve oportunidade de elogiar o magnífico trabalho dos quatro engenheiros brasileiros, da Radional, que já estão operando nos laboratórios da I.T.T., nos Estados Unidos, em caráter experimental, o equipamento que permitirá a ligação do Brasil ao Mundo através do satélite "relay".

Sino Azul

Av. Presidente Vargas, 2610 ou Caixa Postal 450
Rio de Janeiro — Estado da Guanabara

Caro leitor

COM o intuito de podermos melhor nos orientar, em consonância com a opinião da maioria dos leitores da nossa revista Sino Azul, estamos apresentando, na página seguinte, um questionário, que gostaríamos de receber com o seu valioso pronunciamento.

Ao agradecermos, antecipadamente, a colaboração, aproveitamos o ensejo para informar que os questionários poderão ser enviados pelo serviço de correspondência da Companhia.

O Editor

Destaque a página por aqui

I — Recebe regularmente a Revista? Sim ☐ Não ☐

II — Quantas pessoas, além de você, costumam ler seu Sino Azul? .....

III — Assinale com um "x" as Seções de sua preferência:

Cidades do Brasil ☐ Conto ☐

Enigma dos enganos ☐ Moda ☐

Veteranos ☐ Sino humor ☐

Coisas que acontecem ☐ esporte ☐

Reportagens ☐ Assuntos Técnicos ☐

O que dizem de nós ☐

IV — Gosta da apresentação das reportagens fotográficas de Natal? Sim ☐ Não ☐

V — Que acha da nossa revista em geral?

Acho-a .....

Tem alguma sugestão a nos dar?

.....

.....

.....

.....

.....

Nome do leitor .....

Departamento .....

Cargo .....

Localidade .....

Cleuza Fanni Marques de Oliveira recebeu a sua faixa de "Boneca do Café de 1962", das mãos do Sr. Hélio Damante, representante do Exmo. Sr. Governador Carvalho Pinto.

Cleuza Fanni é a "Boneca do Café"

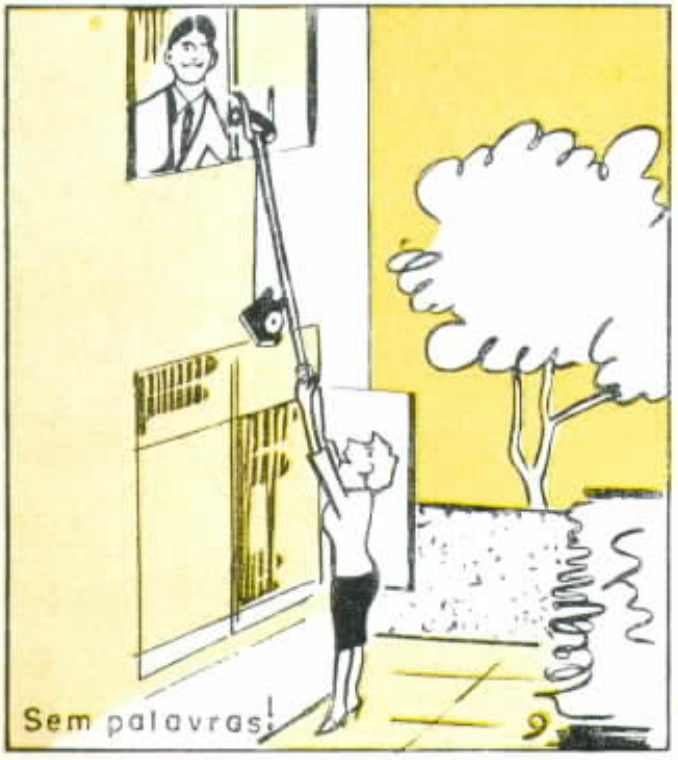
NUMA promoção do Clube 220, de São Paulo, em solenidade realizada nos salões do Sport Club Pinheiros, foi levada a efeito a festa de encerramento do II Concurso "Bonequinha do Café". Em primeiro lugar foi proclamada vencedora, a senhorita Cleuza Fanni Marques de Oliveira, representando a Companhia Telefônica Brasileira.

O certame despertou enorme interêsse, sendo inclusive televisado pela TV-Cultura, Canal 2, uma vez que o concurso tinha a colaboração dos Diários e Emissoras Associados, e a vitória da nossa colega foi tanto mais significativa porque, com ela, desfilaram, buscando a láurea, vinte candidatas, tanto da Capital como do Interior, ante uma Comissão Julgadora de alta categoria.

Cleuza ao retornar ao seu trabalho na CTB, fêz questão de agradecer a tôdas as colegas, o incentivo que lhe deram.

SOLUÇÃO DO "ENIGMA DOS ENGANOS"

Sumiu a moça da calçada — **Retirado um pé da armação** — **Sem os passadores do cinto** — **Não tem a sigla CTB nas costas** — **O cabo não passa sôbre a mão** — **Cortado o cabo da bobina** — **Menos uma tábua na pilha** — **Desapareceu a lamparina** — **Carro sem o pneu sobressalente**

Sino Humor

através da imprensa mundial